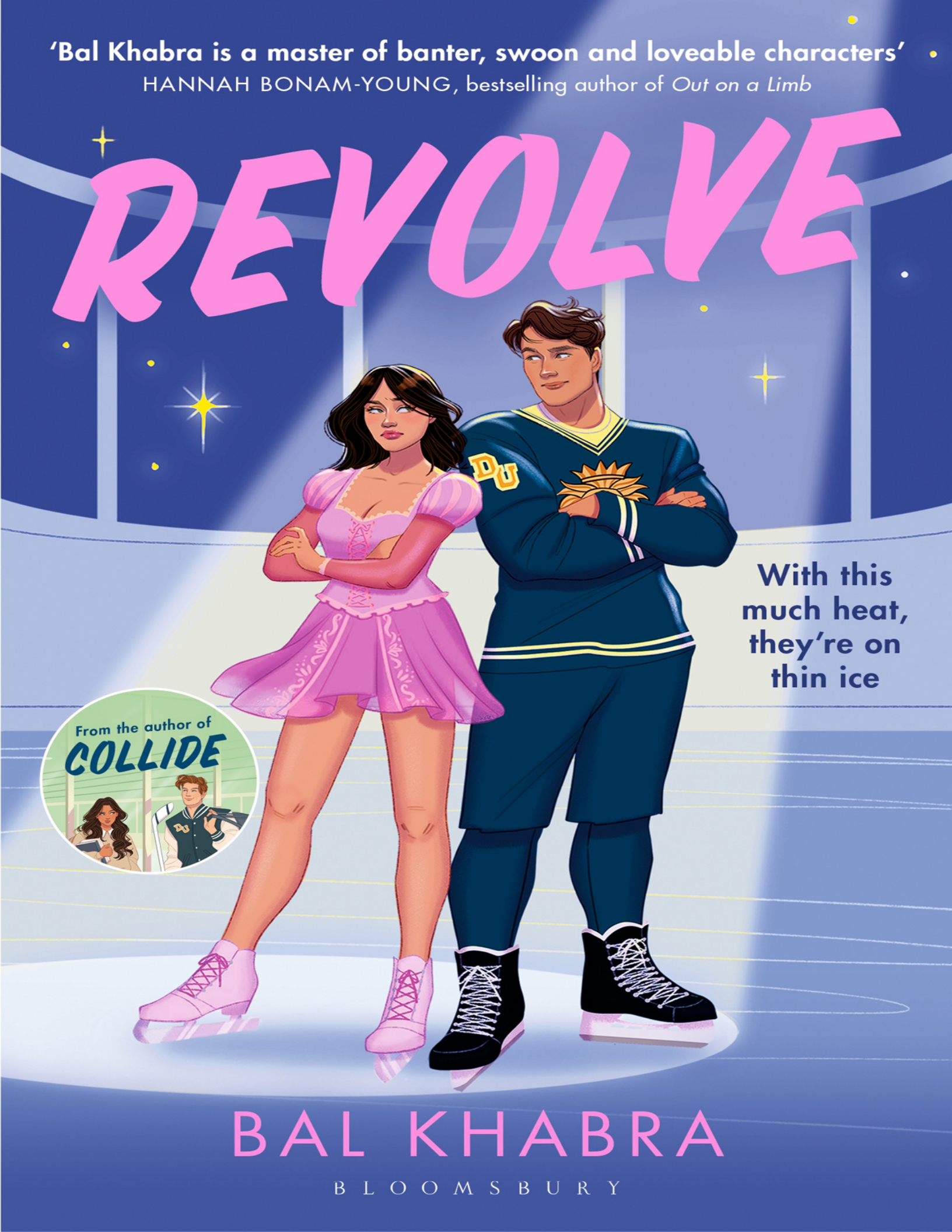
'Bal Khabra is a master of banter, swoon and loveable characters'
HANNAH BONAM-YOUNG, bestselling author of *Out on a Limb*

REVOLVE



With this much heat, they're on thin ice

BAL KHABRA

BLOOMSBURY

REVOLVE

Para qualquer pessoa que teve que se recompor,
mesmo quando as peças não se encaixavam mais.

REVOLVE

BAL KHABRA

BLOOMSBURY PUBLISHING
LONDON • OXFORD • NEW YORK • NEW DELHI • SYDNEY

PELO MESMO AUTOR

Collide
Spiral
Revolve

Sumário

PLAYLIST

UM
DOIS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
ONZE
DOZE
TREZE
QUATORZE
QUIZE
DEZESSEIS
DEZESSETE
DEZOOVO
DEZENOVE
VINTE
VINTE E UM
VINTE E DOIS
VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO
VINTE E CINCO
VINTE E SEIS
VINTE E SETE
VINTE E OITO
VINTE E NOVE
TRINTA
TRINTA E UM
TRINTA E DOIS
TRINTA E TRÊS
TRINTA E QUATRO
TRINTA E CINCO
TRINTA E SEIS
TRINTA E SETE
TRINTA E OITO
TRINTA E NOVE
QUARENTA
QUARENTA E UM
QUARENTA E DOIS
QUARENTA E TRÊS
QUARENTA E QUATRO
QUARENTA E CINCO
QUARENTA E SEIS
QUARENTA E SETE
QUARENTA E OITO
QUARENTA E NOVE
CINQUENTA

EPÍLOGO
AGRADECIMENTOS

SOBRE O AUTOR

PLAYLIST

SEXO, DROGAS, ETC. | Clima de Praia
ARRUMANDO A CAMA | Olivia Rodrigo
EM CARNE MORRIDA? | Pink Floyd
EU SEI? | Travis Scott
THE GREATEST | Billie Eilish
MIRRORBALL | Taylor Swift
BACK TO BLACK | Amy Winehouse
WONDERING WHY | The Red Clay Strays
DEPOSITE TODO O SEU AMOR EM MIM | ABBA
COLD | Chris Stapleton
THE WALLS | Chase Atlantic
SPORTS CAR | Tate McRae
I WANNA BE YOUR SLAVE | Måneskin
STARRY EYES | The Weeknd
NOTHING'S GONNA HURT YOU BABY | Cigarettes After Sex
THE SPINS | Mac Miller e Empire of the Sun
COMING DOWN | The Weeknd
ALGO QUE EU QUERO | Grace Potter
IMPERFEITO PARA VOCÊ | Ariana Grande
BLOOM | The Paper Kites

UM

DYLAN

"VOCÊ REPROVOU NO SEU teste de drogas."

Porra.

Com o celular encostado no ouvido, encosto a cabeça no volante, sentindo a marca fria do couro na testa enquanto luto contra a vontade de bater até esquecer tudo o que deu errado desde que pisei no campus ontem.

A Universidade Dalton está oficialmente de volta às aulas. Bem, as aulas podem começar em alguns dias, mas o hóquei definitivamente começou. Ao contrário dos treinadores de outras escolas, o treinador Kilner insiste em fazer todas as apresentações cedo, determinado a não desperdiçar nenhum tempo precioso de treino. Imagino que ele acorde todas as manhãs suando frio, verificando obsessivamente se ainda detém o recorde de mais vitórias consecutivas no Frozen Four.

Então, ouvir essas palavras transformadoras ao telefone às seis da manhã de Vik Chopra, um estudante do terceiro ano de medicina, me dá um choque suficiente para fazer minha ressaca passar. Uma ressaca que eu nem deveria ter tido, para começo de conversa.

Vik, que é voluntário no Hospital Universitário Dalton, é o primeiro a saber tudo sobre saúde nos esportes universitários. Ele foi um dos candidatos à Kappa Sigma Zeta no ano passado, e eu o ajudei a entrar para a nossa fraternidade. Então, esta ligação é uma nota de desistência, se é que já vi uma.

A festa de uma semana atrás, pouco antes dos nossos testes de drogas na pré-temporada, foi de corpos suados, bebida e nuvens de fumaça de maconha. A típica festa de faculdade — embora as festas que dei tenham sido muito mais agitadas —, mas não me lembro de nada, exceto de duas

garotas, uma morena e uma de cabelo rosa, que queriam muito que eu visse o quarto delas. Foi ótimo, quer dizer, sempre é quando estou envolvida, e não dormimos nada naquela noite. Foi por isso que acordei no meio da tarde, com o sol no rosto e marcas de corda no pulso.

Minha memória oscila, mas acho melhor não me lembrar exatamente de como fiquei bêbada e se bebi muito mais do que apenas uísque e cerveja. Claramente, bebi, porra.

O que eu me lembro — vividamente — é da conversa que tive com meus pais pouco antes de sair de casa. Desliguei na cara deles no meio da conversa, e foi aí que Tyler Sampson, nosso capitão reserva, me mandou uma mensagem sobre a festa. Se eu não tivesse ficado tão irritado com a ligação, teria tido o bom senso de recusar o convite. Meu primeiro sinal de que este semestre de outono estava começando mal deveria ter sido o fato de eu ter ido de bom grado a uma festa de Yale.

"Tem alguma coisa que você possa fazer?", pergunto.

Em outras palavras: enterre isso.

É pedir muito do Vik, considerando que ele está aqui com uma bolsa de estudos e é o diretor de filantropia da nossa fraternidade. O cara organiza arrecadações de fundos e supervisiona as festas da fraternidade com o coração. Ele é o tipo de cara com quem você deixa sua bebida, e eu sou o tipo de cara que bebe sua bebida. Ele é um santo. A irmã dele, por outro lado... bem, digamos que ela é a razão de eu estar no estacionamento do dormitório da Casa Iona às seis da manhã. Mas não conto isso a ele.

"Você sabe que eu faria qualquer coisa por você, D", diz Vik com um suspiro pesado. "Mas mesmo um teste inconclusivo levantaria suspeitas. De qualquer forma, o diretor esportivo e seu treinador receberiam um e-mail sobre isso." Uma série de cliques no teclado soa. "Posso manter seus resultados em segredo por enquanto e ver o que posso fazer."

"Agradeço, cara. Me manda uma mensagem com qualquer atualização." Coloco meu celular no console central do meu carro. Se isso vazar, estou ferrado. Ser convocado para Nova York no mês passado não significará nada, já que não assinei contrato. Nada como um teste antidoping ruim para te fazer voltar à realidade.

O sol ainda está nascendo quando me afasto da Casa Iona. Ontem à noite, Mehar, a irmã de Vik, que está no time de mergulho, me convidou para a festa de pré-temporada do time dela. Ela me disse que eu a lembrava de Nicolas Vasquez, um jogador de futebol por quem ela é obcecada. Não me

importei nem um pouco quando ela me pediu para voltar ao seu dormitório. Embora, como se viu, não fosse o nome de Nicolas em seus lábios quando suas mãos percorreram meu corpo e suas pernas envolveram minha cintura.

Quando entro na casa de hóquei — meu refúgio fora do campus porque me recuso a ficar na fraternidade — encontro Kian de bruços no chão da sala. Ele tem um livro aberto na mesa de centro e uma tigela de Shredded Wheat encharcado.

Kian Ishida e eu somos amigos desde a segunda série. Na época em que eu ainda achava que ele era o calouro quieto, recém-chegado do Japão para Connecticut para morar com a tia. Desde então, pegamos detenção mais vezes do que consigo contar e mal conseguimos entrar em Dalton.

Ontem, prometemos que esta seria nossa última festa e que não faríamos bagunça neste semestre. Nosso último semestre foi brutal porque o treinador Kilner nos torturou a temporada toda quando Yale destruiu nosso campus depois que os convidamos para uma festa. Então, mesmo com o Kian cantando clássicos do karaokê no balcão de uma festa ontem à noite, ele ainda arrastou sua bunda de ressaca para fora da cama esta manhã para colocar a leitura em dia para o próximo semestre.

"O que você está fazendo?", pergunto.

"Estou tendo um tempo no chão." Suas palavras são abafadas pelo tapete persa.

"Esse tapete está imundo." Estava aqui antes de nos mudarmos para a casa, e as festas que tivemos desde então não ajudaram o que quer que esteja vivendo naquela coisa.

"Eu também", ele responde. Então, de repente, ele se levanta bruscamente, tateando para pegar o celular. "Perdi meu grupo de estudos?" Ele suspira alto ao perceber que ainda é cedo.

Na cozinha, vasculho a geladeira, já sabendo que é um cemitério de sobras questionáveis. Garrafas de condimentos pela metade, leite, um pão amanhecido e um pouco de suco de laranja.

Kian entra na cozinha. "Por que você acordou tão cedo? O treino é só esta tarde. Mas Sebastian e Cole já estão no rinque; eles não vão correr o risco de irritar o Kilner."

Isso explica por que nossos outros dois colegas de casa e os veteranos recém-formados não estão em lugar nenhum. É o primeiro semestre de volta em que a casa parece vazia desde que Aiden Crawford, nosso antigo capitão, e Eli Westbrook, nosso defensor, foram para o grande show. Se

Kian e eu não tivéssemos passado os últimos quatro anos relaxando, esperando sermos convocados cedo, estaríamos com eles. Em vez disso, estamos presos terminando este último semestre porque adiamos a agência livre só para o caso de o recrutamento não nos agradar. Felizmente, agradou, mas ainda estamos aqui terminando nossos estudos antes de sermos convocados no ano que vem.

"Acabei de chegar em casa." Esvazio uma caixa de suco de laranja pela metade. Eu seria um idiota se desse ao Kian a mínima ideia de que eu poderia ter acabado de destruir minha vida e a equipe. O cara fica meio obcecado em consertar as coisas para as pessoas, e isso é a última coisa de que preciso agora.

"Você estava com a Crystal? Vocês dois eram bem próximos ontem à noite."

Não me lembro de nada além de acordar com alguém que definitivamente não se chamava Crystal. No entanto, estou tendo flashes vívidos do Kian arrancando a camisa porque ela pegou fogo, e então todos pulando na piscina. Isso explica por que estou usando uma camiseta que não é minha. Provavelmente pulei na piscina também.

"Você está bem?", ele pergunta quando não respondo.

Ele está me observando como um falcão, esperando que eu diga algo que explique o motivo de eu ter chegado em casa tão cedo. Depois da mensagem do Vik dizendo para ligar para ele, saí de Iona e entrei no meu carro.

"Por que não estaria?"

"Só para conferir." Ele dá de ombros. "A propósito, isto chegou para você." Kian me entrega um envelope branco, e no momento em que vejo o pretensioso brasão da família Donovan, quase o esmago com o punho.

"Obrigada", murmuro.

"Parece super chique. O que é?"

Meu maxilar se contrai ao lembrar da videochamada da semana passada, com meus pais sorrindo largamente — o da minha mãe, que era fraco, e o do meu pai, de plástico — colados na tela, como se estivessem tentando se enganar. Eles falavam sobre recomeçar, sobre fazer da família o que ela era antes, como se nada tivesse acontecido. Desliguei antes que pudessem terminar.

Como minha mãe pôde simplesmente ficar sentada ali e esquecer todas as noites sem dormir, os dias em que não comia, como eu tinha que alimentá-

la e à minha irmãzinha, Ada, nos dias em que ela nem conseguia olhar para ela?

"Não importa." Vou para o meu quarto antes que ele faça um milhão de perguntas a mais. Jogo o envelope na minha mesa, e ele cai atrás do porta-retratos de Ada e eu na nossa última competição de patinação em dupla. Adorávamos aquele tempo juntas, até percebermos que nossa mãe era a única que aparecia nessas competições.

Vou direto para o chuveiro, ansiosa para me livrar das roupas manchadas de cerveja e com cheiro de maconha da noite anterior. Meu quarto não tem nada de especial, mas meu chuveiro é meu santuário. Quando os avós de Aiden compraram esta casa para ele no primeiro ano, ele não hesitou em nos oferecer um lugar para ficar, completamente sem pagar aluguel, mesmo eu tendo insistido em pagar aluguel inúmeras vezes. Sou grata, especialmente porque, tecnicamente, sou membro ativa da Kappa Sigma Zeta.

Não era meu plano ficar tão bêbada durante a semana de pico a ponto de acidentalmente me comprometer e ser aceita na hora. Kian, por outro lado, tentou se comprometer, mas não conseguiu. Não ouvi o fim disso por semanas.

Enquanto me abaixo no chuveiro, a água encharca meu cabelo e a espuma de sabão escorre pelo meu corpo. A dor de cabeça causada pelas notícias de Vik, pelo convite dos meus pais e pela bebedeira de ontem à noite se dissolve a cada gole de água pelo ralo. Este é o único lugar onde posso respirar e fingir que estou bem; ninguém nunca esteve aqui comigo, e é assim que eu gosto.

Quando termino de me vestir, Kian está batendo na porta. "O treino foi adiantado!", ele grita. "Vou para o carro."

O SOM ESGUIDO do apito do treinador atravessa minha ressaca. "Pareceu um time da Divisão I para algum de vocês? Pelo amor de Deus, os pequeninos jogaram melhor do que vocês hoje."

"Para ser justo, os pequeninos são muito bons", eu digo.

"Você precisa nos dar uma folga, treinador. Acabamos de voltar das férias de verão. Você sabe como é." Kian pisca e patina até Kilner para dar um soco brincalhão na barriga dele.

O treinador pode estar mais lento ultimamente, mas ele venceria qualquer um de nós facilmente em um jogo mano a mano. Ele ignora o cutucão e, felizmente, não quebra a mão do nosso ponta direita.

"Você tem muito trabalho pela frente, então no próximo treino quero que você chegue como se não tivesse ficado de bobeira o verão todo. Seu novo capitão vai garantir isso, certo, Dylan?"

Hã? "Você não está falando do Sampson?"

Tyler Sampson, nosso capitão alternativo agora que o Aiden se foi, balança a cabeça. Apesar de passar quase todos os dias deste verão com o Sampson, nossas conversas raramente iam além de momentos de bebedeira. Era simples. Ficamos bêbados e depois fizemos tudo de novo.

"Estou deixando o cargo de capitão", diz ele, e todos ficam paralisados. "Com a faculdade de direito, não tenho muito tempo, então não posso ser o capitão que este time precisa. E o nosso voto faz de você o capitão."

Votar? Quando foi que votamos?

"Se você perdeu a votação, perdeu o seu direito à democracia", diz o treinador.

Kian patina para trás, esbarrando em mim. "Lembra da festa de aniversário do Aiden no outro semestre? Você não foi ao treino no dia seguinte, e foi aí que fizemos a votação."

A lembrança daquela noite me dá um aperto no estômago. Foi em fevereiro, quando minha mãe me ligou chorando por causa do meu pai. Como ele nunca estava em casa e como ela já estava farta de tudo aquilo.

Viro-me e vejo os caras me encarando como se isso fosse normal, e então me dou conta de que a maioria desses idiotas está em fraternidades. Na minha tentativa de me envolver mais com o time e minha fraternidade, acolhi alguns deles. Eles treinaram comigo nas minhas sessões solo, mas eu não queria isso. Virei o maldito messias deles.

"Bem-vindos ao seu novo capitão, Dylan Donovan."

Os gritos e vaias ecoam pelo rinque, e eu nem processei essa merda. Capitão? Porra, não.

"Técnico, você não pode estar falando sério."

"Eu não controlo a votação. É o que seus companheiros de equipe queriam. E considerando que você vai para Nova York no ano que vem, vai querer aprender um pouco de liderança e disciplina, pelo menos uma vez."

É, com certeza vou vomitar. Suas palavras são como um alfinete em um balão já vazio.

"Eu não tenho escolha?"

"É hora de se impor, Donovan. Chega de enrolação."

Preciso contar a ele sobre o teste de drogas. Preciso dizer alguma coisa, mas uma parte de mim tem esperança de que Vik se manifeste e eu me livre dessa confusão.

"Novas linhas serão afixadas no próximo treino. Você está dispensado", finaliza Kilner.

No vestiário, os rapazes gritam "Duplo D!" até eu estar a ponto de perder a cabeça. Tiro meu uniforme, a frustração transbordando enquanto olho para minha camisa. Antigamente, eu conseguia ver um C bordado nela. Mas esse sonho se desfez no momento em que fui rotulado de imprudente e impulsivo por todos os comentaristas e juízes.

Kian se aproxima de mim com um sorriso tímido. "Votei em você de brincadeira."

"É, bem, a porra da sua piada é a minha realidade."

Ele afunda no banco ao lado do meu armário. "É um semestre. Não pode ser tão ruim assim."

Quando não aguento mais, vou até a sala do Kilner, passando pelos caras que me parabenizam pela saída. Mas, quando estou prestes a irromper pela porta, paro.

A cara de decepção do Kilner é pior do que qualquer outra coisa que já suportei. E não posso dizer a ele por que essa coisa de capitão é uma má ideia. Não até que eu consiga controlar essa coisa do teste de drogas.

Eu me afasto da porta dele no momento em que Kian esbarra no meu ombro, me puxando de volta à realidade, onde ninguém sabe o quanto eu estraguei tudo. Ainda não.

Kian levanta os olhos do celular. "Sei que estamos nos comportando bem", sussurra, "mas Beta Phi vai dar uma festa hoje à noite."

Eu não deveria, não com tudo em jogo, mas foda-se, isso é um problema para amanhã.

"Eu topo", digo.

DOIS

SIERRA

MINHA CABEÇA BATE no gelo e ouço o estalo do meu crânio antes que minha visão escureça.

O grito de pânico da minha mãe atravessa o caos, sua voz se misturando à cacofonia de ruídos ao meu redor. Meus patins parecem feitos de chumbo enquanto estou imóvel no gelo, com o corpo todo dormente. O mundo oscila. Ouço o lamento agudo e implacável de uma ambulância.

"Sierra." Sou arrancada da escuridão do meu pesadelo, como se tivesse atravessado a superfície de um lago congelado. Minha respiração sai em rajadas curtas e ofegantes, presa sob o peso das memórias salpicadas de vermelho.

"Sierra." O tom familiar de uma voz me puxa para trás, seguido por um toque frio no meu pescoço, me empurrando para a posição sentada. "Você está bem, acabou agora. Você está segura."

Você está segura.

Essas palavras ecoam, abafadas pelo zumbido nos meus ouvidos, mais alto do que as sirenes que estavam ali há pouco. Abro os olhos, sento-me na cama e encontro o abajur da minha mesa lançando um brilho amarelo suave no meu quarto.

Scarlett está sentada ao meu lado, com o cabelo ruivo-cereja preso em duas tranças soltas enquanto ela pressiona uma bolsa de gelo na minha nuca. A umidade envia uma gota de água gelada pela minha espinha e me tira da cabeça. Abraço os joelhos contra o peito, meu edredom sobe com o movimento até que eu apoio a cabeça nos joelhos.

"Desculpe", sussurro, tentando me concentrar na respiração.

Respirar. É algo tão automático, mas preciso de um lembrete para fazer. É patético.

Acordei assim todas as noites desde que nos mudamos para o campus, três dias atrás. Normalmente acordo sozinha, mas esta noite Scarlett provavelmente me ouviu através das paredes precárias do dormitório.

Ela me entrega um copo d'água e, com a mão trêmula, eu o pego e engulo. A água me percorre como um choque frio, afrouxando minha postura rígida.

Sua pulseira tilinta enquanto ela massageia minhas costas. "Estressada para hoje?"

Hartford, Connecticut, é a sede da Universidade Dalton, e eu morei nesta cidade a vida toda. Minha primeira patinação foi na arena da universidade. E quando o programa de patinação artística da Dalton se tornou elegível para a União Internacional de Patinação, eu sabia que participaria.

Hoje é meu primeiro dia oficial de volta ao gelo desde o acidente. Depois de seis semanas no Hartford General no ano passado, parece que foi há uma eternidade, e é no mundo da patinação. Tapetes de proteção, academia, pilates, balé, natação — tudo o que você imaginar, eu tenho feito. Uma parte de mim sabe que toda a preparação para voltar ao gelo é uma distração, mas não consigo mais correr. Antes que o rinque se tornasse cruel e implacável, era meu lar, e eu já fiquei longe por tempo demais.

“Provavelmente é só meu corpo me preparando para levar uma bronca da Lidia por duas horas”, eu digo.

“Se alguém consegue, é você, Si. Mas eu odiaria que você colocasse tanta pressão no seu corpo depois de tudo. Você também deveria se divertir. Isso não deve ser bom para a sua recuperação.”

“Já faz mais de um ano. Estou recuperada.”

Scarlett ergue as sobrancelhas e eu caio de volta na cama. Minhas agulhas de tricô, que eu enfiei em um novelo de lã amarela antes, rolam perto dos meus pés.

“Sério, me sinto ótima. Só quero voltar a ser como era.” Quando eu podia fazer o que queria sem que meu cérebro me impedisse. Quando eu não tinha medo.

“Que bom, porque as meninas do outro lado do corredor perguntaram se queríamos ir de carona para a festa.”

Quase gemo. Tem a famosa festa de boas-vindas na irmandade Beta Phi. A ex-irmandade da Scarlett. Minha melhor amiga é a última pessoa que

você esperaria que se juntasse à comunidade pan-helênica de Dalton, com suas tatuagens e cabelos coloridos, mas ela era uma irmã e tanto. Sei disso porque, quando ela desistiu, as irmãs dela me mandaram mensagens implorando para que eu a trouxesse de volta.

Scarlett fez algumas aulas online naquele semestre, sentando comigo enquanto eu assistia distraidamente ao The Weather Channel no quarto do hospital. Alguns dias, eu implorava para ela ir embora, para parar de me deixar derrubá-la, mas ela nunca me ouvia. Nem mesmo quando eu dizia coisas com raiva das quais me arrependo até hoje. Scarlett nunca me abandonou. Ela estava lá, estacionada do lado de fora de cada sessão de terapia. Foi durante essas viagens para casa que conversamos sobre voltar para o campus e morar em um dormitório juntas no nosso último ano. Até agora, isso significa tetos manchados de água e pé de atleta nos chuveiros comunitários.

"É uma festa neon e eles sempre têm drinks ótimos", ela diz, realmente vendendo a ideia.

"Só se eu pegar sua saia branca emprestada", admito.

Ela se ilumina instantaneamente, e é contagiante. É a primeira vez que ela me olha com entusiasmo de verdade desde o sobretudo sombrio que me cobriu no ano passado. Preciso fazer isso por ela.

"Claro, mas, só para constar, você poderia usar essa combinação de moletom e camiseta velha e ainda ficar linda." Ela apaga a luz, mas para na porta para piscar.

Eu rio, mas isso não ajuda em nada a amenizar a pontada de ansiedade que sobe pela minha garganta.

"ESTE PISTA É A SUA GAROTA", digo a mim mesma, olhando para o retrovisor do meu carro.

Meu exercício de respiração não afrouxa meu aperto de dedos brancos no volante. Estou no meu carro há trinta minutos, observando o time de hóquei sair da arena como um idiota. A música tocando no meu carro me dá ímpeto e, antes que eu possa mudar de ideia, jogo minha bolsa de ginástica no ombro e saio.

Para dentro e para fora, Sierra. Uma nostalgia sombria me cobre como piche ao ver a arena. Engulo em seco o nó na garganta, dando um passo

hesitante para a frente e depois recuando dois passos. Se alguém estivesse olhando, pensaria que perdi a cabeça. Às vezes, parece que sim.

Meus pés permanecem firmes enquanto tento lutar contra a enxurrada de memórias que me puxam de volta ao ano passado. Mas o esforço é inútil; elas sempre voltam com dificuldade.

Então as portas se abrem com um rangido. O cara que sai é tão grande que ocupa toda a entrada. Ele parece estar perdido em seu próprio mundo, mas quando me vê, segura a porta aberta. Ele é grande, de ombros largos, provavelmente um jogador de hóquei, a julgar por sua enorme bolsa de equipamentos. Seu cabelo castanho ondulado está desgrenhado como se ele tivesse passado as mãos nele uma centena de vezes. Ele é o tipo de jogador de hóquei da NCAA que você veria em todas as redes sociais, com inúmeras contas de fãs e um contrato brilhante da NHL como proteção.

Nervosismo à parte, esperei no carro para evitar exatamente essa interação, mas é uma bênção porque agora tenho que entrar. Depois de algumas afirmações sussurradas, percebo que ele ainda está me observando, olhos castanhos traçando meus lábios. Ele me olha como se eu estivesse lançando feitiços.

"Você vai entrar?", ele pergunta com uma voz grave e rouca. Ele abre a porta mais aberta, como se eu estivesse com problemas de audição. A visão do corredor azul faz meu coração bater forte como uma bomba-relógio, ameaçando me enrolar em posição fetal. Meu Deus, isso seria constrangedor.

"Se eu soltar, a porta vai trancar", ele diz, mais suavemente agora.

Eu pisco.

"Eu não mordo, se é com isso que você está preocupada." Seus lábios se curvam em um sorriso preguiçoso. "Prometo."

Ele diz isso como se quisesse que eu descobrisse se é verdade. A antiga Sierra teria uma resposta sarcástica para o jogador de hóquei convencido, mas eu não sou mais ela há muito tempo. Passo por ele e entro no rinque.

"Divirta-se", ele comenta casualmente, deixando suas palavras pairarem no ar como um eco.

Vou até o vestiário, calço meus patins e me encosto no armário, murmurando afirmações. Não demora muito para que eu comece a divagar.

As memórias encharcadas de sangue me mantêm refém novamente. O rosto da minha mãe coberto de lágrimas e seus chamados desesperados por mim sem parar...

"Devushka."

Acordo de repente e minha cabeça bate no armário. A lufada de ar frio e o cheiro de cloro me cercam de uma só vez, e olho para cima e encontro a treinadora Lidia Orlov. Cabelo castanho-escuro, sobrancelhas arqueadas e lábios comprimidos em uma fina linha de preocupação.

Droga. Está acontecendo de novo. Depois desta manhã, tentei todas as minhas técnicas de calma. Respiração, contagem, EFT e tricô. Mas este último é um exagero agora que tricotei cachecóis suficientes para manter uma pequena família aquecida.

"Se for demais para hoje, podemos tentar de novo na semana que vem", diz Lidia.

A pena dela é como uma faca afiada no meu estômago. É o mesmo olhar que todos me lançam desde o acidente. Como se eu tivesse me tornado algo frágil. Fraco demais para ser o que eu já fui. Aparentemente, você não pode quebrar a cabeça no gelo e cair no patins do seu parceiro e sofrer um colapso pulmonar sem que as pessoas te tratem de forma diferente.

"Estou pronta. Só não dormi muito bem ontem à noite." Ou em qualquer noite, mas não digo isso a ela. Não posso deixar outra pessoa desistir de mim.

"Como assim?", Lidia bate na testa, ainda me examinando.

Meu cérebro? Ah, uma bagunça completa. "Mais afiado que um computador", digo em vez disso. Se aquele computador tivesse caído e se quebrado em pedacinhos. E depois espalhado por Connecticut esperando que eu os encontre e o monte de volta.

Com isso, coloco meus protetores de patins e me jogo para fora do banco, puxando minha meia-calça e sentindo o peso familiar da minha tornozeleira. Não sei por que ainda o uso, porque meu ex-parceiro me deu. Mas é um amuleto da sorte, e a única vez que o esqueci no criado-mudo do hotel dele foi no dia em que caí. Vai entender.

O gelo deveria ter medo de você. Minha visão agressiva sobre a sessão de patinação de hoje se deve ao propranolol. Aquele comprimido rosa que engoli esta manhã é a única razão pela qual minhas pernas não cederam. Meu peito está quase em um torno e eu não entrei em parafuso. Não vou. Não hoje.

Cheguei a ligar para a farmácia da clínica esportiva do campus para pegar um refil, já que o meu é de uso conforme a necessidade. E claramente, é necessário. Mas, por mais que eu precise do comprimido, não

consigo parar de vê-lo como uma muleta. Algo que o antigo eu nunca teria tomado.

"Faça o que te deixa confortável", diz Lidia quando estou no gelo. A mulher é conhecida por ser tão fria quanto o inverno russo, mas agora ela está me mimando. O gelo não vai te morder, Sierra. A velha voz de Lidia ainda ecoa na minha cabeça. Com esse ritmo, o Zamboni vai te atropelar.

Minha primeira volta é confiante, ou pelo menos finjo que é. Mas no momento em que tento um looping, tudo desmorona. Minha aterrissagem é instável e desleixada, nada parecida com a de um ex-atleta olímpico. Meu próximo salto mal consegue respirar, uma tentativa de merda que aperta aquele nó no meu estômago e faz o fundo das minhas pálpebras arderem. Não chore.

Uma hora ou mais se passa em uma névoa de trabalho de pés amador e personificando o Bambi no gelo, enquanto me esforço para não deixar as lágrimas de frustração rolarem. Meu primeiro treino de volta, e todas as promessas que fiz a Lidia já começaram a se desfazer.

Para minha surpresa, ela não parece brava. Nem um pouco. "É um bom começo. Nada que alguns treinos não resolvam. Desde o seu hiato" — chamar assim soa melhor do que experiência de quase morte, eu acho — "tenho trabalhado em algumas per..."

"Estou fazendo duplas." Faço duplas desde que parei de simples aos dezesseis anos. Quatro anos atrás. Não vou voltar.

Lídia inclina a cabeça. "Eu não sabia que você tinha um novo parceiro."

Pois é, então, o problema com acidentes bizarros que quase acabam com a minha carreira é que ninguém quer formar dupla comigo. Depois que meu ex-parceiro, Justin Petrov, me abandonou como uma batata quente — literal e figurativamente —, me tornei um item danificado para a comunidade do skate.

Quando mudei para duplas, escolhi Justin porque ele era bom e só me associava a pessoas que pudessem me atender. Nunca me transformei por ninguém, mas por ele eu mudei.

"Eu não", digo, e o rosto dela se contorce. "Mas eu estava procurando!"

Embora minha busca online só tenha me mostrado homens esquisitos tentando me atrair para seus porões e skatistas querendo ficar comigo, mas não para formar dupla. Eu sabia que skatistas eram supersticiosos, mas agora sou uma maldição.

"Lembra do Champs Camp? Muitos desses skatistas estavam interessados em formar dupla comigo. Você não pode entrar em contato com os treinadores deles?" O Champs Camp é para os patinadores de nível sênior mais bem classificados do país.

Lidia pisca rapidamente. Ela só faz isso quando tem más notícias. "Sierra, encontrar um novo parceiro tão tarde é quase impossível. Não podemos depender de dois patinadores de seis anos atrás. Dalton exige que os patinadores sejam registrados bem antes da primeira apresentação para se classificarem para qualquer evento da USFS."

"Confie em mim, eu sei. Eu também tenho procurado por conta própria, mas preciso da sua ajuda", imploro. "Não posso desistir. Além disso, não precisamos de alguém permanente. Se eu conseguir uma pontuação alta o suficiente para me classificar para o Grand Prix, podemos encontrar alguém novo para o ano que vem."

"O Grand Prix? Como você espera fazer isso?" Seus olhos se arregalam. "Você mal teria tempo para treinar. As rotinas, os levantamentos, a química. Leva meses, às vezes anos, para aperfeiçoar. Seu parceiro precisa ter a mesma rotina de treino. Não se trata apenas de vocês. Trata-se de confiança e compreensão dos movimentos um do outro. Construir esse tipo de parceria em tão pouco tempo já é difícil."

"Pensei nisso por meses, Lidia. No hospital, durante a fisioterapia, a terapia EMDR, na academia. Eu nem estaria aqui se não fosse por esse sonho." Minha terapeuta, Dra. Toor, disse que a melhor maneira de superar esse obstáculo é superá-lo. Estou determinada a fazer isso.

"Isso não vai ser como o seu treinamento anterior. Tem certeza de que está pronta para isso?"

"Preciso estar", digo, com a voz embargada. "Preciso provar que ainda consigo fazer isso. Por favor, Lidia." Pareço desesperada, mas isso a faz concordar. Uma fita de vitória se abre em meu peito. Vou fazer isso desta vez; finalmente serei suficiente.

"Qualquer outra pessoa e eu nem consideraríamos isso." Ela balança a cabeça quando eu sorrio. "E você não pode ser exigente..."

"Não vou. Prometo!", digo apressadamente. "Você não vai se arrepender."

"Eu sei", diz ela. "Agora repita a rotina. Desta vez com força."

A pequena vitória deve ter me dado um ânimo, porque desta vez o gelo parece um pouco menos assustador. Meus movimentos continuam péssimos

e meu coração ainda bate forte como se fosse ceder, mas a possibilidade de chegar à final e mostrar a todos que não sou uma maldição paira na minha frente como uma cenoura em um barbante.

TRÊS

DYLAN

NO MOMENTO EM QUE cruzamos a soleira da Beta Phi, somos bombardeados com pistolas de brinquedo cheias de tinta. As luzes negras dentro da casa fazem as cores brilharem contra minha camisa branca e mancharem minha calça jeans. Lanço um olhar irritado para Kian, que se esqueceu de mencionar que era uma festa neon. Para surpresa de ninguém, Kian veste a camiseta pela cabeça e faz sinal para as meninas o cobrirem com mais tinta. Suas tatuagens estão à mostra, e ele está adorando a atenção que elas lhe dão. Ele está brilhando em rosa-choque e verde quando terminam, e quando eles vêm até mim, não tenho escolha a não ser tirar a camisa também. O respingo de tinta é instantâneo.

As meninas estão vestidas com minissaias e blusas brancas, com a pele exposta pintada. Reconheço vagamente uma delas de uma festa em que nos encontramos num banheiro, e agora ela pinta minhas mãos e as coloca bem no peito. Minhas duas grandes marcas de mãos marcam a parte de cima do biquíni dela, e ela coloca as mãos na parte de trás da minha calça jeans.

Na cozinha, há uma fileira de shots de gelatina, também brilhantes. Uma onda de imprudência me persegue como um enxame de abelhas. E eu sei por que está lá esta noite, e não é só por causa da notícia da capitania ou do teste de drogas; é porque abri o envelope dos meus pais.

Acontece que era um convite para a renovação dos votos deles em alguns meses, o que significa que estava planejado há algum tempo. Meu pai sabia que eu teria convencido minha mãe a desistir. Eu teria tido a chance de interrogá-la e remover qualquer véu que ele tivesse colocado sobre seus olhos novamente. Então, as mesmas pessoas que eu tinha certeza de que

finalmente se divorciariam alguns meses atrás estão se casando. De novo. Inacreditável pra caralho.

Alguém grita "Shotgun!" e me entrega uma bebida, mas o instinto de furar, quebrar e virar não me atinge, porque avisto Vik Chopra do outro lado da sala. Quando nossos olhares se encontram, ele me lança um olhar que me revira o estômago.

"Eu já volto", digo a Kian, que mal está prestando atenção porque está trocando pulseiras da amizade com as garotas Beta Phi.

"Alguma novidade?", sussurro, puxando Vik de volta para a escuridão da festa. Corações verde neon estão pintados em suas bochechas e ele tem um bastão rosa brilhante no pescoço.

Ele balança a cabeça. "Sem sorte, cara. Essa merda é segura. Eu esperava que você estivesse aqui para eu poder te avisar."

Suas palavras agem como um veneno para o meu estômago.

"Os resultados saem amanhã. Desculpe, D."

O peso físico da minha vida desmoronando cai sobre mim. "Não se preocupe. Agradeço por tentar."

Nunca na minha vida temi consequências. Por que temeria? Quando você é o cara com quem todo mundo no campus quer estar ou ser parecido, as regras não se aplicam. As pessoas fazem vista grossa, dão desculpas, amenizam as coisas para você. Mas tenho a sensação de que isso não vai passar facilmente. Não sem tirar tudo o que puder de mim.

Preciso de um pouco de ar puro.

Alguém chama meu nome, mas eu não me viro. Em vez disso, vou para o corredor. Minha tendência a desaparecer durante festas está longe de ser incomum. Muitas vezes sou puxada para um quarto ou banheiro, apenas para reaparecer desgrenhada horas depois. Subo as escadas de dois em dois degraus e abro a primeira porta. O quarto rosa tem uma tapeçaria de Crepúsculo pendurada sobre a cama e uma luminária de lava em formato fálico presa à parede. Estou prestes a fechar a porta quando ouço meu nome.

"Dylan! Bebê!" A garota que me pintou passa correndo pela porta entreaberta. Ela me empurra contra uma parede estranha e seus lábios encontram meu pescoço. É o único lugar que ela consegue alcançar de salto alto. "Eu esperava que você estivesse aqui."

"É?" Tento fazer essa parte de mim entrar em ação. Aquela que consegue sussurrar coisas obscenas, levantá-la com um braço e prendê-la contra a

parede até ela implorar. Mas eu preciso sair, e não é isso que o Dylan que ela quer diria. Não sei se estou disposta a me separar dele ainda. "Vamos tomar uma bebida."

"Ou..." Ela abre uma lata rosa com baseados recém-enrolados. "Você gostou da última vez."

"Da última vez?"

Ela ri. "É, em Yale. Você não se lembra?"

"Certo", murmuro. Claramente, tudo piorou depois que a conheci lá. A lata aberta que ela balança na minha cara é a última coisa de que preciso agora. Eu a puxo para longe e me afasto lentamente.

Desço os degraus, correndo pela casa sem hesitar um segundo. Quando finalmente chego ao corredor que leva à porta da frente, Tyler Sampson me interrompe com a mão no meu peito.

"Ei, ei, ei. Para onde você está indo, Capitão?", ele pergunta.

Eu sabia que aquele maldito título me assombraria.

Sampson coloca uma cerveja na minha mão. "Bebe, cara. Algumas garotas estão fazendo arte corporal."

Em qualquer outra noite, eu estaria nessa. Droga, ontem eu estaria nessa, mas hoje à noite parece que estou sendo torturado por coisas das quais não consigo me lembrar.

"Vou sair", digo, colocando a cerveja na mesa.

Sampson olha o relógio. "É quase meia-noite. O que houve?"

Antes que eu possa dar uma desculpa esfarrapada, a porta da frente se abre e parece que tudo para. A música — "In the Flesh?", do Pink Floyd — abafa meus ouvidos, e minha vontade de ir embora se dissipa momentaneamente.

Todas as cabeças ao meu redor se viram quando ela cruza a soleira da porta e a luz acima da porta a ilumina. Os caras do time de basquete que estavam jogando pingue-pongue deixam a bola cair sem rumo, rolando pelo piso de madeira até cair perto dos seus tênis brancos.

Cabelos negros e sedosos, pele clara e lábios vermelhos fazem com que tudo em seu rosto se destaque. Sua saia branca abraça suas curvas, atraindo meu olhar para a pele macia de suas pernas torneadas. Quando olho para cima, seus olhos esmeralda perfuram os meus. Um show de fumaça do caralho.

É quando a reconheço como a garota do lado de fora do rinque hoje mais cedo, aquela que sussurrava para si mesma enquanto eu segurava a porta

aberta. Ela parecia tão... perdida naquela época. Agora ela está toda fogo.

Acho que eu tinha dito algo a ela, algo sobre morder. Ela deve estar pensando a mesma coisa, porque seus olhos piscam, até que sua amiga ruiva a puxa para o quarto ao lado.

Problema.

O aviso na minha cabeça geralmente é meu sinal para segui-la até onde ela desapareceu, mas esta noite estou me comportando da melhor maneira possível.

"Ah, qual é. Você não vai embora. Eu conheço esse olhar", diz Sampson, bloqueando minha saída.

Ignorando-o, vou embora, mas não antes de ouvi-lo gritar "Buuu!" na minha direção. Faço sinal para o Kian de que estou indo embora, porque se eu o abandonasse, ficaria sabendo por dias.

"Nãããão", Kian reclama. "Não vá embora. Vamos jogar Jenga bêbado."

"Você joga. Te vejo em casa." Ele me abraça então, sua barriga pegajosa roçando na minha. Se eu estivesse bêbada, não daria a mínima, mas agora estou desesperada por um banho.

Bem quando penso que posso sair pelos fundos sem esbarrar em mais ninguém, a maconheiro do andar de cima me impede. Ser conhecido é muito bom até que as pessoas não consigam te deixar em paz. Ela sopra a fumaça na minha cara e coloca o baseado entre meus lábios. Os avisos na minha cabeça estão berrando, aqueles que eu nunca me dei ao trabalho de ouvir até agora.

É novo e irritante pra caramba.

Sem dar uma tragada, tiro o baseado dos meus lábios e o devolvo a ela. Ela me observa, surpresa por eu não ter me entregado. Nem mesmo quando de repente me lembro exatamente quem ela é — venda, mordaça e um monte de corda. Ótimo, até as boas lembranças estão começando a azedar.

Eu passo pelas pessoas bloqueando a escada da varanda e corro para baixo, meus olhos fixos no portão lateral. Na pressa, esbarro em alguém, sem diminuir a velocidade ao passar. O ar do final de agosto ainda está quente, então meu estado desleixado e sem camisa não me incomoda.

"Ei, seu babaca!", alguém grita atrás de mim. Não me viro para ver qual pobre coitado está levando uma bronca.

Será que tem fechadura no portão? Preciso pular a cerca podre para acabar logo com essa noite? Estou na metade do gramado coberto de

xícaras de chá Solo quando uma mãozinha agarra meu bíceps e me puxa para trás.

"Ei! Estou falando com você." A voz é um pouco rouca e confiante demais para a fraca tentativa de me impedir.

Eu me viro e vejo cabelos escuros, olhos verdes e lábios vermelhos. Problema. "Eu?"

A garota me encara com as mãos na cintura, como se pudesse me dominar. Como se fosse ela quem tem 1,93m.

"Você esbarrou na minha amiga e derramou a bebida dela toda nela", acusa ela.

"Amiga?", olho ao redor, fingindo olhar ao redor. "Você é uma daquelas pessoas que têm amigos imaginários? Desculpe, não estou bêbada o suficiente para fingir que eles são reais hoje à noite."

Estou gostando demais disso para alguém que deveria estar indo embora desta festa. Olhos verdes e raivosos se voltam para a varanda e não encontram nada além de pessoas bebendo e um casal se agarrando perigosamente perto da fogueira.

"Tudo bem", suspiro e olho para o lugar vazio ao lado dela. "Olá, meu nome é..."

Ela dá um tapa na minha mão estendida antes que eu possa me apresentar à amiga. "Eu não estou louca. Você encontrou minha amiga de verdade lá atrás."

"Ao contrário da amiga falsa que está parada ao seu lado? Acho que ela está com sede; você deveria pegar uma bebida para ela."

Ela responde sem expressão: "Presumo que não ensinem boas maneiras na faculdade."

Inclino a cabeça. "Se você quisesse falar comigo, não precisava inventar uma desculpa. Você é gostosa o suficiente." "Chega, mas eu gosto do jeito que o comentário faz seus olhos brilharem.

Foco. Preciso sair daqui.

Ela zomba. "Não estou aqui para falar com você. Posso encontrar pelo menos dez da sua espécie lá dentro."

"Da minha espécie? Foi você quem correu pelo gramado só para chamar minha atenção."

"Para você se desculpar." Ela coloca o cabelo atrás da orelha. "Mas claramente seu ego é grande demais para isso."

Quando ela se vira para ir embora, não consigo me conter. "Desculpe."

Ela me lança um olhar cético, percorrendo-o da cabeça aos pés, demorando-se no meu abdômen pintado e no cós da minha boxer que aparece por baixo da calça jeans. Por algum motivo, o espaço entre nós parece impossível de resistir, então me aproximo até meus sapatos tocarem a ponta dos dela. Ela tem um cheiro doce, como cerejas.

"Como posso compensá-la?", pergunto.

Ela inclina a cabeça. "Você quer compensá-la?"

"Morrendo de vontade."

Ela passa a língua pela parte interna da bochecha. "Acho que ela prefere ficar com isso."

Franzo as sobrancelhas. "Ficar com o quê?"

"Você deve a ela agora", diz ela. "Não custa nada ter uma nota promissória de um atleta. Acho que vai ser útil para mim."

"Você?"

"Dela", ela corrige.

"Certo." Meu sorriso irônico cresce a níveis incomensuráveis. Nem me importo que ela tenha me chamado de atleta. "Me avise quando ela quiser descontar isso."

"Eu vou." Ela se mantém firme, de braços cruzados.

"Eu não deveria saber seu nome? Afinal, você tem uma nota promissória muito poderosa", grito quando ela já está na metade do gramado em direção à varanda.

Ela não se vira, mas diz: "Se tiver sorte."

"Você não quer saber o meu?"

Desta vez, ela olha por cima do ombro. "Acho que babaca serve."

Ela desaparece pelas portas de vidro deslizantes. Há um sorriso no meu rosto quando finalmente passo pelo portão destrancado, mas ele desaparece no momento em que vejo meu carro estacionado na garagem.

Erro de novato.

QUATRO

SIERRA

UMA COISA É CERTA, eu não sentia falta das festas de Dalton.

Se eu quisesse universitários bêbados e tarados me encontrando, eu iria a uma festa de fraternidade. As irmandades não deveriam ser mais recatadas e recatadas? Beta Phi não recebeu esse memorando porque a fumaça da maconha impregna o ar e o chão está pegajoso de álcool. Pelo número de corpos suados aqui, eu diria que toda a população de Dalton está presente.

Além disso, não consigo encontrar minha melhor amiga. Scarlett insistiu que essa festa seria uma boa ideia depois que eu me decepcionei no rinque com a Lidia e senti a vergonha me consumindo. Eu estava deprimida e tricotando no sofá do nosso dormitório enquanto ouvia a voz do apresentador do The Weather Channel, Dale Thunderman, até que Scarlett jogou sua saia branca em mim e me disse para me preparar.

Por alguma razão ilusória, tentei me encaixar. Saia minúscula, blusa igualmente pequena, batom vermelho. Parecia uma chance de me redescobrir depois que o esporte que amei a vida toda me mastigou e me cuspiu. Às vezes, acho que ainda estou inconsciente e ensanguentada naquele rinque de gelo.

O que eu não esperava esta noite era que esse meu lado viesse à tona. O lado confrontador, teimoso e mal-humorado que eu enterrei há muito tempo. Mas o jogador de hóquei o arrancou de mim como um fio solto.

Não era apenas a visão da calça jeans larga, do cós branco da Calvin Klein contrastando com a pele dourada, ou como o luar fraco refletia o brilho do suor em seu peito. Eram as marcas de mãos — coloridas, borradas, impressas como memórias em sua pele, como se todos quisessem deixar sua marca nele. Como se já tivessem deixado.

Mas todos esses pensamentos se dissiparam no segundo em que ele abriu a boca. Ou quando ele sorriu e a menor covinha apareceu. Eu já vi o tipo dele — o cara alto e popular que é bonito demais para não saber e faz malabarismos com encontros casuais como se fosse uma atividade extracurricular. O pai da Scarlett já tinha nos avisado para ficarmos longe deles. Mas mesmo sabendo que esse seria o último cara com quem eu acabaria ficando, não pude deixar de sentir meu coração disparar quando seu olhar castanho-âmbar deslizou pelo meu corpo.

"Si!" Viro-me e encontro Scarlett na pia da cozinha usando uma blusa nova.

"Onde você conseguiu sabão em pó e uma blusa nova?" É uma regata curta, revelando as tatuagens intrincadas que cobrem seus braços e a parte inferior das costas.

"Eu morava aqui uma vez, lembra?", ela diz. "Para onde você foi? Achei que você estava atrás de mim quando entrei."

"Ah, hum. Eu estava..." Scarlett odeia quando eu confronto as pessoas por ela, mas ela é uma baita bajulação, e eu nunca deixaria ninguém passar por cima dela. Na segunda série, quando um garoto roubou sua caneta favorita e mentiu sobre isso, ameacei dar piolhos nele até que ele confessasse.

"Você foi gritar com o cara que esbarrou em mim, não foi?"

"Talvez", eu digo, e ela ergue as sobrancelhas. "Ok, sim. Mas ele foi rude, arrogante e mereceu totalmente. Além disso, agora temos uma nota promissória."

"Claro que temos." Scarlett torce a blusa e a guarda na bolsa. Quando ela pega meu braço e me puxa, sinto o peso dos olhares novamente. Eles sabem quem você é.

O problema de cair em um evento mundialmente famoso? Seu acidente está em vídeo, estampado em todas as redes sociais e veículos de notícias para qualquer um ver. QUEDA QUASE FATAL DE PATINADOR ARTÍSTICO AMERICANO EM PALCO OLÍMPICO FERRA TUDO. Ok, essa não era a manchete, mas era a que tinha sua própria gráfica na minha cabeça. Hoje à noite, porém, os olhares estão mais atentos, mas isso é esperado nessas festas. Vocês ficam e evitam compromissos. Eu nunca fiz isso, mas às vezes eu queria poder.

Um cara loiro com o braço em volta de uma garota pisca para mim.

"Acho que esse cara está tentando te recrutar como terceira pessoa", sussurra Scarlett.

Eu recuo. "Sorte a minha."

Scarlett pega uma bebida de uma caixa debaixo de uma mesa e me entrega uma. Um estrondo alto chama minha atenção para onde as peças de Jenga se espalham e um cara levanta as mãos em derrota bêbada. A chateação dele não dura, porque ele se inclina para ouvir os sussurros no ouvido de uma garota. A expressão dela se aguça e, quando ela caminha em direção à escada, os olhos dele se fixam famintos nas curvas do corpo dela.

Uma onda inesperada de inveja surge. Mesmo tendo me apresentado a maior parte da minha vida, nunca consegui ter confiança suficiente fora do gelo para que alguém me olhasse daquele jeito.

Talvez seja porque nunca me importei com o que os garotos pensavam. No ensino médio, os garotos se aproximavam de mim, mas depois Scarlett descobriu que era porque apostavam em quem conseguiria ficar com as garotas mais gostosas da nossa turma. Era nojento. Então, pulei a fase do sexo adolescente. Dei meu primeiro beijo aos dezenove anos e perdi a virgindade aos vinte. Nenhum dos dois foi memorável. Terminei logo para que ninguém pudesse dizer que eu havia desistido da minha vida inteira pela patinação, embora, no fundo, eu soubesse que tinha.

E talvez seja isso que sempre me fez sentir diferente, como se eu não tivesse vivido à altura das experiências que todos os outros pareciam valorizar. Como se eu não fosse algo desejável ou desejado.

Até hoje, quando o olhar de alguém percorre meu corpo, fico quase desesperada para saber o que essa pessoa está pensando.

"Me salva!" Scarlett agarra meu braço, mas é puxada para uma partida de beer pong. A derrota é brutal. Só dez minutos depois, Scarlett, embriagada, volta para mim. "Esse jogo é uma merda."

Ela me enfia um copo. Eu esvazio o copo Solo antes que ela me puxe para a pista de dança improvisada. Quando nossa música favorita toca, fico com ela e fora da minha cabeça. E por um momento, me solto. Nem me importo com o cara bêbado invadindo meu espaço. Mas quando a mão dele toca minha cintura e passa por baixo da minha camisa, eu me sobressalto e a puxo rapidamente de volta para baixo.

O problema de um ferimento quase fatal? Deixa cicatrizes. Eu esperava a da minha cabeça, por causa da fratura craniana afundada, mas não esperava a do meu abdômen. O pulmão colapsado, cortesia da costela quebrada

depois que caí no skate exposto do meu parceiro, Justin, deixou marcas. Quando tomei meu primeiro banho sozinha no hospital, vi meu reflexo no espelho. Uma linha vermelha irregular entalhada no meu abdômen por causa do skate dele e do furo da inserção do dreno torácico. Percebi de repente o que eu tinha acabado de passar. Era a primeira vez que via algo tão permanente, tão distante dos meus hematomas desbotados, tão indesejável. Caí no chão do banheiro com um soluço, tremendo e quebrada, até que minha mãe entrou e me puxou para seus braços.

Uma mão suave me puxa para trás, e me viro para encontrar Scarlett olhando para ele. Até mesmo seu olhar é educado. Eu rio, mas quando ela me gira, todos aqueles sentimentos explodem como uma bolha.

Porque meu ex-parceiro, Justin Petrov, está dançando do outro lado da sala.

O Justin que eu conhecia não bebia e nunca estaria perto da fumaça de maconha. Ele é inflexível em manter seu corpo em plena forma, mas agora dança livremente com sua nova parceira, Julia Romero. Ele nunca teria feito isso comigo.

Conheço Julia há anos, não pessoalmente, mas do rinque. Ela é talentosa, mas nunca o suficiente para vencer. Quando eu ficava em primeiro, ela caía em segundo. Ela sempre me viu como uma rival, sempre tentando me superar. É como se ela tivesse passado a carreira espelhando a minha. Quando saí das simples depois de anos de sofrimento, imaginei que ela ficaria feliz. Mas aparentemente não, porque agora, com Justin, ela tem uma chance real de vencer em duplas.

Minha garganta está entupida com lembranças de traição e uma saudade imensa de um papel que sinto tanta falta. Então, como cacos de gelo, seu olhar azul encontra o meu, e eu esqueço como respirar.

"Ei, o que houve... ah", diz Scarlett. "Quer que eu jogue minha bebida na cara dele?"

"Não antes de eu dar um soco", murmuro, seguindo-a pelos corpos suados.

"Sierra", ele diz quando nos alcança. "Scarlett. Faz tempo." Eu já vi esse sorriso no rosto dele antes. É o mesmo que ele daria para os nossos competidores antes de virar as costas e falar mal deles. Se estamos falando da cultura tóxica do skate, o Justin está cheio disso.

"É? De quem é a culpa?", retruca Scarlett, pegando meu braço para me puxar.

"Espera. Si, a gente devia conversar." Justin me para com um aperto forte no meu ombro, e eu encaro a mão dele até ele a puxar como se eu o tivesse queimado. Quem me dera poder.

"Não, não deveria", diz Scarlett.

"Mas..."

"Eu não tenho nada a te dizer." Minhas palavras o empurram para trás, e eu sigo Scarlett. Minha garganta está dolorida de engolir as palavras que sinto que estou esperando para dizer a ele há meses.

Na cozinha, Scarlett começa a preparar bebidas. "Você vai ficar bem?"

O olhar que ela me lança me faz sentir frágil, e odeio que ela me veja assim. Mais ainda, odeio sentir isso também. Já faz mais de um ano; eu estava preparada para isso.

Eu tinha dezesseis anos quando Justin e eu nos tornamos parceiros. Foi logo depois que ganhei o ouro na patinação individual. Todos ao meu redor — meus pais, meus treinadores, a equipe dos EUA — ficaram em êxtase com a vitória, mas a medalha parecia um laço. Eu tinha atingido o auge da minha carreira solo, e isso não me tornava o suficiente. Em vez disso, parecia que eu tinha me chocado contra um teto de concreto. Foi quando Justin apareceu de repente e eu acordei. Eu seria o suficiente para ele, porque nunca fui o suficiente para mim mesma.

"Vou ficar bem", digo, tentando sorrir, mas não tenho certeza se é convincente. Por sorte, algumas garotas da Casa Iona acenam para nós e somos puxadas para uma conversa. A música está alta, mas não abafa os flashbacks. Não quando a causa deles está na mesma sala.

Não aguento a queimação se espalhando no meu peito. "Scar, eu sou a pior e me desculpe, mas..."

"Vamos", ela interrompe. "A música é péssima e as bebidas nem são boas."

Quando estou prestes a dizer que ela pode ficar e que odeio estragar a única noite que ela tem para sair, ela não deixa. Scarlett pede um Uber e esperamos na calçada em silêncio. Ela nunca me deixa pedir desculpas, não me deixa pagar o Uber e nem uma vez solta minha mão do seu aperto inabalável.

CINCO

DYLAN

MANHÃS SEGUINTES SÃO um inferno. São ainda piores quando não bebi nada e meus olhos ainda latejam de dor de cabeça. Por que estou sendo punida? Já dei a muitas pessoas a melhor noite de suas vidas para ser tratada assim. Levanto a cabeça e vejo o sol da manhã criar uma sombra em forma de janela nas portas do meu armário.

Minhas memórias da noite passada estão dispersas, mas uma me atinge com força. Talvez fossem os olhos verdes penetrantes, os lábios vermelhos ou a saia curta que realçava o tipo de coxas com as quais eu a deixaria me sufocar, mas a garota não era o que eu esperava. Você derrama uma bebida em alguém numa festa e recebe um "foda-se" e um dedo do meio. Não uma patinadora artística irritada que pega sua nota promissória sem nem te dizer o nome.

Verifico a hora no meu celular. Ainda é mais cedo do que eu acordaria de bom grado, mas o calor que emana do outro lado da minha cama mata a névoa persistente.

Que porra é essa?

Procuro na minha memória irregular por alguém que eu possa ter trazido para casa ontem à noite. Será ela? Um fogo queima no meu estômago, mas se apaga rapidamente, porque me lembro de que, depois que encontrei meu carro bloqueado na garagem, fui andando para casa. O resto da minha noite chata foi passado assistindo a qualquer coisa que não fosse hóquei, e quando pedi uma pizza, lembro vagamente de perguntar ao entregador se ele queria assistir a um filme comigo. Ele queria.

Droga, é o entregador de pizza?

Meu coração se acalma quando me viro para o corpo encolhido sob o edredom. Levanto um dos lados com cautela, mas quando avisto o idiota dormindo profundamente ao meu lado, solto um suspiro de alívio.

"Por que você está na minha cama?" Arranco o edredom de Kian, que ainda está coberto de tinta. Como ele não se mexe, eu o empurro com força suficiente para que ele role do colchão para o chão com um baque pesado e um grito agudo.

Ele pisca para mim do seu lugar no chão, incrédulo, esparramado em derrota. Pelo menos ele está de cueca boxer, mesmo que seja a sua com tema do Ken.

"Bom dia para você também", murmura Kian. "Você trata todos os seus convidados assim?"

"Meus convidados geralmente são mais atraentes que você e me acordam com um "obrigado" pela noite anterior."

Ele bate a mão no peito para fingir ofensa. "Não vou me prostituir só porque precisei de um lugar para dormir ontem à noite."

"Guarde sua prostituição para si mesmo, Ishida", eu digo. "O que há de errado com o seu quarto, afinal?"

Imagino que ele teria que encontrar alguém fazendo sexo lá ou algo igualmente desagradável para considerar meu quarto um espaço seguro alternativo. Ainda temos dois quartos vagos na casa que pertencem ao Aiden e ao Eli, mas não nos demos ao trabalho de cedê-los a mais ninguém, já que os rapazes disseram que virão nos visitar. Ou gostaríamos de acreditar que virão.

Sento-me encostada na cabeceira da cama no momento em que Kian suspira dramaticamente. "Era longe demais."

Ele pega o travesseiro que jogo nele e o abraça contra o peito. Ele tem sorte de eu não ter energia para nada pior.

Horas depois, estou jogando fora a caixa de pizza vazia que deixei na sala ontem à noite enquanto Kian entra cambaleando na cozinha, esfregando os olhos para afastar o sono.

"O que tem para comer?", pergunta ele.

Levanto um saco de pão mofado e Kian faz uma careta antes de pegar uma caixa de cereal. Ele liga o pequeno rádio antigo que comprou em um bazar na semana passada e se senta no balcão, com a tigela na mão, me observando limpar. Então meu celular acende.

Vik: Atenção. Os resultados saíram há uma hora.

Ah, merda. Essa é uma lembrança que me atinge profundamente. O maldito teste. Achei que teria mais tempo. O barulho do meu celular escorregando das minhas mãos e caindo no chão não é percebido além do zumbido agudo nos meus ouvidos. "Porra, porra, porra." Ando de um lado para o outro na cozinha e pego meu celular novamente. Ainda não recebi nenhuma mensagem ou e-mail do Kilner, e isso me apavora.

"O que houve?", pergunta Kian com a boca cheia de cereal.

Eu poderia dizer que foi uma confusão comestível, e que comi um por acidente. Isso é crível.

"D, o que está acontecendo? O que aconteceu?"

Ou talvez alegar que foi um resultado raro do fumo passivo.

"Dylan."

"O quê?", respondo bruscamente.

Kian ergue a cabeça diante da minha reação. Essa coisa toda é uma grande cagada, e a culpa é toda minha.

"Meu teste de drogas deu positivo para THC", digo a ele.

Kian salta do balcão, boquiaberto. Com uma frase, cometi dois erros profundamente lamentáveis. Primeiro, expor meus problemas pessoais e, segundo, contar ao Kian sobre um problema que ele não consegue resolver para mim. O complexo de salvador dele provavelmente está começando a aparecer agora.

"Isso não pode estar certo. Vamos pedir para refazer tudo", diz ele simplesmente.

Achei que tinha sido inteligente, pelo menos com o timing quando me soltaria em uma festa, mas com tudo o que aconteceu no semestre passado e neste verão, calculei mal. Não me ocorreu que nossos testes de pré-temporada seriam tão logo depois. Havia tanta coisa acontecendo na semana em que fizemos o teste que eu não pensei duas vezes antes de fazer o teste. A única coisa em que eu pensava era no telefonema dos meus pais e na maldita renovação dos votos deles.

"Você será expulso do time", ele sibila. "Temos que fazer um novo teste. É errado."

"Não é."

O silêncio se estende insuportavelmente, e eu não consigo me forçar a olhar para o rosto dele.

"Mas você nunca faria isso." Sua voz vacila, trêmula de emoção, e suas palavras quase destroem minha fachada. Mas o que eu poderia dizer a ele? Que estou lidando com a merda dos meus pais há tanto tempo que esse foi o telefonema que me deixou louco? Que eu estava tão desesperada por uma fuga que não pensei duas vezes antes de deixar algumas tragadas me custarem a carreira?

Meu telefone toca na minha mão e nossos olhares se encontram, o medo nos percorrendo. Então vejo o identificador de chamadas. Treinador Kilner.

Engulo em seco. É isso. "Alô."

"Pista. Agora", ele diz, e a linha cai. Assim como qualquer esperança que eu tinha.

"ESPERO QUE ESTE SEJA o seu olhar de boas notícias", digo quando me junto ao Treinador Kilner nas arquibancadas.

"Às vezes, acho que escolhi a carreira errada", diz Kilner, olhando para a pista vazia. "Deveria ter sido professora de pré-escola. Pelo menos aquelas crianças me ouviriam."

"Não tenho como discordar disso."

O Treinador me encara. "Quando você ia me contar?"

"Importa? Você descobriu mesmo assim."

Suas mãos se fecham em punhos, e percebo que ele realmente precisa da bola antiestresse que está sempre estrangulando. "Eu gostaria de ter ouvido falar do teste de drogas por você. Com uma explicação."

Dou de ombros, mantendo os olhos nas minhas mãos.

"Você pode ficar sentado aqui e fingir que não se importa, mas eu vejo através de você." Kilner exala pesadamente. "Não vou arrancar isso de você, Donovan. Mas nós dois sabemos que você andou fora de controle este ano."

"Confie em mim, treinador. O teste me escapou. Eu sempre sei o que estou fazendo."

"Claro que sabe. É tudo o que vocês, garotos, pensam que sabem", diz ele. "Você será suspenso do time, e a NCAA foi notificada. Você será colocado em uma suspensão condicional pela NHL. O diretor de atletismo pode bani-lo. Dean Hutchins pode tomar medidas ainda mais severas, considerando o quanto ele tem reprimido as festas. Você será um agente

livre sem nenhuma consideração pela liga depois de se formar. O que diabos você estava pensando, garoto?"

Não tenho nada a dizer a ele.

"Você sabe a seriedade de tudo isso?", ele pressiona. "Tudo o que eu queria para você era que realizasse seu potencial. Mas você o desperdiçou em festas. É esse o legado que você quer deixar?"

"Deixei um grande legado na Greek Row", brinco. Quer dizer, é a verdade. Ninguém aparece em uma festa do Dalton sem perguntar se eu vou estar lá. Caramba, na maior parte do tempo, eu sou a festa. Mas as palavras dele ainda me machucam muito mais do que eu jamais o deixaria ver. Não consigo me desculpar quando tudo o que fiz em Dalton ia dar nisso de qualquer jeito. Era só uma questão de tempo.

"Acredite ou não, tem gente que quer que você tenha sucesso, Dylan."

Eu zombo. "Certo. Como meu pai, que vai ficar nas nuvens por eu não poder jogar hóquei e finalmente fazer algo que valha a pena, como ele sempre quis. O mesmo cara que ameaçou me cortar, apesar de toda a merda que ele nos fez passar", digo amargamente. "Esta era a única coisa que eu tinha, e eu estraguei tudo exatamente como ele disse que eu faria. É só para isso que eu vou servir — estragar uma coisa boa."

Kilner coloca a mão no meu ombro. "Não precisa ser assim. Você pode trilhar seu próprio caminho, desde que o faça com um pouco de respeito próprio."

Afundo o rosto nas mãos. "Você leu isso num adesivo motivacional hoje?", murmuro.

"Leu em algum lixo de 'seja um treinador melhor'. Funcionou?"

Finalmente olho para ele. "Treinador, o diretor esportivo não vai gostar de mim quando meu arquivo cair na mesa dele. Você conhece meu histórico no gelo, não é exatamente o de um santo. Por mais que todos queiram que eu pare de festejar, é a única coisa que torna a vida suportável."

"Porque você não tentou mais nada." Ele suspira. "Vou falar com o reitor."

Minha cabeça se ergue. Não entendo por que ele ainda quer me ajudar.

"Mas..." Ele se levanta para descer as arquibancadas. "Você precisa melhorar sua atuação. Entrar para um clube de debate ou de tricô, por mim. Só algo para mostrar a eles que você não é só isso."

E se for?

Quando ele sai, fico olhando para o gelo vazio. Meu celular vibra no meu bolso, como sempre vibrou durante todo o tempo em que estive aqui. Trinta notificações iluminam minha tela, todas sobre o mesmo assunto que eu vinha tentando evitar.

> Aiden: Que porra eu estou ouvindo sobre você ter sido reprovado no teste de drogas? Me liga. Sampson: Puta merda, você foi pego? Não podemos perder nosso melhor ponta esquerda, cara. Kian: Talvez eu tenha deixado escapar que você foi reprovado no teste de drogas. EU NÃO QUERIA.

Parei de ler depois disso porque nenhum deles está recebendo uma resposta. Exceto o Kian, que eu vou chutar a bunda dele por ter contado isso para todo mundo. Estou prestes a fazer exatamente isso quando a música enche a arena e o som de lâminas batendo no gelo rouba minha atenção.

SEIS

SIERRA

REMÉDIOS SÃO ÓTIMOS. Bem, medicamentos prescritos são. É quarta-feira à tarde, o que significa que o rinque está felizmente livre dos pewees e do treino de hóquei. A Lidia está tentando me encontrar um parceiro, então estou treinando sozinho. Depois de todos os sonhos que destruí ano passado — do treinador, meus, de todos — preciso estar pronto.

Embora eu tenha dado os mesmos saltos seis vezes. Meu Salchow está ainda pior. Sinto-me fora do eixo. Caio com tudo, raspando o gelo. Então tento de novo, e de novo, e de novo...

"Você está fazendo errado." Uma voz ecoa em algum lugar atrás de mim.

Eu congelo. Odeio reconhecer aquela voz — profunda, rouca e arrogante pra caramba. Olho por cima do ombro e, sim, é o atleta da festa. Ele está encostado nas tábuas, os antebraços firmes, o olhar castanho-âmbar fixo em mim.

Eu me viro. Sem distrações. Principalmente ele. Com uma expiração profunda, lanço-me em algo em que sempre fui bom — um loop triplo com os dedos dos pés. Mas um som agudo de "tufão" corta o ar do meu salto e me desequilibra. Minha aterrissagem é desajeitada e, com esse fio solto, um fogo se forma sob minha pele. Deslizo até onde ele se inclina para frente, ficando cara a cara, o portão do rinque sendo a única coisa entre nós. Ele ainda é muito mais alto do que eu, mesmo quando estou de patins, mas me recuso a deixar sua altura diminuir minha confiança.

"Você não deveria estar batendo um barril em algum lugar?", pergunto.

"Só te dando um conselho de amigo, princesa."

"Acho que isso exigiria que fôssemos amigos. Além disso, não aceito conselhos de patinação de jogadores de hóquei", digo. "Ou de universitários

que passam as noites com o peito coberto de tinta."

"Parece que você se divertiu muito olhando para o meu peito coberto de tinta." Ele se aproxima com um sorriso irritante. "Você pode olhar, mas vai ter que ser um pouco mais gentil se quiser tocar."

"Por quê? Sou demais para lidar? Nunca teve uma garota que pudesse encostar um patim no seu pescoço?"

Sua covinha aparece. Uma covinha do caralho. "Nunca, mas acho que adoraria qualquer coisa que você fizesse comigo."

Quando seu olhar se aprofunda em mim, o desespero para saber o que ele está pensando quase me atinge. Ele é como uma montanha-russa na qual você sabe que não deveria entrar, mas entra mesmo assim.

"Então, com certeza vou te surpreender." Abro um sorriso meloso.

Ele ri; é baixo e estridente como sua voz. "Vou deixar minha porta destrancada."

"Tenho certeza de que sempre fica."

Se eu não estivesse observando tão atentamente, não teria notado seu sorriso vacilar. "Talvez seja melhor você ficar com esses patins. Parece que você precisa praticar."

Ele não está errado, mas eu nunca admitiria. Dizer a um homem que ele está certo? É, nem pensar. "Você nem sabe nada sobre patinação artística."

"Seu Salchow foi subrotado e sua aterrissagem foi fraca. E aquele triplo toe loop? Totalmente fora do eixo."

Fico piscando como uma idiota. Suas palavras queimam qualquer resposta que eu pudesse dar. Porque era exatamente por isso que eu estava me repreendendo.

"Você não tem confiança", acrescenta ele, torcendo a lâmina de sua crítica.

"Claramente você não tem coragem. Eu não pedi sua opinião. Você nem seria capaz de replicar nenhum dos meus movimentos."

Seus olhos se estreitam e, por um momento, é como se ele estivesse pensando em provar que eu estava errada. Preocupo-me que ele realmente consiga, e eu tenha que conviver com o fato de que um jogador de hóquei pode patinar melhor do que eu. Em vez disso, ele dá um passo para trás, afastando-se das pranchas. Nosso olhar acalorado se desintegra no gelo frio.

"Pensei que sim." Eu sorrio. "Talvez se eu jogar um disco no gelo, você possa correr atrás dele como um bom menino."

Um brilho retorna aos seus olhos. "É isso que você quer? Que eu seja um bom menino?"

Eu cerro os punhos. "Quero que você saia da minha arena."

"Sua arena?"

"Meu lugar", eu digo com os dentes cerrados. "Você pode bater de cabeça nos rodapés o quanto quiser depois disso."

"Não mais", ele murmura, então empurra o portão e se vira. "A propósito, o Dalton tem um programa para aprender a patinar. Pode te fazer bem."

Eu o mostro o dedo do meio.

"IDIOTA!" JOGO minha mochila na mesa da sala de estudos após o expediente. Todos os prédios do campus fecham às dez às quartas-feiras, mas há uma sala de estudos particular que Scarlett encontrou no primeiro ano e que ela entra furtivamente. Tipo, à meia-noite de um dia de semana, quando ela precisa usar o quadro branco para se autoaprender. Hoje à noite, o título em negrito que ela escreveu no quadro caótico é Proctologia.

"Perto! Na verdade, é o interior de um cólon." Scarlett aponta para a imagem em seu livro, me encarando por cima da armação dos óculos. Ela trançou o cabelo em marias-chiquinhas irregulares. Ela usa tranças de estresse quando estuda.

"Você encontrou o Justin de novo ou algo assim?", ela pergunta.

"Pior."

"Tem pior que o Justin?"

"Tá, não pior, mas igualmente irritante", eu digo. "Aquele jogador de hóquei da festa."

"Aquele cuja cabeça você arrancou?" Ela ri quando eu a encaro. "Desculpe, é o que todo mundo está dizendo. Você foi contra o craque do hóquei na primeira festa do semestre. Era para ter circulado."

"Ah, por favor, as pessoas não podem se importar tanto."

"Elas se importam quando é o Dylan Donovan, o adorado ponta esquerda do Dalton. Ou melhor, o capitão. Bem, por um dia, antes do teste de drogas dele ser reprovado." Scarlett faz uma pausa. "Desculpe, meu pai tem trazido trabalho para casa, então só ouvi falar de um dia na vida do treinador Kilner esta manhã."

Teste de drogas reprovado? Quem diabos é esse cara? "Isso explicaria todo o tempo livre que ele tem para me irritar. Ele é o homem mais

convencido do planeta."

Scarlett bufa. "Combinação perfeita."

Quando eu a encaro, ela ri alto, levantando-se para apagar algo no quadro branco.

"É que você é a mulher mais convencida que eu conheço. Quer dizer, não ultimamente, mas você sabe que é boa e não tem medo de demonstrar. É uma característica louvável."

"Eu não sou convencida." Só Scarlett veria isso como algo positivo. Eu mergulhei todas essas partes de mim com Justin, mas isso não impediu seus comentários de rainha do gelo. Sorria uma vez. Você vai dificultar que os jurados gostem da gente. Só não seja você, Sierra. Essas palavras se alojaram profundamente, enterradas sob cada expressão forçada, cada esforço para ser palatável.

"Não é ruim saber que você é boa em alguma coisa."

Eu franzo os lábios. "Tá, tá, um pouco convencido. Mas ele esbanja."

"Nisso eu acredito", diz ela. "Mas pelo menos você não vai mais esbarrar com ele no gelo. Tenho quase certeza de que ele vai ser suspenso."

Ela pode estar certa, mas tenho a sensação de que Dylan Donovan não segue as regras.

SETE

DYLAN

Fui oficialmente expulso do time de hóquei.

Eu sabia que isso ia acontecer, mas hoje de manhã recebi um e-mail do conselho disciplinar detalhando minhas novas restrições: nada de treinos, nada de tempo no gelo, a menos que aprovado pelo diretor Alan Reed, nada de assistir a jogos. A realidade disso fica ainda mais clara quando entro na Clínica Esportiva da DU e vejo a manchete bem na minha cara.

REVELADO PELA REALEZA: GAROTO DO HÓQUEI DE DALTON É EXCLUÍDO DO GELO APÓS REPROVADO EM TESTE DE DROGAS

Summer Preston, namorada de Aiden e minha única amiga que não é atleta nem frequenta fraternidade, está atrás da recepção, franzindo a testa para o último Dalton Royal Press antes de amassá-lo e jogá-lo no lixo. Ela mandou uma mensagem mais cedo, pedindo para encontrá-la aqui antes da nossa sessão de estudo na biblioteca. Foi logo depois de receber o e-mail de suspensão.

"Estão me chamando de garanhão? Acho que alguém do jornal está a fim de mim", digo.

Summer balança a cabeça. "Queria que você tivesse me contado, D. Meu pai conhece o reitor, ele poderia ter ajudado."

É, duvido muito. O Lukas Preston me odeia. Mais do que odeia o Aiden, e isso quer dizer alguma coisa, porque é ele quem está transando com a filha dele. Mas no mês passado, quando visitamos Toronto, eu não estava preparada para o quão gostosa — linda — a mãe da Summer é. Depois de alguns drinques, eu não conseguia parar de flertar. O Aiden me chutou por

baixo da mesa várias vezes, mas fazê-la rir foi como ganhar aquelas estrelinhas douradas que minha professora do jardim de infância costumava distribuir. Então, pedir ajuda à lenda da NHL, o Lukas Preston, estava fora de questão.

"Não posso fazer muita coisa agora", digo, apontando para o jornal que ela acabou de jogar.

"Não se preocupe, eu roubei todos os exemplares." A Summer aponta o polegar para a montanha de jornais que balançam na borda.

Um sorriso surge nos meus lábios com o gesto. "Obrigado, mas tenho certeza de que a boca grande do Kian já espalhou a notícia."

Alguém geme. É Kian carregando outro maço de jornais. "Acabei de ter uma aula de filosofia de duas horas e depois vasculhei o campus em busca desses jornais. Por favor, não grite comigo." Ele os deixa cair com um baque perto da reciclagem.

Summer ri e se vira para mim. "Boa sorte na conversa com o Aiden quando ele voltar para casa amanhã."

Droga. Quando Aiden ainda estava em Dalton, ele não me dava sermão apenas como capitão — ele se preocupava como amigo, sua clara decepção o atingindo com mais força do que suas palavras jamais conseguiriam. Agora, com a lesão na panturrilha da pré-temporada o afastando, ele está voltando para descansar e ficar com Summer.

Os olhos de Kian brilham. "Puta merda, o Cap está vindo! Temos que limpar o quarto dele e a casa."

"O quarto dele está limpo. Eu tenho dormido lá", diz Summer.

"Certo, adoro ouvir suas conversas com o Aiden do outro lado do corredor. São minhas histórias favoritas para dormir", Kian diz sem expressão. "Mas vai ser como nos velhos tempos. Principalmente se ele for ficar para os seus aniversários."

A lembrança do meu aniversário me dá um aperto no estômago. Este ano, Summer e eu vamos comemorar juntas, já que nossos aniversários caem no Halloween. Todo mundo está animado.

Todo mundo, menos eu.

Depois da semana de boas-vindas, as festas são apenas lembretes sonoros do meu teste de drogas reprovado. E com a insistência de Kilner para que eu encontre algo que valha a pena para provar que não sou apenas uma maconheiro, pretendo me comportar da melhor maneira possível. Porque dei tudo de mim para o hóquei, convencida de que isso levaria a algo real,

apenas para ver tudo desaparecer tão rápido quanto a fumaça passou pelos meus lábios.

"Podemos ir agora?", pergunta Kian, já na porta. "Preciso estudar."

O cara sentado na sala de espera parece mortalmente doente e murmura algo para Kian sobre fechar a porta porque está com frio.

"Um segundo, preciso falar com o Dr. Müller primeiro." Summer sai correndo e Kian diz que vai ao banheiro. É nesse momento que meu telefone toca. A notícia do teste de drogas se espalhou como fogo. Meus pais provavelmente sabem e estão tentando me contatar. Mas desta vez o nome de Ada pisca na tela.

“De repente, sou a garota mais popular da escola”, diz minha irmã.

"Você ouviu?" Que bom exemplo, Dylan. Mas não é motivo de preocupação, porque Ada Donovan é um gênio. Ela tem dezesseis anos e estuda biologia em uma academia STEM em Boston.

Ada ri, e sua voz é tão parecida com a da minha mãe que parece arame farpado. "Você quer dizer que meu irmão foi rotulado de maconheiro? É. Mamãe até ligou, e eu tentei garantir a ela que estava tudo bem. Mas eu não te vejo há séculos, Dyl. O que está acontecendo com você?"

"Estou bem. Foi um erro idiota que não vai acontecer de novo."

"Teve alguma coisa a ver com a última demonstração de afeto fabricada do papai?", ela pergunta.

Viu? Ela é esperta demais. "Mamãe parece concordar. Mas não importa. Eu não vou." Se minha mãe quiser ficar com ele, eu não vou mais atrapalhar. "Mas te vejo no intervalo, Ada, prometo. Só preciso resolver essa confusão."

"Tudo bem", ela diz, triste. "Sabe, às vezes sinto falta de patinar com você porque passamos tanto tempo juntos nos treinos e nas competições. Mas prefiro esquecer quando aquele olheiro perguntou se você queria me largar e ir sozinha."

Eu me encolho. "Você era boa; ele era um idiota." Ada e eu praticávamos patinação em dupla quando éramos crianças. Não éramos nada ruins, mas quando descobri hóquei e ela encontrou os livros didáticos, a patinação se deslocou.

"Mentirosa. Eu era péssima, e você era tão boa que era irritante. Eu odiava patinar, e só fazia por causa da minha mãe." Ela ri. "Você ainda patina? Eu sei que você vive e respira hóquei ou algo assim, mas você respira?"

"Não tive tempo", eu digo. Patinar sempre foi fácil para mim, e acho que nunca a deixei para trás. Já recebo olhares furiosos o suficiente do Kilner quando brinco no gelo e faço um showzinho para a torcida da casa.

"Bem, agora você tem todo o tempo", diz ela. "Talvez até o suficiente para ligar de vez em quando. Estou sempre aqui se precisar conversar ou me contar sobre todas as suas festas da faculdade."

"Boa tentativa."

"Vale a pena tentar", ela murmura. "Ah, e diga ao Kian que eu não me esqueci dele. Ele me mandou uma mensagem dizendo que eu estava escolhendo meus favoritos entre meus irmãos."

"Ele é só sensível."

"Você quer dizer como sempre?"

Eu rio. "Exatamente."

Assim que Ada desliga, um braço roça no meu quando alguém para ao meu lado.

"Vou buscar a Sierra", ela diz, e a técnica de farmácia lá atrás sorri e acena. Mas eu não teria notado nada disso se não fosse pela patinadora artística de cabelos escuros rabiscando seu nome na folha de inscrição.

Um sorriso irônico se forma em meus lábios. "Sierra, hein?"

Ela congela e seus olhos se arregalam. Mas então aquela pequena faísca acende quando ela olha para mim. "Dylan, hein?"

Eu não esperava gostar tanto do som do meu nome em seus lábios. "Está fazendo sua lição de casa, pelo que vejo. Foi para casa me procurar?", pergunto, encostada na mesa da recepção. "Encontrou alguma foto boa?"

"É, tenho a foto perfeita colada num alvo de dardos."

É ruim que isso me excite? Desde o comentário dela sobre a lâmina do patins, acho que sonhei com isso mais vezes do que gostaria de admitir. Mas pode ser por causa da minha atual seca. "Sabe, aposto que você acertaria seus saltos se passasse um pouco menos de tempo me observando."

Seu maxilar se contrai enquanto ela olha impacientemente para o técnico. "Ótima conversa, treinador. Nunca mais vamos fazer isso."

"Eu meio que gosto quando você me chama de treinador."

Ela responde sem expressão: "É? É isso que te excita? Ser chamado de homem de quarenta e cinco anos?"

"Kilner não tem quarenta e cinco."

"Eu nunca disse Kilner. Mas é bom saber que é com ele que você fantasia." Ela levanta uma sobrancelha perfeita.

"Então você não o viu na sala de musculação."

"Pare." Ela estremece. "Ele é como um pai para mim."

"Acho que você quis dizer DILF."

Sierra engasga. "Ele é o pai da minha melhor amiga. Então, não, eu não quis dizer DILF."

Faço uma pausa por um minuto. Eu não fazia ideia de que Kilner tinha uma filha em Dalton. Mas afasto o pensamento, concentrando-me na careta de Sierra. "Isso não impediu ninguém. Tenho certeza de que aumenta a diversão."

"Você está falando por experiência própria? Já dormiu com os pais de vários dos seus melhores amigos?" Ela sorri como se achasse isso engraçado.

Fico olhando para a boca dela por um tempo indecente. Indecente demais até para mim. "Você está sorrindo, Sierra. Está gostando da minha companhia?"

"É isso ou eu sento ao lado do cara que está espalhando a peste pela sala de espera." O doente geme alto quando olho para ele.

"Estou lisonjeada."

"Não fique", diz ela. "Vou machucar seu ego frágil."

"Você causaria muito mais dano do que apenas um machucado, querida."

Ela levanta uma sobrancelha. "Está flertando comigo?"

"Sim." Eu sorrio. "Está funcionando?"

"Sra. Romanova, sua receita está pronta." A voz da recepcionista corta o olhar verde e acalorado de Sierra. Sierra pega a receita, evitando contato visual enquanto a guarda na bolsa.

"Te vejo por aí, Romanova."

"Entra no trânsito, Donovan", diz ela com uma voz cantada, lançando um sorriso afiado por cima do ombro.

Ainda estou rindo quando a porta se fecha atrás dela. Summer volta para dentro, com os braços carregados de livros didáticos, que ela despeja sem cerimônia nos meus.

Ela me observa com curiosidade. "Por que você está sorrindo tanto?"

OITO

SIERRA

"VOCÊ NÃO DEVERIA ESTAR patinando sozinha, dochen'ka", diz meu pai assim que volto do rinque a alguns quarteirões da casa dos meus pais. No inverno, eu patinava no lago congelado do nosso quintal, mas depois do meu acidente, eles nunca mais o congelaram. Era o jeito deles de lidar com o meu acidente, mas às vezes eu sinto falta. O silêncio, os patins noturnos, a sensação de sair de casa e entrar em algo que me fazia sentir em casa.

Dormi como um pássaro enjaulado no meu antigo quarto ontem à noite e não consegui deixar de me perguntar por que me dou ao trabalho de voltar para casa. Mas é porque sou forçada a isso. Há alguns meses, quando toquei no assunto de voltar para o campus com a Scarlett, meus pais hesitaram. Precisei de muita persuasão e da promessa de visitá-los toda semana. Promessas das quais me arrependo agora.

Meu pai se afasta do nosso abraço, só para minha mãe me apertar. Tive que me acostumar com essa nova violação do meu espaço pessoal desde o acidente. Não resisto mais a eles, desde que me disseram como era difícil não poder me abraçar. Minha mãe disse que andava até a ala oposta do hospital enquanto eu estava em cirurgia, sem perceber que era trabalho de parto. Toda vez que um bebê nascia, uma música tocava; ela contava dezesseis badaladas. Dezesseis vidas entraram no mundo enquanto ela pensava que estava perdendo a dela.

"A Lídia nem sempre está disponível", explico. "Preciso praticar, papai. Vocês dois sabem disso melhor do que ninguém."

Você pensaria que ter pais patinadores tornaria todo esse retorno mais fácil, mas eles amoleceram. Meus pais treinam patinadores jovens, então eles estão de folga em dias aleatórios da semana escolar. Fui a apenas

algumas apresentações deles, uma delas em Aspen, quando eu tinha quatro anos. Foi nessa viagem que me tornei obcecada por patinação. Não foram os artistas que causaram aquela reação, foi ver meus pais patinando juntos no gelo vazio pós-competição. A paixão entre eles era palpável e quase sufocante.

Quando nasci, machuquei a pélvis da minha mãe a ponto de não ter mais volta. Patinar se tornou doloroso, então ela se aposentou, e meu pai não hesitou em segui-lo. Então, prometi a mim mesma que, se eles tivessem que desistir da patinação artística por mim, eu faria tudo valer a pena. Eu valeria a pena para eles.

"Você não deveria estar no gelo sem ela, Sierra. Pelo menos não sem capacete", diz minha mãe. Eu não uso capacete há séculos, então fazer isso agora só provaria o ponto deles.

Vou até o cantinho do café da manhã na cozinha, deixando meu pai me servir sopa. A temperatura cai um grau, e minha mãe entra em modo de prevenção total contra resfriados.

Ela pega minha mão. "Por mais que a gente queira te enrolar em plástico-bolha, eu te conheço. Você é minha filha e, assim como eu, quer provar que todo mundo está errado." Sinto uma pontada de culpa. "Mas você precisa se proteger. Não coloque essa pressão sobre si mesma."

"Não estou." Só acordo gritando em alguns dias. Sem pressão nenhuma.

"Então estamos ansiosos para te ver de volta", diz meu pai.

Meu estômago embrulha. As expectativas aumentam e meu corpo não consegue funcionar, ou meu cérebro não me deixa, me preocupa. Tenho que confiar no meu corpo quando nem consigo olhar para ele. TEPT e ansiedade me perseguem — rótulo após rótulo. Não consigo ser eu mesma sem essas palavras me seguirem, como se isso fosse ajudar a outra pessoa a entender se sou demais ou palatável o suficiente.

De repente, minha mãe se anima. "Ah! Esqueci de te contar que encontrei o Justin ontem."

Minha colher para no meio do caminho para a boca. Uma bola dura de ansiedade cai direto no meu estômago. Há tantas maneiras de estragar uma visita, mas isso dizima meu humor.

Justin Petrov tem um poder de vodu sobre minha mãe. Mas não é culpa dela, porque eu nunca contei a eles sobre a rapidez com que ele me deixou. Eu ainda estava me recuperando da cirurgia quando ele já estava treinando com o treinador da Julia. Foi assim que a Lidia descobriu e me disse que

conhecia pessoas que poderiam fazê-lo desaparecer. Eu disse a ela que preferia continuar lendo sobre a Bratva do que entrar em negócios com eles. Então, nunca contei aos meus pais como o Justin me pegou de surpresa. Eu não poderia partir o coração deles também.

"Ele soube que você voltou para o gelo e quer ajudar. Eu sei que tem sido difícil para você com a mudança dele, mas todos nós sabemos como a patinação é implacável. Acho que você deveria ouvi-lo."

"Estou bem, mãe. Não preciso de ajuda", eu digo.

Meu pai lança um olhar para minha mãe. Claramente, eles conversaram sobre isso. Ele provavelmente tentou impedi-la. Nossa história a lembrou de como ela conheceu meu pai: ele mudou para duplas e precisava de uma parceira, e ela tinha acabado de se mudar para Connecticut. Era o destino, e eu pensei que Justin também fosse meu.

"Ela precisa de um parceiro. A coitada da Lídia está procurando dia e noite", diz ela ao meu pai. "Ele a conhece melhor do que ninguém. Seria tão fácil."

"Mila. Chega. Ela não precisa de uma lembrança daquela noite através dele. Deixe o passado no passado." Quero concordar, mas é constrangedor que eu não consiga nem ouvir o nome de Justin sem que meu cérebro pense que é uma bala.

"Preciso ir", interrompo, saindo do cantinho do café da manhã. "Tenho uma tarefa para entregar e não trouxe meu laptop."

Eles não me impedem enquanto me dirijo para a porta, suas vozes abafadas desaparecendo. Mesmo enquanto dirijo de volta para o campus, não consigo me livrar da sensação de que, não importa quantos passos eu dê para longe de Justin, ele sempre estará em algum lugar que eu não consigo alcançar, mas perto o suficiente para me assombrar.

NA MANHÃ SEGUINTE, acordo com a mensagem de Lidia me ordenando que faça um treinamento fora do gelo, já que ela está lotada de reuniões para encontrar um parceiro para me qualificar. Então, naturalmente, vou para o rinque, mas acontece que tenho um talento especial para encontros indesejados, porque Justin e Julia estão aqui.

O que você faz quando vê a pessoa que você despreza deslizando sem esforço no gelo, quando deveria estar enterrada sob ele?

É a primeira vez que os vejo patinar, e isso me corta o peito. Odeio notar as pequenas coisas. Como o fato de ele ser muito exigente com o gelo, mas agora está patinando no rinque irregular e cheio de cicatrizes com ela. Ou como ele removeu as iniciais que escrevemos nos tornozelos dos nossos patins. Pintei os meus com esmalte.

Ainda os estou observando quando um corpo se aglomera no espaço entre o corredor e as arquibancadas.

"Quem nós odiamos?"

Minha pele se arrepia com a consciência. "Ninguém", murmuro.

O ronco baixo de Dylan soa muito próximo de mim. "Ótimo. Não gosto que outra pessoa roube sua atenção."

Eu seguro os olhos e olho para ele. Ele está vestido casualmente, com um moletom e uma jaqueta de corrida que se molda aos contornos do seu corpo. "Você não está proibido de entrar no rinque?"

Dylan dá de ombros. "É sempre mais divertido quando é proibido."

Quase reviro os olhos de novo. "Tem pelo menos trinta pessoas aqui. Você acha que alguém vai dedurar?" No segundo em que as palavras saem da minha boca, um grupo de garotas saindo da arena acena para ele. Ninguém parece se importar que ele esteja quebrando as regras.

Seu olhar cai para os meus lábios. "Por quê? Você quer algo em troca do seu segredo?"

"É, uma ordem de restrição."

"Você é quem aparece em todos os lugares que eu estou, Romanova. Se me quiser, é só dizer. Podemos acabar com essa coisa de gato e rato."

"Eu deveria ser o rato nessa analogia?"

"Definitivamente o gato. Mas é assim que eu gosto. Com garras e tudo." Ele pisca. Ele pisca para mim de verdade.

"Você..."

"Você está indo muito bem, Jules. Confie em mim, nós vamos chegar lá." A voz de Justin ecoa pelo corredor. Não penso, apenas agarro a frente do paletó de Dylan e o puxo para baixo da arquibancada. Ele tropeça atrás de mim, ficando peito a peito naquele espaço apertado.

"Não sei se ainda estou com vontade. Você foi meio malvado."

"Shh!" Cubro a boca dele com a palma da mão.

"Não posso. Gosto de barulho." Suas palavras são abafadas, mas consigo sentir seu maldito sorriso irônico. Tão perto dele, cercada pelo cheiro inebriante de suas roupas limpas, estou um pouco tonta. Ele é tão grande e

sem remorso enquanto ocupa espaço, me apertando por inteiro, forçando meu peito a roçar no dele a cada inspiração trêmula. Meu coração dispara enquanto o dele permanece firme, provavelmente porque estar pressionado contra uma garota em um espaço apertado e escuro não é novidade para ele.

"Não se preocupe. Nós resolvemos isso. Você tem aceitado o que eu te dei, certo?" A voz de Justin se perde, e eu o vejo acariciando as costas de Julia. Ele nunca falou tão suavemente comigo. Isso só me faz lembrar da noite em seu quarto de hotel. Quando eu achava que finalmente era o suficiente.

Eu me assusto quando Dylan roça o polegar no canto do meu olho e ele se afasta com uma lágrima. Tiro a palma da mão da sua boca, sentindo a mortificação tomar conta dos meus ossos. Suas sobrancelhas se franzem e, quando ele olha para onde Justin acabou de sair, é como se estivesse montando um quebra-cabeça. Espero por isso, pena ou compaixão, mas Dylan não me olha assim. Ele parece curioso.

Quase tropeço em seus pés na pressa de sair. "Você deveria ir embora antes que alguém te pegue", digo.

Ele parece reconhecer meu desvio pelo que é. "Não consegue guardar um segredo, princesa?"

Meu peito apertado não está se esvaziando. "Me chame de princesa de novo e você descobrirá." Giro nos meus patins, indo direto para o banheiro enquanto as proteções dos meus patins estalam contra o chão. Bastam algumas afirmações murmuradas, um exercício de respiração e o propranolol que tomei mais cedo para evitar um ataque de pânico.

Mas quando finalmente volto para fora, alguém já está patinando. No meu gelo.

Ao ver a aterrissagem perfeita, o giro rápido e mais uma série de movimentos avançados, fico boquiaberta. Durante os três minutos inteiros de sua rotina, não consigo acreditar no que vejo.

Dylan Donovan está patinando no gelo. Tipo, muito, muito bem. Que diabos?

"O que ele não sabe fazer?", pergunta um dos retardatários da pista de patinação pública ao passar.

"Não sei, mas espero ser a próxima." As amigas dela riem ao saírem da arena.

Ok, muita gente consegue entrar no gelo e dar alguns giros, mas ele não está só girando. Ele fez um Lutz e um Axel. Isso também, sem esforço. Me

dá um certo nojo.

Dylan Donovan é um patinador fenomenal.

Eu nunca diria isso em voz alta. De jeito nenhum eu inflaria o ego dele. Ele está concentrado enquanto se prepara para dar mais um giro. A resposta imediata do meu corpo parece perigosa e totalmente indesejada. Meus ouvidos vibram com uma pulsação que faz meu sangue descer. Não.

"Seu jogo de pés é desleixado", provoco da lateral do campo quando não consigo engolir a amargura na minha língua. "E aquela tripla parecia muito com uma dupla."

Certo, agora pareço estar com ciúmes.

Você está.

Quando ele se vira, eu me arrasto para o gelo e calço as luvas que terminei de tricotar ontem à noite.

"Você ainda está aqui." Ele pisca para mim, encarando meus olhos avermelhados com uma expressão terrível.

"Você acha mesmo que eu abriria mão do gelo de graça para você poder manchá-lo com seus truques de pônei de exposição?" Não eram truques quaisquer. Eu sei disso. Ele sabe que eu sei disso.

Quando ele desliza para a frente, mantenho o foco em escolher uma música no meu celular. Mas então Dylan chega tão perto, que fica mais alto que eu. Ele abre o zíper da jaqueta, e o som metálico e lento rompe o silêncio.

"Ciúmes ficam bem em você, Sierra. Mas talvez você devesse canalizar um pouco dessa raiva para um salto." Ele se inclina. "Ou, sabe, eu poderia te dar uma aula particular."

Ele ainda está muito perto quando tira a jaqueta e a joga nas tábuas. Hartford Whalers está escrito em sua camiseta curta e puída, que gruda no peito e revela os músculos lisos em forma de V que desaparecem em suas calças de corrida.

Engulo em seco. "Não acho que vou me beneficiar das aulas de um cara que ainda usa os produtos do time de hóquei do colégio. Foi lá que você aprendeu a patinar daquele jeito?"

Ele me olha como se eu tivesse perdido algumas células cerebrais. "Bem, tem um esporte chamado hóquei que eu pratico desde criança."

"Você era patinador artístico. Hóquei não ensina isso."

"Impressionado?"

"Indiferente."

"Com inveja", ele decide com um sorriso satisfeito.

Há um limite para a paciência no mundo, e eu não a possuo. Deslizo por ele, tentando não me concentrar no barulho de um patim que me segue.

"Competi em duplas com minha irmã por alguns anos", ele revela. "Mas depois voltei para o hóquei."

Isso me faz parar. "Por quê?"

"Consegui mais garotas." Ele observa cada uma das minhas reações como se as estivesse estudando. "E você? Ou você só diz que é patinadora para poder entrar na arena e observar as pessoas de trás das arquibancadas?"

Percebo então que esta pode ser a primeira conversa de verdade que temos. Mesmo que ele só tenha me feito passar por perseguidora. "Meus pais eram patinadores artísticos profissionais. Eu praticamente nasci para isso."

"Você queria?"

A pergunta soa estranhamente invasiva, e eu me debato com o fato de que ninguém nunca me perguntou isso. Acho que ninguém nunca se importou em saber se eu queria dedicar minha vida ao gelo. Há uma onda de algo que me dá um aperto no estômago, mas concordo, porque sempre quis patinar. Só agora me pergunto se consigo.

Eu me afasto dele para me aquecer com alguns walleys. Mas é difícil me concentrar quando ele está exibindo suas habilidades como um pavão.

Deve ser o competidor feroz em mim, porque vê-lo fazer movimentos que eu fazia com facilidade me desafia ainda mais. Por algum milagre, acerto meu primeiro duplo e grito de surpresa. Puta merda.

Na patinação, é bom terminar com uma nota alta. Mas eu sempre me esforço até não aguentar mais. "Back to Black", da Amy Winehouse, toca no meu celular. Começo a coreografia que fiz para um torneio de convite da Fire & Ice quando eu estava na categoria individual. "'Sombrio, temperamental e arte no gelo'", eles chamavam, e mesmo agora eu me transformo em outra pessoa. Uma versão mais desleixada, mas outra pessoa.

Eu me impulsiono para um giro no centro do gelo, caindo para um giro sentado enquanto a queimação de três axels consecutivos — nada ruins — persiste nas minhas pernas. Minha respiração está irregular, mas há um brilho no meu peito. Orgulho, talvez. Aperto os lábios, recusando-me a deixá-lo sair. Aquilo não foi impressionante.

"Impressionante", diz Dylan e então aplica outro Lutz. Maldito exibido.

"Você provavelmente deveria melhorar isso. Ainda desleixado", provoco.

Quando ele sorri dessa vez, é arrogante pra caramba. "Acha que consegue me acompanhar, vaga-lume?"

Levanto uma sobrancelha com o apelido. "Você está tentando me incitar a patinar com você? Eu não sou tão fácil assim."

"Ah, eu sei, mas eu sempre gostei de desafios."

"Não vou ceder a nenhum fetiche que você esteja tentando satisfazer."

Ele sorri, inclinando-se levemente. "Você com essa meia-calça já está me fazendo muito bem."

Quando me afasto, ele me segue. Ficamos cara a cara enquanto ele desliza para a frente enquanto eu deslizo para trás. "Essa coisa de cachorrinho funciona para você ou você está tentando algo novo?"

"Experimentando algo novo", ele responde.

"Donovan!", alguém grita antes que eu consiga dizer mais alguma coisa.

Olho para a lateral do campo, onde nosso diretor esportivo está com uma expressão irritada. Dylan xinga baixinho.

"Sem patinação fora do horário comercial, Srta. Romanova. Mas vou deixar passar dessa vez, já que é uma nova regra", ele avisa.

"Desculpe", digo timidamente, deslizando para fora do gelo enquanto Dylan relutantemente se dirige a Alan Reed.

Não consigo ouvir o que estão dizendo, mas a tensão está alta. Eles discutem, e então a expressão de Dylan fica completamente inexpressiva antes de ele passar pelo portão. Com um olhar satisfeito, nosso diretor esportivo o segue para fora.

Pela primeira vez, sinto pena dele de verdade. Sei como é não estar no gelo. É pura tortura quando você cresceu amando, e ter seu corpo te impedindo, ou ouvir que você não pode, é ainda pior.

NOVE

DYLAN

QUANTA MAIS merda eu teria se jogasse ovos no carro do diretor esportivo?

O valentão estava patrulhando o rinque, então, quando me viu lá dentro, estava parado perto das tábuas com aquele porrete no rabo. Normalmente, é o Kilner quem faz cumprir as regras, mas quando me viu passar pela sala dele, não disse nada. Não sei se ele estava me dando uma desculpa ou se estava chateado porque o fiz trabalhar horas extras para resolver a suspensão.

A outra coisa que não consigo tirar da cabeça é a Sierra. Qualquer outro cenário, e estaríamos no banco de trás do meu carro em cinco segundos. Mas ela me olha como se me quisesse morta. É meio foda o quanto isso me excita. Ela é teimosa pra caramba e cheia de atitude, mas então, debaixo das arquibancadas, seus olhos esmeralda se abriram, e lá estava, uma única lágrima. Ela estava olhando para um casal, patinadores também, e a expressão em seu rosto quase me fez ir atrás do cara para ver por que aquela garota aparentemente fria estava chorando por ele.

Eu a vi patinando. Era diferente da primeira vez que a vi no gelo. Seu cabelo estava penteado para trás, suas roupas justas, exceto pela saia esvoaçante, e ela estava mais rápida do que nunca. A lâmina de Sierra cravou no gelo, afiada, cruel. Ela não acertou o triplo Lutz que tentou, mas conseguiu um axel raso. A dor ainda parecia persistir em seus olhos avermelhados, mas ela estava determinada, vingativa e um pouco assustadora. Era um calor do caralho.

De repente, um pedaço de metal duro de um pedaço de chave me atinge em cheio no abdômen. Ainda estou dolorida da academia, porque ser

expulsa do rinque em apenas vinte minutos não foi cardio suficiente. Kian aparece e fica em frente à TV depois de me agredir com as chaves do carro.

Eu estava assistindo a um programa que Summer recomendou. Não é um drama turco, felizmente, senão ela me faria traduzir tudo. Aparentemente, sou uma péssima amiga por não contar a ela que minha mãe é turca, ou que eu também falo turco. Agora, sempre que passo por ali enquanto está passando, sou obrigada a verificar se as legendas estão corretas. O fato de Aiden estar em uma videochamada não ajuda, porque ele espera que eu traduza cada palavra para Summer. Um episódio tem três horas de duração.

Jogo as chaves de volta para Kian.

"Tudo bem, eu dirijo, mas prepare-se, vamos buscar o Cap", diz ele.

Droga. Quase me esqueci que o Aiden vai voltar para casa para descansar até que a distensão na panturrilha esteja totalmente curada para jogar na temporada regular. "Achei que a Summer fosse com você."

Não é que a chegada do Aiden não seja emocionante, mas sei que ele vai me vigiar como um falcão. Espero que ele esteja distraído o suficiente para esquecer minha onda de festas irresponsáveis no semestre passado. E neste verão. E na semana passada.

"Ela está, mas eu não quero ficar na roda de um casal que não se vê há mais de um mês."

"Se você tiver sorte, eles provavelmente vão brigar o caminho todo para casa."

Kian geme. "Isso é pior; é como preliminares para eles. Você vem." Ele sai até a varanda para cobrir nossa surpresa para o Aiden com um lençol branco. Tínhamos esquecido completamente, mas então apareceu em um caminhão de entrega na semana passada.

Lá fora, o som da buzina enche a rua vazia. Summer está sentada no banco do passageiro, estendendo a mão para apertar a buzina como uma louca.

"Nossa, eu estava sendo atenciosa e levando um lanche para o seu namorado." Kian entra no banco do motorista e joga a caixa no colo de Summer.

"Eu não acho que uma caixa de..." Ela segura a sacola entre os dedos para inspecioná-la. "Ele está com vontade de comer Twinkies com Creme Duplo agora."

Kian a arranca da mão dela e murmura algo sobre conhecer seu melhor amigo. Quando ele finalmente arranca e estamos indo para a rodovia, não

consigo deixar de olhar para a arena enquanto passamos. O medo se instala em algum lugar no fundo do meu estômago, e quase sinto que nunca mais vou jogar hóquei naquele rinque.

"Você está bem aí atrás?" Summer abaixa o volume do rádio.

Eu aceno, mas isso não ajuda em nada a desfazer a ruga entre suas sobrancelhas. Meu olhar vagueia pela janela, mas não percebo o olhar que Kian está me lançando pelo retrovisor.

De repente, estou desesperada para sair desse estado de espírito. Pego meu celular e mando uma mensagem para o Sampson sem pensar duas vezes.

Dylan: Festa hoje à noite? Sampson: Yale. Mas você sabe como são essas coisas. Nunca é uma boa ideia. Sampson: Além disso, o Aiden não voltou hoje à noite? Dylan: Não importa. Quando vamos embora? Sampson: Te pego em uma hora.

Normalmente, eu nunca pisaria no campus de Yale, mas esta semana Dalton está passando por um período de seca com festas. Pode ser porque todos os times da NCAA em Dalton passaram por testes antidoping surpresa.

Dez minutos depois, Kian entra no desembarque do aeroporto. Guardo meu celular no bolso enquanto Summer e Kian discutem sobre onde estacionar. Sigo o olhar deles até Aiden Crawford caminhando em direção ao carro. Kian é o primeiro a reagir. Ele estaciona onde definitivamente não deveríamos estacionar e sai correndo do carro. Ele envolve Aiden em seus braços e o aperta com força. Sigo Summer, que não se lembra de que existe mais nada além do namorado. Ela demora para se aproximar dele, então empurro Kian para longe e dou um abraço rápido em Aiden.

"Não sei por que ele está agindo assim. Nós te vimos há alguns meses", digo.

"Dois meses atrás, seu babaca. Já faz oito semanas", responde Kian.

Summer ainda está lá, e isso faz Aiden sorrir. "O que você está esperando, Preston?", ele pergunta, largando a bolsa no chão ao lado dele.

Isso é tudo o que ela precisa para pular direto nos braços dele. Kian os observa com admiração, e eu reviro os olhos enquanto pego a bolsa de Aiden e a jogo no porta-malas. Relacionamentos nunca foram minha praia, mas ver meu melhor amigo olhando para ela daquele jeito, com um carinho

suave nos olhos, me apunhala no peito como um dardo no alvo. Mas não deixo isso persistir. Em vez disso, esmago o sentimento com a mesma rapidez.

Desta vez, sento no banco da frente e, quando estamos partindo novamente, Kian joga a caixa de Twinkies para Aiden, que geme em agradecimento e a rasga imediatamente.

Kian está sorrindo para Summer pelo retrovisor.

No resto do caminho para casa, fico esperando a reprimenda que tenho certeza que vai me aguardar. Mas, se eu tiver sorte, estarei na metade do caminho para Yale antes que Aiden tenha a chance de me encurralar.

Sebastian e Cole saem de seus quartos para cumprimentar Aiden quando chegamos em casa.

"Temos uma surpresa para você", Kian deixa escapar.

Aiden nos lança um olhar desconfiado e depois olha para Summer em busca de uma explicação. Ela apenas dá de ombros. Já era difícil fazer Kian não contar tudo, considerando o quanto ele chama Aiden de "siga-nos".

"Sigam-nos", diz Kian, praticamente pulando no lugar enquanto nos conduz pela sala de estar direto para a porta de correr que se abre para a varanda dos fundos. "Fechem os olhos."

"De jeito nenhum", diz Aiden.

"Vamos lá, faça logo. Vai ser divertido, confie em mim."

"Eu nunca confiaria em você com esse sorriso sinistro no rosto, Ishida."

Summer dá uma cotovelada em Aiden. "Quanto mais cedo você fizer isso, mais cedo poderá dar um soco nele pelo que ele está prestes a te mostrar." Agora é a vez de Summer sorrir, e Kian revira os olhos.

Aiden obedece com um gemido. "Se for algo nojento, juro que vou..."

"Abra!"

O rosto de Aiden fica inexpressivo enquanto ele encara a banheira de hidromassagem gigante à sua frente na varanda. É enorme, provavelmente grande o suficiente para oito pessoas se sentarem confortavelmente. Tivemos que fazer uma planilha detalhada para ver se os benefícios superariam os custos. Nossa tentativa de sermos responsáveis durou apenas alguns minutos antes de decidirmos que precisávamos dela.

Aiden pisca rapidamente, e eu seguro o riso enquanto Cole registra sua reação de uma distância segura.

"O que estou olhando?", ele pergunta lentamente.

"Uma banheira de hidromassagem. Ganhamos na competição de bebidas Slink. Conseguimos que todas as irmandades e a fraternidade do Dylan se inscrevessem e nos ajudassem a ganhar com a promessa de que poderiam usá-la. Muito legal, né?"

"Ok, mas por que diabos está meu rosto nela?"

A banheira de hidromassagem é ainda melhor pessoalmente do que parecia no site. É enorme, preta e adornada com o antigo anúncio do Slink do Aiden. Seu sorriso falso de calouro e o energético açucarado que segura casualmente na mão estão espalhados por toda a circunferência.

"Uma banheira de hidromassagem comunitária?", pergunta Summer, com desgosto. "Achei que fosse para a casa."

"Kian prometeu às pessoas que elas poderiam usá-la. Ele mesmo vai desinfetá-la", digo.

"Sim, sim, capitão", brinca Kian, em tom brincalhão, mas a piada cai por terra quando todos os olhares se voltam para mim. "Quer dizer... não mais. Deixa pra lá, eu..."

"Querida, vamos lá para cima. Você precisa descansar", Summer desvia o assunto suavemente, interrompendo Kian.

Aiden nos observa enquanto Summer o puxa. "Precisamos conversar", ele me diz.

"Mal posso esperar", murmuro. Meu celular vibra na minha mão, mas antes que eu possa olhar para a tela, uma buzina ecoa lá fora. Sampson está aqui. Graças a Deus.

No segundo em que chegamos a Yale, percebo que superestimei minha inclinação para festas. Os caras de Yale trazem bebidas e oferecem maconha como se eu não tivesse acabado de ser reprovada no teste de drogas. Passo o resto da noite no sofá bebendo um único Modelo que não termino. É isso que me torna a azarada motorista designada. Deixo estudantes universitários irritantemente bêbados na casa deles e me pergunto por que diabos achei que vir aqui seria uma boa ideia.

Quando finalmente chego em casa, tomo um banho rápido. Ao sair, acidentalmente toco a mensagem de voz que aparece no meu celular como uma notificação.

“Seu pai quer se desculpar pelo comportamento dele. Eu também quero me desculpar, kuzum. Eu nunca deveria ter te contado sobre a festa pelo telefone. Por favor, volte para casa neste fim de semana, farei seus favoritos __”

De repente, a porta do meu quarto se abre e eu termino a mensagem de voz, a voz da minha mãe ainda ecoando em meus ouvidos. Pego a toalha na beira da cama e a enrolo na cintura.

Você pensaria que, depois de quatro anos morando juntos, os caras aprenderiam a bater antes de entrar no meu quarto. No entanto, quando Aiden entra, não espero nada menos. Ele já entrou em situações muito piores do que eu de toalha, mas quando me encontra sozinha, ele suspira.

Por que ele está acordado? Pensei que poderia adiar isso até amanhã, pelo menos. Da última vez que conversamos, ele me perguntou se estava tudo bem e se eu deveria dizer a ele se não estivesse. Eu não podia dizer a ele naquele momento; não queria aumentar tudo o que ele já estava fazendo.

Aiden se encosta na minha mesa, tamborilando os dedos na madeira como se estivesse se segurando para não me dar uma bronca. Ele nem disse uma palavra e já me fez questionar tudo.

"Eu conversei com o Kilner."

Sento-me na beira da cama, olhando para tudo, menos para o meu melhor amigo. "Sobre o quê?"

"Eu sei que você não me contou por que fumou naquela noite", diz ele. "E não sei se algum dia vai contar, mas ainda acredito que você não faria isso de propósito. Principalmente com tudo em jogo."

Conte a ele. As palavras me agarram a garganta para sair e libertar meu peito do peso que me arrasta para baixo há anos. Como meus pais não conseguem aceitar que nossa família nunca mais será a mesma, como meu pai arruinou o casamento deles e a renovação dos votos deles é uma farsa. Fumar ajudou a aliviar toda essa merda. Por uns dez segundos.

Quando não consigo falar, Aiden assente para si mesmo. "O Kilner está falando com o Reed para te readmitir. Não vai ser fácil, mas eu também falei com o Reitor Hutchins."

"Você falou?"

A expressão do Aiden me diz que ele já superou a minha situação, mas por algum motivo ele ainda está disposto a me aguentar. "Você não merece ser rejeitado por causa de uma primeira infração. Não vou impedir o reitor de saber quantas pessoas acreditam em você."

As palavras dele causam um impacto estranho no meu peito. "Você faria isso por mim?"

"Não", diz Aiden. "Eu faço pela sua outra versão. Porque ele é meu melhor amigo."

DEZ

SIERRA

"EI, RAINHA DO GELO", diz Justin.

Eu deveria saber que este dia ia ser uma merda quando, sem querer, vesti meu blusão do Time EUA esta manhã. Meu ritmo acelera, mas Justin me alcança. O cabelo dele está arrumado, e ele está de jeans e moletom. Ficar assim, com as bochechas rosadas e o sorriso de garoto da porta ao lado, me dá uma sensação estranhamente nostálgica. Como as vezes em que ele me alcançava do lado de fora do rinque antes do treino.

"Você estava na festa na outra noite." Sua boca se curva em um sorriso. "Que bom que você está voltando, Si. Você merece."

Seja uma pessoa melhor, Sierra. "Obrigada, Justin."

O silêncio não é apenas a ausência de som. É algo vivo, inchado pelo peso de soluços silenciosos abafados em travesseiros encharcados de lágrimas e palavras que ecoam na minha mente há meses.

"Eu estava ensaiando o que diria se te visse de novo", diz ele. "Mas agora que você está aqui, nada do que pratiquei parece bom o suficiente."

Apenas peça desculpas.

Eu tinha me convencido de que não precisava daquelas palavras. Porque como eu poderia ficar com raiva dele por ter se escolhido? Por que eu esperava que ele estragasse a própria vida só porque a minha estava arruinada? Eu não tinha o direito de pensar que ele ficaria e acreditaria que eu poderia me curar, quando eu não conseguia.

Justin me observa com olhos que antes me mantinham firme, mas agora trazem à tona minha raiva como um farol.

"Sierra, eu não tive escolha." Essas palavras são levadas pelo vento por serem tão inúteis. Como se eu tivesse escolha — como se o gelo

implacável, sólido sob meu corpo enquanto meus ossos se liquefaziam sob a pele, tivesse pedido minha permissão. Nada esteve sob meu controle desde aquela queda, nem esta vida fragmentada, nem a raiva, nem mesmo a forma como meu peito aperta sempre que vejo meus patins.

"Não preciso de explicações suas, Justin. Éramos apenas parceiros", digo, com a voz vazia de emoção enquanto a mentira flutua entre nós.

Ele me olha como se eu tivesse batido nele, e então sei que ele se lembra daquele dia. Horas antes da nossa última patinação, ele entrou no meu quarto de hotel e disse que precisava confessar seus sentimentos por mim. Ele me beijou então, e embora eu não o tenha beijado imediatamente, relaxei. Finalmente, depois de quatro anos, eu consegui, eu o fiz feliz. Ele me disse que só existia eu para ele, que depois que ganhássemos aquilo, ele queria comemorar comigo.

"Só parceiros?" Ele repete, parecendo magoado, como se não tivesse imaginado que eu me tornaria essa versão de mim mesma, tão fria e cruel. "Como você pôde dizer isso? Você nunca foi assim, Sierra. Achei que você já tivesse superado isso."

Paro tão abruptamente que ele só percebe que parei alguns passos à minha frente. "Por causa do quê?"

Suas sobrancelhas se franzem. "Hã?"

"Por causa. Do quê?", repito. "Por causa do quê, Justin?"

Nunca falei com ele assim. Em todos os anos em que fomos parceiros, ele dava as ordens e eu o seguia cegamente. Mas, depois do acidente, algo duro rasgou meu peito e se instalou ali. Deixei que isso tomasse conta, porque eu escolheria a raiva em vez das lágrimas a qualquer momento.

"Você sabe o que quero dizer. Já faz um ano, Sierra. Ver você agindo como se não fôssemos nada dói." Sua voz falha e suas sobrancelhas se curvam para cima em pequenas apóstrofes tristes, e talvez um ano atrás isso teria funcionado comigo. Mas agora me dá vontade de arrancar as sobrancelhas dele.

Depois de todo esse tempo, ele nem uma vez considerou que eu estava dez vezes mais magoada do que ele estaria com o meu silêncio. Foi ele quem tomou a decisão de me deixar e encontrar uma nova parceira. O sonho dele de ganhar o ouro era muito maior do que tudo o que criamos nos últimos quatro anos. Era tudo mentira.

Não há mais ninguém para mim, rainha do gelo.

"Acho que você está esquecendo que me deixou, Justin. Eu nunca teria feito isso com você."

Seu olhar brilha antes de suavizar, como acontece quando ele sabe que está errado, mas ainda não admite. "Sinto falta de patinar com você."

"Você está com a Julia", eu o lembro. Não tem como ele estar falando sério.

"Por enquanto." O olhar que ele me lança faz minhas orelhas arderem. "Só lembre que estou aqui para você, Sierra. Sempre."

Quero estampar a palavra "mentiroso" na testa dele. Onde você estava quando eu chorei no meu quarto de hospital até minha garganta doer? Onde você estava quando eu queria que tudo acabasse? Onde. Você. Estava?

Prendo esses pensamentos gritantes atrás da minha expressão calma, dando a ele apenas o que eu quero que ele veja. Porque mesmo enquanto me agarro aos fragmentos do meu passado, recuso-me a dar-lhe crédito por me destruir.

Então, aceno com a cabeça, entro na arena e calço meus patins para mais um treino solo. Mas eu deveria ter percebido que isso aconteceria no momento em que pisei na pista. De novo, não.

"Cento, noventa e sete, noventa e quatro, noventa e um..." Começo a contar. Meus dedos formigam, uma dormência se instalando enquanto minha linha de pensamento descarrila. Minha respiração falha e outro peso pressiona meu peito, me sufocando. "Merda", sussurro, as palavras mal escapando dos meus lábios. Com as mãos trêmulas, vou pegar meu celular — o que deixei no banco. "Não, não, não."

Eu tinha ficado um pouco convencido e decidido pular a pílula. Me enganei pensando que não precisava da muleta.

Hoje, a pista está deserta, pois ainda há tempo antes do início dos treinos, e estou com medo de quanto tempo essa dor vai durar. Aperto desesperadamente o tecido do meu zíper e o afasto do peito, segurando-o ali para respirar antes de desmaiar. O suor forma gotas na minha testa e cobre cada centímetro da minha pele como se eu estivesse no meio de um inferno.

É quando fecho os olhos e tento me concentrar em algo — qualquer coisa — que ouço o rangido do portão e um arranhão de gelo sob os sapatos antes que mãos quentes toquem meu rosto.

"Ei. Ei, o que houve?"

Dylan.

Meu rosto deve estar pálido, suado e contorcido. E o maldito Dylan Donovan é quem vai me encontrar assim. Se eu pudesse abrir um buraco neste gelo e cair, eu cairia.

"Respire. Fale comigo, Sierra", diz ele. Tão gentilmente, tão cuidadosamente, como se achasse que eu vou me estilhaçar.

Minha pele fica mais quente, e o constrangimento se agarra a mim como o suor encharcando minha pele. Poderia ter sido qualquer um, qualquer um menos ele. Por que ele está aqui?

Durante meses, consegui lidar com meus ataques de pânico sozinha — exceto por Scarlett, que viu mais do que eu jamais quis que ela visse. Sempre foi em lugares que parecem grandes e depois encolhem. Como meu dormitório, onde as paredes quase me pressionam enquanto me lembro de que não estou morrendo. Ou aquela vez em que eu estava em um banco de parque, tricotando, quando o pânico apertou tanto minhas costelas que quase enfiei a agulha no peito, desesperada por algo afiado o suficiente para forçar meus pulmões a se abrirem.

"Sierra", ele chama novamente.

"Eu... eu..." As palavras se perdem em um acesso de respiração ofegante e lágrimas que ardem em meus olhos quando os abro com força. Isso não pode estar acontecendo agora. Hiperventilar é uma coisa, chorar é muito pior.

"Está tudo bem. Você não precisa dizer nada. Apenas continue respirando." Seus olhos castanhos estão tão suaves como eu nunca os vi. Quase me distraem.

Dylan observa o rinque vazio e, quando ele está prestes a se mover, aperto seu pulso com mais força. Se eu estivesse no meu corpo, ficaria mortificada com o quão frenética fiquei, mas de alguma forma Dylan entende as palavras não ditas; suas mãos permanecem firmes no meu rosto. Exatamente onde eu preciso que elas estejam.

Mesmo com seu toque, meus pensamentos me perfuram como cacos de vidro. Você deveria ter ficado em casa. Todos estavam certos. Você está fraco agora.

Quando as mãos de Dylan se movem para meus ombros, eu me assusto, mas ele não me solta. Deslizamos até as tábuas. Tenho certeza de que ele está se arrependendo de ter vindo aqui. Tenho certeza de que ele tem coisas melhores para fazer, como garotas de quem ele realmente gosta.

É uma onda, vai passar. Temporária.

Repito as palavras do Dr. Toor repetidamente. Assim que chegamos ao portão, um soluço irregular sai do meu peito. Meu equilíbrio vacila e eu tropeço na borda do rinque. Nem um segundo depois, o braço de Dylan me segura pela cintura e me puxa de volta para seu peito.

É então que desisto e abaixo meu peso, levando Dylan comigo. Meu cóccix bate no piso de borracha com um baque surdo, e Dylan cai atrás de mim com um grunhido. O gancho de metal do portão deve estar cravando em suas costas, mas ele ainda não me solta. Não me deixa sentir a ausência do seu toque. Em vez disso, ele me puxa para perto, suas pernas envolvendo as minhas em um casulo protetor. Então ele me puxa para perto, de modo que minhas costas descansem contra seu peito.

"Concentre-se em como meu peito se move. Combine minha respiração, Sierra." Sua voz profunda me ancora como a gravidade.

Quando seus braços envolvem meus ombros, eu me permito segurar seus antebraços cheios de veias e me afundo mais nele. Ele inala uma respiração exagerada, e eu a sigo, prendendo a respiração por quatro batidas enquanto ele faz isso, e então expira. Posso sentir seu coração batendo contra meu peito e, a cada respiração, inconscientemente tento sincronizar nossos batimentos cardíacos.

"É isso. Simples assim", ele sussurra no meu ouvido. "Você está indo tão bem." Seu hálito quente cai como um cobertor sobre minha pele. "Você pode abrir os olhos e me dizer cinco coisas que vê?"

Sua voz é melódica e força minhas pálpebras pesadas a se abrirem novamente. Ele está aplicando uma das técnicas de aterramento que aprendi na terapia. Há um pensamento fugaz em algum lugar da minha mente caótica que se pergunta como ele sabe disso.

"A estante de troféus, sua bolsa de equipamentos", digo, sem fôlego. A bolsa azul-escura com o logotipo da Dalton e o número vinte está esquecida no chão perto das arquibancadas, como se ele não tivesse pensado, apenas corrido. "As arquibancadas, uma lata de refrigerante vazia, seus sapatos", digo um pouco mais rápido agora.

"Boa menina", ele sussurra, fazendo-me arrepiar. "Agora, que tal quatro coisas que você sente?"

Não escuto a voz na minha cabeça tentando me puxar de volta, escuto Dylan. "Os tapetes de borracha, minha tornozeleira", digo, sentindo-a pressionando meu tornozelo dentro dos patins. "Seus braços e... seus batimentos cardíacos."

Também sinto o suor encharcando meu corpo, mas guardo isso para mim.

"Três coisas que você ouve?"

"O zumbido das luzes." Concentro-me em encontrar outra coisa, mas a única coisa que quero ouvir é a voz dele. "Sua voz e... eu... eu não consigo ouvir mais nada", digo, e Dylan ri baixinho. Desta vez, os arrepios que me percorrem a pele são resultado da proximidade dele e não do ataque de pânico.

"Tudo bem. Me diga qual é o seu cheiro."

"Seu", digo rápido demais.

Sinto o sorriso dele contra a minha têmpora. Estamos tão perto, e tudo no meu cérebro e corpo se concentra nesse detalhe. As outras sensações fluem do meu corpo para acolher o que quer que seja isso. Algo familiar, mas tão estranho. A escuridão no meu peito diminui quanto mais tempo fico no momento, bem aqui no chão úmido, com ele. Mas ainda é ele, e não fazemos isso.

"Acho que estou bem agora", digo. O silêncio é quase sufocante enquanto afundo de volta em mim mesma. Ninguém quer ficar presa consertando algo que não quebrou. Principalmente um jogador de hóquei de primeira linha. Dylan não está aqui para passar o dia envolvido com a minha ansiedade. Mal consigo fazer isso.

Mas quando tento me mexer, ele me segura com mais força. Odeio o quanto meu corpo gosta disso.

"Ainda temos mais uma. Diga uma coisa pela qual você se orgulha hoje."

A pergunta me pega de surpresa. Viro-me para ele, mas ele apenas me observa com uma paciência silenciosa. "Tenho orgulho de... acordar na hora certa?"

Dylan me lança um olhar inexpressivo. "Não. Tenta de novo."

"Mas é disso que me orgulho", argumento.

"Essa é uma resposta evasiva. Seu despertador te acordou esta manhã. Tenta de novo."

Na verdade, foram os flashes horríveis das Olimpíadas, mas não digo isso a ele.

"Tudo bem", murmuro. "Tenho orgulho de..." As palavras param na minha língua, prolongando o silêncio por muito tempo.

Dylan zomba. Quando olho para ele, ele balança a cabeça. "Você é ridículo."

"O quê? Como?"

"Você não consegue citar uma coisa significativa?"

"Eu estava pensando!"

"Por dois minutos? Não deve demorar tanto." Ele se mexe, e tenho certeza de que os colchonetes são tão desconfortáveis para ele quanto para mim. "Sierra, estou orgulhosa de você por ter subido neste gelo hoje, mesmo nas madrugadas em que não deveria. E estou orgulhosa de você por ter aceitado minha ajuda."

Não consigo falar. Dylan deve ter sentido, porque, depois de examinar meu rosto atentamente, ele se inclina para a frente até que suas mãos estejam em meus patins. Eu me afasto bruscamente para evitar bater meu nariz em sua bochecha. Seus dedos longos desfazem os cadarços e ele tira o primeiro patim. E agora não sei se meu rosto está quente por causa do ataque de pânico ou das minhas meias camaleônicas verdes.

"Meias bonitas", ele sussurra.

"Dão sorte", eu defendo.

Ele cantarola, divertido, e aperta meu tornozelo antes de colocar meu pé no piso de borracha. Não consigo conter o suspiro de alívio imediato e me afundo nele enquanto ele tira o segundo patim, dando o mesmo aperto, observando a tornozeleira tilintar.

"Isso também serve para dar sorte?", pergunta Dylan, tocando o pequeno pingente.

"Antigamente. Meu antigo parceiro me deu", respondo.

Ele apenas acena com a cabeça e ficamos ali sentados por um minuto — ou talvez uma hora —, mas ainda parece curto demais quando ele se levanta e me puxa para cima. Viro-me para encará-lo, ainda aninhada em seus braços enquanto ele se eleva sobre mim. Tento ficar parada, não querendo forçá-lo a ficar comigo por mais tempo.

Estou orgulhosa de você por aceitar minha ajuda.

O olhar de Dylan desce para onde minha mão agarra o tecido do meu zíper. Seus dedos pairam perto do zíper, pedindo permissão. Concordo. Lentamente, ele o desliza para baixo e me ajuda a tirar o suéter, revelando a regata decotada por baixo.

"Obrigada." Sai sem fôlego.

Seus lábios se curvam. "Não sabia que essa palavra existia no seu vocabulário."

Reviro os olhos. "Cala a boca."

Desta vez, sua risada ecoa, quase me fazendo sorrir. "Lá está ela."

Quando vou bater em seu peito, ele segura meu pulso, com um aperto suave. A expressão de Dylan muda, o calor provocador substituído por algo mais pesado.

"Você vai ficar bem?", ele pergunta, em voz baixa.

Há algo tão vulnerável na pergunta que ela me atinge com força no peito. Tão forte que não consigo engolir o nó que se forma na minha garganta. Baixo o olhar porque é só uma questão de tempo até que eu veja aquele olhar em seus olhos. Que pena.

Ele nunca me olhou daquele jeito, e talvez seja por isso que, por mais que eu tenha me treinado para me encolher, nunca consigo fazer isso com ele. Eu me entrego às suas palavras todas as vezes. Então, agora, quando ele provavelmente está me olhando como todo mundo, sei que não vou conseguir lidar com isso.

Tento me conter, mas a aspereza me escapa. "Estou bem. Você não precisava fazer isso."

Três segundos de silêncio se passam, longos e constrangedores. Continuo sem olhar para ele.

"Você está falando sério? Parecia que você estava com dor."

Ainda estou. "Eu não sou sua responsabilidade, Dylan."

"Eu nunca disse que você era." Sua voz é baixa, com um tom que não consigo identificar. Então, vozes ecoando pela arena chamam nossa atenção, e Dylan dá um passo para trás. "Eu preciso ir."

Ele desaparece pelo corredor. Eu afundo de volta no chão, me sentindo um lixo. E desta vez, não é por causa do ataque de pânico.

ONZE

DYLAN

SUMMER PRESTON PODE ser a ceifadora disfarçada de estudante de psicologia esportiva.

"Não é tão ruim assim. Pare de reclamar", Summer repreende.

O "isso" a que ela se refere é a caminhada de 10 quilômetros no Metacomet para a qual ela me arrastou nesta manhã estranhamente fria de setembro, ao raiar do dia. Desde que descobriu sobre a suspensão, ela está determinada a me fazer fazer uma atividade todos os dias. Algo a ver com nunca me acomodar com a minha situação atual. Tem sido muito difícil não ser, já que a única coisa em que eu tinha talento escapou dos meus dedos por causa de uma decisão ruim. É exaustivo tentar conciliar meu novo estilo de vida e ter que prestar atenção nas aulas.

Ontem, a Summer me enganou e me fez entrar na caminhonete do Aiden, alegando que era uma emergência. Mas quando ela estacionou em frente ao Centro Aquático Dalton, me recusei a entrar. Ela teve que me arrastar pelas portas de vidro automáticas até uma aula de hidroginástica na qual nos matriculou. Ela deve achar que somos geriátricos pra caramba. As mulheres mais velhas ficaram muito gratas pela minha presença, mas, apesar do meu passado, a coisa de mãe — ou avó — dos Stifler não é muito a minha praia. Desde então, tenho evitado a Summer, mas ela invadiu meu quarto esta manhã com os olhos vendados e me fez fazer essa caminhada, se sentindo culpada. Ainda acho que ela vai me dar o troco por não ter contado que sou turca.

"Acho que você é sádica", digo.

"Fico lisonjeada", diz Summer, quase torcendo o tornozelo em uma pedra irregular antes que eu a segure. "Agora, pare de reclamar. Vou te levar para

o Lola's depois disso."

"Você não pode me subornar com comida, Sunny. Eu não sou o Kian", retruco.

"Eu sei que você não é. O Kian não reclama quando faz trilha comigo."

Eu rio. "Isso é porque o cara é incapaz de dizer não."

"Não tem nada a ver com o complexo de salvador dele. Ele gosta de atividades ao ar livre."

O único ponto positivo dessa trilha é que não estou de ressaca dessa vez. Mas nem os exercícios de respiração boca a boca e os alongamentos que fazemos são suficientes para me distrair da arena vazia.

Se eu não estou jogando, então o que diabos estou fazendo? O distintivo de "honra" de playboy universitário e festeiro perdeu o brilho bem rápido. Agora que não tenho hóquei, é como se uma cortina tivesse sido levantada. Não sou o Dylan, o ponta-esquerda que garante a diversão, sou o cara de quem sentem pena.

O que você faz quando perde a única coisa que sempre amou?

A resposta não é uma caminhada extenuante e uma vista decepcionante — pós-chuva, abafada e decepcionante, como seria de se esperar. Não há muito para ver em Hartford.

O silêncio da caminhada só me faz lembrar de ontem de manhã, quando fui ao rinque de patinação procurar o Kilner, mas vi a Sierra congelada e rígida, no centro do gelo. Ela estava tendo um ataque de pânico. Eu só sabia disso porque, no primeiro ano, quando o Kian descobriu que o pai dele tinha morrido, eu o encontrei no banheiro, ofegante. Quando o levei ao pronto-socorro, nos disseram que era um ataque de pânico e nos ensinaram técnicas de estabilização. Mas, embora o Kian precisasse de espaço para respirar quando teve o seu, a Sierra não queria me deixar ir.

"Vale a pena?", pergunto a Summer, que está ocupada tirando fotos da vista sem graça.

"Ver você assim sempre vale a pena." Ela tira uma foto minha e ri baixinho, e eu olho para trás, por cima da borda, pensando se devo pular para evitar mais uma hora de sofrimento.

Kilner: Meu escritório. Amanhã. Dylan: Você não pode me dizer do que se trata agora? Suspense me dá urticária. Kilner: Ótimo. Coceira a noite toda.

Já recebi essa mesma mensagem dele tantas vezes que estou pensando em bordá-las em um travesseiro. Quando voltamos da caminhada hoje de manhã, decidi que era hora de estudar. Agora estou sentada no Fishbowl — a área de estudo toda de vidro bem ao lado do pátio — tentando fazer exatamente isso, quando uma garota de cabelo rosa senta no braço da minha cadeira, me distraindo das minhas anotações sobre Capital de Risco e Private Equity.

"Achei que fosse você! Faz tempo."

Procuro na memória por cabelos rosa e o que parecem ser dois piercings nos mamilos pressionando a camiseta dela. Não faço sexo há muito tempo — bem, muito tempo para mim — e meu cérebro parece estar desacelerando. "Ei... Becca?"

O sorriso dela não vacila. "É a Carly."

"Certo", digo, recostando-me na cadeira.

"O time de futebol americano vai dar a festa da semana zero, você vem? Estarei lá com a minha namorada de Harvard."

Ah. Cabelo rosa. Piercings nos mamilos. Ménage à trois. Lembro-me muito bem daquela noite, e agora ela está me pedindo em casamento novamente, e o fato de eu hesitar um pouco me faz querer reavaliar toda a minha vida. Mas não fico com ninguém mais de uma vez. O risco de virar dependência é muito grande. Mantive essas regras bem claras e não mudo a baliza por ninguém.

"Vou ver se consigo", digo. Sampson me mandou uma mensagem sobre isso mais cedo, e eu não respondi.

"Se mudar de ideia, você sabe onde nos encontrar." Carly se inclina para me puxar para um abraço, pressionando os seios contra mim. "Vou levar corda."

"Donovan", chama aquela voz rouca em um tom entediado.

A garota de cabelo rosa se afasta, desviando de Sierra, que está parada de braços cruzados, com os olhos verdes fixos em mim. Ela nem olha para... qual era mesmo o nome dela? Estou realmente fora de mim.

O cabelo escuro de Sierra está preso em um grampo, com duas mechas soltas emoldurando seu rosto como uma auréola suave. Ela está com sua bolsa de skate rosa no braço e vestindo uma saia preta e um suéter de manga comprida.

Pisco inocentemente. "Eu?"

"Não torne isso mais difícil do que já é", murmura Sierra, com a voz tensa. Alguém ainda a pede para ficar quieta, e os lábios de Sierra se apertam. "Eu vim aqui para dizer..."

Outro pedido para ficar quieta a interrompe, sua tentativa de sussurrar é engolida pela irritação em sua voz. De repente, ela agarra meu pulso e me puxa para fora do sofá. Meu livro cai no chão, mas deixo que ela me arraste para onde quiser. É uma emoção que não sinto desde que ela gritou comigo naquela festa.

Sierra me puxa entre duas prateleiras abarrotadas de laptops carregando. Sem patins, lembro-me de como ela é muito mais baixa do que eu. Estamos tão perto que, se eu me inclinasse um centímetro, sentiria o leve aroma de gloss de cereja.

Seus olhos verdes estão arregalados, quase elétricos, e seu lábio inferior brilhante está preso entre os dentes, como se ela estivesse nervosa. Quase culpada.

"Claustrofobia é sua tara? É a segunda vez que você me arrasta para um lugar apertado."

"Olha, eu não estava com a cabeça no lugar ontem no gelo e fui dura quando você só tentou ajudar. Minha melhor amiga parece achar que eu poderia ter me machucado se não fosse por você. Então eu queria... me desculpar. Eu não deveria ter falado com você daquele jeito quando você estava sendo legal."

Droga, hoje está se configurando para ser muito melhor do que eu esperava. "Continue."

Ela pisca. "É isso. Eu só vim me desculpar por ter sido rude."

Eu balanço a cabeça. "Você é péssima nisso, Romanova. Mas falar é fácil. Eu te perdoo com uma condição."

"Sabe, agora que penso nisso, eu consigo conviver com essa pequena mancha na minha consciência." Ela tenta sair, mas eu bloqueio sua saída. O espaço mal cabe nos meus ombros.

"Não tenho nada de pequena. Isso vai ser uma grande mancha na sua consciência — alguns podem dizer enorme. Você não vai conseguir dormir sem ver esse rosto inocente." Faço beicinho.

Sierra transfere o peso do corpo de um pé para o outro, o olhar se voltando para o relógio na parede oposta. Depois que o treino de hóquei termina, há apenas uma quantidade limitada de gelo livre, então essa conversa está cortando seu tempo de patinação, mas ela ainda está lá.

"Tudo bem, o que você quer?", pergunta ela.

"Um beijo."

Ela recua bruscamente, quase batendo na prateleira, a boca abrindo e fechando enquanto procura as palavras certas.

Nossa, eu adoro isso. "Não se empolgue muito agora. Eu quis dizer na minha bochecha." Dou uma batidinha no meu rosto. "E tudo está perdoado."

Ela ri. "De jeito nenhum eu vou chegar perto do seu rosto."

"Por que não? Me disseram que é muito bonito."

"Então é assim que você conquista todas essas garotas. Falando sobre como seu rosto é bonito?"

Eu sorrio. "Eu nunca disse bonito. Isso era tudo que você fazia."

Ela suspira e olha ao redor novamente, com os ombros rígidos de incerteza ao entrar no meu espaço. Eu não me mexo e, após um momento de hesitação, ela se levanta na ponta dos pés, seus lábios roçando o canto da minha boca em um beijo rápido, quase assustado. Antes que eu possa reagir, ela dá um pulo para trás como se tivesse sido queimada.

"Na verdade, eu sinto..." Sua atenção se volta para um aluno que pega um livro de uma prateleira mais baixa.

"Não me peça desculpas, Sierra. Eu não preciso disso."

"Então para que foi aquele beijo?"

Dou de ombros. "Eu só gosto de ver você se contorcer."

"Idiota", ela murmura, saindo do espaço apertado.

"Pirralho", retruco.

Ela lança um olhar rápido por cima do ombro antes de desaparecer do Aquário. Com um sorriso ainda estampado no rosto, volto para minha cadeira, embora seja difícil estudar quando ainda sinto a pressão dos lábios dela na minha pele. Então, arrumo minhas coisas e vou para casa.

A ÚLTIMA COISA que espero ver ao passar pela porta da frente são todos os meus amigos sentados à mesa de jantar me esperando. A tensão no ar é densa, como se estivessem prendendo a respiração desde que entrei. Meu estômago se revira, um nó de pavor se formando ao perceber que algo está errado. Todos me olham, não com os sorrisos fáceis de sempre, mas com preocupação, até mesmo decepção, e isso me atinge como um soco.

Aiden está com Summer sentada em seu colo em uma cadeira, Kian está ao lado deles com seu laptop virado para mim, Eli e Sage estão usando aqueles tapa-olhos, parecendo tão sérios quanto sempre em uma chamada de vídeo, e Cole e Sebastian estão meio adormecidos, mas ainda presentes.

"Que diabos é isso? Uma intervenção?" Eu rio, mas soa vazio até para os meus próprios ouvidos. Vou até a cozinha, esperando que o movimento me distraia da tensão sufocante. Volto com um BioSteel, mas quando olho para cima, eles ainda estão lá, me observando. É como se eu estivesse em julgamento.

"Está sim", diz Summer baixinho, mas parece um tapa.

Antes que eu possa perguntar do que ela está falando, Aiden fala. "Estamos preocupados com você, D."

"Seu estilo de vida não é sustentável." É o Eli.

"Queremos mostrar que estamos todos aqui para você. Todos nós estamos presentes no que você precisar, porque sua saúde importa", diz Kian. Parece uma besteira que ele leu em um panfleto.

É uma emboscada, é isso.

Estou olhando feio para ele, sentado ali, de óculos escuros e segurando uma bolsa de gelo na cabeça. Ele deveria ser a última pessoa a fazer esse discurso.

Cole interrompe. "O hóquei não é o mesmo sem você."

"O treinador não sorriu uma vez sequer desde que você foi suspenso", acrescenta Sebastian.

Eu zombo. "O treinador nunca sorriu. Não sei por que vocês perderam tempo, mas isso não é algo que eu precise. Não bebi mais do que cerveja desde que descobri sobre o teste, e a maconha foi uma coisa de uma vez só. Além disso, o Kian estava ficando tão bêbado quanto eu, e ninguém se importa com isso."

As expressões sombrias deles não mudam. Que porra está acontecendo?

"Não estamos aqui por causa da bebida ou da maconha. Vemos o quanto a ausência do hóquei está afetando vocês e não queremos que vocês caiam em algum buraco recluso", diz Summer.

Eu sei que ela está preocupada comigo. Todos estão. Mas o que temos aqui é importante para mim, e eu não estragaria tudo revelando todas essas partes desordenadas de mim agora que já é tarde demais. Ninguém quer uma pessoa quebrada por perto. É por isso que o álcool me ajudou a recompor as coisas, para que eu pudesse sempre ser o Dylan que eles

queriam — aquele que nunca acrescenta peso ao que já carregam. Eu estava tentando ser um amigo, uma fuga para todos, mesmo que isso significasse que eu nunca poderia escapar de mim mesmo. Eu seria isso para eles para sempre, porque é disso que as pessoas precisam. Não mais um motivo para estarem deprimidas. Não mais um fardo.

Sinto meu maxilar apertar, a pressão aumentando no meu peito. Não posso deixar que me vejam assim.

"Bem, isso foi ótimo, mas eu não quero ouvir." Eu sabia que isso ia acontecer. Eu já tinha avisado. No momento em que parei de disfarçar, a realidade veio à tona.

"Você vai ter que fazer isso", diz Aiden. "O treinador acha que pode te trazer de volta, mas você não pode arriscar dessa vez."

A sala parece estar se fechando sob o peso das expectativas. Engulo em seco, tentando me controlar, mas não sei por quanto tempo mais consigo fingir que está tudo bem.

"Não vou", eu digo.

"Você já fez isso", ele diz, mais duro desta vez. "Você precisa se resolver de uma vez por todas."

Summer se afasta de um Aiden exaltado para me entregar um cartão branco com o nome de um terapeuta que trabalha na nossa clínica esportiva. "Se você não pode falar conosco, fale com outra pessoa. Alguém que possa ajudar. Não há pressão."

Pego o cartão e murmuro um agradecimento que não parece nem um pouco agradecido. No entanto, nenhum deles me obriga a ficar. Eles me deixam ir e eu entro direto no chuveiro.

Aqui, não preciso fingir que entendi tudo.

Quando eu era criança, sempre que meu pai chegava em casa depois de uma viagem de negócios, minha mãe me levava correndo para o banheiro e ligava o chuveiro. "O vapor faz bem para a pele", ela dizia, com a voz em um misto de urgência e conforto. "Você pode ficar tão quieta ou tão barulhenta quanto quiser aqui." Então ela prometia que voltaria logo, e a porta se fechava com um clique atrás dela. Depois de um tempo, entendi o que ela estava fazendo. Eu me vi entrando no chuveiro com mais frequência. Quando eu saía, meu pai já tinha ido embora e minha mãe estava na sala, chorando com os punhos cerrados.

Não tenho certeza se o cartão que joguei na minha mesa pode ajudar a resolver tudo isso. Principalmente quando acho que nunca acabou. Mas o

que eu sei é que não vou deixar meus amigos se preocuparem comigo. Farei o que for preciso para ser reintegrada.

DOZE

SIERRA

QUANDO LIDIA ME DISSE para encontrá-la esta manhã, pensei que conheceria meu novo parceiro. Não sentado na sala do treinador Kilner para vê-lo folhear papéis e atender ligações com rápidos "sim" e "não".

Mas então alguém bate na porta de Kilner, e ele larga a pilha de papéis e dá a volta na mesa. Estou tentando ser paciente para mostrar a Lidia o quanto estou determinado a ser disciplinado com o treinamento rigoroso que temos que fazer. Mas quando olho para ela, ela pisca rapidamente. Isso me confunde.

Estou contando o número de bolas antiestresse no escritório de Kilner antes de ouvir uma voz que me dá um nó no estômago.

"Já te disse como você parece jovem ultimamente?" O sorriso irônico é alto em sua voz.

Olho por cima do ombro e encontro Dylan encostado com uma mão na soleira.

"Senta aí, Donovan", diz Kilner, e minha esperança de que isso seja uma alucinação se esvai.

Estou em um pesadelo, e Dylan Donovan é meu demônio da paralisia do sono.

Mas, em vez dos dedos longos e assustadores e da estrutura esquelética, são bíceps grossos e ombros largos caminhando confiantemente em um moletom cinza e uma camiseta preta justa nos braços, o cabelo um pouco mais ondulado do que o normal, como se ele tivesse acabado de sair da cama.

Acorda, Sierra!

"Sierra?" Olhos castanho-âmbar me encontram, e ele para. "Eu estava brincando sobre essa coisa de perseguidor antes, mas isso está ficando um pouco assustador."

"Vocês dois se conhecem?", pergunta Kilner.

"É—"

"Não", digo abruptamente ao mesmo tempo. Meus punhos se fecham ao lado do corpo e não consigo desviar o olhar do idiota, que me encara como se aquilo fosse engraçado.

Quando Dylan se senta ao meu lado, ele exala um cheiro fresco, de sabão e roupa limpa. O cheiro característico dele é o mesmo que me cercava sob as arquibancadas e no Fishbowl. Quando ele abre as pernas de forma irritante, seu joelho bate no meu e eu me afasto por reflexo. Ele acompanha o movimento com um sorriso nos lábios, como se estivesse segurando o riso. Como ele poderia achar isso engraçado?

"Que ótimo", diz Lidia. "Porque vocês dois vão patinar juntos."

Isso não pode estar acontecendo comigo. Viro a cabeça na direção de Lidia. "É uma piada?"

"Treinador, pensei que fosse sobre a minha reintegração", diz Dylan.

"É", diz Kilner com firmeza. "Eles concordaram em suspender as restrições ao seu rinque, mas apenas com uma condição: você precisa fazer parte de um programa sancionado."

Dylan franze as sobrancelhas, com ceticismo estampado no rosto. Olho para o treinador e para Dylan, confusa. Mas então Lidia interrompe, e me dou conta de uma vez, porque isso não é uma piada de mau gosto nem um pesadelo. Do jeito que as coisas estão indo para mim, eu deveria ter percebido.

"Sierra precisa de uma parceira de patinação antes do prazo", explica Lidia, com a voz entrecortada. "E, já que estamos no fim da temporada, não há mais ninguém disponível. Precisamos de alguém para ajudá-la a se classificar para o ano que vem, e como ela trouxe tantos elogios positivos para Dalton, eles abriram uma exceção."

Em outras palavras, a USFS não conseguiu encontrar ninguém para ser minha parceira. Ou pior, ninguém quis. Meu último resquício de esperança se esvai como água pelo ralo.

"E", continua o treinador Kilner, "como você está suspensa e precisa provar sua disciplina, o reitor aprovou essa parceria. Você patinará com Sierra para ajudá-la a se classificar e, em troca, trabalhará para sua

reintegração, mantendo seu tempo no gelo. Você passará por exames antidoping periódicos e, com base no seu comportamento, isso determinará sua elegibilidade para a NCAA e a liberará da suspensão da NHL antes da formatura."

Dylan se recosta na cadeira como se fosse a última coisa que ele esperava.

Não quero fazer uma cena na frente do Kilner e fazê-lo pensar que não aprecio a ajuda dele, mas isso é loucura. Não posso estar tão desesperada.

"Mas ele é jogador de hóquei!", deixo escapar. De longe, consigo ver Dylan me olhando.

"Na verdade, estou suspenso", diz ele, com naturalidade.

"Você sabe o que quero dizer. Você nunca conseguiria me acompanhar."

"Ah, é? Quer testar minha resistência, princesa?"

"Dylan", o treinador repreende, e ele cala a boca. Minhas bochechas estão queimando quando olho de Kilner para Lidia.

"Não temos muito tempo. Sim ou não?", pergunta Lidia, sua franqueza me pegando de surpresa.

"De jeito nenhum."

"Claro", diz Dylan.

Minha cabeça se vira para Dylan. Seus lábios estão apertados, contendo uma risada, mas a maneira como seus olhos dançam com diversão o entrega.

Lidia me lança um olhar assustador. A última vez que recebi um desses foi porque estava treinando no meu dia de folga. "Não é hora de ser exigente, Sierra. Você disse que não faria isso."

"Eu sei, mas..."

"Sierra." A voz de Kilner é firme. "Eu entendo o quanto isso significa para você, e Lidia conhece bem a experiência de Dylan. Mesmo assim, você é livre para solicitar um teste e decidir a partir daí."

Ele tem aquele olhar paternal que já me lançou tantas vezes, e eu não consigo fazer nada além de acenar com a cabeça. Então ele se vira para Dylan com um olhar afiado o suficiente para cortar vidro — um silencioso "Não estrague tudo".

Dylan levanta as mãos em uma falsa rendição, mas seu sorriso permanece intacto.

Meu olhar oscila entre os dois. Não consigo ler Dylan além disso ou encontrar qualquer brecha na maneira como ele demonstra a confiança de

um deus.

"Amanhã, às seis da manhã em ponto. Vamos ver o que você tem."

Dylan me olha brevemente. "Feito."

"Mas, Lidia, e as pessoas que você contatou?", preciso perguntar.

"Fiz ligações, postei em todos os fóruns e entrei em contato com colegas. Até agora, ninguém demonstrou interesse, e estamos ficando sem tempo. Se adiarmos por muito mais tempo, você corre o risco de perder a janela de classificação e ter que atrasar a temporada inteira."

Então, é mesmo verdade — ninguém me quer.

Ela deve ter lido essa percepção em meu rosto. "Ninguém está disponível a tempo para o que você precisa. A menos que você esteja bem em ficar de fora desta temporada."

Pisco para afastar a ardência nos olhos.

"Faça o teste e depois tire a noite para pensar nisso", sugere Kilner.

Aceno com a cabeça e, quando somos liberados de seu escritório, Dylan já está saindo pelas portas duplas da arena. Estou atrás dele quando ele está na metade do caminho para o carro.

"Donovan", grito, e ele para no momento em que estende a mão para a maçaneta. Ele se vira, inclina a cabeça e sorri.

"Nem pense em aparecer amanhã", eu retruco. Não consigo ser sutil. Ele está suspenso por uso de drogas. E eu conheço a reputação dele no campus. Como eu poderia confiar em alguém assim quando tenho tanto em jogo? Vou ter que me esforçar mais para encontrar alguém sozinha. "Isso não é brincadeira, e não vou deixar ninguém estragar tudo para mim."

Ele invade meu espaço. "Você precisa de uma parceira, Sierra. E eu estou suspenso. Não é como se eu tivesse algo melhor para fazer."

"Nossa, obrigada. Você realmente sabe como fazer uma garota se sentir especial", eu digo rispidamente. "Mas mesmo que eu precise de uma parceira, nunca será você."

As palavras pairam entre nós, ríspidas e cortantes, mas ele não recua. Em vez disso, sua expressão endurece, algo competitivo brilhando em seus olhos. É quando eu vejo o jogador de hóquei nele, aquele que todos dizem ser perigoso e tem a reputação de brigar no gelo.

"Olha, nós dois sabemos que eu patino muito bem..."

"Você é legal", eu interrompo.

"E você precisa de uma parceira com uma agenda que permita um plano de treinamento intenso."

Eu odeio que ele faça sentido. "Você espera que eu acredite que você realmente quer fazer isso?"

Ele suspira como se eu estivesse sendo difícil. "Você estava lá comigo, Sierra. Parece que eu tive escolha?"

Meu peito está mais pesado. A última coisa que eu quero é estar em uma parceria forçada. Depois do Justin, parece impossível voltar e confiar em alguém novo. Principalmente alguém cujo estilo de vida é tão diferente do meu. Dylan joga hóquei, mas não é a vida inteira dele. Patinar é minha, e ele nunca vai entender isso.

"Não apareça amanhã", eu digo.

Dylan ergue as sobrancelhas. "Isso é uma ameaça?"

"Sim."

"Não deveria ter dito isso, Sierra. Estou morrendo de vontade de ver o que uma de suas ameaças implica."

"Você não quer descobrir", eu digo.

Por um momento, ele apenas me encara, seus olhos castanhos brilhando com algo que não consigo identificar. Eu me preparo para uma resposta presunçosa, algo cortante e irritante que fará meu sangue ferver. Em vez disso, ele dá um passo para trás, exasperantemente confiante, enquanto destranca seu Range Rover preto.

Antes de entrar, com uma das mãos na porta, ele se inclina o suficiente para me olhar. "Até amanhã, princesa."

E então ele se vai, o rugido do motor desaparecendo ao longe, me deixando ali parada, com os punhos cerrados e o calor formigando na nuca.

TREZE

DYLAN

O CAFÉ DA MANHÃ NA CASA DE HÓQUEI foi tenso. Imagino que seja o tipo de constrangimento que perdura por muito tempo depois que seus amigos fazem sua intervenção na mesa de jantar. Depois disso, o silêncio na casa ficou alto e só foi quebrado pelo rádio velho e assustador que Kian comprou na semana passada. Ele toca exclusivamente country, mas estou convencido de que essa é a maneira dele de cair nas graças do Aiden. Aparentemente, eu não fui o único que levou um sermão. Idiota.

Mas depois da minha reunião com o treinador Kilner e Lidia Orlov, sei que esta é a única maneira de provar meu valor. Mesmo assim, eles devem estar loucos se acham que Sierra e eu podemos formar uma boa dupla. Mas vê-la se contorcer? Porra, me fez pensar no que ela faria com minhas mãos nela e seu foco em mim, a centímetros de distância naquele gelo.

"Lá está ele!" Kian grita ao entrar na casa. "Nossa patinadora artística."

Eu finalmente tinha me sentado para estudar quando meus amigos irromperam pela porta da frente. Eles estão usando óculos de plástico com rodinhas giratórias nas laterais, uma armação com um D e a outra com um S.

Ótimo, começou.

"Como você sabe disso?"

"Eu tenho orelhas em todos os lugares, Dill Pickle. E o Aiden nos contou." Kian deixa cair uma caixa de papelão gigante com um baque na mesa de jantar, bem onde eu estava tentando estudar, e sorri para mim.

Ele está usando uma camiseta com os rostos da Summer e o meu. "O que houve com essa camiseta? Você está começando um culto?"

"Está mais para um fã-clube", ele responde, ainda sorrindo. "Temos convites!"

Summer deixa cair outra caixa na mesa. "Só que o Kian não estava prestando atenção, então quando eu disse que precisávamos de quinhentos convites, ele imprimiu mil e quinhentos." Summer se vira para a porta da frente, provavelmente para pegar outra caixa, mas Aiden entra carregando duas enormes.

Ele deposita uma das caixas e se vira para Summer. "Querida, eu disse que ia conseguir."

"Você está machucada, e eu sou mais forte que você, Crawford. Agora faço pilates." Ela sorri.

O olhar dele percorre o corpo dela. "Eu sei."

"Argh, já chega disso no carro. Acho que prefiro vocês gritando comigo sobre o contratempo com o convite", diz Kian. "Pelo menos agora vai ser uma festança, e todos sabemos que o Dylan adora essas."

A piada parece sem graça, considerando que acabaram de me dar uma intervenção idiota e eu estou aqui estudando, decididamente não em uma festança.

Kian acha que eu adoro festas, e por um tempo, eu adorei. Mas a última foi para ele. Agora que os caras estão no profissional, eles não vêm muito para casa. No aniversário do Kian, éramos só nós dois, e eu queria fazer valer a pena. Dei aquela festa para mostrar a ele que ainda podia ser como nos velhos tempos.

"Esse seria o Dylan de algumas semanas atrás. O novo Dylan lê" — Summer se estica para folhear meu livro — "Anatomia de uma Fusão nas horas vagas."

"Eu estaria lendo se vocês não fossem tão distrativos", acuso. Aiden me observa atentamente, como se estivesse se perguntando se essa nova versão de mim é real.

Kian bufa. "Um rosto como esse traz consequências com as quais todos temos que aprender a conviver. Mas tudo isso é para o seu aniversário, então seja grato."

É difícil me sentir grato por algo que não pedi, mas eu jamais expressaria isso. Não só porque é o aniversário da Summer também, mas porque eles estão planejando isso há semanas. É a primeira vez em meses que estaremos todos juntos, e prometi a mim mesmo que não estragaria. Eu seria o Dylan que todos querem.

De repente, a sala parece mais abafada do que o normal. Quando Cole se senta à mesa, ele pega o celular e vira a tela para nós. "Vocês viram o que Yale fez com o nosso mascote? O coitado levou uma surra do Bulldog deles. Não vamos deixar isso passar, né?"

"Estou pensando em sequestrar o mascote deles. Isso vai mostrar a eles", Sebastian interrompe.

Kian bufa. "Dylan e eu já fizemos isso no segundo ano. Eu digo que este ano..."

"Não faremos nada", eu o interrompo. Aiden nos observa atentamente.

O olhar de Kian se volta para mim. "Certo, era exatamente isso que eu ia dizer."

Sebastian e Cole me olham como se eu tivesse enlouquecido.

Aiden ri abraçando Summer enquanto ela coloca os óculos de sol em seu rosto. "Você acha mesmo que eu cairia nessa besteira? Eu conheço vocês, idiotas. Só não sejam pegos."

Os caras comemoram e, por um momento, parece normal. Mas então me vem à mente, forte e pesado, o pensamento que me atormenta na maioria das noites quando não consigo dormir. Este não é mais meu time. Aparentemente, patinação artística é minha única chance de ser considerado para a reintegração. Se eu não conseguir isso, hóquei será apenas uma lembrança distante.

Eu me afasto da mesa, pegando minhas chaves. "Te vejo mais tarde." Ignoro o olhar ardente de Aiden.

Kian agarra meu pulso, franzindo a testa. "E o mascote?"

"Você vai descobrir." Eu me solto dele e continuo andando. O peso dos olhares deles me segue até a porta, mas não olho para trás.

"Sem convite?", grita Kian assim que fecho a porta da frente.

Quando entro no carro, não sei para onde vou, mas, contanto que seja longe de casa, qualquer lugar serve.

Passam-se apenas quinze minutos e estou na minha casa de fraternidade. Os irmãos Kappa Sigma Zeta estão mais do que felizes em me receber, porque aparentemente a reprovação no teste de drogas não afeta minha filiação. A bajulação saiu do controle. Outra coisa fora de controle? A festa que eles estão dando. Eu tinha acabado de dormir no meu quarto no andar de cima quando a pancadaria começou.

Percebo logo que festas de fraternidade são chatas pra caramba quando você está sóbrio. Esta é a terceira vez que alguém tenta me subornar para

ficar de pé com o barril. Na segunda vez, Kian — é, ele me seguiu — perguntou se eu seguraria o cabelo dele se ele estivesse vomitando no vaso sanitário. O cabelo dele mal passa das orelhas. E na primeira vez, desejei que as festas acabassem às dez da noite.

A bebida torna tudo melhor, ou pelo menos mais fácil de ignorar. Estou esparramada num banquinho na cozinha, observando casais bêbados se pegando contra todas as paredes disponíveis. É como um esporte de contato total só para passar por eles. Não que eu possa julgar. Definitivamente já fui esse cara.

Estou meio que rolando a tela do meu celular quando um e-mail da assistente do meu pai aparece, me pedindo para confirmar a presença na renovação dos votos. Enfio o celular no bolso, desço do banquinho e vou para a sala de estar.

Antes que eu consiga, Mehar Chopra aparece na minha frente. Sua mão roça meu peito, e eu tento mudar de ideia, ser o cara com quem ela estava naquela noite. Só para manter aquela versão de mim, mesmo que o que tivemos tenha sido uma coisa única. Sempre é. Mas sua voz é apenas estática, sua risada ecoando em algum túnel distante.

Ela balança a cabeça, depois me entrega uma lata antes de ir embora. Garra Branca. Enquanto vou até a porta dos fundos, meus dedos coçam para abri-la, mas a deixo sobre uma mesa.

Então, como alguém levantando fones de ouvido com cancelamento de ruído, ela entra em foco. Cabelo preto, olhos verdes, lábios vermelhos e ousados. Sierra está sentada em uma cadeira enquanto o grupo ao redor dela brinda com copos de shot e ri alto o suficiente para fazer as paredes tremerem. Sua amiga ruiva — Scarlett, eu acho — dá um tapa na perna dela, dobrada de tanto rir, mas o sorriso de Sierra desaparece no segundo em que Scarlett desvia o olhar.

Não sei por que caminho até ela, mas parei de tentar entender a merda que faço quando a vejo. Como concordar em ser seu parceiro de merda.

"Duplo D!", grita um cara. Meus olhos não desviam da garota que de repente ficou rígida. Scarlett a cutuca, mas Sierra apenas esvazia sua lata.

Minha cabeça se inclina com um sorriso divertido quando Scarlett me olha com curiosidade.

"Meus amigos lá em Waterfell não ficaram muito felizes depois daquele último jogo contra vocês", diz a loira na frente de Sierra, desviando minha atenção dela. Não tenho a mínima ideia do que ele está falando. O último

semestre é um borrão, e não tenho vontade nenhuma de reviver aqueles jogos. Eu era imprudente, irritado e ansioso demais para socar alguma coisa no gelo. Os comentaristas me apelidaram de o jogador mais físico de Dalton. Isso me irritou.

"Quais amigos?", pergunto, com o tom neutro de desinteresse.

"Bem, o defensor que você cruzou, para começar", diz ele.

Ah. Aquele jogo. Foi depois de mais uma ligação da minha mãe dizendo que meu pai não estava em casa há dias. Não foi meu melhor momento. Mas não foi uma porra de uma cruzadinha. O enorme defensor deles, com os olhos brilhando como ouro derretido, veio para cima de mim com a mesma força que eu fui para cima dele. Capacetes voaram, narizes e lábios ficaram ensanguentados, e eu até consegui rasgar a camisa dele, revelando uma tatuagem que lembrava uma daquelas pinturas espiraladas de Van Gogh.

"Jogo é jogo, amigo. Tenho quase certeza de que acabamos na festa deles depois." Só me lembro disso porque fiquei tão bêbado que acordei em um quarto que não reconheci.

Afasto a lembrança apenas para ver Sierra colocando sua segunda lata vazia na mesa e, em seguida, pedindo licença silenciosamente. Um leve aroma de cereja paira no ar quando ela passa por mim.

Como um cachorro farejando, sigo atrás dela até a segunda sala de estar. Ela encontra um sofá vazio perto da janela e se joga aliviada.

Desabo na almofada bem ao lado dela, e ela fica rígida. Ela agarra outra lata com força, e não tenho ideia de quando ela a agarrou. Não consigo deixar de me perguntar por que ela está se entregando, e se é por causa desta manhã.

Sierra geme alto, revirando os olhos daquele jeito com o qual já me acostumei. Ela murmura algo sobre ficar por Scarlett.

"Não pode me deixar em paz?", ela pergunta, com irritação transparecendo em suas palavras.

"Incapaz disso", eu digo.

Os lábios vermelhos de Sierra se contraem em uma linha fina. "Primeiro você quer ser minha parceira, e agora está me seguindo por aí. Acho que é você quem está obcecada."

Eu me inclino para trás no sofá. "Não, eu só quero saber quando o circo vai chegar."

Seu olhar fica mais penetrante. "Engraçado, pensei que você fosse a atração de abertura, Capitã."

"Parece que você anda perguntando por aí sobre mim. Tentando conhecer sua nova parceira, ou só gosta de me chamar de capitã?"

"Não estou impressionada. Seus elogios vêm de garotas de irmandade ou dos seus colegas de fraternidade." Sierra chacoalha sua lata meio vazia no momento em que um grupo de garotas entra tropeçando no silêncio desta segunda sala de estar. "Seus fãs estão admirando você", ela zomba.

Eu me viro e vejo uma das garotas acenando para mim. Aceno de volta.

"É tipo o seu batsinal ou algo assim? Suas calças vão voar?"

"Eu só disse oi. É você quem quer que eu tire as calças."

Ela inclina a lata na direção da garota. "Então, ela não é sua próxima conquista?"

"Conquista significaria que eu teria que ganhar o afeto dela. Tenho quase certeza de que já o tenho."

Sierra olha para a garota novamente, antes de hesitar em encontrar meus olhos. "Por que ela? O que a torna digna do Dylan Donovan?"

Dou de ombros. "Ela parece divertida."

Seus olhos verdes suavizam, provavelmente por causa do álcool. "E como você determina isso?"

"Não é algo tangível; é a energia dela", eu digo. "Quer saber o que a sua diz?"

Não tenho certeza se consigo ler metade do tempo, mas agora, é tudo calor, estalando como gelo fino se estilhaçando sob o peso de um patins.

"Não. Mas você talvez queira ir buscá-la antes que os olhos dela caiam das órbitas."

Inclino a cabeça. "Acho que não."

"Mas não é essa a sua praia?"

"A minha praia? Você faz parecer que eu sou um jogador. É só sexo — completamente consensual e divertido para todos. Sem compromisso, sem conversas estranhas." Meus olhos se voltam para o lábio que ela arrasta entre os dentes. "E definitivamente sem sentimentos."

"Eu sei muito bem como é sexo na faculdade. Você não precisa se defender comigo."

"Não preciso." O tom sai mais na defensiva do que eu pretendia.

Sem dizer mais nada, ela se levanta do sofá, levantando-se para ajeitar a saia, mas tropeça e cai de volta. Quase completamente no meu colo.

"Ops", ela murmura, lutando para se sentar no sofá. "Levantei rápido demais."

"Ou bebi rápido demais. Sou tão insuportável assim, Sierra? A ponto de te levar a beber?"

Seus olhos se fixam nos meus, penetrantes o suficiente para eu engolir em seco. Ela se vira para me encarar, e o ar zumbe quando sua mão pousa na minha coxa, e o calor de sua palma penetra na minha calça jeans. Porra, estou sóbrio demais para isso.

"Algo assim", ela diz.

Sem pensar muito, coloco uma mecha de cabelo dela atrás da orelha. Ela engole em seco, e a delicada coluna de sua garganta se move antes que o que normalmente a segura pareça se desintegrar com a ajuda da bebida em sua mão.

"Por que você quer me ajudar?", pergunta Sierra suavemente, pressionando a mão com mais força. Cada pressão de seus dedos quentes e macios na minha perna deixa uma carga estática em seu rastro.

"Eu te disse, Sierra. Isso vai nos ajudar."

O ar entre nós fica crocante como um desafio, e eu fixo meu olhar nela. Quando ela se levanta para sair, instintivamente estendo a mão, meus dedos envolvendo frouxamente seu pulso. Não sei por quê, mas a ideia de ela ir embora me faz doer o plexo solar.

Sierra fica entre minhas pernas. Então sua mão se levanta para puxar meu cabelo para trás. Ela passa os dedos por ele lentamente, quase hipnoticamente, a cabeça inclinando e os olhos verdes avaliando minhas reações. Meus olhos quase se fecham, e quando ela roça o polegar em meus lábios, mordo seu dedo levemente entre os dentes. Ouço sua inspiração rápida antes de tirá-lo da minha boca. O ar entre nós estala. Sierra me observa atentamente antes de me oferecer sua bebida.

"Não vou beber hoje", respondo.

Ela cantarola, continuando a entrelaçar os dedos no meu cabelo, e eu luto contra a vontade de puxá-la para o meu colo e deixá-la fazer isso a noite toda. Sierra se aproxima ainda mais, suas coxas roçando o tecido da minha calça jeans, acendendo algo cru e adormecido.

"Nem assim?", ela pergunta, tomando um gole da lata, a bebida se acumulando em sua boca. Meu coração para quando Sierra se inclina para frente e afunda os dedos no meu cabelo, uma faísca se acendendo no meu

abdômen quando ela puxa minha cabeça para trás. Mal consigo conter um gemido, meus lábios se abrindo enquanto a encaro.

Eu sabia que ela seria assim, que gostaria com força. Eu poderia dar a ela exatamente como ela queria. Mãos atrás das costas, bunda contra meus quadris, meus dentes mordiscando sua orelha até que ela goze comigo dentro dela.

Sierra ergue uma sobrancelha, um desafio silencioso pairando no ar enquanto ela espera minha resposta.

Eu pisco. Então aceno com a cabeça, uma, duas e repetidamente, até que ela morde o lábio vermelho para conter um sorriso, ainda esperando por algo.

"Sim", digo finalmente.

Sierra deixa o álcool quente escorrer da sua boca para a minha, a doçura amarga se espalhando pela minha língua. Sei então que nunca tomaria um gole sozinha se pudesse sentir o gosto assim para sempre.

Ela abaixa a cabeça, seu nariz roçando o meu. "Engula."

Eu engulo.

Ela é macia como seda e linda como o pecado. É difícil para mim ignorar esse fato enquanto penso em como eu a deixaria me afogar em qualquer outra coisa que ela me deixasse provar de seus lábios.

Sierra permanece perto, sua respiração acariciando minha pele, e permanecemos assim, como se nenhum de nós pudesse decidir se deve se afastar ou diminuir o espaço entre nós.

"Aí está você!", grita Kian ao entrar cambaleando na sala de estar. "O Seb e o Cole perguntaram se você poderia levá-los para casa. Os rapazes disseram que eu posso ficar no seu quarto hoje à noite."

Sierra se afasta de mim, mas não solto seu pulso. Quando ela vai tomar outro gole da lata, arranco-a das mãos dela e a coloco no chão. O que quer que tenha acontecido entre nós era produto do álcool, e eu preferiria que ela testasse essa confiança irresponsável em mim do que em algum babaca nesta festa.

"A menos que você esteja bebendo." O olhar de Kian oscila entre nós, seus olhos se estreitando.

"Estou bem", digo enquanto me levanto. Embora, até mesmo o gole de álcool dos lábios vermelhos e carnudos possa fazer parecer que há seis doses de Everclear correndo na minha corrente sanguínea.

Ele me faz dois polegares para cima e desaparece. Sierra está terrivelmente quieta ao meu lado. Não sei o que ela está pensando ou o que quer que tenha sido aquilo no sofá, mas não quero que acabe.

"Você—"

"Não venha amanhã", diz ela abruptamente, antes de quase sair correndo da sala. Não consigo pensar direito, mas quando Cole e Sebastian gritam meu nome, sou forçada a sair pela porta em vez de segui-la. Ser a motorista designada de Sebastian e Cole é irritante pra caramba. Quando eles se recusam a sair do carro, eu os deixo lá dentro. Eles conseguem entrar.

Na cozinha, minhas mãos coçam por algo para beber, mas o álcool parece sem graça depois desta noite. No entanto, noto que a garrafa de Absolut que eu guardava no congelador sumiu. Vou matar Sebastian por roubá-la de novo. Mas talvez seja melhor assim.

"Merda, Dylan. Pelo menos acenda as luzes", diz Summer.

Viro a cabeça e a vejo na porta usando uma camiseta larga do Toronto Thunder.

"Oi, Sunny."

"Ah, esqueci de perguntar. Sua reunião com o Kilner foi boa? Você está patinando no gelo agora?"

"É, vai ser ótimo. Serei readmitida", digo, mesmo sem ter certeza de que seja verdade.

Summer fecha a geladeira com um baque decisivo e se coloca na minha frente. "Você não está me enganando com essa encenação. Vejo que está sofrendo, Dylan. Só fale comigo quando precisar."

"Falo sim."

Summer suspira, mas aperta meu ombro antes de se virar para pegar uma lata de chantilly do fundo da geladeira, evitando contato visual enquanto sai correndo da cozinha.

É, noite estranha pra caralho.

QUATORZE

SIERRA

JÁ MENCIONEI QUE FAÇO COISAS ESTÚPIDAS QUANDO ESTOU BÊBADA?

Estúpida o suficiente para que, mesmo com o álcool no meu sangue na noite passada, o sono se recusasse a vir quando Scarlett e eu voltamos cambaleando para o dormitório. Em vez disso, fui para a cama e a noite se repetiu em flashes vívidos: dedos longos agarrando minha cintura, sua voz áspera, seu pomo-de-adão balançando quando ele engoliu o álcool da minha boca.

Não tenho ideia de onde veio essa versão de mim, mas a energia de Dylan é contagiante. Tudo me lembrava de mim, a versão mais corajosa de mim, aquela que não tinha tanto a perder. É por isso que me senti inquieta debaixo das cobertas ontem à noite, meus dedos deslizando sob o cós do meu pijama. Não consegui me dar prazer desde o acidente, nunca me importei, nunca quis. Mas com apenas um leve roçar dos meus dedos, a pressão começou a aumentar, ganhando vida como um carro velho. Tudo o que eu conseguia ouvir e sentir eram sua voz e suas mãos, suas coxas e braços me prendendo. Tão rápido quanto a sensação elétrica começou a percorrer meu corpo e eu pensei que finalmente consegui, o orgasmo iminente morreu. A euforia se perdeu instantaneamente em meus pensamentos altos e restritivos. Apagou-se como uma chama.

Chame de vergonha ou culpa, não sei, mas me impediu de ter um orgasmo que tenho certeza de que me faria gemer um nome que não deveria.

Então, esta manhã, acordei um pouco frustrada e senti que minhas dores de cabeça tensionais estavam voltando. Agora, sentada na arquibancada,

faltam exatamente três minutos para as seis e ainda estou navegando pelos fóruns em busca de parceiros em potencial. Talvez Lidia tenha esquecido de alguém. Talvez eu tenha deixado passar uma joia escondida.

Paro em um perfil, passo pelas fotos do skatista no fórum e leio sua biografia.

"Último esforço?" A voz grave de Dylan corta meus pensamentos, me trazendo de volta ao presente. "Ouvi dizer que ele tem gonorreia."

"Vou me lembrar disso quando estiver transando com ele durante o nosso longo programa."

Ele bufa. "Duvido que ele durasse tanto tempo."

Lançando-lhe um olhar de soslaio, examinando-o sentado ali às seis da manhã em ponto e ignorando minha ameaça. "Deveria saber que você não faz o que mandam."

"O que posso dizer? Eu gosto de ser punida."

"Que submissa da sua parte", digo secamente.

"É? Você curte isso? Porque eu poderia curte, dependendo da recompensa."

Nossa, ele me distrai. Tento não prestar atenção nas reações do meu corpo e me concentro no celular.

Dylan espia por cima do meu ombro. "Olimpíadas e Harvard? Que esforçada."

Eu me viro para ele antes de recuar bruscamente quando meu nariz quase roça sua bochecha. "Eu fui para as Olimpíadas e estou em Dalton. Você está me chamando de esforçada também?"

"Não, você é impressionante. Ele é esforçado."

"Você só está com inveja porque eu tenho opções melhores do que você para parceiros."

"Você só pode escolher uma, Sierra. E eu estou sempre na liderança."

Nós nos encaramos por tanto tempo que quase consigo vê-lo pensando na noite passada. Por algum milagre, ele não toca no assunto. Ele não menciona como minhas mãos afundaram em seus cabelos, entrelaçando-se em suas mechas como se eu tivesse algum direito. Ou o momento em que deixei a bebida cair da minha boca na dele, como se isso fosse algo que sempre fizemos.

"Pense nas crianças, Sierra."

Eu o encaro sem entender. "Você está falando daquelas que você provavelmente jogou no vaso sanitário hoje de manhã?"

"Dylan!", grita a treinadora Lidia. "Eu disse no gelo às seis. Não vejo você pronta para ir."

Ele me olha. "Ela é sempre assim?"

Dou de ombros inocentemente. Balançando a cabeça, Dylan patina em direção ao centro do rinque. Ele está vestindo uma camiseta justa de manga comprida com o logotipo da marca de seleção, justa nos braços. Ele troca algumas palavras baixinhas com Lidia, e ela ri. Não consigo ouvir nada, então desço as arquibancadas, aproximando-me do gelo, sem tirar os olhos dele.

"Encontrei vídeos de suas apresentações anteriores com sua irmã. Não fazia ideia de que vocês dois chegaram ao Campeonato da ISU duas vezes. Muito impressionante", diz Lidia.

Finalmente, Dylan se posiciona e Lidia começa a gritar ordens. "Comece com uma estocada limpa", ela grita, com os olhos atentos enquanto o observa. "Agora, um giro combinado."

Fico sentada ali, com a perna tremendo, esperando que ele estrague alguma coisa.

Seu triplo axel me faz apertar o celular com mais força. É limpo demais para alguém que não faz isso profissionalmente. Não é justo.

Lidia se vira para mim, encontrando meu olhar de onde está. Volto a olhar para o celular, fingindo rolar a tela diligentemente.

Quero que ele estrague tudo, só um pouquinho. Algo, qualquer coisa para me lembrar por que não o quero como parceiro. Mas, por dezesseis minutos, ele faz tudo o que ela diz quase bem demais. Mas então chega o último Salchow em que ele não consegue acertar direito e estraga tudo completamente.

Ha! Estou me gabando, até que Lidia gesticula para ele parar, mas ela está sorrindo. "Bem, posso dizer que estou surpresa, filho. Há muito trabalho a fazer se estamos falando de competições, mas esse é um começo impressionante."

"Mas aquele Lutz era brutal. Não é à toa que ele se limitou a jogar hóquei", digo quando corro até lá.

Lidia pisca. "Teve sorte com a sua busca?"

Eu desanimo. "Não."

"Eu diria que é uma escolha bem simples. Isso se vocês dois concordarem com essa parceria e Dylan completar o exame físico e o teste de drogas. Completamente limpo." Ela olha para Dylan e enfatiza a última

parte. Ele ainda está convencido pra caramba. Eu meio que quero dar um soco na cara dele. "Vocês dois me respondam até hoje à noite. Não temos tempo a perder."

"Ela te chamou de filho?", sibilo quando ela sai do meu alcance.

"Filho. O melhor patinador que ela já viu. Ridiculamente bonito. Eu não conseguia nem lembrar."

Minha resposta fica presa na garganta quando vejo quem está no gelo. Junto com outros patinadores, há um que sempre consegue me fazer engasgar. Justin está conversando com seu treinador na outra ponta do rinque.

"Você é melhor que ele", comenta Dylan.

Quase rio. A única coisa que Justin sempre fez questão de me dizer é o quanto ele é mais forte e capaz do que eu. Toda vez que treinávamos, cada movimento errado ou deslize era minha culpa. Isso me tornou uma patinadora melhor com o passar dos anos, mas nunca boa o suficiente. Você não seria capaz de fazer o que eu faço, Sierra.

"Eu sei", minto.

Dylan ou percebe minha resposta sem entusiasmo ou simplesmente não consegue resistir a se ouvir falando, porque acrescenta: "Claro, ele consegue arremessá-la para todos os lados, mas você tem mais habilidade. Seus movimentos não são apenas memorizados, você os incorpora. E é isso que torna um bom patinador ótimo."

"E o que você sabe sobre isso?"

"Considerando que você não consegue tirar os olhos de mim toda vez que eu ando de skate, eu diria que sei bastante coisa."

"Eu estava imaginando você coberto de terra." Cruzo os braços. "E esse foi um treino bobo de skate; você não é nem de longe tão bom quanto os profissionais."

"Talvez, mas suas opções são o quê, quase nenhuma?"

Fico na defensiva. "Nenhuma. Se eu perguntasse, tenho certeza de que ele diria sim num piscar de olhos." Aponto o polegar para Justin antes de perceber. Eu realmente disse isso em voz alta?

As sobrancelhas de Dylan se erguem e meu estômago se revira. "É? Aceito o desafio", diz ele, com os olhos brilhando de desafio.

Eu me irrito. "Hã?"

"Vá perguntar a ele", diz ele. "Se você está tão confiante. Sabe, esfregue na minha cara o quanto você não precisa de mim. Aí eu saio do seu pé com

prazer e digo ao Kilner e à Lidia que você está certa."

Meu pulso dispara. Merda, merda, merda. "Tudo bem", eu digo.

"Tudo bem?" Ele levanta uma sobrancelha, claramente surpreso.

"Tudo bem", eu digo com um gemido. Então, pego cada grama do meu amor-próprio e a enfio bem fundo, bem fundo. Cada passo parece como caminhar penosamente por areia movediça, o peso do que estou prestes a fazer grudando nos meus tornozelos, tentando me arrastar de volta.

Arrasto meus pés até a beirada do rinque onde ele está. "Justin."

Ele se vira, e aquele sorriso familiar, surpreso, porém tranquilo, se espalha por seu rosto.

"Rainha do gelo", ele diz. O apelido me irrita. Por tanto tempo, deixei que ele me definisse. Eu era a patinadora artística raivosa, mal-humorada e fria. Foi assim que ganhei o ouro aos dezesseis anos e como chegamos às Olimpíadas. Mas estou tão cansada disso. Quero ser o calor de alguém pelo menos uma vez.

"Como você provavelmente sabe, estou patinando de novo."

Justin assente, ansioso demais. Por um segundo, olho para trás, buscando algum tipo de empurrão, mas o banco está vazio. Dylan já foi embora. Quando me viro para Justin, tudo me atinge como um flashback. O "eu te amo" pressionado contra meus lábios, não importa o que aconteça, antes de começarmos nossa rotina, seremos desclassificados por causa dela? Depois que eu caí.

Em vez de forçar a barra, solto um "deixa pra lá" apressado e saio correndo.

Nos vestiários, navego pelos fóruns, mas é inútil. Nenhum dos patinadores disponíveis tem horários que combinem com os meus, nem estariam dispostos a treinar nem metade do meu esforço. Tenho algo a provar; eles não.

Levanto o olhar do celular para o meu armário — aquele com a foto de Scarlett e eu aos quatro anos, participando do nosso primeiro programa de patinação — meu sorriso é largo e animado. Quero ser aquela garota de novo. Sei que preciso engolir meu orgulho pelos próximos três meses. Porque só há uma outra pessoa que tem algo a provar. E ele, por acaso, é um jogador de hóquei suspenso.

Quando entro na quadra de hóquei, estou quase pensando em sair imediatamente. Está escuro porque precisei dar uma volta até a loja de conveniência e comprar um pacote de Reese's Peanut Butter Cups para criar coragem. Nunca me permito comer porque meu corpo precisa merecê-lo. Mas só de comer o doce já parece uma recompensa. Um dos companheiros de equipe de Dylan, Kian Ishida, me deixou entrar. Cabelos escuros, olhos escuros e tatuagens aparecendo por baixo da camiseta curta, cobrindo seu abdômen musculoso, coxas e pescoço. Se não fosse pela faixa grossa de unicórnio que ele está usando, ele seria meio intimidador.

Mas o motivo da minha repentina apreensão: Dylan Donovan parado sem camisa, vestindo apenas uma calça de pijama de flanela larga que fica tão baixa na cintura que consigo ver aquele músculo em forma de V que desce até... não. Pior de tudo, ele está usando óculos. Uma linha preta na testa emoldurada e devastadora. Que tipo de optometrista doente aprovaria isso?

Dylan se encosta no arco da porta assistindo TV enquanto segura uma tigela de cereal em uma mão e uma colher na outra. Seu maxilar se move lentamente, cada mordida roubando minha atenção. A luz da sala de estar lança um brilho intenso sobre sua pele bronzeada. Ele é todo músculos firmes e pele macia. Imagino como seria a sensação do corpo dele sob minhas palmas. Quente, firme, macio...

"Você tem visita, D", diz Kian, dispersando meus pensamentos antes de mandar uma bola de golfe perdida para perto dos meus pés. Pisco, observando a cena de dois outros caras jogando minigolfe no corredor. Eles acenam para mim.

A interrupção muda o foco de Dylan. Seus olhos encontram os meus, e há um lampejo de algo neles que me embrulha o estômago. Travessura, decido.

Um colega de quarto passa correndo por mim para pegar a bola que lançou pelo corredor, deixando Dylan e eu, com apenas a voz do comentarista do canal esportivo como distração.

Se ele está tentando me deixar desconfortável, está acertando em cheio. Seu olhar me percorre, deliberado e lento, como se estivesse mapeando cada centímetro de mim de uma forma estranhamente íntima. Embora isso possa ser resultado da minha mente estar na sarjeta ontem à noite. Estou completamente coberta — calça jeans de mãe, uma camisa preta de manga comprida e o suéter xadrez azul e branco que tricotei meticulosamente durante o verão —, mas, de alguma forma, seus olhos conseguem atravessar

as camadas, queimando a pele por baixo. É enervante. E ninguém me enerva.

"Podemos conversar?", pergunto finalmente, quebrando o silêncio porque, claramente, ele está satisfeito em apenas me encarar até o próximo século. "No seu quarto ou algo assim?"

Dylan ainda está me olhando enquanto termina a última mordida de seu cereal e deixa a colher cair na tigela com um baque exagerado. "Não tenho certeza se me sentiria seguro lá com a garota que ameaçou minha vida mais cedo."

"Foi uma brincadeira de criança", eu digo.

"Você diz a todos os seus amigos que gostaria de vê-los cobertos de terra?"

"Tudo bem. Vamos conversar aqui, então." Respiro fundo. "Eu aceito."

Dylan faz uma pausa, processando minhas palavras com uma lentidão irritante. Ele se move deliberadamente para pegar a caixa de cereal, adiciona mais cereal e dá uma mordida forte.

"Aceitar o quê?", ele pergunta, com a boca cheia de trigo triturado.

"Que você seja minha parceira."

Ele ergue uma sobrancelha, divertido. "Se bem me lembro, você me disse que poderia ter qualquer um — incluindo seu ex-namorado perfeito, que parecia mais do que feliz em assumir o papel", diz ele, com a voz firme, mas o maxilar tenso. "Agora você me quer? O jogador de hóquei desleixado? Não sou a segunda opção de ninguém, princesa."

Suas palavras pairam no ar, carregadas de um toque de desafio.

"Primeiro, Justin é meu ex-parceiro. Segundo, você tecnicamente não é mais jogador de hóquei neste semestre. Terceiro, você é um bom patinador artístico e sabe disso."

"Bom?"

"Ótimo", retifico.

"Ótimo?"

Estreito os olhos, recusando-me a deixá-lo me provocar. "Se você está querendo mais elogios, não vai conseguir de mim. Mas eu estar aqui, pedindo para você ser meu parceiro, já deveria ser o suficiente."

Ele inclina a cabeça com um sorriso infantil. "Mas você realmente feriu meu ego frágil com sua birra no escritório do Kilner. Mas eu poderia ser persuadido."

Eu zombo. "Na verdade, acho que é você quem deveria me compensar. Você se esqueceu da nota promissória? Vou descontá-la."

Ele balança a cabeça como se eu estivesse redondamente enganada. "Isso foi para sua amiga, não para você."

"Ela usaria para mim." Ele está tão convencido agora que eu queria poder simplesmente ir embora. Mas eu preciso dele, e ele sabe disso também. "Kilner e Lidia querem uma resposta. Se você for meu parceiro, posso te colocar de volta no gelo. Você pode mostrar ao diretor esportivo que não está brincando e ser reintegrado", eu digo. "Então, sim ou não? Acho que estou ficando com uma coceira de tanto tempo nesta casa."

"Ah, é? Você é alérgico a jogadores de hóquei ou algo assim?", ele zomba.

"Sou alérgico à sua atitude arrogante."

"Confie em mim, você ainda não viu nada de arrogante." Então ele inclina a cabeça. "Acho que não gosto da sua hostilidade. Pergunte de novo."

"Você vai mesmo me fazer trabalhar duro para isso? Você nem tem escolha." Sou eu quem tem a carreira dele em minhas mãos, então por que parece que ele está no controle?

Ele pisca. "Ainda parece frígido para mim."

O babaca acabou de me chamar de frígido. "Seja meu parceiro", eu digo entre dentes.

"Com calma, Sierra."

"Seja minha parceira..." Engulo em seco a voz rouca que bloqueia a palavra. "Por favor."

Ele para, como se estivesse pensando se deveria me torturar mais um pouco. Mas olha para meus punhos cerrados, deixa a tigela cair na mesa e segue direto pelo corredor escuro, provavelmente para o quarto dele. Não ouso segui-lo.

Fico olhando para os músculos ondulantes de suas costas quando ele diz: "Te vejo no gelo, princesa."

O apelido irrita meus ouvidos. "Idiota", murmuro.

"Pirralho", diz ele, e então a porta do quarto se fecha.

QUIZE

SIERRA

QUÍMICA.

Acho que nunca odiei uma palavra tanto quanto antes.

"Como em qualquer tipo de dança, os parceiros precisam ter química." Lidia continua seu discurso da lateral do campo, e é mais longo do que eu me lembrava. Mas provavelmente é porque ela acha que Dylan e eu não vamos levar isso a sério.

Compreensível, já que passamos os primeiros cinco minutos de treino nos acotovelando enquanto tentávamos passar pelo portão e entrar no gelo primeiro. Eu venci, obviamente.

Mas não ajudou o fato de Lidia estar me olhando o tempo todo. É porque quando ele entrou no treino esta manhã, eu não conseguia parar de olhar para Dylan. Sua camisa gruda em cada músculo, e aquelas calças justas de ginástica deixam pouco para a imaginação. Tenho quase certeza de que Lidia me pegou olhando fixamente para a bunda dele. E agora, com seu cheiro fresco pairando no ar entre nós, luto para manter meu foco em seu discurso.

Não foi assim com Justin. Nosso primeiro treino foi só negócios — formal, obediente. Nenhum dos seus olhares me incendiou as bochechas. Justin é forte e magro, claro, mas Dylan é... grande. Ele é mais corpulento, seus ombros são mais largos e seus braços podem ser maiores que minhas coxas, e isso quer dizer alguma coisa, porque eu tenho coxas fortes. Mas, com tudo isso, ele também é mais irritante.

"Você parece nervosa, Romanova", ele sussurra, inclinando-se enquanto Lidia continua.

"Por você. Espero não te cortar sem querer, Capitão." Mas eu adoro o jeito como seu maxilar fica tenso à menção de seu título fugaz.

"... vocês aprenderão o timing e os sinais um do outro; vocês lerão os movimentos um do outro; vocês estarão em sincronia. Fluidos. Amarrados", Lidia continua monotonamente.

"Parece uma sentença de prisão", murmura Dylan.

"Tenho certeza de que você já foi algemada antes."

Ele solta uma risada baixa. "Só na minha cama."

"Ouça com os ouvidos, não com a boca", retruca Lidia, erguendo os olhos da prancheta. "Sierra, se você se sentir confortável, podemos conversar sobre sua lesão para que Dylan possa ajustar sua abordagem."

Sinto-me como o aluno novo na escola que é forçado a dar três fatos sobre si mesmo. Só que os meus são todos traumas. "Não é segredo, Lidia. Ele sabe que eu caí. Eles não removeram o vídeo, então ele pode procurar como todo mundo." Sinto um nó no estômago.

"Como você caiu?", pergunta Dylan.

Ele não viu? Não olho para ele. "Estraguei nosso laço invertido."

Sinto que ele me encara, mas Lidia deve ter notado meu desconforto, porque bate palmas duas vezes. "Ok, chega de papo. Me mostre seu trabalho de borda."

Achei que tínhamos acabado com isso. Passamos duas horas patinando no gelo sozinhos. Rapidamente virou uma competição, e quando percebi que Dylan poderia ser mais rápido do que eu, me esforcei ao máximo para me mover mais rápido. Lidia ainda gritava "Trabalho de borda mais profundo!" pela centésima vez quando senti como se um pouco da minha resistência de anos atrás tivesse voltado para o meu corpo. Não funcionou; ele ainda estava duas voltas à frente.

Então, desta vez, não espero o sinal dela, simplesmente acelero.

"Como parceiras!", grita Lídia. "Lado a lado e de mãos dadas."

Fico de pé, recusando-me a recuar. Em vez disso, levanto a mão, com a palma para cima, oferecendo-a a ele. Ouço o raspar dos patins atrás de mim antes que sua mão deslize para a minha, o frio da pele dele atravessando o calor da minha luva.

"Você não está usando luvas", observo. "Suas mãos estão frias."

"Estão? Eu não costumo segurar as mãos dos rapazes durante o treino de hóquei."

Reviro os olhos. "Você realmente deveria usar luvas quando não estamos fazendo levantamentos."

"É desconfortável para você, princesa?", pergunta ele, com a voz cheia de falsa preocupação.

Eu deslizo para a frente, e ele também, em perfeita sincronia. O rinque está tranquilo hoje — sem música, apenas o raspar rítmico das nossas lâminas no gelo. Mesmo com cruzamentos simples, nossos movimentos se misturam com uma fluidez surpreendente. A ausência de gritos de Lidia me diz que estamos fazendo algo certo.

Enquanto damos mais uma volta, avisto Lidia conversando com alguém no corredor. Dou uma cotovelada em Dylan, e ele está prestes a me dar uma cotovelada de volta quando aponto para ela.

"Não é o Reed? Aquele que te forçou a sair do gelo semana passada?", pergunto.

Ele olha para eles. "Provavelmente para garantir que eu não esteja violando minha suspensão." A tensão em sua voz é quase imperceptível, mas odeio notar. Patino à sua frente novamente, mas ele me alcança facilmente.

"Tentando escapar de mim?"

Eu jamais admitiria que duvido que pudesse patinar mais rápido que ele. "Algo assim."

"Então você provavelmente não deveria ter implorado para eu ser sua parceira, Romanova."

"Não houve nenhuma imploração envolvida. Eu provavelmente seria muito mais legal com você se implorasse. Mas você não tem a vantagem aqui, Dylan. Você precisa de mim tanto quanto eu preciso de você."

"Diga isso de novo", ele diz. "A parte de precisar de mim. Mas mais devagar dessa vez, e coloque um pouco de ênfase na necessidade."

Reviro os olhos. "De novo, eu nunca implorei."

"Agora que você mencionou, acho que eu gostaria disso. Muito."

"Você acha que eu me importo com o que você quer?"

"Preciso", ele corrige. "E eu acho que você deveria se importar muito."

"Por quê? Você está planejando me derrubar? Já passei por isso, Donovan", brinco, mas a voz sai rouca.

"O quê?" Ele levanta a cabeça levemente, sem achar graça nenhuma. Seu comportamento relaxado desaparece. "Você acha mesmo que eu te

derrubaria? Depois de tudo o que você passou, acha que haveria um segundo em que eu te deixaria tocar o chão antes de poder te segurar?"

Eu nunca brinquei sobre cair antes. Esta foi a primeira vez que deixei meu trauma se infiltrar em uma conversa tão facilmente. Mas até mesmo dizer isso parecia um pouco cedo demais. Tenho certeza de que sempre será.

"Sierra", ele incita.

"Não, não quero." Agora não quero. Ele está tão sério sobre isso que não consigo confundir sua sinceridade com qualquer outra coisa. Não tinha me ocorrido até agora o quanto eu deixei a queda com Justin começar a se intrometer em nosso relacionamento de patinação.

"Ótimo, porque eu não vou."

O apito de Lidia soa novamente. "Chega de aquecimento. É hora dos tapetes."

Eu gemo.

O QUARTO É do tamanho dos dormitórios da Casa Iona que ninguém quer. Acontece que a postura de "tecnologia é má" da Lidia atrapalhou as reservas para as salas de treinamento. Passamos pela sala ocupada que também serve como estúdio de ioga, já sendo usada por outros alunos.

Então agora estamos presos em um quarto tão pequeno que, se adicionássemos mais uma pessoa, sufocaríamos. Também está muito quente por causa do aquecedor no canto. Há uma janela que a Lidia pediu para o Dylan alcançar, mas está emperrada. Nem tenho certeza se podemos entrar aqui, mas com tudo neste prédio reservado, não temos escolha.

Os colchonetes são um flashback de quantas vezes caí de cara neles. Já fiz isso com o Justin inúmeras vezes, mas foram decididamente esquecíveis. Hoje parece intenso. Ou presumo que será, já que meu parceiro é o Dylan, porra, Donovan.

Uma gota de suor escorre pelas minhas costas enquanto Lidia tenta fazer o velho ventilador de mesa funcionar. Dylan tira o moletom, e a regata branca que ele usa por baixo se levanta, expondo um vislumbre de pele macia, mas desvio o olhar imediatamente. Estou desesperada para tirar meu próprio zíper pela metade, mas só estou usando um top esportivo por baixo, e sabendo que as mãos de Dylan estarão por toda a minha barriga, prefiro não deixar minhas cicatrizes à mostra.

"Fiquem mais perto um do outro", ordena Lidia, desistindo do aparelho. "Mais perto, Sierra."

Tento manter a compostura, mesmo sabendo que Dylan está rindo muito agora.

"Ok, levantamentos básicos hoje. Vamos começar com um levantamento de ombros." Fico na frente, de costas para ele, e ele passa o braço em volta da minha cintura, colocando a mão firmemente no meu abdômen para me levantar e suspender todo o peso do meu corpo em seu ombro. "Agora gire antes de deixá-la se levantar e ficar de frente um para o outro."

A mão de Dylan cobre todo o meu tronco, e ele me levanta como se eu não pesasse nada. Eu não esperava que fosse tão diferente, mas é. Ele não se esforça nem precisa ajustar a pegada, ele simplesmente faz, como se fosse fácil. Como se eu fosse fácil.

"De novo. Mais suave dessa vez", diz Lidia quando estou de pé. E repetimos de novo, de novo e de novo. É no nono levantamento que Dylan começa a respirar um pouco mais forte, mas não reclama.

"Envolva seu core. Ligue sua luz verde."

"Deixe seu toque guiá-la em cada movimento. De novo — dessa vez em sincronia."

"Braços relaxados. Relaxados! Eu disse relaxados!"

Seu grito final é carregado de pura frustração, a raiva em sua voz mais aguda. Mas sua irritação nem chega perto daquela que fervilha sob minha pele. Meu peito arfa a cada respiração ofegante, e meu zíper gruda em mim, encharcado de suor. Já sei que meu abdômen vai ser uma colcha de retalhos de hematomas amanhã.

A intensidade de seus olhos penetra os meus como raios de sol, e nem mesmo a sensação de queimação consegue me fazer desviar o olhar. Lidia grita uma série de movimentos — quadril, apoio, mão com mão. Fazemos todos eles, todos eles. As mãos de Dylan seguram firme minha cintura, deslizando por todo o meu corpo quando ele me levanta no quadril e giramos. Seu ritmo é perfeito; ele se move como água. Sinto uma fisgada em algum lugar no fundo do meu estômago que ignoro quando ele me levanta um pouco acima da cabeça. Espero que meu coração acelere, ou pare, ou que minha respiração fique superficial, mas, em vez disso, me sinto normal.

"Como foi, Sierra?", pergunta Lidia. Ela parece muito mais feliz do que antes.

Sinto-me como uma criança, mas entendo sua preocupação. "Confortável." E sufocante. A dicotomia me faz girar.

Os movimentos são simples, e sei que Lidia não está me forçando a fazer nenhum levantamento de verdade, mas não vamos ganhar nada assim. Os juízes não respondem bem a performances seguras.

"De novo", grita Lidia. "Observem uns aos outros. Mantenham a sincronia."

Suas palavras abafam meus ouvidos quando a música recomeça, e as mãos de Dylan deslizam pelo meu corpo — do meu rosto, descendo até a curva do meu pescoço, passando pelos meus braços, onde seu polegar roça a lateral dos meus seios. Minha respiração falha e meu olhar se desvia do dele.

"Olha em mim, Sierra", ele repreende.

Tudo parece quente e perigoso. Ter que olhar nos olhos de Dylan só torna tudo ainda mais intenso. Cada um de seus dedos longos pressiona o tecido do meu zíper até a cintura, onde a bainha sobe, expondo um pedaço de pele nas minhas costas, e mais para baixo, até que ele pousa a palma da mão no meu quadril. Sinto uma onda de calor que me percorre com o toque, e não consigo desviar o olhar do seu olhar que me prende ali, inabalável.

Tudo o que ouço, tudo o que sinto, é meu coração batendo forte sob a superfície da minha pele eletrificada. O quarto está abafado enquanto Lidia corrige nossa postura, nos forçando a ficar mais próximos do que antes, colocando nossas mãos uma na outra.

Desta vez, quando Dylan me coloca no chão, tropeço em seu pé e caio de cara. É, o gosto do tapete continua o mesmo.

"Muito obrigada, dedos de manteiga", murmuro.

"Você caiu sozinha", retruca Dylan. "Provavelmente porque você está tão rígido."

Eu cerro os dentes. "Sua pegada está muito frouxa. Você nunca conseguiria me levantar por tempo suficiente no gelo."

O treinador assente, olhando para os tatames pelo que parece uma eternidade. "Ótimo. Críticas construtivas são boas." Essa frase por si só me diz que não é de fato bom. "Mas esses são problemas pequenos. Problemas que os parceiros resolvem porque confiam um no outro."

Dylan zomba, e minha cabeça se vira em sua direção. Isso me irrita ainda mais.

Seu cabelo castanho ondulado cai perfeitamente sobre sua testa, e ele nem está suando — como se me jogar de um lado para o outro durante a última hora fosse parte de sua rotina matinal. Enquanto isso, estou encharcada, com os músculos queimando, e tudo em que consigo pensar é em como ele faz tudo parecer sem esforço. É irritante.

"Dylan, coloque as mãos na cintura dela e, Sierra, pressione os ombros dele enquanto ele te levanta. Você precisa se concentrar no controle e no contato visual..." O telefone de Lidia toca. "Preciso atender. Não se matem."

Meus olhos se voltam para a porta e suspiro. "Eu estarei no controle."

"Exatamente como eu gosto", diz Dylan.

Eu o ignoro, evitando contato visual de propósito. Quando suas mãos envolvem meu abdômen, meu estômago dói, mas não reclamo.

"Lidia disse especificamente que precisamos manter contato visual. Por que você não pode olhar para mim?", pergunta Dylan de repente, quebrando o silêncio.

"Estou", respondo, mantendo o tom neutro.

"Você está olhando através de mim, não para mim."

Meu peito aperta enquanto forço meu olhar para cima, encontrando o dele. "Feliz?"

Seus olhos percorrem meu rosto, demorando-se em meus lábios, traçando a curva das minhas bochechas. "Extremamente."

"Podemos acabar logo com isso?"

"Tem certeza? Isso significa que você vai ter que continuar olhando para mim. Não quero te incomodar, Sierra. Talvez eu devesse colocar um saco na minha cabeça."

Meus lábios se contraem. "Por favor, faça isso. Isso resolveria metade dos meus problemas."

"É? Meu rosto já esteve em sua mente? Em seus sonhos, talvez?"

Eu me irrito. "Mm-hmm. Você está em muitas delas, na verdade."

Eles erguem as sobrancelhas com interesse. "É? O que fazemos nelas? Eu deveria saber, considerando que você está usando minha imagem para suas fantasias. Pode ser ilegal."

Eu o encaro, recusando-me a vacilar. "Há muita investigação."

Seu sorriso irônico desaparece. Sem aviso, ele me gira bruscamente e me puxa de volta para seu peito. A retaliação tira o ar dos meus pulmões, e eu resmungo, mal conseguindo me equilibrar enquanto minhas mãos apertam seus bíceps.

Meu olhar se fixa nas veias de seus antebraços, mas eu o afasto, desejando que o calor em minhas bochechas desapareça.

"Você estava a um segundo de sentir o gosto dos tapetes novamente. Você está bem?", ele pergunta. "Você parece distraída."

"Bem." A palavra mal soa convincente.

"Tem certeza?", ele pergunta, fingindo preocupação enquanto pressiona as costas da mão na minha testa. "Parece que você está queimando."

Eu a afasto. "É só o meu corpo rejeitando o seu toque."

Um sorriso maroto se espalha pelo seu rosto, e seu polegar traça a curva do meu maxilar. Uma onda de calor me percorre com o contato. "Eu não chamaria isso de rejeição. Parece mais uma reação."

"É, uma reação alérgica."

"Não sabia que você tinha sentimentos tão fortes por mim, Sierra."

Eu zombo, tentando manter a compostura. "Não sinto nada por você."

"Nada?" Ele sorri, seus olhos prendendo os meus.

É aí que cometo meu primeiro erro.

Empurro Dylan instintivamente, desequilibrando-o. Ele tropeça quando me inclino para a frente, fazendo-o cair para trás. Ele solta um "ufa" baixo quando caio em cima dele.

"Você está bem?", pergunta ele, olhando tão gentilmente que algo se quebra dentro de mim.

Meu cabelo se solta da presilha, caindo para a frente, emoldurando meu rosto. Minhas mãos ainda estão pressionadas em seus ombros, agora agarrando o tecido de sua regata. A expressão de Dylan se suaviza quando seu olhar desce para me ver montada nele. O calor no quarto estava insuportável, mas tão perto dele, eu me transformaria em cinzas.

Sua mão fria se levanta, colocando delicadamente uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, seus dedos roçando meu queixo. Lambo os lábios, o movimento chamando sua atenção, sombrio e intenso.

Então é assim que se sente ter a atenção de um homem tão focada em você que beira o predatório. De alguma forma, sei sem sombra de dúvida que não seria assim com mais ninguém. Tão completamente inflamável e estupidamente imprudente que anseio por isso.

É aí que cometo meu segundo erro.

Bato minha boca na dele e, diferentemente do que eu esperava, Dylan hesita. Quase me afasto completamente, mas então, como se estivesse

limpando a cabeça, ele agarra minha nuca e me puxa para baixo até que meu peito esteja pressionado contra o dele.

Sua pegada fica mais forte em meus quadris e, quando ele abre os lábios, deixo minha língua deslizar entre eles. Ele não espera para fazer o mesmo, chupando minha língua antes de me dar a sua. Tão macia, tão molhada, tão Dylan.

Ele é tão bom nisso que me faz tremer. Dylan me deixa beijá-lo como se minha próxima respiração dependesse da dele. Então é áspero e desesperado, dentes roçando meu lábio antes que ele se afaste, me deixando sem fôlego. Seus lábios percorrem meu pescoço, mordiscando meu maxilar enquanto sons graves escapam dele.

Quando ele encontra um ponto abaixo da minha orelha, eu grito, mas ele captura minha boca para engolir cada som.

Meus quadris balançam contra seu toque firme, e não consigo conscientemente impedir meu corpo de reagir assim. Ele é todo músculos firmes e pele macia, sua boca não deixa nada a questionar. Ele geme de algum lugar no fundo da garganta, e eu não consigo conter o gemido que sai de mim. Ele acende um fogo selvagem em seu rastro, viajando das pontas dos meus dedos até os dedos dos pés. É quase avassalador.

Então ele move a mão mais para cima, em direção à minha cintura, tentando deslizar por baixo da minha camisa quando a névoa em meu cérebro e corpo se dissipa, o calor desaparecendo lentamente. Eu paro sua mão, e ele a remove imediatamente. Ele se afasta, os olhos pesados, as sobrancelhas franzidas. Então, de repente, sua expressão muda.

"Sierra, nós—"

A porta se abre e eu voo para longe dele, deitando-me no tapete no momento em que Lidia entra novamente no quarto. "Desculpe—" Seus olhos se movem rapidamente entre nós antes que ela pigarreie. "Cair é bom. É por isso que temos colchonetes. Agora, de pé."

Nós nos levantamos com dificuldade, a 30 centímetros de distância, completamente rígidos. Seria de se imaginar que éramos estranhos, imagine duas pessoas que quase se esfregaram.

Lidia percebe, e o que quer que veja a faz bater palmas duas vezes. "Ok, chega por hoje. As paredes estão derretendo."

Eu também.

Meus ombros caem ao expirar, mas não protesto. Sinto o olhar de Dylan grudado na lateral do meu rosto, mas não ouso olhar para trás. Uma onda de

vergonha me faz coçar. Não sei o que ele ia dizer antes de Lidia entrar, mas soou e pareceu muito com rejeição.

Engulo em seco para conter a secura na garganta, minha blusa grudando desconfortavelmente em mim. Saio pela porta antes mesmo de me sentir tentada a olhar para Dylan. Lá fora, a chuva fria chia contra minha pele aquecida.

DEZESSEIS

DYLAN

ACHO que preciso examinar meu cérebro. Porque devo estar louco para me afastar de uma garota que beija melhor do que a maioria das pessoas transa — e acredite, isso já diz muito. Depois que Sierra saiu correndo da sala, eu não sabia o que fazer. Lidia apenas me encarou até eu pegar minhas coisas e ir embora.

Mas quando Sierra se afastou e aqueles olhos verdes pousaram nos meus, percebi que não era apenas uma garota com quem eu poderia dormir e nunca mais falar. É Sierra. Minha parceira.

Não posso estragar isso, nem mesmo se seus lábios fossem rosados, carnudos e entreabertos com gemidos que eu ouviria nos meus sonhos. Nunca me senti assim antes. Nunca desejei alguém tanto assim, e ainda por cima, completamente sóbrio.

"Esta é perfeita!", diz Kian, apontando para a caixa de papelão na prateleira.

Como fui parar na loja de ferragens com Kian escolhendo uma estante? Não faço ideia. Tudo o que sei é que ainda consigo sentir os movimentos fantasmagóricos dos quadris de Sierra contra os meus. Ela parecia tão certa, envolta em mim, montada em mim, balançando contra mim. Juro que conseguia sentir a pulsação dispersa entre suas pernas. Ela tinha aquele olhar no rosto. O olhar que já recebi de mulheres mais vezes do que gostaria de admitir. É tudo calor e decisões impulsivas, o tipo de desespero silencioso que te leva a fazer coisas imprudentes. Qualquer outra pessoa, e eu teria arrastado a boca dela de volta para a minha e deixado o calor doce e úmido dela me consumir até que não nos importássemos mais com onde iríamos parar — meu carro, o dela, contra a parede.

Mas nada em Sierra Romanova é igual a qualquer outra pessoa. Ela é a garota mais determinada, trabalhadora e impressionante que eu conheço, e eu jamais tiraria essa chance dela. Eu não estragaria tudo só porque não consigo manter meu pau dentro das calças.

"Precisa de ajuda?", pergunta a funcionária. Seus olhos estão fixos em mim, sorrindo como se me conhecesse. "Oi, Dylan."

Ok, ela definitivamente me conhece. "Oi", eu digo, embora não consiga me lembrar do nome dela.

Kian começa a fazer uma centena de perguntas sobre sua estante, e eu recuo porque instantaneamente me lembro de quem ela é. Uma garota de fraternidade Beta Phi. Revivo flashes da noite em que me "casei" com ela, no nosso casamento na fraternidade. Ninguém se lembra realmente daquela noite, e fico feliz por isso, porque os flashes dos quais me lembro — meu striptease na recepção e a consumação com a garota errada — é melhor não serem revelados.

As garotas do campus me cumprimentam com sorrisos doces, sussurram meu nome para as amigas ou flertam comigo em festas com olhares brilhantes e ansiosos. É lisonjeiro, eu acho. Também não tem sentido. Fez da minha experiência na faculdade o que ela é, mas depois de quatro anos, olho para trás e percebo que nada disso foi real. Nenhuma garota com quem fiquei duas vezes, nenhuma passou a noite comigo — não que eu quisesse — e nenhuma com quem tive uma única conversa sóbria.

Mesmo quando vejo minhas amigas em relacionamentos felizes e amorosos, não sinto inveja. Vejo o esforço, o ato de equilíbrio, e parece exaustivo. O amor é confuso — já vi o suficiente disso com meus pais — e exige mais do que estou disposta a dar. Mas luxúria? A luxúria é simples. Desapegada. Não pede nada além do momento. Não se apega nem se prolonga. É exatamente o que eu precisava que fosse. Até agora.

"Quer redecorar?" A mulher no balcão de pintura começa a me contar sobre a venda. Só consigo pensar em como ainda consigo sentir o gosto da Sierra. Minha mente continua voltando àquele olhar nos olhos dela pouco antes de acontecer — a hesitação, o calor, a respiração entrecortada. Será que ela me viu naquele momento? Ou o cara charmoso e convencido que consegue levar uma garota para a cama sem esforço?

Há uma pedra no meu peito que me diz que é a segunda opção. Ela só pode querer o Dylan que mostrei a ela e a todos os outros. O outro nem existe.

NÃO SEI o que deu em mim, mas depois de deixar Kian no treino de hóquei, dirigi até Manhattan. Agora não há escapatória enquanto o elevador sobe para a cobertura.

Pela primeira vez em meses, algo me levou a visitar minha mãe. Pode ser a leve crise existencial que estou tendo, mas eu precisava tirar minha mente de tudo isso.

As portas do elevador mal se abriram quando ouvi a voz da minha mãe. "Você está aqui!" Minha mãe é alta, mas quando me abraça, ela só chega até o meu pescoço. Seu aroma familiar de rosas me envolve e me faz lembrar do cheiro que sentia nela quando criança.

"Oi, mamãe. Faz tempo."

"Muito tempo", ela diz, me puxando para dentro. "Eu fazia helva, você adorava quando criança."

O cheiro de manteiga derretida e a doçura das tâmaras da sobremesa turca estão no ar. Minha mãe faz de tudo para que esta cobertura fria e estéril reproduza o calor que emanava da nossa casa em Connecticut, mas este nunca foi o lugar onde ela deveria estar. Nunca foi como nossa família deveria ser.

"Onde está o papai?", pergunto.

Ela fica tensa enquanto serve a helva. "Trabalho. Mas ele virá assim que estiver livre."

Quero acreditar nela, mas nossa realidade paira no ar como uma névoa espessa. Nós dois sabemos que às sete da noite de sexta-feira não pode haver nada de produtivo que ele esteja fazendo no escritório, mas deixo as palavras passarem sem serem ditas. Toda vez que toco no assunto, só a magoa.

Ela me entrega uma tigela. "Temos muito o que conversar. Quer me contar alguma coisa primeiro?"

Concentro-me diligentemente na minha helva. "Na verdade, não. Mas está uma delícia, mãe."

Ela joga a carta de Dalton na minha tigela. Bem quando penso que ela vai ficar brava, ela coloca a mão sobre a minha. "Pode falar comigo, kuzum. Não estou brava. Mas preciso saber se você está bem."

O calor da sua voz e dos seus olhos me remete a uma época em que ela me consolava quando eu perdia um treino ou pegava detenção. Ela estava sempre lá; meu pai, não.

"Estou bem, mãe. Sério. Foi um erro, mas estou consertando agora."

Pela expressão dela, percebo que ela está preocupada, mas não insiste. Ela me conta como Ada liga para ela todos os dias. Diferente de mim. Mas quanto mais ela fala, mais eu olho para o relógio. Cada mordida na helva fica mais amarga, mais esperamos por qualquer sinal de que meu pai vai se juntar a nós. Quando ela menciona que sente falta do jardim da nossa antiga casa, não aguento mais.

Minha cadeira raspa no chão encerado, interrompendo-a enquanto ela relembra o dia em que meu pai a surpreendeu com a estufa.

Ela encara a helva meio comida. "Ne oldu? Você não gosta?"

"Preciso ir." Pego as chaves do carro no balcão. "Tenho muito o que estudar."

"Mas o seu baba-"

"Papai não vem. E a julgar pelo eco deprimente neste apartamento, ele não vem para casa há algum tempo." Minha voz falha, a frustração transbordando.

Ela corre atrás de mim. "Isso não é verdade. Ele só está atrasado. Ele quer se desculpar por termos te surpreendido com a renovação dos votos. Ele quer que você entenda o que ele está dizendo."

"Não sou eu quem ele deveria estar pedindo desculpas." Sinto vontade de ir embora. É como se os segredos embutidos nestas paredes zombassem de mim. "Eu implorei para você deixá-lo, mãe. Quando você disse que deixaria, eu acreditei. Eu acreditei que você finalmente estava se defendendo — porque nós dois sabemos o que acontece quando eu faço isso. Então, me perdoe se aquele telefonema sobre a renovação dos seus votos não foi a boa notícia que eu esperava."

No ano passado, me candidatei a um apartamento. Kilner até me conseguiu um emprego no Porter's conversando com o gerente do bar, que concordou em me deixar trabalhar mesmo eu sendo menor de idade. Eu cobri todos os aspectos, mesmo que minha mãe provavelmente fosse rica com metade da fortuna do meu pai. Mas eu não queria que ela passasse por um longo processo de divórcio só por causa de dinheiro. Na minha cabeça, era simples: ela o deixaria e seria feliz novamente. O que mais ela poderia querer?

"Ele mudou", ela insiste, com a voz trêmula.

Eu balanço a cabeça. "Você pode não merecer as coisas que estou dizendo, mãe, mas com certeza você também não merece o que ele está

fazendo. Não me faça sentir a vilã por ser a única pessoa na sua vida que está lhe dizendo a verdade."

Normalmente, eu teria me punido por fazê-la chorar, mas deixei tudo isso passar no momento em que ela o escolheu. De novo. Cansei de tentar consertar algo que nunca foi completo.

Ela se move para a frente do elevador. "Fique. Você não vem para casa há séculos."

"Nem você."

Entro no elevador e ouço o leve sussurro de seni seviyorum — eu te amo — antes que as portas se fechem e eu dirijo de volta para o único lugar mais próximo de casa em que estarei.

ACONTECE QUE EU CAUSEI UM ESTRAGÃO SIGNIFICATIVO NA LOJA DE FERRAMENTAS. Só percebi quando tirei as coisas do meu carro depois de voltar do apartamento dos meus pais. Dois baldes de tinta, todos os pincéis que a vendedora disse que eu precisaria, uma mesa de cabeceira, uma escrivaninha e uma planta que já está murchando.

Já pintei metade do meu quarto quando meu telefone toca. MÃE aparece na tela.

É tarde e ela ainda está acordada. Pensar nisso só me faz sentir pior por ter dito aquelas coisas a ela. Eu deveria ter deixado para lá. Deveria ter fingido que não me afetava. Às vezes, acho que minha mãe só ficou com meu pai para provar que eu estava errada. Que se eu não tivesse dito o quanto ele era um merda, ela teria ido embora sozinha. Eu prolonguei a situação. Quanto mais fundo você cava, maior a probabilidade de estourar um cano d'água.

"Jesus, abra uma janela!", Kian invade meu quarto. Enfio o celular de volta no bolso no momento em que ele abre a janela e coloca a cabeça para fora, respirando fundo como se estivesse sufocando.

"O ventilador está ligado, relaxa." Uso as costas da mão para limpar a tinta da minha bochecha. Todas as minhas coisas antigas estão no corredor, incluindo a minha cama, porque comprei uma nova. As únicas lembranças que criei neste quarto foram aquelas que duraram uma única noite. Na minha cama, encostada na parede, na minha mesa — tudo parecia contaminado pela pessoa que eu costumava ser e por pessoas que não conheço.

"Como você tem energia para isso depois de patinar?"

Dou de ombros. "Desde que o Kilner nos puniu naquela temporada inteira depois que você correu pelo campus, estou preparado para qualquer coisa."

"Esse é o seu limite de resistência? Ele me fez lavar a roupa suja de todo mundo, cheia de cuecas atléticas, na temporada passada. Às vezes, ainda consigo sentir o fedor." Ele estremece.

"Acho que você precisa desabafar esse trauma com um profissional, Ishida."

Kian me dá um dedo do meio. "Então, você nunca me contou por que carregamos duas latas de tinta e toda aquela mobília. E por que é azul-bebê como um quarto de bebê?"

Olho para a tampa do balde. "Na verdade, se chama Névoa Caribenha."

Kian se joga em uma cadeira solitária, fazendo um barulho desnecessário enquanto tenta se acomodar em cima do plástico que estou cobrindo minhas coisas. "Estou curtindo muito essa coisa de Van Gogh deprimido, sem camisa e coberto de tinta. Mas o que te deixou tão perturbado a ponto de querer redecorar? Estou muito preocupado."

"Você pode ler sobre isso no meu diário."

"Espera, sério?" O interesse de Kian aumenta.

"Saia antes que eu te dê algo para se preocupar."

Então ele suspira. "É uma garota, não é?"

"Achei que já tínhamos superado essa coisa do quarto do bebê."

"Não, você está a fim de uma garota. Puta merda, como eu não percebi isso? Sem ficadas, sem festas, mas você está sempre arrumando uma desculpa para sair de casa. Definitivamente tem alguma coisa acontecendo."

"Não faço ideia de onde você tirou isso. Além disso, eu nem sempre levo garotas para casa."

Ele me ignora. "Nossa, o Dylan monogâmico."

"O Dylan monogâmico?" Summer entra no meu quarto com as mãos sobre os olhos.

Kian ri baixinho. "Você não precisa mais cobrir os olhos, Sunny. O Dylan é um virgem renascido."

"Puxando uma página do livro do Kian?", ela brinca.

Desta vez eu rio e Kian me encara. "Vocês dois estão só olhando ou vão ajudar?"

Summer pega um pincel, mas Kian se afasta. "Na verdade, eu acabei de comprar essa calça jeans, então..." Ele sai correndo do quarto.

"Serei a primeira a dizer que gosto desse novo Dylan. Parece mais autêntico."

"Acho que você quer dizer sóbrio."

Ela balança a cabeça. "Não, é você. Você não está procurando uma rota de fuga."

Eu rio baixinho. "Psicanalisando de novo, Sunny?"

"Desculpe." Ela se encolhe. "Mas seja lá o que for ou quem for que te fez redecorar, acho que pode ajudar conversarmos sobre isso. Nada é tão complicado quanto imaginamos."

"Nós nos beijamos." Não olho para Summer enquanto digo. Simplesmente sai. "Aí eu me afastei para dizer a ela que provavelmente não deveríamos, mas o treinador dela entrou e... sei lá."

Summer fica quieta por um tempo. O único som é a tinta pingando do pincel dela no chão coberto de plástico. "A Sierra te beijou e você se afastou? Porque não queria atrapalhar sua reintegração ou...?" Consigo ouvir o sorriso em sua voz, mas ela o esconde quando a olho.

Ela sabe que eu não faço isso. Confiar em alguém é como limpar a camada protetora de verniz de uma pintura que as pessoas admiram, só para descobrir que o acabamento brilhante era a única coisa que escondia as rachaduras feias.

"Todos confiaram em mim o suficiente para fazer isso, e eu não vou estragar. Não sou o cara que ela merece." Nunca fui assim para ninguém. E prefiro assim.

"Talvez não seja você quem decida o que ela merece." Summer começa a pintar. "Mas acho que você deveria conversar com ela sobre isso. Descubra onde ela estava com a cabeça quando te beijou. É difícil saber a resposta se você tem evitado a pergunta."

Conversar só leva a coisas mais complicadas, mas considerando que sou parceiro da garota, vai ter que servir.

DEZESSETE

SIERRA

COMO VOCÊ olha seu parceiro de patinação nos olhos quando sabe qual é o gosto dele? Ainda não descobri, mas até agora correr para a casa dos meus pais tem funcionado. Mal.

Estas últimas 24 horas não foram divertidas.

Scarlett precisava do meu carro para uma reunião de última hora sobre a qual ela tinha sido muito vaga, então ela me deixou na casa dos meus pais ontem à noite porque eu estava com dor de cabeça tensional e não consegui aguentar no dormitório. O chuveiro compartilhado já é ruim o suficiente em um dia normal. Então, tudo o que fiz ontem à noite foi me manter aquecida debaixo das cobertas com uma máscara de dormir e uma bolsa de gelo que meu pai colocou na minha cabeça. Só tínhamos um ibuprofeno sobrando, e eu não queria dizer aos meus pais para correrem para a loja.

Pensar em Dylan Donovan me aqueceu tão rapidamente que me afastei das cobertas. Mesmo quando Scarlett me perguntou sobre meu primeiro dia de volta com Lidia, eu não conseguia admitir que tinha sido idiota o suficiente para atacá-lo.

Dylan manuseou meu corpo como se soubesse exatamente o que fazer com ele, onde o queria, como o queria. Cada toque era certo e pronto, transbordando com uma carência que só pode ser criada por devaneios constantes. Como se ele tivesse pensado em mim.

Ainda consigo sentir os movimentos fantasmagóricos de sua língua contra a minha. Ouço o suspiro que me deixou quando ele se afastou. Depois, a rejeição.

Mas, independentemente das decisões idiotas que eu tome, patinar sempre vem em primeiro lugar. Então, para o treino de hoje, arrumei minha

mochila enquanto visto uma legging e um zíper antes de descer. O cheiro de algo doce paira no ar, mas azeda no momento em que ouço uma voz familiar.

"Sra. Romanova, acho que estou apaixonado... pelo seu bliny", diz Dylan, enfiando outra garfada na boca. O ronco baixo de sua voz faz meu corpo sentir como se estivesse sendo recompensado.

Minha mãe dá uma risadinha. "Ah, você é muito fofa! E eu já disse para você me chamar de Mila." Eu a encaro, incrédula.

"Mãe?"

Eles se viram e me encontram na entrada da cozinha, e eu ignoro o olhar que parece um laser, vindo do cara sentado no meu lugar na copa.

"Ah, lá está ela. Sierra, você nunca me disse que o Dylan aqui tem sido um grande amigo seu em Dalton. Ele até trouxe sua tarefa."

O papel que ela está apontando na ilha não é minha tarefa. Tenho quase certeza de que ele apenas pegou uma folha aleatória da pilha de trabalhos da turma. "É." Forço um sorriso. "Ele é ótimo."

"E ele me disse que também é patinador artístico."

"Disse mesmo?" Eu cerro os dentes. "Que adorável."

Eu não contei aos meus pais que o Dylan é meu parceiro e que vamos patinar de novo. Não porque eu esteja com medo das inevitáveis ligações para me informar depois do treino, mas porque eles saberão que ninguém quer ser meu parceiro e que a única razão pela qual tenho Dylan é que ele não teve escolha. Não sou a primeira escolha de ninguém; nem sou a última escolha de ninguém.

"Dylan, posso falar com você? A sós."

Seu olhar se volta para mim como sempre, travesso e leve. Por uma fração de segundo, me pergunto se ontem foi tudo um sonho. Mas a ilusão não dura, porque ainda sinto a leve ardência dos seus dentes nos meus lábios.

"Acho que estou encrencado, Mila", diz ele, terminando o prato enquanto o leva para a pia. "Mas sua comida pode valer a pena enfrentar a ira da sua filha."

"Você vai ficar bem. Sierra não tem um pingo de raiva no corpo."

Dylan solta uma risada, mas quando vê a expressão confusa da minha mãe, disfarça com uma tosse. Ele me olha de relance, mas eu desvio o olhar e me viro para subir para o meu quarto. Então Scarlett me manda uma mensagem.

Scarlett: Você recebeu minha surpresa? Sierra: Que surpresa? Scarlett: 1,93 m, cabelo castanho, arrogante pra caramba e persuasivo demais para o próprio bem. Sierra: Você deu meu endereço a ele? Que diabos, Scar? Scarlett: Ele é seu parceiro agora! E ele disse que meu cabelo é bonito antes de se oferecer para falar com alguém no hospital para me dar mais horas. Era justo que eu desse a ele o que ele precisava. Sierra: Você é uma mulher fraca, muito fraca. Scarlett: Ou eu sou uma mulher perfeitamente sã, e você está apenas em negação.

Deixo meu celular cair na cama e me viro ao ouvir o rangido da cadeira da minha escrivaninha. Dylan está sentado nela, segurando a tira de fotos minhas e de Justin do nosso último Grand Prix.

"Que fofura", ele diz amargamente.

Eu me atiro para a tira, mas ele é mais rápido, levantando-se tão rápido que a cadeira arranha o chão. Tento de novo, mas ele recua, o que me faz cair em seu peito. Um sorriso maroto provoca o canto de sua boca. boca.

"Só está na moda porque fico bem nela."

"Não dá para discordar", diz ele.

O que não digo é que isso me lembra de quando as coisas iam bem entre Justin e eu. Me ajuda a acreditar que nem tudo era ruim. Dylan se aproxima. Seus olhos se demoram no meu rosto como se estivesse juntando as peças de algo que eu não vou dizer. Minha respiração fica presa, a proximidade despertando o eco de um beijo que não consigo esquecer. Mas então ele se inclina para trás abruptamente, a cadeira rangendo quando ele se senta, me deixando ali, desajeitada e instável, entre suas pernas.

"Não esperava que você fugisse depois do nosso primeiro ensaio", diz ele, olhando para mim de onde está sentado, a cadeira mal larga o suficiente. Mas ele se inclina nela com o tipo de facilidade que faz parecer que foi feita para ele. Imagino que ele faça isso o tempo todo. Dylan entra em todos os cômodos como se fosse o dono deles, como se já tivesse estado lá mil vezes.

"Eu não fugi. Visito durante a semana, já que estudo nos fins de semana."

Ele me lança um olhar curioso. "Então, por que sua mãe acha que você é um anjo doce?"

Os dedos dele roçam minha coxa, e eu me encolho, pigarreando rapidamente. "Porque eu sou."

"A única coisa doce em você é o álcool que senti nos seus lábios, Sierra", diz ele, com um tom casual demais. "Todo o resto é quente e escaldante."

"Como o sol?"

"Como o inferno."

Meu olhar o corta. "Você saberia."

A tensão é forte no meu quarto, me fazendo cair de volta no colchão. Olho para as estrelas que brilham no escuro no teto. "Ninguém gosta de uma garota brava."

"Eu gosto."

"Vindo do jogador de hóquei mais físico de Dalton, isso não é exatamente um elogio", tento brincar, mas ele nem sequer esboça um sorriso. "Se você quer saber, não pode ser barulhento e teimoso quando está tentando fazer os jurados gostarem de você. Meu parceiro também não gostou da minha atitude."

Meu coração dispara quando seus dedos deslizam pela minha mesa, sobre o diário rosa onde escrevi todos os meus pensamentos mais sombrios do ano passado. "Ter uma atitude versus ter uma opinião sobre algo que você faz profissionalmente são duas coisas diferentes. Acho que você convive com pessoas fracas que não conseguem ouvir uma mulher inteligente sem transformar isso em uma competição de medir o pau."

Eu pisco.

"Quando você estiver comigo, Sierra, não quero que você seja quem todos pensam que você é. Quero que você seja a garota que me critica e diz o que pensa. Você consegue fazer isso?"

Eu concordo com a cabeça.

"Ótimo." Ele sorri, mas o sorriso não chega a alcançar seus olhos. "Agora vamos antes que a Lidia pense que você me matou enquanto eu dormia. E tome isso." Ele coloca um frasco de ibuprofeno na minha mesa.

"Como você sabia?" Eu encaro o frasco. Nunca contei a ele sobre minhas dores de cabeça.

"Sua melhor amiga mencionou algo", diz ele antes de ir para as escadas.

Claro que sim. Pego o carregador do meu laptop, coloco os dois na bolsa e pego a jaqueta pendurada na cadeira. Minha atenção se concentra nas fotos minhas e de Justin na lixeira debaixo da minha mesa.

Desço as escadas, mas minha mãe não me deixa sair até eu comer alguma coisa, e Dylan passa esse tempo bajulando-a. Deixo minha comida pela metade e coloco a bolsa no ombro. Não aguento.

"Vamos." Agarro o braço de Dylan, arrastando-o. Ele acena para minha mãe, que me pede para ir mais devagar.

"Eu gosto quando você faz do seu jeito, Romanova."

Ótimo, então ele está brincando sobre isso agora. Ele realmente não pensou nada sobre aquele beijo. Pelo que eu sei, foi apenas mais uma quarta-feira — outra garota; outro beijo; outro quarto quente e abafado onde ela é deixada ardendo de desejo por mais.

"Só destranque o carro", ordeno.

"O banco de trás?", ele pergunta, animado. "Faz tempo, mas você é pequena o suficiente..."

"Só dirija", digo, dando-lhe um leve empurrão. Mas, mesmo enquanto ele brinca, não consigo deixar de notar que seus olhos estão turvos. Caminho até o lado do passageiro, mas antes que eu consiga abrir a porta, Dylan a empurra por dentro, com um sorriso infantil no rosto enquanto eu desvio da porta de vaivém.

"Obrigada", murmuro.

Meu assento está quente quando entro, e Dylan pega minha bolsa e a joga no banco de trás. Observo-o então, no silêncio do zumbido do carro, enquanto ele coloca a mão no encosto do meu banco para engatar a marcha ré.

Quando ele está na estrada, olha para mim. "Você não terminou seu café da manhã. Sua dor de cabeça só vai piorar com o estômago vazio."

"Eu não terminei porque estava tentando te tirar de lá antes de você se tornar melhor amiga da minha mãe e contar tudo a ela."

"Já somos. Ela acabou de me mandar a receita do bliny dela por mensagem." Ele olha para mim. "Por que você não contou a ela sobre nós? Envergonhada?"

"Se descobrirem que Kilner e Lidia nos uniram, saberão que ninguém me queria."

O silêncio se estende, denso e desconfortável. Ele nem está ouvindo música, e me pergunto se é por causa da minha dor de cabeça.

Seguimos assim por um tempo até Dylan dizer: "Você pode pegar minha bolsa no banco de trás?"

"Sua bolsa?", pergunto, olhando para ele com desconfiança, mas obedeço. Inclino-me para trás e a pego do banco, colocando-a no meu colo enquanto ele a vasculha e tira um saco de papel pardo.

"Tem dois sanduíches aí dentro." Ele aponta para o saco. "Pegue um."

"Um sanduíche?" Meu coração bate devagar. Nunca levo um lanche no meio do treino — meu corpo não merece. Justin e eu nunca tivemos dias de folga; a dieta dele era rigorosa, e a minha também. Alguns milhares de calorias por dia, dependendo do que precisávamos. Nada mais, nada menos.

"Devo me preocupar com você?", pergunta ele, ainda com os olhos na estrada.

"Por quê?"

"Porque acho que você está perdendo a audição."

Eu zombo. "Só acho interessante que você tenha um sanduíche sobrando. De pasta de amendoim, por incrível que pareça."

"Isso importa porque...?"

Olho para ele com desconfiança. "Eu adoro pasta de amendoim."

"Que fofo", diz ele. "Você parece um daqueles cachorros."

"Engraçado", murmuro.

"Foi por isso também que você escolheu ontem fugir para a casa dos seus pais?", pergunta ele, olhando para mim, com as mãos apertando o volante.

"Eu disse que não fugi."

"Então não foi por causa do que aconteceu durante a nossa sessão de tatame?"

Ótimo, ok, então estamos falando sobre isso. Ainda espero que possamos esquecer isso como um pesadelo. Decido ir por esse caminho. "Não faço ideia do que você está falando."

"Ah, então é assim que vamos jogar?", pergunta ele. "Achei que você fosse mais corajosa do que isso, Sierra. Parecia o caso quando você estava em cima de mim."

"Olha, eu—"

"Por que você me beijou?", pergunta ele. Há algo na pergunta que parece mais pesado do que deveria.

"V-você me beijou também", digo na defensiva, embora ele apenas me lance um olhar de soslaio. Suspiro. "Eu não estava pensando, e já faz um tempo. Mas não se preocupe, eu sei que somos parceiros e não deveríamos fazer isso."

"Não deveríamos?"

"É, quer dizer, eu não costumo fazer coisas assim. Não sou eu. E sei que deve parecer idiota para você porque, sabe..." Gesticulo para ele. Ele é tão confiante em si mesmo e no sexo. Ele faz com que pareça tão descomplicado.

"Certo", ele diz, tenso. "Eu sei."

Não digo mais nada, e ele também não, mas não consigo deixar de notar a maneira como seus ombros se endireitam e seu pomo-de-adão se move.

O resto do caminho até o rinque é tranquilo, e desta vez, quando chegamos à arena, Lidia nos leva a uma sala de treinamento de verdade. Mas não é nada como ontem. Dylan mal olha para mim.

DEZOOVO

DYLAN

NÃO FAÇA PERGUNTAS para as quais você não quer as respostas. É bem claro como a Sierra me vê. Eu sabia que deveria ter ficado de boca fechada, talvez deixado a lembrança do beijo pairar entre nós até que a tensão ficasse tão insuportável que ela repetisse. Desta vez, eu não recuaria; não me importaria com o que ela pensasse de mim e daria a ela exatamente o que daria a qualquer outra pessoa.

Ela conhece minha reputação e fico feliz que ela não tenha expectativas. A única ideia de relacionamento que tive foram meus pais. E tenho quase certeza de que trair a esposa não é um dos requisitos. Me irrita ainda mais que, a cada ligação da minha mãe que ignoro, elas se tornam menos frequentes e acabo me sentindo mais culpado.

Há uma batida na porta do meu quarto antes de Kian entrar. "Posso usar seu banheiro?" Ele está vestindo um robe rosa, tem uma toalha sobre o ombro e carrega quatro frascos de xampu e condicionador na dobra do braço.

"Não."

Hoje é o primeiro dia em que estou estudando de verdade. Meus professores estão me enchendo de tarefas, e eu nem olhei para eles de tão esgotada que estou depois do treinamento com a Sierra.

"Ah, qual é! Meu chuveiro não está funcionando e nenhum encanador está disposto a vir com esse tempo", Kian reclama.

Volto a me concentrar nas minhas leituras de Direito Empresarial. "Use o do Aiden."

"Prefiro não ser assombrada pelo que quer que ele e a Summer tenham feito lá dentro."

"Do Eli?"

"Longe demais."

Reviro os olhos. "De jeito nenhum você vai usar o meu. Você sabe disso."

"Você é tão chato com o seu chuveiro. Achei que já tivesse superado a ideia de que ele fosse seu 'santuário'."

Este é um daqueles momentos em que não me sinto mal por todas as brincadeiras que fiz com ele. "Adiamento", corrijo. "E a resposta continua sendo não."

Ele faz beicinho e continua me encarando, mas não deixo que seu olhar me afete. Minha leitura é de sessenta e três páginas, e já li a primeira página três vezes.

Quando aquela sensação irritante de estar sendo observada me atormenta, saio da cama. Ainda falta um tempo para o início da nossa segunda metade do treino, mas prefiro não ser observada por trinta minutos. Pego minha bolsa de ginástica e a coloco no ombro no momento em que aponto para Kian sair. Ele bufa e vai embora. Preparo um lanche rápido e me certifico de ameaçá-lo antes de sair sobre usar meu chuveiro.

No rinque, Lidia dá a Sierra e a mim um intervalo de dez minutos após duas horas de levantamento de peso. Ela tem sido rigorosa em nos manter no básico, e é óbvio que a paciência de Sierra está se esgotando. Ela caminha até o banco mancando, e não consigo deixar de notar quando ela estremece. Sei que é pelos hematomas que minhas mãos deixam em seu abdômen.

Sierra pega o celular e navega pelas redes sociais, demorando-se nos vídeos do festival das lanternas. Meu olhar oscila entre ela e a tela enquanto tento entender o que ela acha tão fascinante. Elas mostram pessoas se reunindo para o festival que se estende por algumas semanas. Eu costumava ir com meus pais quando criança, mas não fui mais. Agora que penso nisso, nem me lembro se meu pai estava lá ou se o celular dele tocou enquanto acendiam as lanternas.

Procuro na minha bolsa. "Aqui", digo, entregando a ela um dos sanduíches que fiz.

Ela fica olhando para o sanduíche na minha mão por tanto tempo que eu o deixo cair no colo dela. Sierra murmura um "obrigada" e não diz mais nada enquanto dá uma mordida. As coisas entre nós têm sido estranhas. A tensão transborda dela, e eu consigo sentir isso quando a toco. Ela está mais

reservada do que o normal, e mal conversamos durante as primeiras quatro horas de treino e as últimas quatro, quando voltamos das aulas.

O treino tem sido uma droga e Lidia está mais irritada do que nunca. Pior ainda, já vi o técnico Kilner passar por aqui várias vezes, e às vezes ele para para observar, e outras vezes sai correndo antes que eu possa falar com ele. Não sei se ele está apreciando meu esforço ou apenas me lembrando de como eu estraguei a temporada dele.

Lidia bate palmas duas vezes e, num piscar de olhos, estamos de volta.

Aí, quando erro a posição das mãos, Sierra pega a minha e a corrige. Às vezes, me pergunto se ela sente falta dele. Na semana passada, Justin e sua parceira, Julia, treinaram de um lado do rinque enquanto nós estávamos do outro. Lidia garantiu que isso nunca mais acontecesse.

Levanto Sierra e ela resmunga, então a coloco de volta no chão imediatamente.

"O que você está fazendo?", ela sibila.

Olho para Lidia. "Ela está com dor. Não vou levantá-la até que ela esteja roxa e roxa."

"Você está bem, Sierra?", pergunta a treinadora Lidia. É a décima vez que ela pergunta isso a ela, e todas as vezes Sierra dá a mesma resposta. A mesma mentira. Isso está começando a me irritar.

"Tudo bem", ela murmura.

Eu rio, voltando à nossa posição inicial.

"Vá em frente", diz Sierra, com a voz áspera, ousada, mas com algo cru por baixo. Ela não me olha nos olhos, como se estivesse se preparando para o que quer que venha a seguir.

"O quê?"

"Diga o que quiser", ela retruca, mas mantém os braços cruzados sobre o peito como um escudo.

Algo no jeito como ela está ali, tão fechada, me atrai. Consigo sentir a distância entre nós.

Observo-a atentamente. "Você está com medo."

Seus olhos brilham. "Tenho feito isso a vida toda. Não estou com medo."

Mas eu sinto — apenas na maneira como seu corpo enrijece quando a estico os braços, na maneira como ela se mantém um pouco rígida demais. "Sim, Sierra, você está", insisto. "Sinto no jeito como você treme quando a levanto. E ainda nem fizemos nenhum levantamento de verdade."

"Isso não tem nada a ver com você", ela retruca, mas há uma falha em suas palavras.

"Tem tudo a ver comigo", digo, com a frustração transparecendo na minha voz. "Sou eu quem está te segurando, potencialmente te colocando na mesma posição em que você caiu, e eu entendo, ok? Provavelmente te apavora porque você acha que eu te derrubaria como ele fez."

Vejo seu rosto mudar, sua respiração presa na garganta, e o pânico é instantâneo, como uma onda quebrando sobre ela. Preciso de todas as minhas forças para não tentar alcançá-la, para não afastá-la como antes.

A treinadora continua observando, e vejo Sierra se fechando ainda mais. Como se estivesse presa.

Ela gagueja. "E-é uma coisa minha. Eu vou dar um jeito."

Lidia intervém, seu tom final. "Nós vamos dar um jeito."

Volto meu foco para Sierra, meus olhos se encontrando com os dela. A tensão entre nós é densa, pesada demais para ignorar. Consigo vê-la lutando contra isso, mas algo mudou, algo na maneira como seus olhos se suavizam por um instante, na maneira como seus lábios se abrem, como se ela estivesse tentando encontrar as palavras, mas não soubesse como. Quero dizer a ela que ela não precisa.

"Me diga o que você precisa, e eu serei isso para você", sussurro.

Ela congela. E antes que eu possa dizer qualquer outra coisa, ela se afasta de mim, patinando no gelo sem dizer uma palavra.

A CAMPAINHA TOCA sem parar, o som ecoando pela casa. Mesmo quando pressiono o travesseiro contra os ouvidos, ainda consigo ouvi-la. Com um xingamento e os olhos semicerrados, rolo para fora da cama e escancaro a porta do quarto.

"Abre a porra da porta!", grito, mas minha voz ecoa fracamente antes que o toque implacável recomece. Não há ninguém em casa; eu sei, porque a música habitual do andar de cima está ausente, e o cheiro persistente de fumaça das tentativas frustradas de café da manhã não está se espalhando pela casa. Até a TV da sala, que normalmente fica ligada o tempo todo, está silenciosa.

Não me dou ao trabalho de vestir uma camisa e saio de cueca. Se alguém quiser atrapalhar meu sono, não vou levar em consideração.

A exaustão paira em meu cérebro nebuloso. Direito Empresarial tem um jeito de me embalar para dormir melhor do que Ambien. Meu professor, que já passou da idade de se aposentar, parece mais interessado em uma viagem de poder do que em ensinar; ele avalia nossas tarefas com base em quantas vezes mencionamos um de seus casos antigos. Depois que descobri isso, tem sido tranquilo, e reter tudo o que aprendo com ele não tem sido realmente minha prioridade.

Falando em viagens de poder, quando abro a porta, me deparo com o familiar azul-escuro de um terno Tom Ford impecável e aqueles olhos azuis frios que me aliviam por nunca ter herdado. Meu pai fica parado na porta, com uma expressão indecifrável, até me lançar um olhar indiferente.

"Dormir durante a faculdade? Essa é uma maneira de jogar a vida fora", diz ele.

Meu maxilar se contrai. "Não sei. Você é especialista em jogar as coisas fora", retruco, já farta da presença dele. Este é o único lugar que parece meu, e tê-lo aqui parece errado. Ele teve quatro anos para me visitar. Começo a fechar a porta, mas ele me impede.

Meu pai equilibra a caixa que segura em uma mão enquanto usa a outra para segurar a porta aberta. "Espera aí, vim aqui me desculpar."

"Que começo horrível para uma visita de desculpas."

Ele me encara impassivelmente. "Você vai me convidar para entrar?"

Relutantemente, gesticulo para a sala de estar, e ele entra, seus olhos percorrendo a casa com aquele toque de julgamento que ele sempre carrega.

"Onde estão seus colegas de quarto?"

"Meus amigos estão treinando, então sou só eu." Ele não disse nada sobre a carta que receberam de Dalton sobre minha suspensão. Será que minha mãe contou a ele? De qualquer forma, ele ficaria feliz por eu ter desistido daquele esporte bárbaro. Embora ele odiasse patinação artística ainda mais.

Ele não se senta no sofá — provavelmente para melhor —, então ficamos parados na sala, ele de terno e eu de cueca boxer. Eu o ultrapassei em altura alguns anos depois da puberdade, e esse pequeno desequilíbrio pareceu um prenúncio do catalisador que alterou nosso relacionamento. Serve como um lembrete físico do quanto eu o superei.

"Eu entendo que você se sentiu pego de surpresa pela nossa ligação anterior. Deveríamos ter conversado sobre isso em família primeiro."

Suas palavras são como um picador de gelo na minha firme determinação, mas não o deixo perceber isso.

"Depois de tudo que passamos como família, sei que esta não é uma solução paliativa para os nossos problemas. Mas esta renovação de votos significa muito para sua mãe."

Significa muito para sua mãe. Não para ele. As palavras deixam um gosto amargo na minha boca. Espero que ele continue, mas ele fica parado ali, me encarando como se fosse a minha vez.

"Só isso?"

Ele suspira. "Sua mãe agradeceria se você deixasse de lado nossas diferenças pessoais e se juntasse a nós na renovação dos nossos votos. Fiz algumas coisas no passado das quais não me orgulho e quero começar do zero. Eu a amo, Dylan. Eu também te amo."

"Parabéns", digo. "Vou ter que verificar minha agenda."

Meu pai me olha como se quisesse dizer mais, mas pensa melhor. "Trouxe uma coisa para você", diz ele finalmente, reconhecendo a grande caixa branca em suas mãos. Ele a coloca na mesa de centro, e vejo o envelope lilás em cima. "É o seu smoking para a cerimônia. Sua mãe o escolheu e escreveu esta carta para você."

Olho fixamente para o envelope na caixa, decidindo então que nunca o abrirei.

"Seus amigos são bem-vindos. Enviaremos os convites deles em breve."

Saber que é minha mãe quem está correndo por aí, finalizando todos os detalhes da cerimônia, me faz sentir raiva. Enquanto ele sai tarde da noite, ela o espera na casa de vidro, agarrada à mesma esperança que nutre desde que ele abriu este negócio.

"Você não precisa convidar meus amigos", eu digo.

Ele não responde, apenas me encara por tanto tempo que acabo fazendo um gesto para que ele saia. "Eu preferiria que você confirmasse sua presença."

"E eu preferiria que você nunca viesse aqui com seu pedido de desculpas meia-boca."

Seu maxilar se contrai. "Não vou tolerar seu desrespeito. Você acha que pode falar com sua mãe desse jeito porque ela deixa você se safar, mas esse não será o caso comigo."

"Certo, porque você é o único que tem permissão para desrespeitá-la."

"Dylan..."

"Da próxima vez que quiser se desculpar, tente usar as palavras 'Sinto muito'", cuspo. "Saia da minha casa."

Seus olhos brilham intensamente, e eu sei que aqui, agora, a única coisa que restará do nosso relacionamento serão as cinzas.

"Vá embora. Agora", digo, me preparando para sua resposta fria. Em vez disso, ele sai de casa sem olhar duas vezes. Sua presença paira no ar como uma película pegajosa.

Um minuto depois, a porta da frente se abre novamente, e estou prestes a levantar a voz quando Kian entra correndo. "Era seu pai?"

DEZENOVE

SIERRA

"VOCÊS DOIS VÃO a um encontro", diz Lidia.

Cuspo minha água, tapando a boca com a mão. Meus olhos se voltam para Lidia enquanto o olhar de Dylan queima a lateral do meu rosto. Limpo a água do meu zíper rosa que usei para enganar Lidia e fazê-la pensar que eu estava acendendo a "luz verde". Essa era uma conversa que ela tinha comigo todos os anos, porque a linguagem corporal e a aparência dizem tudo, e a minha era mandar todo mundo se foder.

Ela não está errada.

"Brincadeiras não combinam com você, Lidia", eu digo.

Ela estreita os olhos. "Quando foi que eu já brinquei?"

"Mas deveríamos aproveitar cada segundo que temos para patinar; essa não é a solução."

Dylan não disse uma palavra, e o silêncio está me dando nos ouvidos. Ele deveria se opor a isso com a mesma veemência que eu. A última coisa de que precisamos é de mais tempo juntos.

Como passei a maior parte do treino evitando contato visual com ele, demoro um bom tempo para encontrar seu olhar. Ele percebe minha tentativa de fazê-lo ficar do meu lado, mas deve ser péssimo em interpretar sinais faciais, porque diz: "Acho que é uma ótima ideia".

Meu queixo cai, e Lidia também parece surpresa.

"Não a parte do encontro", ele esclarece, e eu relaxo, mas não antes de uma pequena pontada, como uma abelha, me cutucar no peito. "Podemos fazer outra prova de química enquanto praticamos. No gelo, dessa vez."

"Química não é o problema. Isso ficou bem claro durante nossas sessões de solo." Ela diz isso como se quisesse revirar os olhos. "Agora que ouvi

suas duas desculpas esfarrapadas... troquem de roupa, vamos fazer uma excursão."

Depois do nosso treino tenso da semana passada, Lidia assumiu como missão fazer com que Dylan e eu estivéssemos em sintonia. No gelo, trabalhamos bem juntos, mas há uma camada de desconforto que persiste em nossa rotina, e depois que Dylan apontou que a culpa é minha, os treinos têm sido uma merda.

Estou acostumado a cair, mas é quando sou jogado sobre a cabeça dele que o pânico me atinge. Não é a dor que me preocupa, porque mal a senti naquela noite. Tudo o que eu conseguia pensar era que havia deixado uma carreira solo brilhante para treinar com Justin por quatro anos só para acabar na porra da pista. Eu estava furioso. Eu costumava ficar obcecado por compilações de falhas na patinação. Eu estudava os erros, praticava os movimentos e sabia que nunca poderia ser eu. Nunca deveria ser eu.

Olho para os patins que amarrei meticulosamente antes do treino e deslizo atrás de Dylan até o portão. Ele aciona seus protetores, me entrega os meus sem dizer uma palavra e segura o portão aberto para mim antes de ir para o vestiário.

Do lado de fora da arena, entramos no banco de trás do Toyota Yaris vermelho de Lidia. Tentei sentar no banco do passageiro, mas ela não destrancou. Dylan estava com a porta traseira aberta para mim, e tentei me espremer o máximo que pude, mas o banco dela estava cheio de caixas e caixas de patins extras, roupas e rolos de espuma. Há um kit de primeiros socorros aos meus pés e mini cones laranja que usamos para exercícios. A falta de espaço deixa o corpo enorme de Dylan espremido ao meu lado, e nossas laterais grudadas como cola.

Enquanto ele se abre como se fosse o dono do banco de trás, bato meu joelho no dele, mas ele não se move e, em vez disso, empurra meu joelho para trás. Quando reviro os olhos, vejo Lidia nos observando pelo retrovisor com um leve aceno de cabeça que me faz endireitar.

Ela dirige por tanto tempo que todo o meu sono perdido da semana começa a me afetar. O aquecedor ligado no máximo também não ajuda. A sensação do corpo de Dylan, o calor, o zumbido baixo da música clássica russa vindo do rádio, tudo se mistura para pesar nos meus olhos.

Parece que horas se passaram quando acordo e encontro minha cabeça apoiada em um ombro aquecido e o carro estacionado em alguma área deserta à beira da estrada. Levanto-me de um salto e encontro Lidia ao

celular, gritando com alguém, quando seus olhos encontram os meus pelo retrovisor.

"Que bom que finalmente se juntou a nós, Srta. Romanova", diz ela, com uma doçura enganosa, jogando o celular descuidadamente no banco do passageiro. "Para os passageiros que estavam acordados, estamos lidando com alguns obstáculos."

Olho para Dylan e me amaldiçoo por fazer isso. Ele é tão quieto que engana meu cérebro, fazendo-o pensar que ele é ainda mais atraente do que já é. Algo nele não falar demais me afeta.

"Que tipo de obstáculos?", pergunto.

"Um que furou meus pneus e outro que fez sua aula de culinária ser cancelada."

Dylan solta um suspiro divertido.

"Aula de culinária?", pergunto. "Você achou que seria uma boa ideia ficarmos perto de facas afiadas e fogo?"

"Pervertido", sussurra Dylan, falando pela primeira vez desde que o usei como meu travesseiro pessoal.

"Se você tivesse a opção e não a usasse, seria uma vitória. Mas eles tiveram um vazamento de gás", diz ela. "Então, vamos adiar, porque mesmo com o péssimo sinal de celular, consegui chamar um guincho..." Uma buzina soa e um guincho vermelho da Roggi's estaciona na nossa frente.

O motorista se aproxima da janela de Lidia, e ela aciona a alavanca manualmente. "Vocês podem sair. Mas meu caminhão só tem espaço para uma pessoa, então não posso dar carona a todos."

"Eu disse ao telefone que eram três pessoas", argumenta Lidia.

O homem coça a barba longa e puxa a gola do macacão manchado. "Recepção ruim, senhora. Mal conseguimos sua localização."

"Vou chamar um Uber", sugere Dylan.

O motorista solta uma gargalhada. "Você não vai ter banda larga para isso aqui. Mal conseguimos entender o chamado da Lídia. Mas tem um ponto de ônibus a 800 metros daqui."

Lídia balança a cabeça, e o homem parece encolher. Mas então seus olhos azuis se iluminam com algo novo. Como uma ideia. Ah, não.

"Perfeito." Lídia sorri. "Vocês dois, saiam."

"O quê?", Dylan e eu dizemos em uníssono.

Lídia simplesmente gesticula para a porta.

Dylan parece ter mais a dizer, mas para nos salvar da fúria que se segue, eu o empurro para sair do carro. Seu olhar encontra o meu, e ele deve ver o medo em meu rosto, porque relutantemente abre a porta e nos deixa sair.

Há momentos em que penso que Lídia enlouqueceu, mas este supera todos. O homem reboca o carro e prende tudo antes de abrir a porta do passageiro.

"Lidia, a gente nem sabe onde está. Além disso, não tem sinal", tento argumentar, observando-a apertar o casaco e ajeitar o cabelo que balança ao vento.

Ela dá um tapinha na minha bochecha como se eu fosse idiota. "É para isso que serve o trabalho em equipe, devushka."

Aí está.

Dylan se mexe atrás de mim, soltando um suspiro suave enquanto olha para o céu. Como se eu quisesse estar ali.

"Kysh! Vejo vocês duas na sexta", ela diz, e entra no guincho. O motorista parece ter pena de nós, e me pergunto se ele nos deixaria segurar no para-choque dele.

"Lidia!", gritamos em uníssono, mas tudo o que isso faz é fazer seu sorriso falso se transformar num olhar penetrante que ela nos lança pela janela, do tipo que eu nunca ousei encarar.

A estrada de terra batida e pedregosa range sob a velocidade dos pneus, e eu observo a caminhonete vermelha se afastar com o carrinho vermelho minúsculo com o adesivo da Federação Russa de Patinação Artística no vidro traseiro. Imaginei que o dia de hoje poderia ter sido de muitas maneiras, mas ficar presa no meio do nada com Dylan Donovan não é uma delas. Os arbustos e árvores ao redor dançam ao vento, e eu me abraço com mais força. Esqueci de verificar a previsão do tempo hoje. Dale Thunderman ficaria muito decepcionado.

"E agora?" Digo, virando-me para encarar Dylan, que apenas me lança um breve olhar de soslaio antes de começar a andar. "Ei!"

"O quê?"

"Você nem sabe se este é o caminho certo."

"Bem, como eu era a pessoa consciente no passeio, eu estava prestando atenção na estrada."

Essas palavras me mantêm calada, e deixo Dylan assumir a liderança.

Depois de caminharmos o que parecem quilômetros, começo a me preocupar se terei que encontrar um pedaço de grama seca para dormir esta

noite. Com base na extensão da viagem, presumo que estejamos em Andover ou Georgetown.

Bem quando penso que esta caminhada não pode piorar, uma gota de chuva cai com um respingo frio na ponta do meu nariz. Minhas leggings finas e meu zíper mal me protegem do vento cortante, e agora a chuva encharca minha pele fria.

"Isso é um pesadelo", murmuro.

Dylan parece achar graça, porque ri, balançando a cabeça e acelerando o passo. Corro para acompanhá-lo.

"Qual é a graça?"

"Nada."

O tom cáustico me faz parar e puxar a manga do seu moletom. "Me conta."

"Não", ele responde com aquela voz grave e retumbante. Minha mão solta o moletom, mas, por algum motivo perverso, isso só me deixa mais determinada a arrancar o que quer que ele esteja escondendo.

"Não finja poupar meus sentimentos, Dylan. Diga o que você está pensando."

Ele balança a cabeça novamente, e o sorriso irônico em seu rosto permanece firme. O vento sopra ao nosso redor e o sol começa a descer lentamente em direção ao horizonte. Fios do meu cabelo encharcados de chuva grudam no meu rosto, e tenho quase certeza de que algumas folhas também se emaranharam ali.

"Diga."

"Sierra", ele avisa.

"Meu Deus, você é insuportável!"

Isso o faz parar tão abruptamente que a lateral do meu corpo colide com a dele e eu tropeço para trás. A terra do caminho improvisado mancha meus sapatos brancos — pelo menos, espero que seja terra. Mas não consigo me concentrar nisso. O lento virar do homem irritado à minha frente sugere que eu deveria estar com medo, mas algo em seu olhar sombrio me faz ficar ereta e erguer o queixo. Por mais mordaz que seja seu olhar, não vou deixar que ele me veja fraca.

"Talvez se você parasse de agir como se fosse a única neste time, não estaríamos aqui, para começo de conversa."

"Eu? Tá brincando?", grito, me esforçando para ser ouvida em meio à chuva torrencial que cai sobre nós agora. "Você não fez nada para que isso

parecesse uma parceria."

"E fez?", ele retruca.

"Você age como se não quisesse estar aqui, e eu não estou aqui para implorar para as pessoas ficarem." Nada poderia me forçar a fazer isso de novo.

"Você está vendo o que quer ver, Sierra", diz ele, soltando um suspiro de frustração. "Se eu não quisesse estar aqui, não estaria aqui."

Meu peito arfa, e meus cílios encharcados de chuva fazem gotas de água caírem em cascata pelo meu rosto, como lágrimas. Minhas palavras ficam presas na garganta. Dylan fecha os olhos, respira fundo e então me encara diretamente. A intensidade do seu olhar é perturbadora.

"Você não vai me dizer como consertar isso", ele diz rispidamente. "Você está lutando, e eu posso sentir, mas você é tão teimosa que não me deixa ajudar. Se você apenas me dissesse o que está te impedindo de confiar em mim completamente, não estaríamos nessa enrascada."

Meus lábios permanecem pressionados enquanto a chuva os atinge. Suas palavras são golpes certeiros no meu peito. Sinto um aperto na garganta que tenta forçar as palavras a saírem, mas elas não saem. Elas continuam presas em um nó antigo que foi criado há tanto tempo que não sei mais como desfazê-lo. Quero dizer a ele que estou tentando, que isso não é mais fácil para mim, mas estou presa.

Eu cerro os punhos, me amaldiçoando pelo meu silêncio e por fazê-lo acreditar que eu não me importo. Assim que reúno forças para falar, Dylan balança a cabeça e desvia o olhar. Meus olhos acompanham seus movimentos enquanto ele puxa o moletom sobre a cabeça. Por baixo, ele veste uma camisa verde-escura justa de manga comprida, daquelas justas que ele costuma usar para treinar.

"Pega", ele ordena.

Se eu estava sem palavras antes, tenho quase certeza de que minha garganta se fechou completamente agora. O moletom azul-marinho da DU Hockey, marcado com seu sobrenome na manga e seu número atrás, pende de sua mão como um artefato sagrado. Eu o encaro. Ele o estende para mim novamente, e eu sinto o peso de seu apelo silencioso.

"Seus dentes estão batendo. Vista, Sierra."

"E você?", pergunto, quase num sussurro.

Ele não responde, então, quando um arrepio me percorre, pego o moletom e o coloco sobre a cabeça. O calor do seu corpo ainda permanece

no algodão, e eu o deixo penetrar minha pele fria e úmida, misturando-se ao aroma fresco do seu sabonete líquido. O moletom me envolve como um abraço, e uma dor se instala no meu peito, que se intensifica quando o pego olhando para trás para verificar se eu o vesti.

Com minhas mãos geladas enterradas em seu moletom, caminhamos em direção a uma longa faixa de luzes à nossa frente. O silêncio parece mais alto que o vento assobiando.

"Estou tentando", digo finalmente. Uma parte de mim espera que o barulho de fundo dos carros que passam e do farfalhar das árvores abafe minhas palavras, mas quando ele fica tenso, sei que me ouviu.

Assim que me preparo para ele dizer algo como "se esforce mais" ou "isso não é bom o suficiente", ele se vira para que eu possa ver o lado do seu rosto iluminado pelos postes de luz piscantes pelos quais passamos. Em voz baixa, ele diz: "É tudo o que preciso".

Minha mente tenta me convencer de que o ouvi errado. Depois de tudo o que eu disse, como ele pôde ser tão compreensivo?

Esses pensamentos desaparecem quando a buzina estridente de um carro e seus faróis brilhantes me fazem pular, e tropeço em Dylan. Ele agarra meu ombro e me puxa para perto até que eu esteja praticamente enfiada debaixo do seu braço.

"Saia da porcaria da estrada! Isso é West Hartford, não o interior", grita o motorista da janela rachada.

West Hartford? Encontramos a estrada principal! Não consigo conter meu sorriso de pura alegria quando me viro para olhar para Dylan, que compartilha um sorriso exausto e torto comigo.

"Eu sei onde estamos. Vamos", diz Dylan. Desta vez, quando recomeçamos a caminhar, meu peito praticamente afunda quando dedos quentes, molhados da chuva, se entrelaçam aos meus, me puxando.

A placa rosa com lâmpadas amarelas chamativas ilumina a entrada do Lola's Diner.

"Não tenho dinheiro", digo a ele.

"Eu cuido disso", diz Dylan antes que a garçonete chegue para nos acomodar. Ela parece conhecê-lo, e ele gosta da atenção, porque sussurra algo para ela que a faz rir e apertar seu braço. Um pouco longo demais, se quer saber. Principalmente porque ela viu a mão dele na minha. Poderíamos estar juntos, pelo que ela sabe.

Você não está.

Deslizo para dentro da cabine e, quando estou prestes a retirar a mão, em parte por irritação e em parte porque espero que ele se sente à minha frente, ele me segura com mais força e aperta seu corpo enorme bem ao meu lado na cabine. Estamos perto, perto demais.

É quando noto o anel preto ao redor da íris dele. Enquanto ele tem olhos castanhos, cabelo castanho e pele dourada, eu tenho cabelo escuro, lábios vermelhos e olhos verdes. Tudo em mim é gélido e afiado, como meus patins. Parece óbvio quando estamos tão perto.

Tento me afastar. "Não acho que criar laços signifique que você não pode sair do meu lado."

"E se eu não quiser?"

Lança-lhe um olhar entediado. "Então voltamos a isso? Flertando comigo?"

"Isso não foi flerte", diz ele, aproximando-se. "Se eu estivesse flertando, sua bunda estaria no meu colo em vez de neste couro barato."

Eu me irrito. "Que bom que você não está flertando, então."

"Você quer que eu faça isso?", ele sussurra, nossos narizes a centímetros de distância. "Podemos pedir bebidas. Eu sei que você gosta de dividir."

Meu pulso acelera. Esta é a primeira vez que ele menciona aquela noite na festa, quando eu, bêbada, o deixei sentir o gosto do álcool dos meus lábios. Agora ele está tão perto, e seus lábios parecem tão quentes. Inconscientemente, sinto que estou me inclinando, porque tenho certeza de que se ele pressionasse seu corpo molhado contra o meu, isso me excitaria. Sua língua seria quente e habilidosa e...

"Você parece precisar de uma toalha, Si", uma voz interrompe, e eu me afasto dos olhos escuros de Dylan para ver um homem com um jaleco branco amassado de chef da Lola.

"Ajay." Tento sair da cabine, mas Dylan é como uma pedra no meu caminho. Gesticulo para que ele me deixe sair, mas ele apenas me olha com uma expressão vazia. Desistindo, saio desajeitadamente pela outra extremidade, e Ajay me puxa para um abraço que eu não esperava.

Eu não sou de abraçar, e mesmo agora, quando ele me abraça forte, não o abraço de volta. Quando dou um passo para trás, ele me solta e começa a me fazer uma pergunta, mas antes que eu possa ouvir o que é, minha visão é bloqueada. Por Dylan Donovan.

VINTE

DYLAN

A PRIMEIRA COISA que me irrita neste restaurante é a música que toca na jukebox. A segunda coisa é o cozinheiro abraçando meu parceiro.

Eles ainda estão aconchegados em um abraço de amantes ao som daqueles vinis deprimentes que Kian sempre toca. Sierra é a primeira a se afastar e eu tento não deixar meu lábio se erguer com a ação. Seu olhar voa para o meu rapidamente e depois para um ponto aleatório na parede. Se a garota corasse, tenho certeza de que isso transpareceria agora, e o pensamento me irrita pra caramba. Ajay, o cozinheiro, começa a lhe fazer uma pergunta, mas sem pensar duas vezes, estendo a mão e me ponho entre eles.

"Dylan", apresento-me.

O olhar de Ajay desce para a minha mão. Ele é apenas alguns centímetros mais baixo do que eu e, quando finalmente coloca a mão na minha, aperta-a com um pouco mais de força do que eu esperava.

"Eu sei quem você é, Donovan", diz ele com um tom mordaz. "Eu sou Ajay."

Não tenho ideia de por que ele parece protetor com Sierra. "Como você conhece meu parceiro?"

Há uma insinuação em minhas palavras que não corrijo. Há algo nela parada ao meu lado, encharcada, e usando meu moletom que faz as palavras saírem mais ásperas. O cordão possessivo que envolve minha irritação parece perigoso.

Sierra dá um passo à frente, seu braço esbarrando no meu, mas seus olhos estão em Ajay enquanto ela sorri.

"Ela costumava vir aqui nos raros dias em que queria uma refeição 'trapaceira'. Embora suas refeições 'trapaceiras' significassem um hambúrguer vegetariano envolto em alface."

Sierra ri. "Ele ainda conseguiu me enviar acidentalmente um pedido de batatas fritas com queijo." Há uma memória silenciosa que se repete entre eles. Quero esmagá-la com minhas próprias mãos.

"Provavelmente melhor do que os sanduíches que eu faço para você praticar, né?", interrompo.

Ajay olha entre nós. "Vocês dois praticam juntos?" Suas palavras são lentas e incertas, como se ele estivesse se perguntando se quer saber a resposta.

"É, ele é meu novo parceiro."

"É só isso que somos?" Espero que o sorriso no meu rosto sugira muito mais, porque o olhar furioso que ela me lança não vai me dar um bom resultado mais tarde. Mas não estou nem aí. Aproveito a oportunidade para abraçar Sierra.

"O que te fez passar por aqui?", pergunta Ajay.

"O carro do nosso treinador quebrou e nossos telefones estão sem bateria. Estamos meio perdidos", informa Sierra.

Ajay parece confuso, mas concorda ao avaliar nossas roupas encharcadas. Mais precisamente, meu moletom nela. "Você pode usar o telefone da cozinha; é logo ali no corredor."

Sierra sorri agradecida e se vira para mim. "Posso tentar ligar para a Scarlett, mas ela provavelmente está estudando com o telefone desligado."

"Vou ligar para o Kian", ofereço. Ajay aponta para o corredor com o telefone, sem nem olhar para mim. Ele sorri para Sierra, e sinto vontade de puxá-la comigo, mas contenho a estranha possessividade que toma conta. Por que eu me importo?

O telefone da cozinha está pendurado na parede e é um daqueles antigos de disco. Kian atende no último toque, e sua voz está carregada de sono.

"Ei, preciso que você me pegue na casa da Lola."

"Dylan?"

Suspiro. "Quem mais, Ishida?"

"Ah, certo, bom, eu com certeza, cara, você sabe disso, mas acabei de voltar de um encontro com o Aiden e a Summer, então estou meio bêbada por causa de todo o vinho."

"Por que você estava no encontro deles?", pergunto.

"Eles se sentiram mal por me deixarem sozinha em casa. Mas provavelmente deveriam ter me deixado. Houve gritos, um incêndio e muitos xingamentos." Ele parece estremecer com a lembrança.

"Deixa pra lá. Vou chamar um táxi", digo.

Ouvimos mais farfalhar. "Quer que eu encontre alguém sóbrio? Tenho certeza de que o Aiden vai te buscar."

"Não", saio correndo. "Não—"

"Aiden!" Ouço a porta dele se abrindo e, em seguida, seus pés atravessando o corredor. "Você está decente? Vou entrar."

Aperto a ponta do meu nariz. Mais conversas acontecem e, com a impaciência me dominando, olho para as máquinas de venda automática de brinquedos. Aquelas com argolas de plástico e bonecos aleatórios. Uma ideia me vem à cabeça.

Faz meses que não prego uma peça no Kian fingindo ser a ex-namorada dele, a Tabitha. Ela era um pesadelo — hackeava nossos telefones, dormia na nossa cama, roubava nosso gás. Depois disso, o Kian se sentiu culpado por nos fazer passar por aquela situação e ficou se lamentando por semanas. Então comecei a pregar peças nele. Claro, ele estava um pouco assustado, mas quanto mais "ela" o atacava, mais ele parava de se culpar. Agora eu só faço isso por diversão.

Ouço um grito abafado, um gemido e mais passos arrastados. "Alô?", a voz irritada de Aiden sai do receptor. "O que houve?"

"Ei, Cap. Não há nada de errado. Só liguei para ver se o Kian podia me dar uma carona, mas tudo bem, chamamos um táxi", minto.

"Tem certeza? Posso ir agora mesmo", diz ele com sinceridade. Kian dá uma risadinha no banco de trás. Ele vai se arrepender disso quando estiver sóbrio. "E quem somos nós?"

"Nós?" Kian deve ter pegado o telefone.

Porra, eu disse isso? Pigarreio. "Ninguém. Já volto para casa." Desligo o telefone com fio e, assim que me viro, Sierra está atrás de mim.

"Sem sorte?", pergunta ela. Seu cabelo está encharcado e pegajoso, mas, de alguma forma, ela está tão bem quanto sempre. Porra, talvez até melhor. Seu nariz está vermelho de frio; assim como as maçãs do rosto. Aposto que seus lábios estariam frios se eu a beijasse.

O pensamento me traz de volta à realidade, onde essa não é uma opção. Ou mesmo um pensamento que eu deveria estar tendo. Pigarreio. "Como você imaginou?"

"Você bateu o telefone com força", diz ela. "Mas tudo bem, o Ajay disse que o turno dele termina em dez minutos, então ele pode nos dar uma carona de volta."

Maravilha. "Quanto ele cobra?" Pergunto secamente.

"Ele não é motorista. Ele está me fazendo um favor."

"E o que você está fazendo para retribuir esse favor?"

"As pessoas podem fazer favores sem precisar de nada em troca", ela retruca.

"Eu vi o jeito que ele olhou para você. Isso não é só um favor, Sierra."

"Nem tudo é sobre ficar. Ele é um amigo", ela diz. "Mesmo que ele fosse mais do que isso, não é da sua conta."

"Amigos não cozinham para você apenas quando você está por perto, te dão caronas que os desviam do caminho ou avaliam o cara com quem você está."

"Você já me deu comida antes", ela simplesmente afirma.

"Nós não somos amigos."

O toque de uma campainha quebra o olhar acalorado que nos prende. Nenhum de nós se move, mas quando Ajay interrompe nosso olhar, Sierra é a primeira a desviar o olhar.

"Acabei de bater o ponto", diz ele. "Meu carro está lá atrás."

Lá fora, Ajay destranca as portas e eu acidentalmente empurro Sierra para longe e vou embora. Ela xinga baixinho e se senta no banco de trás. Isso não impede Ajay, o cozinheiro, de olhar pelo retrovisor para falar com ela durante toda a viagem. Também não o impede de me deixar primeiro, o que permite que Sierra troque de lugar quando eu saio do carro. Mas antes que ela possa se sentar lá dentro, eu agarro seu pulso. Olhos verdes me observam com curiosidade, e não sei por que faço isso, talvez porque ela esteja com meu moletom, ou por causa das palavras dela de antes sobre tentar foder com a minha cabeça, mas a puxo para frente.

"O que você está fazendo?", ela pergunta antes de bater no meu peito. "Eu não sou de abraçar."

"Eu sei." Eu a puxo para mais perto.

"Dylan."

"Deixe acontecer, Romanova."

Ela suspira, e isso aquece o centro do meu peito. "Mas, Ajay..."

"Ele pode esperar. Eu não."

"Mas..."

"Shh", sussurro em seu cabelo. "Estamos tendo um momento de silêncio."

Eu nem preciso olhar para ela, com a cabeça pressionada contra o meu peito, mas sei que ela está revirando os olhos. Passo a mão em suas costas, apertando meu abraço, e a sinto relaxar. Seus ombros caem enquanto ela se aconchega em mim. A rendição silenciosa quase abre meu peito.

Ficamos ali por um tempo, e eu esqueço o carro ligado e a cozinheira sentada lá dentro. Acho que ela também, até que ele a chama pelo nome e Sierra se afasta. Com um último olhar, ela entra no carro e fecha a porta.

Todos estão dormindo quando entro em casa. Sebastian está desmaiado na sala, com a TV ainda ligada. Procuro um envelope e, assim que o pego, passo pelo meu quarto e subo as escadas à direita.

Pego o anel de "diamante" de brinquedo que tirei da máquina da lanchonete e o coloco no envelope. Com minha melhor letra cursiva, escrevo Tabitha nele e, em seguida, deslizo o envelope branco por baixo da porta do quarto de Kian.

Seu cérebro de ressaca vai se divertir com isso.

VINTE E UM

SIERRA

DYLAN ESTAVA CERTO.

Dói muito admitir isso. Só de pensar nessas palavras, sinto um gosto amargo na boca. Depois que Ajay estacionou em frente à Casa Iona ontem à noite, ele me chamou para sair.

Eu disse a ele que precisava verificar minha agenda, mas mesmo minha rejeição sutil me deixou me revirando na cama. Eu não conseguia entender por que o rejeitei, mas lá no fundo, lá no fundo, onde provavelmente fica a Fossa das Marianas, eu sabia que aquela faísca de atração que ardia em mim desapareceu assim que Dylan Donovan saiu do carro. Eu não conseguia parar de pensar no abraço, em como ele era gentil, em suas palavras sussurradas em meu ouvido. Eu não abraço pessoas. Todas as vezes que aconteceu, foi totalmente desagradável, mas com ele não foi assim. Nem um pouco.

Passei a maior parte da noite tricotando. Eu me sentia divagando, oscilando entre o moletom enorme do Dalton Hockey secando na cadeira da minha escrivaninha e a lembrança do olhar acalorado que Dylan me lançou antes de eu me sentar no banco do passageiro. Quando finalmente adormeci, sonhei com ele. E pela primeira vez desde que me mudei para a Casa Iona, dormi a noite toda.

"Então, você vai me contar o que está acontecendo entre você e o Donovan, ou devo chutar?" Scarlett pergunta do seu lugar no chão quando saio do meu quarto. "Porque meus palpites incluem corda, mais corda e uma venda. Possivelmente uma mordaça."

Eu me jogo ao lado dos livros dela, agarrando a sacola roxa de presente na mão. "Nada disso. Mas..." Mal consigo dizer. "Eu o beijei."

"Foi bom? Isso é retórico." Ela não está nem remotamente surpresa, e eu me sinto atacada. "O quê? É o Dylan Donovan, porra, e você não fica com ninguém há mais de um ano. Era inevitável."

"Ei! Eu não sou tão carente de toque." Ela me lança um olhar. "Tudo bem, um pouco, mas foi só isso que aconteceu. Somos só parceiros."

Ela bufa, olhando para minha jaqueta. "E onde você vai no domingo à noite? Uma chamada só para parceiros? Você tem brinquedos na bolsa? Chicotes?"

"É, tudo que eu preciso para o meu calabouço sexual", digo secamente. "Só tenho uma tarefa de última hora para fazer. Além disso, eu nem tenho um vibrador, Scar, você sabe disso."

"Isso tem que mudar. Acho que eu ficaria um pouco louca se, além de todo esse estresse, não conseguisse uma descarga de verdade."

"Estou bem. Não preciso de liberações aqui." Exceto pelo fato de que posso começar a assobiar como uma panela de pressão a qualquer momento. Scarlett me diz para usar proteção ao sair.

Quando chego à casa de hóquei, estou mexendo na alça da sacola de presentes enquanto espero alguém atender a porta. O vento belisca meus ouvidos, e espero que ele mascare a forma como meu corpo treme com a sensação de ansiedade.

Kian Ishida abre a porta e um rádio na mesa de entrada toca música country. Ele inclina a cabeça, me avaliando cuidadosamente. "Sierra", diz ele.

"Você sabe meu nome?" Eu nem pensei que Dylan estivesse falando de mim.

"Claro. Não recebemos mais tantas garotas na nossa porta. As do resto da gente costumam mandar mensagem em vez de tocar a campainha, e o Dylan tem andado muito ocupado patinando ultimamente. E já que você está aqui, vestida assim" — ele observa minha legging preta justa e minha calça Dalton Athletics com meio zíper como se fossem uma clara indicação — "era lógico."

"Bem, então, Nancy Drew, você pode chamar seu amigo? Preciso dar uma coisa para ele."

Seu sorriso radiante me faz retribuir o sorriso. "Sabe, se você quiser falar sobre como o Dyl é irritante..."

Ele é puxado para longe da porta, abrindo-a ainda mais, revelando um Dylan irritado. Quando me vê, todo o seu comportamento muda. Ele se

endireita e dá um passo à frente enquanto fecha a porta, nos prendendo na escuridão que envolve a varanda da frente.

"Oi", digo, sentindo-me subitamente exposta.

"Sinto muito por ele", diz ele, apontando o polegar para a porta.

As luzes da varanda se acendem e finalmente vejo o rosto de Dylan. Deveria ser um crime estar tão bem a qualquer hora do dia. Sua camiseta preta é justa, fazendo de seus bíceps o centro das atenções, e o moletom cinza que ele usa tenta me hipnotizar e me faz olhar para baixo. Eu não olho.

"Eu queria te dar isso", digo rapidamente, empurrando a sacola em sua mão.

"O que é?"

"Isso anularia o propósito de uma sacola de presente, não é?"

Ele me observa, divertido. "Você nunca vai me dar moleza, né?"

O comentário não é para ser um cutucão, mas ainda assim é cortante. Nunca fui moleza, sempre me lembro disso. De repente, me sinto idiota por estar aqui e mal conseguir pronunciar as palavras quando as pratiquei no caminho para cá. Mesmo quando tento, pareço fria, e não sei como consertar isso.

Dylan não tira os olhos de mim, mesmo enquanto tira o lenço de papel da sacola. Ele tira as luvas vermelhas e as encara por um longo minuto.

"Luvas", diz ele.

"Você nunca usa nada no gelo, então pensei que você poderia usar." Dou um passo para trás, sentindo-me claustrofóbica com ele tão perto. "Eu calculei o tamanho, então, se não servir, posso refazer."

"Alguém se importa se eu estiver com frio?" Ele murmura, como se eu fosse uma criança dando à minha mãe um porta-retratos pintado à mão de merda no Dia das Mães.

"Sabe de uma coisa? Esquece." Tento pegar as luvas vermelhas, mas Dylan agarra minha mão. Eu o encaro, e ele sorri. É como olhar para aqueles anúncios de fitas de clareamento dental no ponto de ônibus.

Então ele pisca como se tivesse acabado de perceber algo. "Espera, espera, espera. Você fez isso?"

Eu concordo com a cabeça.

"Com as mãos?"

"Não, com os meus pés", digo secamente. "Sim, eu tricoto. Não é grande coisa."

Ele me encara como se fosse grande coisa, e eu quero pegá-los de volta e fingir que isso nunca aconteceu. Talvez incinerá-los em um incêndio de pneus próximo, porque o rosto inteiro de Dylan se ilumina com o sorriso mais arrogante que já o vi exibir, e fecho os olhos por um breve segundo, sabendo que ele vai se gabar disso.

"Você tricotou luvas para mim." Ele diz isso com uma espécie de admiração que me faz sentir condescendente.

Olho para qualquer coisa, menos para ele. "Você nunca usa luvas para treinar, e eu sei como fica difícil fazer todos os levantamentos com as mãos congeladas", explico.

"Você se importa se minhas mãos estão frias."

"Dylan..."

"Você se importa comigo." Ele veste as luvas. "É um pouco assustador que você tenha o tamanho da minha mão memorizado."

Eu me contenho para não revirar os olhos. "É bem universal."

"Tenho certeza." Ele nem tenta conter o riso. Mas eu sei que por trás daquele sorriso bobo, ele vê as luvas como o que elas são, um ramo de oliveira. "Você tem umas combinando? Seremos o casal mais fofo do gelo."

"Você não pode simplesmente agradecer e não tornar isso estranho?", murmuro.

"De jeito nenhum. Você tricota luvas para mim e acha que vai se safar fácil?", ele diz. "Senhorita Apodreça no Inferno, mas use um par de luvas para suas mãos não ficarem frias."

De repente, um homem vestindo um blusão vermelho da Uncle Frank's Pizza sobe os degraus e interrompe nossa conversa. "Pizza?"

Dylan parece confuso, mas mesmo assim tira a carteira e entrega algum dinheiro ao homem. A porta da frente se abre novamente, e a luz forte de dentro me faz apertar os olhos. O resto da equipe e seus amigos estão na sala de estar. Está passando o final de um reality show, e metade da escola está obcecada, então há festas para assistir no campus. Scarlett foi à primeira parte do final na semana passada no Porter's, quando eles fizeram perguntas e exibiram o programa no telão. Ela me convidou, mas optei por não participar e passar mais tempo no gelo.

"Obrigado, Jesse, você é o cara!", grita Kian, claramente se referindo ao entregador de pizza pelo primeiro nome, enquanto o alivia do peso de seis caixas de pizza. O cheiro de pepperoni se espalha pelo pátio. "Você vai ficar?", ele me pergunta, e eu hesito.

A expressão de Dylan não revela nada. Ele quer que eu fique?

"Eu deveria voltar", digo, sem convicção, mas Kian não insiste.

"Tem certeza?", pergunta Dylan no momento em que uma gargalhada vinda de dentro rouba minha atenção. Há um calor que emana da casa, e essa é a última coisa que eu esperava de um lugar com festas frequentes e homens adultos suados. Vejo uma cabeça enorme de buldogue, como uma daquelas fantasias de mascote, sentada no chão perto da sala de estar.

"É uma fantasia de buldogue?", pergunto.

Dylan esfrega a nuca. "Longa história, mas posso te contar tudo se você ficar."

"Eles são seus amigos. Não quero me intrometer."

"Tenho quase certeza de que você conhece alguns deles. Mesmo que não conheça, você me conhece." Seu sorriso é quase convincente. Quase.

Deixo-me imaginar como seria ter um grupo grande de amigos assim. Com Scarlett, me sinto realizada, e somos mais irmãs do que amigas, mas às vezes me preocupo em estar impedindo-a de conhecer mais pessoas. Fiz um esforço para sair com ela este ano, mas nunca me identifiquei com ninguém como vi Dylan e seus amigos se comportarem. Eles são uma família.

Mas quando você deixa as pessoas entrarem, você deixa que elas vejam você por inteiro. Todas as suas partes pesadas, inadequadas e complicadas.

Com esse pensamento frio penetrando em meus ossos, me afasto de Dylan, sem me deixar levar pela forma como seu sorriso desaparece.

"Te vejo no treino", digo.

"De jeito nenhum, Romanova." Dylan coloca a sacola de presentes aos seus pés e estende a mão para mim.

Pisco para ele, uma risada confusa escapa. "O que você está fazendo?"

"Estamos dançando."

Olho ao redor, me perguntando se ele perdeu o juízo. Talvez aquelas brigas finalmente o estejam afetando. "Na sua varanda?"

"É. Se esse é o seu jeito de pedir trégua, preciso acreditar."

Franzo a testa, tentando entendê-lo. "Eu literalmente fiz luvas para você. Levei a noite toda e esta manhã!"

"E eu as aprecio, mas quero mais."

Meu estômago embrulha. "Ganância é pecado, Donovan."

"Então você é minha tentação, Sierra", diz ele. "Venha aqui e dance comigo."

"Eu não danço."

"Você dança no gelo o tempo todo."

"Eu danço para ganhar medalhas de ouro."

"Uma estrela dourada serve? Eu tenho duas, coloco onde você quiser."

Minha expressão desanimada deve transmitir minha resposta. Olho para ele, um instante de silêncio entre nós, e a pressão no meu peito fica mais forte.

"Dance para você desta vez", diz ele suavemente.

É uma frase simples, uma que não deveria fazer meu coração disparar.

Dou um passo hesitante para mais perto. "Não tem música."

De repente, um rádio crepita e "Wondering Why", do The Red Clay Strays, toca. As cortinas da janela se movem, vejo cabelos pretos e o rádio agora está perto da janela aberta.

O dedilhar suave do violão se torna mais constante e, desta vez, em vez de olhar para a mão dele, eu a seguro. Seu sorriso é inesquecível. A maneira como sua mão quente envolve completamente a minha; o puxão suave que me puxa contra a superfície sólida do seu corpo; e o aroma fresco e inebriante dele me envolvendo como a letra da música.

Dylan balança, com minhas mãos em seus ombros e as dele pressionando minha cintura. Seus movimentos são tão naturais, tão fluidos, que eu me derreto nele como manteiga em uma torrada quente. A música desacelera, e a letra do refrão não faz nada para abafar a maneira como meu coração bate contra o dele. Dylan se afasta, e seus olhos percorrem meu rosto com tanta ternura que quase dói fisicamente ficar ali e deixá-lo olhar.

Dylan traça um caminho leve como uma pena até meu queixo, passando o polegar sobre meus lábios.

Imagino como seria a sensação do pequeno toque de seus lábios contra os meus. Ele parece precisar disso, como se eu estivesse lhe dando algo que ele nunca teve antes. Então, conforme a música fica mais alta em meus ouvidos, ele me envolve em seus braços grandes e se inclina para que sua cabeça fique enterrada na curva do meu pescoço. Quando ele inspira, não consigo evitar fazer o mesmo. Estamos dançando na varanda dele, com o ar frio do outono nem nos tocando. O zumbido de uma guitarra e uma voz grave nos serenatam enquanto nos abraçamos como se não fôssemos duas pessoas complicadas e azaradas. Como se fôssemos apenas dois universitários dançando na varanda.

VINTE E DOIS

DYLAN

Sierra: Por que seu time de hóquei inteiro está me seguindo nas redes sociais? Dylan: Porque eles são uns idiotas intrometidos. Sierra: Ah, você fala de mim? Dylan: Não. Eu penso em você. Sierra: Você está pensando? Então, que grande dia para você. Dylan: Pirralho. Sierra: Idiota.

Moro com três filhos. Desde a noite na minha varanda, os caras não param de falar da Sierra. Aparentemente, eles acharam mais interessante nos assistir da janela do que assistir ao reality show deles. Eu os tenho evitado, então cheguei cedo ao rinque quando avistei o Kilner na sala de equipamentos, dando uma surra em um novato. Quando ele me viu, fez um gesto para o garoto ir embora. Tenho quase certeza de que o coitado estava prestes a chorar.

"Assustar os novatos não deveria ser função do capitão?"

Ele rabisca algo na prancheta. "O capitão está muito ocupado se suspendendo."

"Sobre isso, eu nunca me desculpei", começo. "Você confiou em mim, todo mundo confiou, e eu quebrei isso. Nunca foi minha intenção deixar meus problemas pessoais afetarem o jogo, e eu me odeio por isso mais do que você jamais poderia."

"Te odeio? Por que eu odiaria?" Ele suspira pesadamente. "Eu já te disse. Eu não desisto dos meus jogadores. Você pode estar na NHL, em um esporte ou carreira diferente, e eu ainda te apoiaria. Mas, para sua sorte, temos um movimento em relação à sua suspensão. Reed e Dean Hutchins só precisam te aprovar para uma parte dos jogos."

"Sério?" Eu estava tão focado na patinação que não tinha pensado no motivo de estar fazendo isso.

"Entrei em contato com a NCAA e, assim que você for totalmente reintegrado, você será reavaliado por Nova York. Aí, todos vocês, idiotas, podem finalmente me deixar em paz e eu terei um capitão normal."

"Você vai sentir falta da gente", provoco. "Mas já que o Sampson não pode, e eu estou fora, quem é o capitão interino?"

Kilner range os dentes. Ele pega uma bola antiestresse e a aperta até a exaustão. Isso faz meu cérebro disparar antes que a resposta me atinja como um disco na cara. De jeito nenhum. Puta merda. Merda.

"É o Kian, não é?", eu acho.

Kilner não responde. Ele resmunga algo entre um gemido e um rosnado.

"Ah, isso é incrível. Eu amo isso. Eu amo tanto isso."

"Sabe de uma coisa? Estou com raiva de você."

"De jeito nenhum. Talvez eu dê uma festa para o novo capitão aqui mesmo." Não consigo parar de rir. Kian ser o capitão interino pode ser a melhor notícia que recebi a semana toda.

Kilner passa a mão no queixo. "Por que eu me importo com vocês, idiotas?"

Aperto a barriga, tentando me acalmar. "Você vai passar tanto tempo de qualidade com o seu jogador favorito. Posso contar a ele?"

"Vamos esperar para dar ao Ishida qualquer notícia que faça a cabeça dele explodir", diz ele.

"Que nobre da sua parte."

Ele bufa. "Cai fora, Donovan."

No caminho de volta para o rinque, vejo que ainda dá tempo antes do treino, então pego um taco extra, faço alguns exercícios e balanço um disco, movendo-o suavemente para frente e para trás. Meu taco raspa o gelo e eu viro o disco para a borda plana, equilibrando-o ali quando ouço o raspar familiar de patins.

"Você está atrasada", digo, com os olhos ainda fixos no disco.

"E você está jogando... hóquei." Sierra desliza ao meu lado, usando um vestido de patinação lilás.

Normalmente, ela usa um Dalton com zíper e leggings, o mesmo que usa quando dorme até tarde depois de ficar obcecada pelos nossos vídeos de treino. Às vezes, é aquela roupa toda rosa que ela usa para convencer Lidia de que está de bom humor. Às vezes, é o vestido todo preto, usado quando

está mais rápida, mais determinada e mais irritada do que nunca. É como se ela os usasse para se transformar em quem ela quiser ser naquele dia.

"Patinar está ficando difícil demais para você?", pergunta Sierra.

"Você acha que hóquei é fácil?"

"É só correr atrás de um disco. Não precisa ser um gênio."

"Ah, é? Então me mostre." Jogo meu taco para ela e, como eu esperava, ela se assusta, mas o pega facilmente.

O taco é para a minha altura, mas sua pegada está completamente errada. Sierra avança, recua e quase erra o disco, movendo-o apenas 60 centímetros. "Pronto. Calma", ela continua dizendo.

"Você nem está segurando o taco direito."

"Sim, estou."

Balanço a cabeça. "Tão teimosa."

Quando ela se concentra nas mãos, deslizo para trás dela. Suas costas pressionam contra mim, me envolvendo em cereja. Ela enrijece quando meus braços a envolvem, diminuindo o espaço entre nós.

"Eu não pedi sua ajuda", diz ela.

"Vou te dar de qualquer jeito." Chego mais perto, até que estou quase respirando o mesmo ar e meu nariz quase roça sua bochecha. Minhas mãos cobrem as dela, deslizando-as para baixo e ajustando seus cotovelos. Deixo que ela se acostume.

"Assim?", ela pergunta, com a voz tensa.

"É", sussurro. "Assim mesmo." Minha voz sai mais áspera do que pretendo, e não me afasto. Ainda não. O calor da pele dela contra a minha é quase insuportável, mas mantenho as mãos firmes, guiando-a para um tapa. "Agora tenta bater no disco."

Ela bate com força, mandando-o voando para o gol. Ela ofega. "Eu disse que era fácil. Minha obsessão de infância por Sidney Crosby provavelmente está dando resultado. Mas eu sou boa em tudo", ela me diz, com o sorriso a centímetros do meu. "É, aposto que ela seria ótima em qualquer coisa. E agora tudo em que consigo pensar é como sei qual é o gosto dela e se todo o gosto dela é igual. Doce. Suave. Enlouquecedor.

Duas palmas soam, e Sierra se afasta de mim. "Davai! Você deveria estar se aquecendo antes de eu chegar", grita Lidia.

E assim, começamos um longo treino.

Horas depois, saio de uma intensa sessão de giros e saltos. "Isso não chega nem perto de um Lutz quádruplo, Dylan", repreende Lidia.

"Foi um triplo. Quase."

Sierra está se esforçando muito para conter o riso enquanto se senta na beirada das pranchas, balançando os pés. "Quase não ganha competições, Donovan."

"Não ter um parceiro também não, Romanova."

Isso a cala.

"Certo, pegue um copo d'água e, quando voltar, vamos repassar o programa inteiro. Sua primeira competição é no próximo fim de semana. Precisamos ser o melhor que pudermos."

Deslizamos até o banco, e Sierra está imersa em seus pensamentos, provavelmente pensando na competição. Estendo a barra energética para ela. Ela a pega devagar, quase como se estivesse insegura, e o barulho da embalagem amassando soa alto demais no silêncio entre nós.

"Você não vai comer?" Ela pergunta.

Meu olhar cai para seus lábios e quase perco a linha de pensamento. "Você está oferecendo?"

Ela o encara sem expressão. "É seu."

"É?" Um sorriso irônico surge em meus lábios. Eu me inclino, meu olhar fixo no dela enquanto dou uma mordida na barra energética que ainda está em suas mãos.

Ela se irrita.

Eu mastigo.

Sierra observa minha boca, deixando o silêncio se estender como um fio esticado demais. Com seus olhos verdes fixos em mim, ela dá uma mordida, como se aceitasse um desafio tácito.

Quando estamos no gelo novamente, nos movendo para a segunda posição, tento o levantamento simples que Lidia nos permite fazer, mas Sierra parece irritada.

"Sua pegada não está correta. Está bloqueando a extensão do meu core."

"Se eu te segurar mais para baixo, perco a pegada", digo.

Sierra olha para mim e depois para Lidia, que nos observa com curiosidade. Assim, ela passa de fogo crepitante para uma chama apagada. Ela se encolhe, e noto suas mãos se fechando em punhos cerrados.

"Certo. Eu não deveria ter dito nada. Desculpe."

Minha cabeça se vira enquanto ela patina de volta para a posição inicial.

"Você é o quê?", pergunto, incrédula.

"Eu já pedi desculpas", ela murmura, com uma ponta de raiva brilhando em seu olhar.

Essa é a frustração que eu esperava, mas ela está contida, enjaulada atrás de quaisquer pensamentos tumultuados que turbilhonem em sua mente intrincada.

"Só isso? Você não vai me desafiar? Merda, Romanova, eu esperava que você me fizesse pedir desculpas." Ela está tão obcecada em agradar os outros que engasgaria com isso.

"Você quer que eu brigue com você sobre isso?"

"Eu quero saber o que você pensa. Você não deve seguir cegamente o que eu digo." Ela me olha como se eu tivesse enlouquecido. "Vamos lá. Discuta comigo."

"Você não pode estar falando sério."

Eu deslizo até ela, invadindo seu espaço. "Brigue comigo, Sierra."

Ela exala bruscamente. "Você é ridícula."

Eu me elevo sobre ela agora, uma tensão palpável fervendo entre nós. Algo se acende dentro dela, e então eu a empurro de leve, observando-a deslizar para trás, a boca entreaberta em descrença. "Você não me empurrou."

"Ah, com certeza. O que aconteceu com a garota que me deu uma bronca sem pensar duas vezes?"

Ela olha para o gelo. "Ninguém quer ser parceiro de alguém assim."

"Eu quero", declaro, com a voz firme. "Eu quero. Me diga como você precisa que eu te segure."

Hesitante, Sierra pega minhas mãos e as coloca logo acima dos quadris.

"Assim?", pergunto, sentindo o peso das minhas palmas contra o corpo dela.

Ela acena uma vez antes do apito de Lidia soar.

"Pratique esse levantamento com as novas posições e comece a fazer duplas", ordena.

Estamos ambas ofegantes depois de terminarmos o giro. Quando Sierra me olha, seu olhar se fixa nas minhas mãos com as luvas vermelhas, as que ela tricotou para mim, e seus lábios se curvam.

Na minha visão periférica, algumas garotas que não reconheço acenam para mim da lateral do campo. Aceno de volta e percebo que Sierra me observa. "O quê?"

"Você não vai lá? Elas parecem... ansiosas."

Balanço a cabeça. "Infelizmente para elas, estou fora do mercado."

Sierra franze a testa. "Você?"

"É, estou me guardando para o casamento."

Ela solta uma risada. "Você não conseguiria se salvar para o casamento, mesmo que tentasse."

Porra, parece que é exatamente isso que estou fazendo. "Você está tentando me seduzir?"

"Você saberia se eu estivesse tentando te seduzir, Dylan", ela diz. "E você não duraria um segundo."

"Quer apostar?"

Ela balança a cabeça. "Eu gosto de apostas que me fazem trabalhar duro para conseguir."

"Eu posso fazer você trabalhar duro para conseguir, Sierra. Pelo tempo que você quiser. Tão duro quanto você quiser."

Uma nova faísca de energia entre nós, como se alguém tivesse acendido um fósforo. Desta vez, quando nos viramos, não perdemos o contato visual. É quando sinto a mudança nela. É como fogos de artifício disparando do chão para dentro de mim. Porque ela assente uma vez, e então minhas mãos a puxam pela cintura, e eu a jogo para frente. Um, dois, três, quatro giros, e ela aterrissa com uma postura tão impecável que eu fico piscando de puro espanto. Ela acabou de fazer um giro quádruplo.

Ela ofega ao fazer isso, os olhos se voltando para os meus. Nós duas estamos com os olhos arregalados.

"Puta merda", ela sussurra, assim como eu.

E então ela está em meus braços novamente. Batendo em mim com mais força do que nunca. Sierra me deixa levantá-la enquanto envolve suas pernas em volta da minha cintura e coloca as mãos em meus ombros. Uma risada alta e desinibida irrompe dela antes que ela enterre o rosto na curva do meu pescoço. Seu doce aroma de cereja nubla meus sentidos, e eu reprimo o gemido de satisfação que sobe do meu peito.

"Você conseguiu", eu digo.

"Conseguimos", ela corrige, vibrando de excitação. Posso senti-la soltar uma risada incrédula, pressionando sua bochecha fria contra a minha. Seus braços me apertam, e suas unhas rombudas pressionam o tecido da minha camiseta de algodão. A sensação de tê-la me abraçando tão forte faz meu sangue ferver mais quente.

Meus lábios roçam sua orelha, sua pele fria contra minha boca. "Estou tão orgulhosa de você, querida."

Um leve tremor a percorre. "Eu também", ela sussurra.

Lentamente, deslizo-nos de volta para Lidia para poder manter Sierra em meus braços por mais um tempo.

"Krasivo. O que eu te disse?", grita Lidia. "Devagar e sempre."

"Devagar e sempre", repito para Lidia, porque Sierra está agarrada a mim e não estou pronto para soltá-la.

O sorriso de Lidia desaparece momentaneamente. Não sei bem o que ela vê, mas seja lá o que for, a faz pigarrear e bater palmas duas vezes. "Vamos terminar com uma boa nota. Te vejo amanhã."

"Deveríamos comemorar", sussurro para Sierra, pressionando as palavras contra a concha fria de sua orelha.

Ela se afasta e eu a coloco no chão. "Você e eu?"

Olho para ela. "Quem mais?"

"Tipo um encontro?" Seu nariz se contrai como se estivesse enojada com a ideia, ainda evitando contato visual.

Piso a garganta. "Como amigas."

"Ah, então somos amigas agora?" Seus lábios se curvam. Ela está com dificuldades para desfazer um nó no patins. Levanto sua perna e a enfio entre meus joelhos, desfazendo os cadarços para ela. Ela me observa atentamente, com um toque de algo indecifrável no olhar. "Posso levar uma amiga?"

Dou de ombros. "Claro."

Ela dá um sorriso forçado, e não sei se gosto de como isso me faz sentir.

VINTE E TRÊS

DYLAN

EU ENFIARIA OS MEUS dentes naquela bunda.

Eu sei, é uma coisa horrível pensar na minha parceira, principalmente quando ela entra no Myth, o bar convertido em armazém, com o cozinheiro do Lola's. Quando ela pediu para trazer um amigo, Ajay não era quem eu tinha em mente. Pensei que seria Scarlett, e foi exatamente por isso que Kian veio junto.

"Aquela garota está olhando para mim ou para você?", ele pergunta, me cutucando.

Minha atenção é desviada de onde Ajay e Sierra conversam, com a mão dela batendo no ombro dele toda vez que ela ri. Nunca a vi rir daquele jeito antes. Parece falso pra caramba.

Eu me viro para Kian, que tem uma bebida na mão e balança a cabeça ao som da música alta. Eu não podia ficar ali sentada assistindo Ajay sussurrar no ouvido dela, então agarrei Kian e fui até o bar.

Kian está de costas para o balcão lotado, e ele está sorrindo para alguém sentado a poucos lugares de distância. A garota tem cabelos castanhos cacheados e olhos azuis. Seus lábios vermelhos só conseguem me trazer de volta para Sierra.

"Com certeza você", digo, dando um tapinha nas costas dele.

Ele vira a bebida — é água, em solidariedade a mim — e então se levanta, com a camiseta preta do Rage Against the Machine esticada contra o corpo.

"Você está bem sozinha? Ou, acho, como terceira pessoa."

Meu olhar se volta para a mesa na extremidade oposta da boate, e capto os lábios de Sierra em volta do canudo da bebida. "Não estou como terceira

pessoa."

Ele ri. "Tenho quase certeza de que a Sierra vai engolir a comida inteira."

Aperto meu copo com mais força. "Ele é só um amigo."

"Certo, porque todos nós nos aconchegamos com uma garota gostosa em uma boate porque estamos sendo amigáveis."

"Cala a boca."

Kian ri, então seus olhos se arregalam. “Espera, espera, espera. É ela, não é? Você está a fim dela! Estamos tramando alguma coisa? Foi por isso que me convidou?” Ele parece quase eufórico.

“Não”, respondo rapidamente. “Sem trama.”

“Eu devia saber. Agora devo vinte pratas à Summer.”

“Te dou cinquenta para parar de falar.” Mastigo gelo. Esmagar algo entre os dentes parece aliviar a sensação desagradável.

“Não gostamos da cozinheira?”

"Você não tem uma garota esperando por você?" Meu olhar se volta para o outro lado do balcão, onde a garota ainda está olhando na nossa direção. Não tenho certeza para qual de nós ela está olhando, mas só quero um par de olhos em mim. E eles definitivamente não são azuis.

Kian dá de ombros. "Prefiro ficar aqui e descobrir como vamos mandar o cozinheiro embora."

"Não vamos fazer nada." Se fizéssemos, Sierra me cortaria "acidentalmente" durante o treino.

"Você não é divertido." Ele apoia o queixo nas mãos. "Eu poderia dizer a ele que o carro dele está pegando fogo."

É ruim eu considerar isso? "Não. Você não vai fazer isso."

"Essa é a sua chance", sussurra Kian quando Sierra se levanta. "Eu cuido disso, confie em mim."

Não confio nele para fazer nada remotamente sensato nesta situação, mas não estou pensando direito agora. Posso ter desenvolvido um problema de acumulação, mas só quando se trata da Sierra. Sem pensar duas vezes, sigo lentamente pelo corredor e espero. Quando Sierra sai do banheiro, ela me vê instantaneamente. Olhos verdes pousam nos meus, e seus quadris balançam como se estivessem me hipnotizando. Porra, ela é gostosa. Por que o Ajay consegue olhar para ela?

"Você poderia ser mais assustador?", ela diz.

Eu luto contra um sorriso. "Eu poderia."

Ela revira os olhos, caminhando até mim até que eu esteja de costas para a parede. "Você está sendo estranha. Até o Ajay me perguntou se ele fez algo para você odiá-lo."

"Odiá-lo? Eu o encontrei uma vez", eu digo. "Mas já que você está aqui e estamos sozinhos, devemos comemorar. Uma dança." Pressiono as palavras em seu ouvido e inalo o aroma inebriante de cereja.

"Acho que o Ajay não gostaria disso."

"Eu não dou a mínima para o que ele gostaria."

Ela levanta uma sobrancelha perfeita, sorrindo. "Pensei que você não o odiasse?" Ela faz parecer que poderia me levar se quisesse. Eu provavelmente deixaria. Meu olhar encontra os botões do vestido dela. Eu poderia rasgá-lo com um puxão.

"Sierra?" Ajay está parado ali, com sua camisa branca de botões, olhando para nós dois com irritação. Kian está atrás dele, esfregando a nuca e parecendo culpado.

"Ajay", começa Sierra. "Eu estava..."

"Tudo bem. Eu me senti como se estivesse me intrometendo de qualquer maneira. Vou sair. Tenho trabalho amanhã."

Ele está mentindo, e eu observo a expressão de Sierra. É assustadoramente parecida com a de quando me afastei daquele beijo. A lembrança só aumenta o peso no meu peito.

"Ei, cara, é o seu carro que está pegando fogo?" Kian interrompe o constrangimento.

"O quê?!" Ajay sai correndo, e eu encaro Kian antes que ele desapareça na boate. Sierra não olha para mim. Em vez disso, ela corre atrás de Ajay.

"Eu não tive nada a ver com isso. Foi tudo culpa do Kian", digo inocentemente, seguindo-a. "Não deixe que isso estrague a nossa noite."

"Você acabou de afastá-lo, meu... amigo!" ela grita. "Eu tenho que impedi-lo."

Não posso dizer que gostei daquela pausa antes de ela falar em amigo. "Você precisa parar de agir como se fosse responsável pelas ações dos outros. Se ele não for idiota, ele vai voltar."

"Ele nos viu juntos."

"Conversando", eu digo. "Ele é um garotão, Sierra. Ele consegue lidar com as próprias emoções."

"Você é um babaca."

"E, no entanto, aqui está você."

"Você não deveria ser recompensada pelo seu comportamento."

"Só me puna por isso depois. Do jeito que você quiser." Eu sorrio.

Ela estreita os olhos. "Você vai me levar para casa."

"Depois de uma dança?"

"Agora." Sierra vai até a mesa para pegar sua jaqueta e leva a bebida com ela. Ela bebe o líquido o tempo todo, quase como se estivesse usando para evitar falar comigo. Quando ela segue na direção errada, ainda teimosa como o diabo, eu a guio com a mão na cintura até onde meu carro está estacionado.

Ela abre a porta antes de mim e entra de braços cruzados. Ficamos em silêncio, e mando uma mensagem para Kian avisando que estamos indo embora, mas ele não responde. Olho para Sierra, sem saber se ela está brava. De qualquer forma, não tenho medo de descobrir.

"Se você estiver brava, eu deixo você me dar um soco", digo, quebrando o silêncio no carro.

Isso a faz olhar para mim. Adoro quando ela me olha. "Na cara?", ela pergunta.

"Meu braço. Você não ia gostar de estragar tudo." Aponto para o meu rosto.

"Com que força?"

"Com toda a força que puder", digo, mas ela não se move. "É uma oferta única, princesa... ai!"

Sierra dá um pulo e coloca as mãos sobre as minhas, no meu bíceps latejante. A garota sabe socar; eu deveria saber. Ela segura firme como se isso fosse ajudar, e acho que estou ficando meio louca porque ajuda. Só que agora tem outra coisa latejando. "Eu não ia, mas aí você continuou falando, e foi como um reflexo, mas me desculpe..."

"O que eu te disse sobre dizer isso?"

"Que eu não deveria dizer." Ela engole em seco. "Pelo menos não para você."

"Ótimo, então você me escuta."

"Às vezes." Ela está encarando meu braço novamente. "Eu te machuquei mesmo?"

"Não", eu digo. "Você está brava comigo?"

Ela se recosta com um suspiro. "Não, mas agora eu nunca vou saber se ele ia me beijar." Ela se enrijece, como se não quisesse dizer isso em voz alta.

A irritação me percorre as costas. Mas há uma parte de mim que se alegra com o fato de Ajay nunca tê-la beijado. "Acredite, ele queria muito mais do que apenas te beijar."

Ela me olha com curiosidade. "Como você sabe?"

"Eu sei quando um cara quer a garota que eu..." Eu paro. "Eu sei. Ele está a fim de você."

Sierra mexe na bainha do vestido, e eu mal consigo ficar parada. Prefiro não ficar aqui discutindo como Ajay beijaria Sierra. Onde diabos está Kian?

"Não importa mais. Não é como se fosse acontecer agora", diz Sierra.

"Você realmente queria que ele te beijasse?" Tento não parecer tão ofendida.

Ela dá de ombros. "Talvez."

"Sim ou não?", pergunto, encarando-a.

"Não."

O silêncio que se segue parece denso o suficiente para me engasgar. "Quem você quer que te beije?"

"Você."

Minha garganta está cheia de cascalho. Aqueles avisos estão ecoando na minha cabeça novamente, mas desta vez não quero ouvi-los.

"Um beijo", eu digo. A ideia malfeita parece idiota quando eu quero fazer muito mais. Quando eu não deveria fazer nada.

"Eu não preciso do seu beijo de pena, Donovan."

"Não é um beijo de pena." Eu desato o cinto de segurança dela, e ela apenas me encara enquanto meu assento gira para trás. "Vem cá, Sierra."

"Onde?"

Pego a mão dela e a puxo para perto. Sierra sobe no console central e se senta em cima de mim no banco do motorista. Quando sua bunda toca meu colo, percebo que essa pode ser a minha ideia mais idiota até agora. Engasgo com seu cheiro de cereja.

Sierra se aproxima, sua bunda se mexendo também, e eu gemo. "Isso é algum tipo de teste de química?", ela brinca.

"Não, isso é para nós", eu digo.

"Para fazer o quê?"

Eu passo a mão em sua bochecha. "Quero descobrir se o que diabos estou sentindo quando estou tão perto de você é real ou só coisa da minha cabeça."

Ela se irrita. "Como você se sente?"

"Como se eu estivesse enlouquecendo."

A Sierra parece gostar da resposta. Porra, eu gosto disso. "Então, esse é um beijo casual e único?"

"Casual", repito, mesmo que essa palavra queime meu esôfago.

Ela se inclina, perto o suficiente para que eu sinta o cheiro da bebida frutada em seu hálito. "E platônico?"

"Tão platônico", sussurro.

Não tenho certeza de quem beija quem primeiro, porque nós dois estamos no mesmo lugar imediatamente. Não é só um beijo, nem perto disso.

Ela rouba meu fôlego direto dos pulmões, e por um segundo eu queria cair morto. Assim, essa seria a última coisa que eu sentiria. Seus gemidos caem na minha língua como flocos de neve, e eu me deleito com a pressão dos seus quadris contra mim, mal conseguindo me conter para não assumir o controle e transar com ela no banco da frente do meu carro.

O beijo silencia cada dor do meu corpo. Se eu achava que estava perdendo a razão antes, agora ela está eviscerada. Eu poderia andar sobre as águas.

Sierra ainda está sorrindo, e eu sei que é porque ela sente que estou ficando mais excitado que um cano. Ela está gostando, e mesmo que seja uma tortura quando ela mexe os quadris novamente, eu a deixo fazer isso. Mas ela deve querer me recompensar, porque desliza minhas mãos por seu corpo até seus seios fartos e empinados. Apalpo seu peito com a palma da mão sobre o tecido do vestido, desesperada para arrancá-lo. Pressiono o polegar em seus mamilos, fazendo-a cair para trás com um gemido.

Estamos andando na corda bamba em torno do que é um beijo, especialmente quando ela alcança os botões do vestido e os desfaz um por um. É em câmera lenta até que ela para logo abaixo do peito, e eu quero que essa vista se desfaça na minha memória. Quase gemo. Porra, acho que sim.

Seu sutiã de renda vermelha sustenta seus seios lindamente. Eu gemo. "Ajay jamais mereceria isso."

Ela ri e é pura felicidade. "E você merece?"

"Acho que você sabe que sim, Sierra." Beijo um. "Tenho sido tão bom." Depois o outro. "Que menino bom."

Pressiono a ponta do meu polegar contra seu mamilo distendido e sua cabeça cai para trás em um gemido ofegante. Meus lábios cobrem sua pele

corada até que eu abaixa seu sutiã e arrasto seu mamilo profundamente em minha boca. Sua pele também tem gosto de cerejas.

Eu lambo, chupo e enterro meu rosto entre eles. Ela se balança contra mim.

Minha mão viaja até os botões para vê-la por inteiro, mas Sierra me impede. Eu abaixo minha mão e, em vez disso, a aperto contra mim para sentir o peso perfeito dela no meu colo.

"Isso nos torna amigos?", ela pergunta em um sussurro brincalhão.

Eu poderia ser melhor amigo dos seios dela. "Você quer ser amigo?"

Ela sorri, e eu sinto isso contra meus lábios. Porra, acho que nunca tive uma conversa enquanto beijava uma garota assim. Mas com Sierra, eu poderia fazer isso para sempre. Eu arrastaria esse beijo para a eternidade se ela deixasse.

Ela cantarola, e eu sinto o gosto na boca antes que ela diga: "Não conto a ninguém se você não contar."

"Combinado. Não podemos deixar que isso estrague a nossa imagem."

"Definitivamente não", ela diz. "Isso fica entre nós."

Ela esfrega a bunda em algo que está entre nós. Ela é magnética, e meu pau está claramente tentando apaziguar a tensão.

Então, alguém bate na minha janela escura. "Vocês estão aí?"

"Kian", Sierra sussurra entre beijos.

Eu mordo o lábio dela. "Não diga o nome de outro cara quando minha língua estiver na sua boca."

Ela ri, e eu a puxo de volta. Kian murmura alguma coisa, e então ouvimos passos se afastando. É quando o vestido de Sierra desliza para cima, e eu consigo ver o brilho da renda vermelha entre suas pernas. Meu coração para.

"Me toque", ela sussurra. "Por favor."

VINTE E QUATRO

SIERRA

ORGASMOS ME DEIXAM estúpida. Porque qualquer pessoa com meio cérebro saberia que este não é um beijo. No momento em que seus lábios tocaram os meus, minha pele se transformou em um inferno. Acho que eu poderia aquecer uma pequena vila. É como se meu corpo estivesse tentando queimar o vestido só para sentir as mãos de Dylan em toda a minha pele nua. Não sei por que essas palavras saíram da minha boca. Tudo o que sei é que, se ele parasse de me tocar, eu viraria cinzas.

"Então você só usa essa palavra quando quer alguma coisa de mim, hein?"

Como é possível que eu queira torcer a garganta dele, mas também beijá-la? "Não me faça dizer isso de novo."

Seus olhos escurecem, quase inteiramente negros. "Diga-me como você quer ser tocada. Do jeito que quiser, e eu te darei."

"Por quê? Você não sabe o que está fazendo?"

Dylan ri, e isso faz meu estômago embrulhar. "Querida, você tem sorte de estarmos no meu carro. Agora me diga o que você quer, para que eu possa ver esses lindos olhos revirarem."

Meu coração bate forte como se estivesse separado e saltando lá dentro. "Eu-eu não sei."

Seus olhos âmbar se suavizam. "Tudo bem. Que tal eu ficar aqui?" Ele deixa um beijo leve entre meus seios. "E se você quiser mais, me diga, sim?"

Eu mal concordo.

"Você tem os peitos mais lindos", ele sussurra, brincando com eles como se fossem seu brinquedo favorito. Nunca ninguém me tocou assim. Como

se cada parte de mim fosse algo precioso. Com o jeito que ele me encara, você pensaria que eu era feita de ouro puro.

Os dentes de Dylan roçam meu mamilo e minhas pernas se contraem. "Você gosta quando eu brinco com eles, não é?", ele diz. "Sua boceta está encharcada, não é, princesa?"

"Meu Deus."

"Só eu, gata." Dylan cantarola um som bonito. "Acho que vou fazer você gozar assim. Só com a minha boca nos seus peitos."

Há eletricidade em minhas veias. Aquela faísca que sempre desaparece quando estou sozinha brilha em brasa. Estou esfregando meu clitóris contra ele, onde ele já está duro. "Estou tão perto."

Seu olhar se ergue, surpreso. Claramente, eu sou um gatilho sensível, mas se isso é constrangedor, não me importo. Preciso disso dele.

Em vez de me levar ao limite, Dylan solta meu mamilo com um estalo, e eu gemo. Ele se afasta para pegar minha bebida esquecida do porta-copos e a leva à boca. Estou olhando para ele, confusa, porque Dylan não bebe ultimamente. Estou sentada aqui, seminua, à beira de um orgasmo que tenho certeza que vai me arruinar, e ele está com sede? Por isso?

O gelo se move ruidosamente no copo quando ele o coloca de volta. Olho para ele, e ele tem um cubo de gelo entre os dentes.

"O que você está fazendo?"

Seus olhos castanhos estão escuros, com pálpebras pesadas, e tão profundos que quase gozo só com isso. Então ele se inclina, e o choque frio do gelo de sua boca circunda meus mamilos. Deixando-os ainda mais duros. É o exato momento em que ele empurra os quadris. Oh, merda.

Isso resolve. Estou gritando o nome dele, e ele está agarrando a parte interna das minhas coxas, sussurrando para eu dar a ele, enquanto uma luz branca e quente pisca. Gozo com tanta força que fico sem ar.

Houve beijos. E então houve aquilo.

Eu me jogo para frente em seu ombro, e ele me segura ali. Há vozes no estacionamento. Mas não me concentro em nada além da maneira como seu coração bate tão rápido quanto o meu. E em sincronia.

Uma batida na janela me assusta. "Eu dei uma olhada lá dentro. Sei que você está aí. Me deixa entrar! Estou congelando e o segurança me expulsou por avisar as pessoas que seus carros estão pegando fogo", reclama Kian.

Ainda estou me recuperando quando caímos na gargalhada, nossas testas encostadas, nossas respirações se misturando.

"Provavelmente deveríamos deixá-lo entrar antes de termos que arrastar seu corpo congelado para dentro", digo.

Dylan não parece concordar, porque quando estou prestes a subir no console, ele me impede. Ele coloca meu cabelo atrás da orelha e me beija com tanta força que esvazia o oxigênio dos meus pulmões. Memorizo o gosto dele e a maneira como ele me faz sentir quando estou em seus braços. Como se eu fosse algo que ele quisesse guardar. Algo precioso. Eu me permiti acreditar que alguém me escolheu pela primeira vez.

Lidia: Vou sair hoje para uma reunião com a federação para liberar vocês duas para a competição. Sem gelo. É sério, Sierra.

Uma ideia me vem à cabeça quando recebo aquela mensagem de manhã, mas é adiada pelo meu telefone tocando.

"Por que você não nos contou que tem um parceiro e que está patinando em tempo integral de novo?", pergunta minha mãe antes que eu possa falar. "E com o garoto que veio à nossa casa. Dylan Donovan?"

Ótimo. Era a última coisa que eu precisava hoje. Principalmente porque a menção dele causa um efeito perigoso nas terminações nervosas do meu corpo. "Eu ia te contar, mãe. Essa parceria surgiu do nada, e eu mal tive um segundo para respirar." Em parte porque minha boca estava ocupada com outras coisas.

"Bem, agora sabemos. Seu pai e eu estaremos na sua competição. Vejo você em breve." Ela desliga antes que eu possa dizer qualquer coisa. Ela sabia que eu a convenceria a desistir. A última coisa que eu preciso é que se preocupem comigo na arquibancada. Nem um segundo depois, meu pai me manda uma mensagem: Vai com calma. Use capacete.

Reviro os olhos, mas não consigo conter o sorriso. Quando me visto e saio pela porta, percebo que tenho dificuldade em seguir ordens. Sei disso porque, depois de ver a mensagem do meu pai e da Lidia, estou dirigindo para a casa de hóquei. Eles têm uma guirlanda preta na porta e decorações de Halloween bem antigas no gramado. Esqueletos estão uns em cima dos outros, cada um em uma posição diferente. Até os espantalhos na esquina estão se pegando.

Hesitei em vir aqui. Depois da noite passada, percebi que não sei a definição de casual. A boca de Dylan na minha, seus sussurros contra minha pele, suas mãos ásperas em minhas coxas — a lembrança me aquece

a pele, mas eu a afasto. Somos parceiros, e patinar sempre vem em primeiro lugar.

"Ei, Sierra." Uma loira de olhos turvos abre a porta. Cole, eu acho.

"Dylan está em casa?", pergunto.

"Provavelmente. Além de patinar com você, ele tem estado muito em casa ultimamente. É estranho", diz ele. "Primeira porta no final do corredor e bata só por precaução. Para o seu próprio bem." Com isso, ele desaparece no porão escuro.

Lá dentro, a casa está assustadoramente silenciosa, um contraste gritante com a minha visita anterior, com minigolfe no corredor e uma TV no volume máximo.

Quando bato na porta dele, ela se abre sozinha com um rangido. Uma pessoa normal esperaria no corredor, mas não tenho tempo. O quarto me recebe com uma confusão de desordem: uma cama desarrumada, uma escrivaninha com um livro aberto e um cesto de roupa suja transbordando. Na cômoda, há uma única fotografia — um instantâneo de Dylan girando com uma loira de olhos azuis. Presumo que ela seja irmã dele, embora elas não se pareçam.

"Encontrou algo interessante?"

Me atrapalho com o porta-retratos quando Dylan sai do banheiro fumegante. É difícil conter o ataque de memórias que percorre minha mente como um diário digital muito explícito. Dylan está apenas de toalha. Tento olhar para qualquer lugar, menos para lá, mas acabo olhando para sua boca, sentindo o fantasma de seus lábios na minha pele aquecida. E os leves chupões que ele deixou em algum lugar mais abaixo.

"Não. Mas aposto que sim se eu passasse uma luz negra pelo seu quarto", respondo. Pronto. Voltamos ao normal.

Seu olhar percorre meu corpo, e um sorriso irônico surge em seus lábios. "Experimente meu carro."

"Acho que você está falando da sua calça jeans." Meu Deus. Cala a boca, Sierra. Pigarreio. "Hã, você tem algum plano para hoje?"

Dylan suspira como se estivesse carregando o peso do sol. "Deveria saber que você é do tipo grudenta, Romanova. Quer dizer, aparecendo na minha casa no nosso dia de folga?"

"Grudenta?", zombo. "Foi você quem mal me soltou ontem à noite."

"Acontece que me lembro de você implorando para te tocar enquanto esfregava sua boceta carente em mim. Era isso mesmo, ou sou eu que

preciso verificar minha audição?"

Uma onda de calor me atinge, e eu cerro as mãos ao lado do corpo. "Não sei. Foi só um beijo."

"Cuidado, Sierra, ou vou pensar que você quer outro."

"Acho que um já foi o suficiente."

Ele se aproxima. Tento não me concentrar na gota d'água que escorre do seu cabelo úmido, pelo ombro e pelo peitoral. "Foi tão esquecível assim para você? Eu nem cheguei ao top 5?"

Casual. Parceiros. Preciso me lembrar disso. Dylan já esteve com garotas antes, o suficiente para que uma noite que era nova, carregada e estranhamente revolucionária para mim pudesse ser outra terça-feira para ele. Não sou idiota, sei que as pessoas ficam na faculdade por impulso; é essencialmente um rito de passagem para algumas. Para Dylan, eu sei que isso é verdade.

Dou de ombros. "Acho que não."

Ele me olha como se soubesse que estou mentindo. Tão convencido. "Quem é o número um?"

Você. "Quer que eu faça uma lista para você?"

"Sim." Ele está falando sério. Mas então seu olhar recai sobre minhas mãos, e algo naqueles olhos castanhos se suaviza. "Você faz isso com frequência."

"Fazer o quê?"

Dylan gesticula em direção às minhas mãos. "Feche os punhos."

Olho para as marcas em forma de crescente das minhas unhas, cravadas nas palmas das mãos. A visão me traz lembranças — momentos em que minhas palmas ficavam manchadas de sangue depois de um movimento difícil ou da espera agonizante pelas partituras depois das apresentações. Quando eu era pareada com Justin, ele preferia se manter focada e distante, sem vontade de me dar um toque carinhoso. Então, eu recorria a cerrar os punhos, tentando me controlar sozinha.

"Não percebi que você estava monitorando cada movimento meu", digo, mas a expressão de Dylan permanece séria, até pensativa. Ele alcança a gaveta da mesa entre nós e tira uma caneta.

"Palma", ele ordena.

"Hã?"

"Me dá a palma da mão, Sierra."

Escondo as mãos atrás das costas. "Para quê?" Olho para a caneta com desconfiança. "Se você está planejando me esfaquear, vai precisar de algo mais afiado."

Ele me ignora e tira minha mão de trás das costas. Meu punho permanece cerrado e, balançando a cabeça, Dylan abre cada dedo. Sua mão é quente e calejada, superando a minha. Ele segura minha mão, aplicando pressão suficiente com a caneta para não me machucar. Uma mecha de cabelo castanho cai sobre sua testa e, como ele não se move para afastá-la, sinto vontade de fazê-lo. Enrolar a mecha macia em volta do meu dedo e tirá-la de sua têmpora quente, deixando meus dedos se demorarem em sua pele macia.

Sinto uma leve cócega quando sua caneta se move pela minha pele — traços lentos e circulares, dois pontos rápidos e uma passada rápida. Ele deixa a caneta cair sobre a mesa e me olha com expectativa. Olho para a tinta nova que está no centro da minha palma, onde eu tinha acabado de pressionar as unhas. É um rosto sorridente. Ele desenhou um rosto sorridente na minha palma.

Apesar de tudo, meus lábios se contraem, a sugestão de um sorriso se insinuando antes que eu consiga contê-lo. Dylan observa, com o olhar firme, enquanto eu estudo o desenho, confusa.

"Huh, isso é novo", ele murmura. "Você não tem nada a dizer."

"É um rosto sorridente."

"Ah, que bom, não achei que você fosse descobrir." Dylan solta minha mão e vai até a mesa de cabeceira para pegar o celular. "Você está aqui por algum motivo? Ou só queria me pegar sem camisa de novo?"

Ainda estou presa no rosto sorridente tatuado na palma da minha mão, sua simplicidade agora em desacordo com o brilho nos olhos de Dylan — algo mais profundo do que a máscara casual que ele está usando agora. Por uma fração de segundo, pareceu que ele me deixaria vislumbrar algo sob a superfície. Mas então ele chama meu nome, me tirando dos meus pensamentos.

"Quero que você me levante."

Ele não tira os olhos do celular. "Eu te levanto o tempo todo."

"Em um levantamento de laço reverso."

Seu maxilar fica tenso. "Não."

"Vamos lá! A Lídia não me deixa tentar porque tem medo que eu surte, e não posso continuar treinando sem saber se meu cérebro vai funcionar mal

no segundo em que eu estiver lá em cima."

Dylan pisca, e por um momento acho que ele está considerando a possibilidade. Mas então ele se vira para o armário, pegando um moletom e uma blusa de gola redonda. Sua mão se move para a toalha antes de deixá-la cair. Minha respiração falha e eu me viro tão rápido que o quarto se inclina. "A Lidia deixou claro que só faremos levantamentos avançados mais tarde. Nem deveríamos estar no gelo hoje", diz ele.

"Desde quando você se importa com o que devemos fazer?" Eu me viro novamente, sem me importar se ele ainda está nu, deixando a frustração transparecer no meu tom de voz. "Você mudou nossa coreografia porque achou que o seu jeito era melhor. Além disso, ela está sendo cautelosa demais, e isso está me deixando louco. Preciso fazer isso."

Estou praticamente implorando agora. Nós dois estamos perfeitamente cientes de que é a mesma posição de levantamento que eu estava segundos antes da minha vida passar diante dos meus olhos. Ele me observa em silêncio, cruzando os braços sobre o peito, os bíceps flexionados sob o tecido justo da camisa.

"Não podemos."

Meu coração aperta.

Dylan se dirige à porta, mas antes que ele possa abri-la, eu a tapo com a mão. Ele gira a maçaneta mesmo assim, me mostrando o quão pouco minha mão está fazendo para impedi-lo de sair. Não sei se é minha raiva ou se Dylan nem sequer está considerando a possibilidade, mas o puxo para perto de mim, e suas costas batem na porta. Minhas mãos pressionam seus ombros com firmeza, prendendo-o no lugar enquanto inclino a cabeça para encontrar seu olhar.

"Estou farta de todos me tratarem como se eu fosse frágil!" Minha voz treme. "Não sou uma boneca que não aguenta alguns hematomas. Não sou a garota sangrando no rinque ou a que chora no hospital. Essa não sou mais eu, e não vou deixar ninguém — nem mesmo você — me impedir de fazer o que eu costumava fazer de olhos fechados!"

Ele arqueia as sobrancelhas e pisca para mim.

"Então, estou pedindo de novo, Dylan. Você pode me ajudar com o meu levantamento, por favor, ou devo procurar outra pessoa?"

Um longo tempo se passa, grosso e pesado.

"Não tem mais ninguém", ele diz, com a voz baixa e firme. "Sou o único com você naquele gelo, Sierra. Entendeu?"

Então seus olhos castanho-âmbar me observam, e eu deixo essas palavras penetrarem. Concordo com a cabeça.

"Então eu faço." Um brilho familiar volta à vida em seus olhos. "Mas só se você prometer me maltratar daquele jeito de novo. Material perfeito para um banco de palmadas."

"Você precisa de um banco de palmadas?"

"No que lhe diz respeito, com certeza."

"Ficar olhando para a minha bunda durante toda a rotina não vai te ajudar a ter um desempenho melhor", eu digo.

"Como você sabe disso? Talvez seja exatamente o tipo de motivação que eu preciso."

"Tudo bem, é a sua vez. Vou cuidar da sua bunda e ver como você se sente."

Ele hesita, com a mão no peito. "Guarde a conversa suja para o quarto, Romanova." Ele faz uma pausa. "Ou para o meu carro."

Minhas bochechas queimam. "Você pode parar de enrolar e me levantar agora?"

Ele sorri, e noto seu pomo de adão balançando antes que ele assuma a expressão de extrema confiança. Os olhos de Dylan estão focados em mim, e ele aguarda cada um dos meus sinais para os movimentos. Ele está mais lento e deliberado hoje, mas eu não digo nada.

A patinação de hoje me traz lembranças da antiga Sierra, de antes de tudo, quando esse esporte era uma válvula de escape, algo divertido. Então, quando Dylan e eu nos conectamos novamente, as palavras saem da minha boca num piscar de olhos. "Me levanta."

"Você está su-"

"Agora."

Eu me viro para longe dele, e ele deve ter lido minha mente, porque entrelaça suas mãos nas minhas e me levanta acima da cabeça. Sem tremer, sem hesitar, apenas pura força e confiança. Ele gira, e a euforia me invade enquanto me recomponho.

"Conseguimos!", grito, agarrando seu moletom. Ele me segura nos braços, me levantando do gelo. "Vamos fazer de novo!"

Ele solta uma risada, e isso só aumenta o quão bem me sinto agora. Dylan se inclina um pouquinho quando o som dos patins raspando o gelo

nos faz virar para o portão.

Meu sorriso desaparece. Julia e Justin pisam no gelo, e o treinador deles começa a gritar ordens. Não consigo deixar de notar a palidez de Julia e os movimentos nervosos em ambas as posturas. É difícil ignorar, especialmente quando Justin parece tão diferente.

Volto-me para Dylan, que sustenta meu olhar com um nível de escrutínio que não entendo.

"O quê?", pergunto.

Ele começa a dizer algo, mas não ouço, porque o próximo som que abafa o eco da arena é o grito agudo de Julia. Um tipo que conheço muito bem.

O treinador deles corre para o gelo. Nem percebo quando o calor da mão de Dylan desaparece, porque meu corpo inteiro ficou frio. Há xingamentos e um suspiro agonizante vindo de perto. Ela tropeçou no patim de Justin e cortou a mão. Meu coração dispara contra a espinha, e quando patino para frente, todos a cercam. Alfinetes formigam na minha garganta e vermelho pinta o gelo branco, um pouco nos dedos do treinador.

Justin está parado bem longe, e percebo isso segundos antes de minha visão escurecer. Não.

"Fechem os olhos", grita Dylan. Ele está ajudando o treinador a segurar Julia, e eu não consigo desviar o olhar. "Sierra."

Eu me assusto, o olhar se desviando para a expressão severa de Dylan. "Eu-eu não consigo-"

"Fecha os olhos, Sierra!"

Eles a levantam agora, e minha garganta quase se fecha. Odeio que Justin veja essa minha reação. Ele me encara como se eu fosse um animal ferido. Então Dylan está na minha frente.

"Você não precisa ver isso. Não olhe." Ele está me implorando agora, olhos castanhos desesperados enquanto segura meu rosto. "Por favor, querida, você tem que fechar os olhos."

Seu hálito quente cai sobre meus lábios, e eu fecho os olhos enquanto as lágrimas se acumulam, encharcando meus cílios.

"Tudo vai ficar bem." Os lábios de Dylan pressionam minha testa. "Mas preciso que você mantenha os olhos fechados e se vire, ok? Só até conseguirmos ajuda para ela, depois eu te levo para casa."

Eu aceno, e assim, sem mais nem menos, ele se vai. O barulho de tênis e patins me faz fechar os olhos com mais força, e eu patino para longe, só

abrindo os olhos quando sei que cheguei aos tapetes de borracha que levam ao vestiário. Assim que tiro os patins, saio pelas portas duplas.

VINTE E CINCO

DYLAN

MEU PARCEIRO TEM o péssimo hábito de sair correndo e, a essa altura, estou a uma corrida de investir em algemas.

Dentro da Casa Iona, bati na porta do dormitório de Sierra depois que uma garota — que por acaso se lembrava muito bem de mim — me deixou entrar. Quando ajudei a levar Julia para o consultório médico, minha mente estava presa em Sierra. Foi como se tudo tivesse passado diante de seus olhos. Fui procurá-la nos vestiários, mas ela havia sumido. O técnico Kilner foi quem me disse que a viu sair.

Ele também decidiu que era uma boa hora para me dizer que fui aprovado para ir a alguns treinos de hóquei. Mal me dei conta disso; Eu não conseguia nem pensar em nada além do rosto da Sierra. Isso mexeu com algo no meu peito.

Scarlett abre a porta com um sorriso simpático. "Ela não está se sentindo muito bem, Dylan."

"Eu sei, mas só quero ter certeza de que ela está bem. Por favor, Scarlett."

Ela deve ver o desespero nos meus olhos, porque abre mais a porta e me deixa entrar. Mas assim que começo a ir em direção ao quarto de Sierra, Scarlett me impede, virando-me para encará-la novamente.

"Dylan, eu sei que você é o parceiro dela e vejo que você se importa com ela. Mas ela já foi machucada antes e não é o tipo de garota que vai deixar você segurar a mão dela."

"Eu sei", digo. "Mas vou deixar mesmo assim."

Passo por ela e bato com os nós dos dedos uma vez na porta de Sierra antes de abri-la. A visão lá dentro me tira o fôlego. Ela está deitada de lado,

encolhida com as mãos entre as coxas, e está usando meu moletom.

É grande demais para ela, as mangas engolem as pontas dos dedos, a bainha roçando os joelhos. A imagem dela envolta em algo meu torna difícil de engolir.

"Desculpe por ter ido embora...", ela começa a dizer quando me vê.

"Não." Fecho a porta e vou me sentar na cama dela. É pequena, longe de ser grande o suficiente para mim, mas fico lá, passando a mão em sua bochecha.

Os lábios de Sierra começam a tremer e ela esconde o rosto entre as mãos.

"Vem cá, querida", sussurro, puxando-a delicadamente para perto. Ela se move sem hesitar, aconchegando o rosto na curva do meu pescoço. Sierra se derrete em meus braços, assim como fez ontem à noite. Como se pertencesse àquele lugar. Não tenho certeza se ela percebe que se afasta para me dar espaço na cama. Não questiono; deito-me ao lado dela, puxando-a para perto até estarmos entrelaçadas.

"Achei que estava melhor. Mas ver todo aquele sangue e ouvi-la gritar me trouxe de volta." Sua voz treme. "E ele ficou ali parado. Exatamente como ficou quando eu caí. Isso só me lembra o quão estúpida eu era tentando ser o suficiente para ele e nunca conseguindo. Eu o deixava ter ataques e gritar comigo, achando que a culpa era minha. Eu sempre tentei melhorar porque sabia que podia ser melhor."

Uma tempestade ameaça se abalar dentro de mim. "Você não precisa que gritem com você, nunca", digo asperamente.

Ela balança a cabeça. "Mas eu ainda entendi por que ele fez isso. Ele só estava frustrado, e eu sei como posso ficar."

"Não diga isso, Sierra. Não para mim. Porque se eu o vir de novo, não vou conseguir me impedir de arrancar os dentes dele." Eu a faço olhar para mim dessa vez. "Você jamais mereceria isso."

Ela suspira, agarrando minha blusa. "É como se o universo quisesse me lembrar que, no fim das contas, essa é a minha história. Não importa o quanto eu tente fugir dela."

Ela está tremendo, mas percebo que não está chorando, ou melhor, lutando para não chorar. Meus dedos deslizam pelos seus cabelos, penteando os fios. "Sua reação não significa que você não esteja se recuperando. Você chegou até aqui." Faço uma pausa, meu polegar roçando

suavemente sua têmpora. "E se precisar da minha mão para te ajudar a fazer o resto do caminho, estarei aqui. Mas isso é tudo você, Sierra. Sempre foi."

Ela mal sorri, mas eu aceito. "Parece fácil quando você diz."

"Ver você sofrendo não é algo que eu goste, mas a maneira como você continua a superar isso é a coisa mais incrível que eu já testemunhei." Suas bochechas ficam vermelhas, e eu não consigo evitar uma risada.

Ela franze a testa. "Não ria de mim."

"Não consigo evitar", eu digo, com um sorriso repuxando meus lábios. "Nunca vi alguém que ameaçou cortar minha garganta corar tanto."

"Deve ser uma reação alérgica", ela murmura, as palmas das mãos subindo e pressionando suas bochechas.

Eu me inclino, fechando o espaço entre nós, e dou um beijo suave em uma bochecha corada, depois na outra. Suas mãos caem, seus olhos arregalados enquanto ela pisca para mim, nariz com nariz. Seu hálito quente roça meus lábios, e eu não me mexo. As palavras de Scarlett voltam à minha mente, mas cada uma delas se incinera quando os lábios de Sierra pressionam os meus.

O beijo não se parece em nada com o do carro, ou no tapete. Este é lento, gentil e vulnerável. Sua língua desliza contra a minha, e ela agarra minha camisa enquanto geme em minha boca. Eu nunca me cansaria disso.

Então, quando minha mão toca sua cintura, onde o moletom subiu, Sierra coloca a mão sobre a minha e se afasta. É a terceira vez que ela faz isso.

"O que houve?"

Ela se senta, encostando-se na cabeceira da cama, balançando a cabeça freneticamente. "Nada. Entã... não sei o que eu estava pensando."

"Quando você beija assim, Sierra, não precisa ser tímida comigo." Seu olhar está fixo na cama, até que eu me sento e seguro seu queixo entre meus dedos. "O que foi?"

"Eu tenho cicatrizes", ela deixa escapar.

SIERRA

NÃO era assim que eu esperava que esta noite fosse, mas sentir as mãos e as palavras suaves de Dylan tocando minha pele despertou um desejo inesperado. O suficiente para que eu contasse a ele sobre minhas cicatrizes. Ele é o primeiro cara a me ver assim. Tão desprotegida, tão aberta.

Mostro a ele primeiro a que está no meu crânio, mas mal está visível com o crescimento dos novos pelos. Depois, a longa cicatriz linear descendo pelas minhas costelas, elevada e irregular. O buraco do dreno torácico desaparecendo, enrugado e afundado. Duro e feio. Espero que ele se afaste, olhe para eles com um desgosto mal disfarçado. Que vá embora.

"Eu sei que você já ficou com garotas de pele lisa e perfeitas. E sei que ninguém quer uma lembrança constante do meu passado de merda durante isso."

"Sierra."

"Eu sei, elas são feias."

"Sierra." Meu nome sai de seus lábios como se fosse doloroso dizer. Seus olhos escurecem como se ele não conseguisse entender o que eu acabei de dizer.

"Isso?" Ele passa a mão pela cicatriz irregular como se fosse algo precioso. "Essa cicatriz é a razão de você estar aqui agora. Comigo. Não há nada em você que seja feio."

Meu peito parece que vai desabar. Parece demais e insuficiente ao mesmo tempo. Meus olhos começam a arder. Saio da cama aos trancos e barrancos, mas Dylan agarra meu pulso antes que eu consiga ir muito longe.

"Você vai me deixar te ver?" Seu olhar segue a cicatriz que desaparece sob o cós do meu short.

Meu coração dispara antes que eu engula e mal consiga assentir.

Sem aviso, Dylan cai de joelhos e minha respiração fica presa. "Eu consigo", digo rapidamente.

Ele me encara com um sorriso malicioso. "Deixe-me ficar de joelhos para você, Sierra. Eu sei que é onde você sempre me quis, de qualquer forma." Dylan arrasta o short pelas minhas pernas. Ele deve ter notado meus punhos cerrados, porque os pega e os coloca em seus ombros.

Um balde de autoconsciência gelada quase me afoga. "Eu sei que os caras nem sempre gostam de fazer isso. Você não precisa..."

"Que tipo de idiotas você deixou te tocar?" Ele balança a cabeça. "Eu gosto. E já que sou eu quem está entre as suas pernas, é só isso que importa, porra."

Eu acredito nele. Não acho que possa haver um mundo lá fora onde Dylan Donovan não idolatre cada parte de uma mulher.

"Isso é sobre você, ok? Bem, um pouco para mim também." Uma pausa. "Ok, muita coisa para mim, mas eu posso fazer você se sentir incrível. É

nisso que eu sou bom."

Ele fez meu peito explodir com suas palavras, mas acha que só sabe fazer isso?

"Eu sabia, porra." Dylan ri, as mãos percorrendo minha cicatriz exposta. "Irreal." Ele beija a cicatriz, depois logo acima do meu umbigo e mais abaixo, em direção ao meu núcleo. Estou em chamas. "Linda."

Fico completamente imóvel e ele percebe. Dylan se levanta, levantando minha perna com ele, me fazendo perceber o quão terrivelmente molhada estou.

"Se isso for demais, podemos vestir seu short de volta e esquecer que isso aconteceu. Mas eu realmente gostaria de te mostrar exatamente como me sinto em relação ao seu corpo, beijando cada centímetro seu e suas cicatrizes até o sol nascer."

Tenho certeza de que poderia me desintegrar em uma poça neste momento. "Faz tempo que não faço isso", admito. "Eu nem me toco. Desde..."

Minha inexperiência me incomoda quando Dylan Donovan está na minha frente.

Seu olhar pisca. "Você não se masturba há mais de um ano?"

Não há julgamento em sua voz, mas ainda me sinto uma puritana. "Por que eu daria esse prazer ao meu corpo quando ele me custou tanto?" As palavras saem tão rápido que eu aperto os lábios. Ninguém pensa assim; ninguém pune o próprio corpo como se ele não fosse parte dele. Mas depois do acidente, é só como eu o vejo.

Sua expressão se suaviza para algo frágil, exatamente como eu me sinto. "Deixe-me mostrar o quanto você merece, Sierra. Não o seu corpo, não o seu cérebro, mas você."

Ele ainda quer isso? Beijar minhas cicatrizes feias? "Por quê?"

Dylan ri baixinho. É tão sexy que quase aperto as coxas, mas ele está entre elas. "Porque você chamar suas cicatrizes de feias é inaceitável, e eu quero corrigir isso."

Ah.

"Diga-me, Sierra. Você vai me deixar te provar até que a única coisa que você diga sobre o seu corpo seja o quanto você me quer dentro dele?"

Quase engasgo, mas meu corpo treme de antecipação enquanto assinto.

"Obrigada", ele sussurra contra minha pele enquanto seu nariz desliza pelo meu corpo. "Você é tão corajosa." Outro beijo. "Tão linda." Outro.

"Tão maldosa que me deixa duro."

Eu rio e ele me olha como se não quisesse perder. Sinto seu sorriso irônico na minha pele enquanto ele se arrasta para baixo, puxando minha perna por cima do ombro, parando apenas um milésimo de segundo quando minha tornozeleira tilinta, mas com a mesma rapidez, sua boca quente está em mim. Ele não quebra o contato visual, observando o que cada movimento de sua língua faz comigo. Como me faz passar de uma garota rígida e de pensamento correto para uma bagunça pegajosa.

"Dylan", eu gemo. Estou envergonhada por provavelmente conseguir gozar sozinha. Mas então sua mão alcança meu capuz e seus dedos roçam meus mamilos.

Jogo a cabeça para trás, deixando a mão dele percorrer minhas cicatrizes como se elas não tivessem me assombrado, não fossem o motivo de eu evitar me olhar no espelho do banheiro quando tomo banho. Sua língua penetra em mim, ele pressiona o polegar contra meu clitóris e seus gemidos vibram contra minha boceta. É tão bom que o invejo por fazer meu corpo se sentir assim. Como se, em poucos minutos, ele tivesse entendido a linguagem melhor do que eu jamais conseguiria.

"Porra, você é o paraíso", ele sussurra, baixo o suficiente para que eu quase não ouça. "E você tem gosto de cereja." Então ele chupa meu clitóris e meu corpo pega fogo.

"Acho que vou gozar", ofego. Dylan agarra minha coxa com força suficiente para deixar uma marca.

Ele estala a língua. Ele estala a língua para mim, porra. "Você goza quando eu quiser."

"Dylan", murmuro, puxando seu cabelo com mais força para que ele olhe para mim. "Não me diga o que fazer." Uma parte de mim tem medo de que, se ele não der agora, o orgasmo se apague como uma chama.

"Por que não? Tenho um bom pressentimento de que você fará tudo o que eu disser agora mesmo." Ele enfia os dois dedos dentro de mim, observando meus olhos revirarem conforme ele se aprofunda. "Não. Goze."

"Dylan."

Meu corpo parece pesado, e ele apenas me observa, provocando. O orgasmo cresce e cresce. Dylan não lhe dá a opção de parar. Ele o mantém refém, e eu preciso muito dele.

"Por favor?" Passo a mão trêmula pelos cabelos dele.

É quase como se ele derretesse. Seus olhos escuros são quentes, como mel pingando em suas íris, o castanho brilhando como se estivesse sob o sol. Ele está tão atento, tão focado em mim, que me faz sentir eletrizada.

Em menos de um segundo, ele atinge o ponto perfeito, e uma onda após a outra de desejo faz com que faíscas quentes inundem meu corpo. Soltei um gemido agudo, tremendo de alívio. Dylan se levantou e me abraçou.

Ele não me deu um segundo para respirar. Ele me beija, engolindo meus gemidos ofegantes como se fossem dele. Eu os entrego a ele, cada um deles. Então, me esfrego nele, precisando dele novamente. Meus beijos se tornam mais desleixados, ávidos, indomáveis.

Antes que eu consiga alcançar o cordão da calça dele, ele me vira tão rápido que eu solto um gritinho.

"Mãos na parede." Ele as coloca lá para mim. Então ele se aproxima por trás de mim, o tecido da calça roçando na minha bunda nua, onde sinto a cabeça dura do seu pau tão perto de onde meu pulso acelera. Como se estivesse tendo abstinência com o seu toque.

Eu me estico para trás, tentando tocá-lo, para fazê-lo se sentir tão bem quanto ele está me fazendo sentir.

Ele não deixa. Seus lábios pressionam rudemente minha orelha. "O que eu te disse, Sierra? Isso é para você, e eu não vou parar até que você não consiga pensar em nada além de mim te dando prazer. Foi isso que você pediu, não foi?"

"E quanto a você..."

Ele morde minha orelha, e seus dedos deslizam pela minha barriga e entre as minhas pernas, onde ele bate no meu centro molhado. "Não é assim que funciona. Se mexa de novo, eu vou ter que te amarrar."

Seu outro braço serpenteia em volta do meu corpo, apalpando meus seios. "Por favor. Eu não consigo."

"Você fica tão linda quando implora, Sierra. Você deveria fazer isso com mais frequência."

"Não deixe isso te subir à cabeça, Donovan", forço as palavras entre dentes.

"Já subiu, baby." Seus dedos se movem em sincronia com seus quadris, e eu sinto exatamente o quanto isso lhe subiu à cabeça. Ele ainda está me provocando, brincando com cada centímetro do meu corpo e apreciando cada suspiro que ele provoca.

"Preciso de mais", digo, tentando tocá-lo, mas ele se move tão rápido que estou presa de costas no colchão.

"Que garota gulosa", diz ele. "Seja boazinha, Sierra, ou vou chupar seus peitos por tanto tempo que você vai implorar para eu parar." Ele desce novamente, e eu tento empurrar sua cabeça para onde preciso, mas ele se livra das minhas mãos, roçando meu mamilo com os dentes. "Quer gozar?"

"Sim."

"Então me diga."

Tudo parece muito sensível e intenso. Estou esmagada sob seu corpo musculoso, sabendo que com apenas mais um beijo e um pouco de fricção, não serei capaz de funcionar.

"V-dizer o quê?"

"Que eu sou o melhor parceiro que você já teve." Sua voz é baixa e possessiva, e isso faz meus dedos dos pés se curvarem.

"Você é", digo honestamente. "Você é o melhor parceiro que já tive."

Quando ele sorri, ele parece tão bonito. Mas mesmo que ele possa pensar que eu disse isso para me excitar, é verdade. Nunca tive alguém tão confiante, tão extremamente seguro de si, que me fizesse acreditar que eu também poderia ser assim. Que eu poderia ser boa o suficiente.

Dylan prolonga meu orgasmo como se fosse fácil. Ele se aproxima para me beijar e, quando enrola os dedos dentro de mim, vê meus olhos revirarem com pura satisfação.

"Eu poderia gozar assim. Só de me ver te fodendo com meus dedos."

Eu gemo. "Estou gozando."

Ele cantarola em aprovação, espalhando beijos pelo meu peito até chupar meus mamilos. "Monte meus dedos, baby. Pegue o que você precisa."

Todas as minhas inibições voaram pela janela no segundo em que ele me viu nua. Então eu monto em sua mão, e minha visão se turva. Não sei se grito, choro ou gemo, mas entro em erupção como um vulcão adormecido. Tenho certeza de que Scarlett está com os fones de ouvido agora.

Dylan ainda está me beijando, e estou extremamente ciente de seus lábios em minhas cicatrizes, pontilhando minha pele como uma constelação. Enquanto desço, leve como uma pluma, observo-o com um sorriso bobo que não consigo esconder. Meu coração dispara ao vê-lo acariciar onde eu não permiti que ninguém mais olhasse.

Dylan puxa minha perna sobre a dele, me puxando para perto e embalando meu corpo como se nunca tivéssemos deixado de ser assim.

"Você é muito mais do que suas cicatrizes." Ele dá um beijo na cicatriz na minha cabeça. "Muito mais."

E agora, por algum motivo, escolho acreditar nele.

VINTE E SEIS

DYLAN

JÁ FAZ UMA semana e ainda acho que consigo sentir o gosto de cerejas. Hoje, a Lidia me chamou em seu escritório depois de um dos nossos treinos mais curtos. Eu estava exausto quando afundei na cadeira dela, e ela me disse que precisávamos ajustar nossa agenda se eu voltasse a jogar hóquei. O treinador não confirmou nada, então nem pensei nisso. A única coisa em que penso é em manter a sincronia, tentar antecipar cada movimento da Sierra e fazer com que nossos levantamentos pareçam tão fáceis quanto respirar. Além de me esforçar ao máximo para não pensar nos gemidos ofegantes dela e no sabor doce dos seus lábios sempre que ela está por perto.

Mais cedo esta manhã, fomos correr e, aparentemente, eu estava muito animado. Mas acho que isso é graças à Summer por me arrastar em todas aquelas caminhadas. Sierra bufou contra a casca da árvore, me olhando com desdém.

"Está dois graus. Por que você está sem camisa?", ela perguntou.

"Isso te deixa desconfortável?"

"Vista uma camisa, Donovan."

"Só se você vestir em mim."

"Cresça."

"Já sou bem crescido. Quer que eu te mostre?" Esse comentário me deixou com a cara suja. Mas notei como Sierra ficou vermelha, e aposto que ela estava pensando no meu rosto entre suas coxas. No entanto, decidi ser um cavalheiro, então se Sierra quer que eu lhe dê os orgasmos que ela não se permite e que isso seja muito mais do que apenas um beijo, ela vai ter que me pedir.

"Onde você estava?", pergunta Kian assim que entro em casa.

"No rinque."

Kian fecha o livro. "Como é que você passa mais tempo no rinque depois de ser suspenso do que quando estava no time de hóquei?" Ele bate o lápis na mesa de jantar de madeira como um relógio.

Eu o ignoro enquanto abro a geladeira.

"Eu tenho uma resposta." Ele faz uma pausa para dar um efeito dramático. "É porque você está dominado."

As únicas coisas na geladeira são um único pão, potes de geleia de morango e manteiga de amendoim pela metade e algumas bebidas Slink. Kian entra na cozinha e me encara de longe. Jogo o pão na torradeira e faço o possível para ignorá-lo.

"Primeiro o Aiden, depois o Eli, e agora você? Meus amigos estão caindo como moscas, e eu estou aqui estudando para uma prova de filosofia. Eu também preferiria ser chicoteada."

"Não chicoteada", corrijo.

"Ok, então por que você colocou quatro fatias de pão na torradeira e tirou dois pratos?"

Olho para a torradeira e percebo o que fiz.

Ele faz uma careta. "Fazendo comida para uma garota que não está aqui. Como eu disse, você está chicoteada, Picles de Endro."

"Estou fazendo para você." Minha tentativa de encobrir o deslize não funciona, e eu sei disso quando ele ri. Kian pega o celular para tirar uma foto. Sem dúvida enviando para o chat em grupo.

Ele ri baixinho para si mesmo e guarda o celular no moletom. "Nunca pedi para você fazer um para mim."

"Você não quer?"

"Eu quero", diz ele, descaradamente.

Passo manteiga de amendoim em um lado e geleia no outro. Depois de um único corte diagonal, deslizo o sanduíche pelo balcão para Kian. Ele me encara enquanto dá a primeira mordida. É quando Summer entra, com os olhos grudados no leitor eletrônico decorado com adesivos que Aiden deu a ela quando Kian perdeu o antigo. Acho que ele está com ele e fingiu que o perdeu em um jogo fora de casa para poder usá-lo.

Ela se assusta quando Kian pigarreia e desliga a tela imediatamente. "Por que vocês ainda estão acordados?"

"Treino da madrugada", respondo.

Sua testa franze. "O treinador da Sierra faz você treinar tão tarde?"

"Não, éramos só nós. Temos algumas horas extras, já que a competição é na segunda-feira."

Um sorriso radiante toma conta do seu rosto. Seus olhos se voltam para Kian, que tem a mesma expressão, e eu reviro os olhos.

"Acho que preciso baixar um aplicativo de namoro", diz ele com a boca cheia.

Summer zomba. "Você é um jogador de hóquei da Divisão 1. A faculdade é o seu aplicativo de namoro."

"Se fosse esse o caso, eu estaria namorando agora mesmo, Sunny."

Dou uma mordida no meu sanduíche. "Você é romântica demais para relacionamentos casuais."

"É, graças aos livros de romance dela." Ele lança um olhar penetrante para Summer. "Acho que preciso adotar um gato."

"Achei que vocês tivessem uma regra de proibição de animais de estimação em casa", diz Summer.

"Isso só porque Dylan e eu adotamos o lagarto Marty no primeiro ano. Não tínhamos tempo para cuidar dele, então Aiden nos fez realocá-lo no Centro de Natureza Dalton."

Compramos o Marty de um cara numa van porque o Kian disse que precisava salvá-lo. Visitamos o Marty às vezes, e ele tem uma vida muito melhor do que poderíamos ter dado a ele.

A porta da frente se abre e Aiden entra. Ele deixa a bolsa de ginástica perto da sapateira e vai até a geladeira para pegar uma garrafa d'água. Aiden só fica aqui mais alguns dias, já que precisa voltar para que o médico do time o libere para jogar novamente.

"Kilner acabou de me dar a boa notícia", ele me diz. "Você voltou para um terço dos treinos. Continue assim e você será reintegrado e liberado da suspensão da NHL."

"Você vai voltar? Graças a Deus, estou morrendo lá fora sem você", diz Kian. "O técnico tem agido de forma muito estranha perto de mim. Mais do que o normal."

Kilner ainda evita contar a Kian sobre a capitania. "Está confirmado que estou de volta? O técnico disse que estava em andamento." Eu me esforço ao máximo para parecer entusiasmado com isso. Eu deveria estar feliz. E não consigo entender por que me sinto tão distante dessa parte de mim desde que patinei com Sierra.

"É, ele provavelmente vai te mandar um e-mail hoje à noite", diz Aiden enquanto pega o celular. "E pedi para meu empresário entrar em contato com Nova York, e eles estão de olho. Se você seguir o plano, eles vão suspender a suspensão antes da formatura."

Depois de tudo, ainda vou poder jogar com o Kian em um time da NHL, como sempre planejamos. O que deveria ser um sonho se tornando realidade, de repente parece um pesadelo.

"Isso é..." Faço uma pausa, sentindo-me indigna. "Mais do que eu esperava. Agradeço, Cap."

Sua palma pesada bate nas minhas costas quando o puxo para um abraço. Assim que nos afastamos, Kian se junta a nós e nos segura, nossos rostos muito próximos em um abraço a três desajeitado.

"Sabe o que isso significa?", ele pergunta.

"Não, mas aposto que você não vai nos deixar ir até nos contar", eu digo.

Ele sorri. "A paz foi restaurada. Podemos jogar hóquei juntos novamente, como deveria ser."

"É. Exatamente como deveria ser." Lá vem aquela provocação de novo.

VINTE E SETE

SIERRA

ODEIO DOMINGOS. Não só é véspera de mais uma semana de aulas que parecem intermináveis, como também é dia de descanso.

Deitada de costas com as pernas apoiadas na parede, respiro fundo algumas vezes, deixando o vento bater nas janelas e The Paper Kites preencher o silêncio. Lidia leva muito a sério o descanso, então dias de folga significam nada de cardio, porque ela acha que sou incapaz de fazer uma pausa.

Eu faço, mas não é legal ser chamada para isso.

Fechando um olho, conto os pontos no teto, mas a porta do meu quarto se abre e o número de três dígitos sai dos meus lábios. Ouço Scarlett gritar que está indo embora. Ela provavelmente também é a razão pela qual vejo Dylan parado na minha porta. Ele está vestindo um moletom cinza da Carhartt e uma calça preta, ambos um pouco molhados da chuva que não para desde a noite passada. Dylan inclina a cabeça, avaliando, antes de se deitar no chão também.

Não trocamos nenhuma palavra enquanto Dylan estica as pernas bem além das minhas e olha para o teto. Deitamos no chão juntos como se isso fosse normal. Como se ele não tivesse me feito ver estrelas neste mesmo quarto há apenas uma semana.

Algo suave começa a tocar no meu alto-falante, mas não registro a música com o meu coração batendo.

"Você curte meteorologistas ou algo assim?", pergunta Dylan, olhando para a tela do meu laptop.

Estão exibindo o festival das lanternas novamente. "Ah, sim, Dale Thunderman é exatamente o meu tipo."

"Careca?"

"Charmoso."

"Então você deve me amar."

Eu bufo. "Não é o verbo que eu usaria."

"Por que você assiste? Não é só um loop?"

"É reconfortante. E foi tudo o que eu consegui assistir no hospital sem ter um ataque de pânico, então meio que pegou", admito, e mudo rapidamente de assunto. "Você veio aqui só para ver como eu estava? Mensagens existem, sabia?"

"Mas aí eu não conseguiria ver seu rosto. E todas as ruguinhas que aparecem entre as sobrancelhas e ao redor dos olhos quando me encara. É extremamente atraente."

Eu franzo o rosto quando ele tenta cutucar meu nariz. "Não me faça te machucar antes da competição."

Ele coloca a mão delicadamente sobre a minha. Já segurei as mãos dele inúmeras vezes, mas agora é diferente. Principalmente quando seu mindinho se enrola no meu. "Eu ainda me apresentaria", diz ele.

"Enquanto você estiver machucada?"

"Por você, eu faria."

De repente, isso parece estranho, e preciso de palavras para preencher o buraco desconfortável no meu estômago. "Presumo que você não veio aqui para se deitar no chão comigo", digo.

"Talvez eu tenha vindo."

Mordo o lábio, virando-me para encarar o rosto dele. Seu cabelo cresceu mais, sua pele está macia, e fico feliz por sua mão estar perto da minha, porque não tenho certeza se conseguiria me conter e não estender a mão e tocar seu rosto.

"É a Lídia, não é? Ela mandou você ver se estou descansando."

Ele dá de ombros. "Não exatamente."

Não consigo evitar a pontada de decepção por ele não estar aqui porque quer. "Você confirmou que estou, de fato, descansando, então pode ir."

O nariz de Dylan paira a poucos centímetros do meu, tão perto que quase consigo sentir o calor de sua respiração na minha pele.

"Descansar não significa que você precisa se trancar no seu quarto."

"Como minha vida gira em torno da patinação, não tenho exatamente outros planos além dela."

"Então, que bom que você me tem." Ele se levanta e estende a mão para eu segurar, como faz no gelo. "Vamos."

"Para onde vamos?"

"Deixe que eu cuido disso."

Coloquei minha mão na dele, sem querer me concentrar na bagunça que meu cérebro está constantemente girando. E num movimento rápido, quase imperceptível, ele a vira, olha para a minha palma — para o rosto sorridente desbotado — e depois a segura com firmeza. Um aperto que não se solta, nem mesmo quando ele pergunta se estou pronta para correr até o carro dele na chuva torrencial. Atravessamos a calçada encharcada de chuva. Meu cabelo está molhado mesmo depois que ele tenta passar a mão sobre a minha cabeça. Quase escorrego, mas ele é rápido em me segurar. Não reconheço a risada que sai dos meus lábios.

Assim que entramos no carro, ajeito meu cabelo com cuidado, tomando cuidado para não deixar as gotas tocarem nos bancos de couro. Ele, no entanto, não tem essa preocupação. Com um sorriso despreocupado, Dylan balança a cabeça, jogando água no visor brilhante e em mim.

É ruim eu querer lamber as gotas de água do rosto dele?

"Era para estar céu limpo hoje à noite", diz Dylan. Há uma ruga em sua testa enquanto ele olha para o céu que escurece.

"Só deve chover por mais alguns minutos. Por quê? Você tem algum lugar para ir?"

Ele olha para mim então, a ruga desaparecendo. "É."

Ah.

Uma pontada de decepção me atinge o estômago, e espero que não transpareça no meu rosto. No pouco tempo que passei fora do dormitório abafado, relaxei. Em vez de ficar obcecada com minha rotina e reviver flashbacks de uma certa competição, estou ocupada com cada sorriso irônico de Dylan e contando quantos tons de castanho seus olhos têm. Uma parte de mim gostaria que o dia continuasse sombrio, para que ele tivesse que cancelar.

O rádio está sintonizado no jogo de hóquei, Toronto contra Los Angeles. Por algum motivo, pensei depois que começamos a patinar, o hóquei meio que desapareceu para ele. Ele nunca fala sobre isso, nunca menciona. Mas agora, percebo o quanto disso ainda está dentro dele, o quanto ele deve sentir falta do esporte.

"Você sente falta?", pergunto abruptamente.

Ele fica tenso, mas então dá de ombros, com os olhos ainda na estrada. "Foi parte de mim por tanto tempo que acho que nunca pensei que o perderia. É como um membro. Você o toma como garantido, e um dia talvez ele doa, se machuque ou você o perca completamente, e você percebe o quanto dependia de sua função. Mas acho que é assim que a maioria das coisas acontece. Você só as aprecia quando se vão."

Fico surpresa com a repentina percepção da mente dele. "Eu entendo."

Ele me olha. "É, acho que sim."

Ainda perdida em meus pensamentos, dou um pulo quando ele deixa o celular cair no meu colo. "Aqui, toque o que quiser. Está desbloqueado."

Eu o aperto entre os dedos. Só consigo imaginar o tipo de coisa que este gadget já viu.

"Ele não tem nenhuma doença, Sierra."

"Tem certeza?" Não preciso olhar para ele para ver seu olhar furioso. "Quer dizer, você poderia ter fotos e outras... coisas aqui."

"Só toque a música", ele ordena.

Bem, lá se vai minha inocência. O que sobrou dela desde a outra noite, pelo menos. Quando percorro suas favoritas, me deparo com um fluxo interminável de música country — playlists e mais playlists, a maioria compartilhada por seus amigos. Mas então, uma me chama a atenção, destacando-se das demais. Uma playlist intitulada Firefly.

"Encontrou alguma coisa?", ele pergunta ao entrar na rodovia.

Ainda estou percorrendo as músicas, minha desconfiança aumentando a cada uma que reconheço. É assustadoramente parecida com a música que eu ouço quando ando de skate — desconexa, mas perfeitamente adequada ao meu humor. De alguma forma, todas essas faixas estão aqui.

"Você já fez suas próprias playlists?", pergunto, tentando parecer casual.

Ele olha para mim e depois volta para a estrada rápido demais. "Se eu estiver inspirado o suficiente."

Meu coração dispara. A próxima pergunta paira na ponta da minha língua, mas eu a contenho. Em vez disso, embaralho suas músicas favoritas, deixando a primeira tocar, enquanto um turbilhão de pensamentos fervilha.

"Para onde estamos indo?", pergunto, tentando firmar a voz. "Prefiro saber o local para poder contar à Scarlett. Sabe como é, só por precaução."

"Eu não deixaria nada acontecer com você, Romanova. Temos uma competição para vencer, lembra?"

Quando ele diz isso assim, a competição não parece tão assustadora. Nem a perspectiva de tentar a vitória. Parece tão certa em sua língua.

Não demora muito para que a chuva pare e passemos pela paisagem infame de Connecticut — árvores morrendo e grama amarela — para entrar em uma estrada secundária de cascalho que leva a um estacionamento. Há pessoas carregando seus filhos, casais de mãos dadas e grupos de amigos.

Dylan estaciona e já sai do carro para abrir minha porta. Estou usando botas de chuva de cano médio e fico feliz por isso quando piso no cascalho enlameado com manchas de grama aparecendo. Dylan não parece se importar que seus sapatos brancos fiquem sujos.

Nos aproximamos da barraca e é quando eu as vejo. Lanternas.

Eu congelo, mas Dylan coloca a mão na minha lombar e me conduz para frente. Mal o notei cumprimentando o caixa e pagando até que ele me entregou uma lanterna.

Chegamos ao campo com a multidão, e Dylan pega a caneta permanente dos itens que compramos. Ele está concentrado enquanto rabisca no papel fino da lanterna. Quando ele finalmente a vira para mim, meu coração aperta.

Dylan + Firefly

Ver escrito ali me faz corar. A playlist no celular dele parece muito mais importante agora. Mas com aquele peso pressionando meu peito, reviro os olhos sem muita vontade antes de pegar a lanterna dele para escrever dos dois lados.

Dylan + Firefly Sierra ☺

"Assim está melhor." Os relógios de contagem regressiva se aproximam de cada lado da área, então esperamos para acender nossa lanterna. "Você já esteve aqui antes?", pergunto a Dylan.

"Todo ano com meus pais. Ada adorava. Mas depois de um tempo, parecia que íamos com estranhos." Ele pigarreia como se tivesse revelado demais. "Você nunca foi?"

"O tempo era essencial. Eu não podia gastá-lo em uma fazenda acendendo lanternas", eu digo. "Mas meus pais iriam."

"Sem você?", ele pergunta. "Isso é meio estranho."

"Eles não estavam me enganando. Só sabiam que eu estava exausta depois do treino."

"Então, ficarei feliz em aceitar suas primeiras fotos, Romanova."

Eu rio. "Só tenho algumas sobrando."

Ele inclina a cabeça. "É? Quando foi seu primeiro beijo?"

"No primeiro ano da faculdade. Primeira vez em uma festa de verdade e primeira vez bêbada." Olho para ele. "Eu sei, incrivelmente atrasada e sem graça."

"Sem graça", ele diz. "Tenho quase certeza de que Kian e eu demos nosso primeiro beijo com a mesma garota. Acho que perdemos a virgindade com a mesma garota também."

Eu caio na gargalhada. "Vocês namoraram a mesma garota?"

"Não, eu nunca tive um relacionamento."

"Eu também não", admito.

Ele ergue as sobrancelhas. "E o Justin?"

"Ah, não. Acho que teríamos, mas depois das Olimpíadas, percebi que ele não me queria. Ele só queria a minha conquista. Dei a ele cada grama de mim, e ele simplesmente jogou fora como se não fosse nada. Como se eu não fosse nada." Faço uma pausa. "Desculpe, foi demais."

Dylan sustenta meu olhar. "Você nunca poderia ser nada, Sierra."

Tento morder a língua, me impedindo de perguntar: "Como você sabe disso?"

"Porque eu te conheço."

O silêncio se estende como um fio elástico. Só consigo pensar em como ele pode não achar que eu sou nada, mas me sinto assim há tanto tempo, é como me vejo.

"Parece verdade, no entanto", admito. "Dediquei minha vida inteira à patinação só para acabar como essa garota inexperiente e quebrada. Mesmo com Ajay, não consigo deixar de pensar que, se ele me conhecesse de verdade, nem iria querer me beijar."

Dylan fica quase completamente rígido. "Você não é dele para beijar", ele diz.

Eu rio. "E eu sou sua?"

"Se você quiser ser."

Meu coração dispara. "Sorte minha", tento brincar, com a voz trêmula. "O-o que isso implicaria?"

"Eu te beijo." Ele se inclina para roçar os lábios no canto da minha boca. "Quando quiser." Na minha bochecha. "Onde quiser." No meu queixo. "Você quiser."

Quando ele se afasta, o silêncio paira como um casaco molhado em um gancho.

"Só preciso pedir e você me dá?"

"Só precisa olhar para mim e eu te darei tudo, Sierra."

Esqueço como respirar. "Que contraste com a primeira vez que nos beijamos."

"Ah, você quer dizer a primeira vez que me atacou?"

"Não! Você me beijou de volta!"

Seus olhos piscam. "Seus quadris balançando contra mim tornaram muito difícil resistir."

"Então você foi tomada pela luxúria e não viu além dos meus lábios ou pernas."

"Eu não vi além de você, Sierra. Ainda não consigo."

Espero não corar, porque nunca fiquei antes, mas por algum motivo com Dylan estou sempre vermelha como o maldito Rudolph. "E daí? Você vai me dar aulas? Um guia prático para a sua puritana local?"

Dylan ri, tão perto que acho que vai me beijar, mas ele não se inclina. "O que você quiser, Sierra. Você sabe que ninguém mais pode te ensinar o caminho do que eu."

Eu contenho a reação física que suas palavras causam e tento parecer casual. "Vou pensar sobre isso."

Seu pomo-de-adão se move, e eu vejo sua expressão se contrair um pouquinho.

As luzes ao nosso redor brilham, lançando um calor suave sobre a multidão. Uma a uma, as pessoas acendem suas lanternas, e nós as imitamos. O lindo brilho laranja nos envolve, criando uma bolha de luz quente. O olhar de Dylan é tão intenso que parece que ele acendeu o fogo no meu peito em vez da lanterna. Acima de nós, o céu se estende em um azul profundo e aveludado, ansioso para ser pintado de luz.

Eu me lembro de quando Scarlett e eu planejamos ir a este evento. Mas no nosso primeiro ano em Dalton, setembro foi só chuva, e o evento foi cancelado. Nunca imaginei que estaria aqui com Dylan Donovan.

Há uma onda de aplausos vindos da frente do grupo, mas estou concentrado demais em Dylan para ouvir. Então, a primeira lanterna se

ergue, um único orbe dourado se erguendo na noite. Então, uma a uma, centenas a seguem, subindo em arcos delicados como vaga-lumes, transformando o céu em um mar de luzes flutuantes. Parecem aqueles adesivos que brilham no escuro no meu teto.

Olho de relance para Dylan. "Formamos um bom time", diz ele.

Deixo escapar um som evasivo.

"Admita. Sim, sim", ele insiste.

"É. Formamos um bom time", digo.

Meu olhar se volta para a lanterna enquanto a levantamos juntos. Pouco antes de soltá-la, os olhos castanhos de Dylan se fixam nos meus. A lanterna capta o vento, ondulando alegremente enquanto flutua para cima. Observo-a girar lentamente, nossos nomes gravados em ambos os lados, nós dois, lá em cima, nas estrelas.

VINTE E OITO

DYLAN

ELA ESTÁ PIRANDO. Ou, pelo menos, eu acho que está.

Sierra está encurralada quando dá três passos, gira, dá mais três e gira novamente. Esses movimentos se repetem há dezesseis minutos. Vejo Scarlett de um lado do rinque com uma plaquinha que diz LUTZ SEJA REAL, SIERRA E DYLAN CONSEGUIRAM!

Os caras também estão aqui, e com isso, quero dizer todo o nosso time de hóquei. Kian e Summer seguram nossos rostos em palitos de picolé. Tenho quase certeza de que Kian está segurando uma corneta e uma placa que diz SEU CAPITÃO ORDENA QUE VOCÊ GANHE. Ele descobriu que é capitão interino, e nenhum de nós teve uma noite de sono tranquila desde então. O treinador até me mandou uma mensagem dizendo que é melhor eu me comportar, porque ele não consegue lidar com o Kian sozinho. Os pais da Sierra também estão aqui. Eu esperava que eles me avaliassem, mas eles apenas nos abraçaram. Eles conversaram um pouco de russo com a Lidia e depois me deram um "cuide dela" antes de se sentarem. Acho que tinha um "senão" no final, mas ele não precisava dizer. Seus olhos azuis gelados fizeram isso por ele.

Ajusto a gola do meu colete, tentando ajustá-lo. É um azul profundo, quase royal, feito de um material grosso, com mangas um pouco bufantes. Somos Rapunzel e Flynn.

Os detalhes dourados na saia do vestido rosa de Sierra refletem a luz e brilham a cada passo que ela dá. Seu espartilho tem padrões florais costurados com fios dourados que se estendem pelo tecido até o decote.

As panturrilhas de Sierra se flexionam a cada giro, e percebo que poderia observá-la por um bom tempo.

"Ela sempre faz isso?", pergunto a Lidia, que está mandando mensagens de texto no celular. Tentei puxar assunto com ela quatro vezes, mas ela só resmunga.

Eu espiava e a provocava, perguntando se ela estava mandando mensagens para um novo caso, mas as mensagens são em russo, e não tenho certeza se ela não jogaria o celular na minha cabeça.

Lidia nem olha para trás, para o estranho ritual de Sierra. "Só quando ela está surtando."

Isso me faz pegar a caneta da prancheta de Lidia e ir até Sierra. "Por que você está surtando?"

Sierra para no meio do passo. "Não estou."

"Lidia disse que você estava." Quando pego sua mão, ela não a puxa de volta; ela me deixa abrir a palma, vendo as leves marcas de unha e um rosto sorridente desbotado. Desenhei por cima, escurecendo as bordas.

Sierra solta um suspiro divertido. "A Lídia provavelmente disse isso para você parar de falar com ela. Faço isso como aquecimento, para me concentrar."

Solto a mão dela no momento em que um dos membros da equipe passa correndo por nós em direção à Lídia, sinalizando que estamos prontos para a equipe russa que acabou de arrasar na patinação livre.

Sierra pega minha mão. "É isso aí", diz ela.

"Bem, tecnicamente temos mais uma e depois a final."

Ela revira os olhos, mas sua mão permanece fixa na minha. Nenhuma de nós solta por um segundo sequer. Nem mesmo quando ela verifica os patins pela terceira vez ou quando tira o rosa das bochechas. Tenho a sensação de que ela precisa desse toque de aterramento, e quero dar a ela.

"Está pronta, Romanova?", pergunto.

Coloco a mão dela no meu peito, o bater constante do meu coração contra a palma da mão dela. Ela não hesita e pega na minha mão para fazer o mesmo. É em momentos como este que a vejo. Não pela escuridão que ela pensa que a cerca, mas pela garota que brilha. Como um vaga-lume.

"Pronta."

Um aceno sincronizado e partimos.

No hóquei, somos seis no gelo, e o ponto focal do jogo é o disco. Patinação artística é diferente. Eu nunca me preocupei muito com quantas pessoas estavam na torcida, isso era normal para mim desde criança, mas agora a atenção está voltada para nós.

Agora, isso ainda não me incomoda. Eu não dou a mínima para o que essas pessoas pensam, mas vendo a forma como Sierra pisca rapidamente, os olhos se voltando para a torcida e as luzes piscando até o holofote acender, sei que farei tudo o que puder para executar isso com perfeição.

A música começa, "Lay All Your Love on Me", do ABBA, e em um instante, vejo a versão dela que ganhou um ouro olímpico, aquela que ela estava perseguindo. Equilibrada e perfeita. Se ela acha que sou arrogante, precisa ver esse lado dela. É intocável. Qualquer outra pessoa, e tenho certeza de que estaria fora de seu elemento, mas eu me alimento da energia dela.

Esta performance é cheia de pontos, repleta de saltos, giros, passos e elevações. Na sequência de abertura, fico um pouco fora do alcance da luz, esperando. Sierra se abre em direção a uma borda externa profunda, com os braços estendidos como se estivesse vendo o mundo pela primeira vez. Eu me empurro para frente e, assim que ela se vira, pego sua mão para mostrar Flynn entrando no mundo de Rapunzel.

Patinamos em uníssono, nossos movimentos poderosos, ganhando velocidade para podermos entrar em um axel duplo, nossos joelhos direitos balançando para cima e girando no meio da rotação, cruzando-se frouxamente como um pretzel antes de pousarmos em sincronia. Diminuímos a velocidade para passar para o nosso primeiro elemento principal: um giro triplo.

Eu a seguro facilmente, mas Sierra aterrissa um segundo antes do previsto. É quando vejo o primeiro estalo. Ela desliza para trás, permitindo que eu a segure pela cintura para o primeiro salto. Nossa sequência de passos segue — três giros espelhados, moicanos rápidos, mudanças profundas de lâmina. Nós nos contornamos, mantendo-nos próximos sem nos tocar, com os olhos fixos. Então ela agarra minha mão e nos impulsionamos em um loop triplo. Ela agarra meus dedos antes que eu a faça voar. O ar fica silencioso enquanto ela gira, uma, duas, três voltas. Minha respiração para até que sua lâmina toca o chão. É sólida. Sem hesitação. Sem interrupção do impulso.

É quase perfeito, mas noto o tremor em sua mão. Tento encontrar seu olhar, entender o que ela está pensando, mas então ela tropeça na segunda combinação de salto.

Seu sorriso não alcança seus olhos, e o próximo salto modificado chega cedo demais. Ela hesita, saltando no meio do caminho e aterrissando

desajeitadamente no gelo, com o pânico estampado em seu rosto. Ela está presa em sua cabeça agora, seus movimentos robóticos, seus passos ensaiados, meio segundo atrasados.

"Olhe para mim." O barulho no rinque abafa minha voz, mas sei que ela ouve. Como ela não olha, pego sua mão e a seguro com força. O espaço entre nós está carregado, a um fio de cabelo de distância, mas poderiam muito bem ser quilômetros. Terminamos com um giro sentado enquanto a última nota da música se transforma em aplausos educados, mas seu olhar não encontra o meu, nem mesmo quando deslizamos até o banco para esperar nossas notas.

Como esperado, nossas notas são baixas. Nenhum dos nossos levantamentos teve a profundidade técnica necessária para uma pontuação alta, mas esse não era o objetivo; Lidia queria que fizéssemos apenas o suficiente para nos classificarmos. Mas Sierra, ela está se afogando nisso. Seu silêncio, seus ombros curvados para dentro, como ela não consegue olhar para mim — está tudo errado.

"Sierra—"

Ela se encolhe ao meu toque. A Lídia me lança um olhar como se eu devesse deixar isso de lado, deixá-la se entregar a essa rotina autodepreciativa e ridícula que ela mesma impõe. Isso me irrita.

"Você não pode fazer isso comigo", digo, em voz baixa.

Ela abaixa a cabeça e pisca rapidamente, como se estivesse tentando conter as lágrimas. Há algo tão frágil nisso, o jeito como suas paredes racham, mas não se desfazem. Como ela parece tão jovem e vulnerável.

Levanto seu queixo, fazendo-a me encarar, mas seus olhos permanecem fixos no chão. Acho que nunca conheci alguém tão teimosa quanto ela. Há uma ponta de desespero em mim que precisa ver seus olhos, precisa saber que isso não vai ficar preso em sua cabeça.

Meus lábios mal roçam sua orelha. "Você não vai chorar", digo asperamente. "Não dê isso a eles. Ninguém merece suas lágrimas."

Quando me afasto, há um brilho em seus olhos. Verdes, como a luz do sol filtrando pelas folhas depois de uma tempestade. É uma pequena faísca, mas é o suficiente.

"Está me ouvindo?", insisto, minha voz mais suave agora, quase implorando.

Ela engole em seco enquanto assente. Lentamente, ela pisca, deixando as lágrimas recuarem sem cair. Sua coluna se endireita, seu maxilar se contrai

e sua confiança habitual disfarça as rachaduras. Eu sei que não é real, mas é o suficiente para ela se controlar.

Isto é, até Justin Petrov e Julia Romero entrarem no gelo. Os olhos de Sierra se fixam neles como os de um predador em sua presa, mas não há luta em sua postura, apenas a tensão aumentando a cada movimento perfeitamente sincronizado. Como se estivessem em outro nível. Fortes, rápidas e anormalmente perfeitas. Os dois minutos e quarenta segundos parecem mais longos do que qualquer jogo de hóquei que já joguei, o tipo de tempo que te faz sentir cada batimento cardíaco.

Então as pontuações deles aumentam. Mais altas que as nossas.

Meu olhar se volta para Sierra no momento em que ela fica imóvel. Seus ombros se contraem, como se ela tivesse sido atingida, e eu juro que consigo vê-la se desfazendo, pedaço por pedaço agonizante. Eu sei que já é tarde demais. Porque mal chegamos ao terceiro lugar.

VINTE E NOVE

SIERRA

TERCEIRO. BRONZE. ÚLTIMO.

Patino há dezesseis anos, exceto pelo tempo que passei em quartos de hospital. Mas nunca fiquei em último lugar. Nem mesmo em competições juvenis. Na patinação artística, o terceiro lugar tecnicamente não é o último, já que há pelo menos oito equipes aqui, mas é o que importa em todos os sentidos.

"Como?", sussurro mais para mim mesma.

Mas Lidia me encara com um olhar tão sério que seguro as lágrimas. Ela sabe que não estou falando sério sobre a nossa pontuação tão baixa. Sei por que isso aconteceu, senti tudo no meu corpo. Eu deveria ter tomado meu propranolol. Quer dizer, como vou compensar tantos meses perdidos nas próximas semanas? Como posso melhorar mais do que isso? Sei que sou resiliente e determinada ao extremo, nada nunca me impediu antes, mas essa nova voz na minha cabeça que se agarrou à minha determinação é difícil de calar. Tento acalmar a dúvida viscosa que escorre por meus pensamentos.

"Como sempre fazemos", diz Lidia simplesmente. "Nós não somos desistentes."

Há tanta convicção em suas palavras que não consigo refutar. Mas uma parte de mim se pergunta por que faço isso. Se vale a pena a dor. Eu costumava pensar nessa possibilidade, até sonhava com ela algumas noites. Ficou mais evidente depois do acidente, quando eu ficava sentada na cama por horas imaginando onde estaria se não tivesse escolhido esta vida. Se eu pudesse ser outra pessoa. Fazer outra coisa. Mas este esporte faz parte do meu ser, e você não pode se afastar da sua alma.

Um toque quente e firme permanece no meu braço. Dylan está me observando com um olhar cauteloso que está me deixando um pouco louca. Nunca imaginei que seria eu a fracassar lá. Eu tinha sido tão dura com ele por cada erro que agora, vê-lo tentando manobrar pelo skate para salvar todos os pontos que pudéssemos, só para eu não estragar tudo, faz meu peito doer.

"Eu vou ficar bem." Engulo a dor do fracasso que me amarga a língua, na esperança de que ninguém mais tenha que senti-la.

"Não estou pedindo para você sentir isso", diz ele.

Meu olhar se ergue para o dele, e é como se a tensão finalmente tivesse se dissipado de seus ombros.

“Eu entendo, ok. A primeira vez que perdemos um jogo importante, levei uma semana para me recuperar. Joguei uma partida ruim e minha raiva levou a melhor. Então, acredite, eu entendo. Mas este desempenho não dita o que acontece a seguir. Ainda temos tempo para melhorar antes da próxima.”

Minhas competições se estendem por um ano. O Dylan jogou quase quarenta partidas em uma temporada, é uma competição a cada vez. Se alguém entende, é ele.

Os locutores gritam nossos nomes, e eu tento tirar a careta do rosto enquanto patinamos em direção aos pódios, a arquibancada do terceiro lugar se aproximando como um tapa na cara. Cerro os dentes, engolindo a pontada de decepção, mas não é fácil. Justin e Julia sobem, de mãos dadas, arrogantes como o diabo, assumindo o segundo lugar. Meu queixo treme, mais de raiva, e eu a contenho porque o Dylan está me observando com tanta atenção que sei que ele vai perceber.

Sua mão luta contra o punho fechado que eu cerrei, entrelaçando delicadamente seus dedos entre os meus. Seu aperto é tão forte que parece que vai me partir ao meio. Não consigo me mexer. Não consigo me afastar.

Então avisto Justin, e desejo não ter visto. Ele olha para as mãos entrelaçadas de Dylan e as minhas, depois me olha rapidamente antes de dizer: Âncora.

A palavra me atinge como um golpe forte que me teria derrubado do pódio se Dylan não estivesse me segurando com tanta força.

Âncora.

Ela afunda fundo, arranha meu peito e dá uma reviravolta implacável. Era nossa. Uma promessa, algo a que nos apegávamos quando todo o resto

parecia desconfortável. Mas isso não é verdade. Não sei se algum dia foi. No entanto, a palavra vem com a lembrança de cada vez que foi dita e me fez sentir importante o suficiente para que alguém me segurasse, me mantivesse firme, ficasse comigo. Agora é uma provocação.

Quando desvio o olhar, vejo Dylan olhando feio para Justin, que imediatamente desvia o olhar, provavelmente percebendo que não teria a mínima chance de desafiar o jogador de hóquei de 1,93 m que começa brigas.

Depois disso, a cerimônia de premiação se torna um borrão porque a pressão no meu peito é insuportável. Largo as flores no banco, e Lidia não me impede quando tiro os patins e me dirijo à porta. Vou direto para o meu carro, antes que a multidão se aglomere na saída.

"Sierra." Dylan agarra meu cotovelo no momento em que meus dedos roçam a maçaneta da porta.

"Estou bem", digo, mais ríspida do que pretendia, forçando uma respiração através do meu peito apertado.

Ele se aproxima, minha respiração ficando ofegante e acelerada, quebrando o silêncio entre nós. Ele está perto o suficiente para que eu possa sentir seu cheiro. Então seus dedos percorrem a pele nua das minhas costas, dançando ao longo da renda, acendendo calor onde quer que toquem. Ele envolve a mão no tecido em volta do meu pescoço, seu aperto firme antes de puxar e desfazê-lo. A súbita lufada de ar enche meus pulmões, e eu quase desabo para frente contra o carro, finalmente respirando novamente.

"Eu só preciso de um pouco de espaço", sussurro.

Vejo o movimento de sua cabeça no reflexo da janela do meu carro, aquele movimento desamparado, quase resignado, que faz a culpa me envolver ainda mais.

“Você pode chorar, gritar ou quebrar coisas se precisar. Seja o que for, você tem a mim para fazer. Tudo isso”, ele diz.

Eu não me mexo. Acho que não conseguiria nem se quisesse.

Quando não falo, ele encosta a testa na minha nuca tão suavemente que me pergunto se ele está ali. Mas quando sua voz ressoa baixa, quente contra o frio cortante da noite, arrepios percorrem minha pele.

“Não faça isso”, ele sussurra, o calor de sua respiração agitando o silêncio entre nós. “Não vá aonde eu não possa seguir.”

Suas palavras me atingem como uma lâmina de skate cega cortando muito perto da minha garganta.

É realmente isso que eu me tornei? Uma pessoa presa dentro da própria mente, alto demais na torre para escapar?

"Eu não faço isso. Nunca foi assim antes. Justin nunca me deixou..."

"Eu não sou ele."

"Eu sei." Com isso, puxo a maçaneta e entro no carro, fechando a porta entre nós. Enquanto vou embora, evito olhar para ele pelo retrovisor.

Dylan: Fiz uma enquete interna e chegamos ao consenso de que Dale Thunderman é, de fato, gato.

A mensagem me faz sorrir. Dylan tem me enviado seus pensamentos aleatórios desde ontem à noite, nenhum deles relacionado à competição ou ao meu desabafo. Ele também manda fotos dele mesmo. Eu esperava que ele estivesse bravo ou magoado — ambos seriam válidos. Mas ele não me faz sentir culpada de forma alguma; ele está me tratando como sempre. Como se eu tivesse permissão para ser do jeito que sou, e isso não o afastasse.

Ainda tenho um galho pontudo enfiado no meu esterno que me seguiu no caminho para casa depois que ele praticamente implorou para que eu não o deixasse de fora, mas eu aprecio o sentimento, mesmo que eu não consiga me obrigar a dar a ele nada além de um emoji de resposta meia-boca.

Eu não deixei isso cair na cabeça ontem à noite. Não consegui. A única maneira de seguir em frente era deixar a perda de lado, então a evitei o dia todo. Quando meu despertador tocou esta manhã, fui direto para uma aula de Pilates em West Hartford. Depois disso, me afoguei em testes instantâneos de ciência forense e cinesiologia, mal tendo tempo para almoçar antes da hora da aula de balé da universidade.

Escolhi fazer um curso de cinesiologia porque combinava melhor com patinação, mas no meu último ano, não parece. Nos dias em que minha agenda não dá certo, assisto aos vídeos da Sage Beaumont e sigo seus tutoriais rápidos de movimentos que funcionam no gelo.

Mas hoje decidi ir à aula. Não podia voltar para um dormitório vazio e remoer todos os erros que cometi ontem à noite.

Enquanto me alongo antes da aula começar, a porta se abre. Justin Petrov entra, vestindo meia-calça e uma camiseta longa. Ele parece maior do que eu me lembrava. Ainda maior do que parecia algumas semanas atrás. Notei isso também na apresentação. Mas ele ainda me parece tão familiar, alguém

que vi quase todos os dias durante quatro anos, que minha mão se contrai para acenar. Mas eu me afasto, voltando à garota que me tornei depois dele.

Justin desliza para o lugar ao meu lado mesmo assim, como se ainda pertencesse àquele lugar. "Ei, rainha do gelo."

Quero dizer a ele para parar de me chamar assim, mas não dou a ele essa satisfação. Ele faria isso muitas vezes, tentaria me irritar até eu explodir, depois me diria que eu estava reagindo demais.

"Qual é, você ainda não está falando comigo? Você é melhor do que isso, Sierra."

As lembranças da provocação dele me fazem cerrar os punhos. Expiro o ar, parecendo impassível. "Oi, Justin."

"Como está sua virilha?"

A pergunta me pega de surpresa. É a primeira vez que ele demonstra interesse em Dylan. Justin é sempre tão correto, tão educado, que o toque na minha parceira faz o canto do meu lábio se erguer.

"Ótimo", respondo.

"Desculpe por ontem à noite. Mas o que você esperava de um jogador de hóquei chapado?" Ele ri secamente enquanto a turma se acomoda. "Pelo menos parece que ele está voltando às raízes. Embora seja só uma questão de tempo até que ele estrague tudo, assim como a sua apresentação."

As palavras dele ardem. Dylan salvou a nossa apresentação. Ele é o único motivo pelo qual chegamos àquele pódio. Uma proteção feroz me queima como fogo.

Que se dane ser a pessoa mais importante. Eu me aproximo, com os olhos fixos nos dele. "Fale do meu parceiro de novo e você vai se arrepender de ter aberto a boca", eu zombo. "Eu nunca mais quero falar com você, Justin. Só vai ficar mais difícil fingir que você não é um covarde de merda." Minha voz falha, e desta vez eu não me importo se ele ouvir.

"Você não está falando sério, Sierra. Eu me importo com você. Somos a âncora um do outro...

Pego minha mochila e saio da sala. Uma parte de mim odeia dar essa satisfação a ele, mas não posso fazer isso hoje. E mesmo que eu diga a mim mesma para não pensar nas palavras dele, algo ainda me puxa para a arena.

O treino de hóquei é barulhento e a todo vapor, e eu o reconheço imediatamente. Talvez porque eu tenha memorizado como o corpo dele se move sobre os patins. Ou como a presença de Dylan preenche todo o espaço, maior que a própria arena. Ele é rápido e implacável no gelo,

manobrando em torno dos cones com o disco colado ao taco, batendo nos defensores, chutando na rede.

Ele parece feliz. Exatamente onde ele pertence, fazendo outra coisa em que é ótimo. Tudo o que eu tenho é patinação, e isso significa que o deixei participar de todos os aspectos da minha vida. A ideia de fazer isso sem ele me faz arder.

Às vezes, há uma rara ocorrência em que você tem a sorte de realizar o que sonhou. Mas mesmo se eu tirar o acidente da equação, é difícil dizer com precisão se realizei meu sonho ou se ainda estou tentando encontrá-lo. Parece que tenho que escolher entre ser feliz e realizar meu sonho, quando todo esse tempo pensei que fossem a mesma coisa.

O peso da perda me atinge então. Preciso melhorar sozinha. E só conheço um jeito de fazer isso.

TRINTA

SIERRA

DORES NA CANELA SÃO HORROROSOS.

Sacrificar tudo o que você tem por um esporte tão implacável que te deixa machucado e machucado também é horrível. Caminhei até o rinque, a poucos minutos do campus. É mal conservado, mas com as regras rígidas de Dalton, é o único rinque comunitário aberto àquela hora, e eu não podia simplesmente ficar sentado pensando. É exaustivo ouvir minhas constantes preocupações, inseguranças e flashbacks se misturarem e surgirem em direções diferentes. A patinação está começando a se tornar uma chama apagada. Um fósforo que você tenta manter aceso apenas para que uma rajada de vento te deixe com fumaça preta.

Eu me esforço para sentir a queimação nos meus músculos enquanto acelero em um salto que eu nem deveria estar tentando. Um Lutz, limpo e firme, mas quando aterrisso na superfície irregular, tropeço e caio de joelhos. Está frio o suficiente para deixar minha pele dormente, então mal sinto.

Uma parte doente de mim gosta de lembrar ao meu corpo que estou no controle. Ele não pode simplesmente desistir de mim um dia e decidir que acabou. Quando tento outro salto, caio de novo, soltando um som frustrado ao me levantar com as pernas trêmulas.

"Que porra você está fazendo?"

A voz grave corta o som dos meus patins. Paro no meio, me viro e encontro Dylan parado na beirada, me observando. Seu cabelo está cacheado por causa da chuva, suas bochechas estão um pouco rosadas por causa do frio, e ele está usando um moletom com capuz e uma calça de moletom preta, recém-saído do treino. Ele parece irritado.

Percebo que nunca o vi bravo antes. Ele só faz piadas e cantadas, mas agora está bravo, tão bravo que consigo sentir a raiva vindo dele daqui de longe.

"Você precisa que eu fale mais devagar?", ele pergunta como um babaca condescendente. "Que porra você está fazendo?"

"Patinação. Já ouviu falar?", mal consigo dizer, com a respiração entrecortada.

"Está mal se segurando. E você está dando saltos como se fosse gelo olímpico. O que você está pensando?"

Não estou.

"Você vai ficar aí parado até tropeçar num buraco e torcer o tornozelo? Vou te levar para um rinque de verdade e deixar você foder todas as suas articulações. Sai fora. Agora, Sierra."

Odeio como ele é irritante e certo. Também odeio como ele fica gostoso quando está bravo.

"Preciso praticar", murmuro.

Seu olhar fica duro. "Como ser idiota? Porque você não precisa, você está arrasando."

Olho feio. "Eu nunca pedi para você vir aqui, Dylan."

"Que pena, Sierra. Porque tem gente que se importa com você. Como a Scarlett, que estava no rinque te procurando. A Lidia, que disse que você não atendeu as ligações dela. Eu. Então, não, você não tem permissão para simplesmente sair e patinar quando deveria estar descansando."

"Descansando do quê? Eu fui péssimo ontem à noite!"

"Então você vai se punir?" Ele estreita os olhos. "Você acha que vir aqui e patinar no gelo ruim sem estar aquecido, sem seu treinador, sem seu parceiro, vai ajudar?"

"Já fiz isso sozinho várias vezes."

"Estou pouco me fodendo para o que aconteceu antes. Você não pode fazer isso. Não comigo."

Vergonha e constrangimento me corroem completamente. Estou fazendo exatamente o que fazia há um ano. Afastando as pessoas, tentando fazer tudo sozinha. Não era justo com ninguém.

Olho para o gelo não tão firme. "Preciso praticar. Preciso fazer alguma coisa."

"Você está me irritando mesmo."

"Então pelo menos consegui uma coisa hoje."

Ele me encara diretamente. Claramente sem vontade de ser sacaneado. "Venha aqui e diga isso de novo."

Acho que estou sorrindo, mas meu rosto está dormente demais para perceber. "Venha me pegar."

"Tem certeza disso?", pergunta Dylan. "Porque se eu for aí, Sierra, você vai embora com a bunda no ar."

Meu coração dispara mais do que já estava. Dylan está andando antes mesmo que eu consiga dizer as palavras. "Você não ousaria."

"Você já me conheceu?"

Minhas pernas estão tão exaustas que não consigo me mover rápido o suficiente. "Não chegue perto de mim."

"Se eu não conseguir te seguir para dentro da sua cabeça, vou te seguir para todos os outros lugares", ele diz, e então se inclina, bem perto do meu ouvido, até que eu sinta um arrepio percorrer minha espinha. "Não fuja de mim."

Minha respiração falha e minhas palavras saem gaguejadas. "Eu... eu vou te cortar. Não me toque."

"Faça o seu pior, Romanova", é tudo o que ele diz antes de envolver um braço em volta da minha cintura e me jogar por cima do seu ombro. O grito que me sai é agudo e ofegante. Meu abdômen dói por causa do esforço e do ombro dele pressionando minha barriga.

Minhas roupas estão quase encharcadas. Minhas mãos estão tão frias que não consigo senti-las, nem mesmo quando tento coçar suas costas. Ele nem reage.

"Idiota", murmuro.

"Pirralho", diz ele.

Já desisti de planejar como lhe causar algum dano físico quando chegamos ao carro dele lá fora. Ele abre a porta e me joga no banco, com mais força do que o necessário. Quando sibilo de dor, provavelmente por causa dos hematomas se formando na minha bunda, seu olhar ainda pisca com um lampejo de preocupação.

Mas então ele se agacha e desamarra meus patins. Ele é gentil, muito mais gentil do que a expressão dura em seu rosto. Meu coração desacelera, e o arrependimento também me invade.

"Eu estou m—"

Seu olhar é penetrante o suficiente para que eu cale a boca. Ele desamarra os dois patins e os coloca na lateral do vão dos pés. Ele move

todo o meu corpo com um único empurrão, então fico de frente.

"Dylan..."

Ele fecha a porta. Dirigimos em silêncio. Só quando passamos pela Casa Iona é que olho para sua expressão indecifrável, minha voz quase um sussurro. "Você sentiu falta do meu dormitório."

"Eu sei", diz ele, em voz baixa.

"Então, para onde você está me levando?"

Ele suspira, lançando-me um olhar de soslaio. "Vou te levar para casa, Sierra."

"Onde é sua casa?", pergunto.

"Comigo."

TRINTA E UM

DYLAN

SIERRA GOSTA DE SE PULINHAR. E não de um jeito bom que eu possa ajudar.

Percebi isso no jeito como ela nunca sai, ou como nunca leva um lanche para treinar. Como se ela não merecesse nem o simples prazer de uma barra de proteína ou um sanduíche simples. Agora, vê-la parada ali, no meio do meu banheiro, me deixa tão inexplicavelmente irritada que mal consigo olhar para ela.

Quando fui ao dormitório dela para vê-la, Scarlett já estava saindo para fazer a mesma coisa. Ela achou que Sierra estava no rinque porque nunca perde o jantar. Meu coração estava apertado até que a encontrei.

"Aqui." Entrego uma toalha para ela, mas ela não a pega. Seu olhar aquece meu rosto, mas eu não olho. Não consigo. Se eu vir o corpo dela encharcado e trêmulo, não há garantia de que não vou encontrar o Justin Petrov e dar uma surra na cara dele. Tudo o que ela me disse enquanto estava naquele gelo deixou claro que a mentalidade dela é o resultado de todas as merdas que aprendeu patinando com ele. Que ela só tem valor na medida do seu desempenho no gelo. É besteira.

E eu sei que minha raiva aumentou porque assisti ao vídeo. Eu não queria vê-la daquele jeito, mas quando o Kian passou, eu assisti por alguns segundos antes de quase quebrar o celular dele.

Justin a tinha largado. Ela não deveria ter se machucado daquele jeito e passado meses tentando consertar a situação enquanto todos os outros simplesmente seguem em frente.

"Toma, Sierra. Você precisa tomar banho, senão vai vomitar."

"A-aqui?" Sua voz está mais rouca do que o normal, desgastada pelo grito de frustração que soltou no gelo.

"É, no meu chuveiro." Não espero que ela responda. Em vez disso, vou até lá e aumento a temperatura o suficiente para ela. O silêncio se estende entre nós, denso e tenso.

"Por que você não está olhando para mim?" A voz de Sierra treme com uma ponta de mágoa.

Engulo em seco, mantendo o olhar fixo na torneira. "Porque não quero dizer a coisa errada e ver você se retrair na sua cabeça. Eu quero você aqui."

O que eu não esperava era Sierra agarrando meu ombro, me puxando para encará-la. Seus olhos brilham de irritação. "É isso que você pensa de mim? Que eu sou uma louca?", ela pergunta. "Eu não pedi sua ajuda, Dylan."

Uma espécie de vazio percorre seus olhos cor de grama como gás tóxico, sufocando o fogo que eles geralmente carregam.

"Você deveria ter feito isso", eu digo bruscamente. "Porque quando eu disse que estava aqui por você, Sierra, você escolheu fazer isso sozinha. Você escolheu patinar no gelo ruim em vez de mim."

Ela suspira, brincando distraidamente com a bainha molhada do suéter, o peso das minhas palavras pairando no ar. "Eu-eu só-" Ela desinfla, como se estivesse derrubando uma parede. "Se eu não for perfeita, tudo isso será em vão", diz ela baixinho. "Todas as contas médicas, os anos de treinamento, as Olimpíadas. Significa que cada parte quebrada, em ruínas e podre de mim não valerá nada."

Ela começa a soluçar, seus ombros tremendo com a força. Eu não peço desta vez. Eu a puxo para os meus braços, e ela agarra minha camiseta. A umidade de suas lágrimas aquece minha camisa, e meu peito se abre.

Eu acaricio suas costas. "Deixa sair. Eu te seguro."

Ela funga. "Como é que se passa de ter saúde, carreira e pessoas para perder tudo em minutos? Meu corpo nem está mais lá para mim. Não consigo nem contar comigo mesma. Eu estava no auge da minha carreira e agora não consigo pisar naquele gelo sem sentir meu corpo quebrar." Sua voz falha na última palavra.

"Eu amo esse esporte há tanto tempo, Dylan, mas estou começando a odiá-lo. Odeio o que ele fez com meu corpo, odeio o que fez com minha cabeça e odeio a pessoa que ele me transformou. Sempre pensei que ganhar o ouro significaria alguma coisa. E quando não significou, tentei de novo.

Mas quando minha cabeça bateu no gelo, perdi tudo. Aí assisti tudo de novo online, porque ninguém teve a decência de apagar os vídeos. Tudo o que eu sou é uma maldição." Ela mal consegue falar em meio aos soluços. "Às vezes, sinto que o antigo eu está tão distante de quem sou agora, que se eu tivesse a chance de voltar, não a reconheceria."

Eu me afasto para segurar seu rosto. "Você não merecia nada disso, Sierra. Sinto muito que tenha passado por isso sozinha."

Sierra balança a cabeça. "Mas eu não estava sozinha..."

"Sinto muito que você tenha pensado que as pessoas mais próximas não entenderiam", retifico.

Seus lábios tremem, e então seu corpo treme tão incontrolavelmente que meus braços não são suficientes para pará-lo. Eu me sinto tão inútil, desesperado para fazê-la rir, para fazê-la se sentir melhor. Mas quando ela se inclina para a frente e se apoia em mim, sei que ela confia em mim para mantê-la unida.

"Você ainda está aqui, Sierra", sussurro. "Fazer tudo de novo com tudo o que você tem. E eu sei que você passou a carreira pensando que era mais fácil suportar tudo sozinha, mas não precisa mais. Não quando eu estiver aqui."

Ela não se afasta enquanto eu enxugo delicadamente as lágrimas do seu rosto. "Eu odeio chorar."

"Você não deveria", digo suavemente, meu polegar limpando a umidade, meu coração doendo por ela. "Você não deveria ter a mesma emoção o tempo todo. Você pode chorar, isso não te torna fraca. Levei um tempo para perceber que deixar sair não é uma coisa ruim."

"Você também achou que era algo ruim?" Ela me encara por entre os cílios molhados.

"Quando eu era mais nova, minha mãe escondia as lágrimas de mim. Então eu achava que era um segredo, algo ruim que não era para os outros verem. Mas agora eu sei que não é verdade. Você não precisa se esconder de mim."

"Não quero que você pense que sou fraca."

Isso me pega de surpresa, porque não consigo entender como ela não percebe o quanto é corajosa. "Eu jamais poderia pensar isso. Você é a pessoa mais forte que eu conheço."

Seus olhos verdes são uma floresta depois da chuva. Tempestuosos. "Comecei a odiar o Justin, sabe? Eu ficava de repouso só de pensar em

como eu queria que fosse ele a cair. E eu sei que é terrível pensar nisso, mas tudo parecia tão insuportável, por dentro e por fora. Eu queria que ele entendesse por um segundo como era."

"Ficarei feliz em fazê-lo entender como é a dor. É só dizer."

Ela solta uma risada chorosa. Acho que ela não percebe o quanto estou falando sério. Tudo o que ela precisaria dizer é sim, e todos saberiam exatamente o quão físico eu posso ser.

"Não posso deixar meu parceiro ser preso. Ainda temos outra competição."

"Depois disso, então?"

Seu sorriso vacila quando seu olhar se fixa no meu, uma percepção devastadora se instalando. "Temos que vencer, Dylan."

Sinto um peso na garganta. "Vamos vencer."

Ela assente como se estivesse tentando me convencer a acreditar em mim dessa vez.

"Então, da próxima vez que você quiser patinar como uma louca, me diga, e eu vou junto."

"Não é como se você estivesse livre", ela murmura, se afastando.

Droga. Eu deveria ter contado a ela sobre hóquei. Me deixaram voltar para o time, mas depois de ficar em terceiro lugar, não pude comemorar isso com ela, sabendo que ela estava machucada.

"Você não me deve nenhuma explicação", ela responde rapidamente. "Eu sei que o hóquei é importante para você."

"Você é importante para mim."

Ela me observa atentamente, como se tentasse detectar uma mentira ou descobrir se ouviu errado. Nenhuma de nós fala — ela porque está lutando com o significado daquelas palavras, e eu porque quero que elas penetrem em seu cérebro teimoso.

Ela sorri então. Quase me mata. Lá está ela de novo. A garota com o coração mole e machucado.

Quando outro arrepio a percorre, eu a solto para que ela possa tomar banho. Mas antes que eu possa sair, sua mão segura meu pulso.

A coluna delicada de sua garganta se move. "Você não precisa tomar banho?"

Se meu coração já não tivesse parado, pararia agora mesmo. Ela está oferecendo? Porra. Acho que não posso recusar. Mas me esforço ao

máximo para pensar com a minha cabeça de verdade, e não com a que está em posição de sentido, o sangue correndo para o sul, me deixando piscando.

"Eu preciso." Decido não mencionar os outros quatro chuveiros da casa.

"Levar comigo?" Sierra se aproxima e encosta a cabeça no meu peito. "Eu não quero ficar sozinha."

As palavras criam fissuras dolorosas em todo o meu coração, e eu paro de respirar por um momento. Ela estava tentando entender tudo sozinha esse tempo todo, mas agora ela me quer.

"Eu preciso de você, Dylan", ela sussurra.

Sinto uma pontada no peito. Ninguém jamais quis dizer isso como ela — ninguém que já precisou de mim por mim. Já ouvi essas palavras em momentos de desespero, perdida no prazer de um orgasmo, mas nunca assim. Nunca com tanta vulnerabilidade e certeza.

Com um movimento rápido, Sierra arranca o suéter encharcado, deixando-o cair no chão com um baque úmido. Sua regata branca gruda nela enquanto ela tira a legging, deixando apenas a calcinha. Ela fica parada ali, no meio do meu banheiro, seminua, como se me desafiasse a olhar.

Minha garganta parece que engoli giz. Já tive garotas nuas na minha cama antes, mas nunca aqui, na solidão do meu banheiro, onde tudo parece real e íntimo demais. E nunca com a Sierra.

Então seu olhar cai para minha calça jeans, e algo toma conta. Algo muito mais inteligente. Eu a desabotoo, deixo-a cair junto com a minha blusa, ficando só de cueca boxer. Quando pego sua regata, ela me impede. Sei que é por causa das cicatrizes dela, e queria poder fazê-la ver o quão linda ela é, por dentro e por fora. Em vez disso, a guio para debaixo do chuveiro. Ela suspira de contentamento quando o calor atinge sua pele.

Estou encharcada, e sua regata e calcinha também, mas não me permito olhar. Por muito tempo. Só de vê-la ali, no meu chuveiro, um lugar onde ninguém mais esteve, me deixa dolorido. Quando suas mãos pressionam meu peito, é quase como se ela tentasse acalmar a queimação que está ali. Como se ela pudesse ver sem que eu precisasse dizer.

Os dedos de Sierra descem, testando os limites de onde ela pode me tocar. Eu a deixaria me tocar como quisesse, com apenas uma palavra. Mas não é disso que ela precisa agora.

A água cai em cascata sobre nós, tamborilando suavemente contra os azulejos, mas parece distante em comparação com a pulsação estrondosa

em meus ouvidos. Quando olho para ela, sinto meu coração tentando sair do peito.

"Por que você veio me procurar?", ela pergunta de repente.

Porque sou incapaz de te deixar sozinha, embora provavelmente devesse. "Porque somos parceiras."

HORAS DEPOIS, deixo que ela se troque enquanto vasculho a geladeira. Os rapazes entram com pizza no momento em que Sierra sai do meu quarto, afogada na minha camisa e moletom, o cós dobrado pelo menos quatro vezes para caber.

Summer entra, parando ao lado de Kian no momento em que Cole e Sebastian acenam para Sierra e levam uma caixa para a mesa de jantar. Summer e Kian se cutucam, e eu reviro os olhos.

"Sierra", dizem os dois.

Kian está olhando para Sierra com as minhas roupas, e Summer sorri como se tivesse descoberto tudo.

"Sabe, eu tenho roupas lá em cima. Me avise se precisar de alguma coisa emprestada", oferece Summer. Então ela murmura: "Me conta tudo", antes de subir para o quarto de Aiden.

"Eu estava no seu dormitório", diz Kian para Sierra.

"Você estava?", perguntamos nós dois. Por que diabos ele estava lá?

"Estou no grupo de estudos da Scarlett", ele diz enigmaticamente. "O que vocês dois estavam fazendo?"

Sierra me olha de relance, então pego as caixas de pizza do Kian. "Estávamos assistindo às fitas."

Ele cantarola em reconhecimento. "Não é loucura que, quando conheci o Dylan, ele ralou o joelho no hóquei de rua e ficou lá deitado, chorando até a mãe chegar?"

Sierra faz beicinho para mim, fingindo compaixão.

"Não é loucura eu ter te conhecido quando você ainda chamava nossos professores de 'mamãe'?", retruco.

"A Sra. Marple era gostosa. Eu queria chamá-la de 'mamãe'." Kian dá de ombros, completamente imperturbável.

Eu o empurro para fora do caminho e coloco os pratos na mesa de jantar. Summer e Aiden também descem, encontrando seus lugares à mesa. Ainda estamos acostumados a comer juntos desde que Eli nos ensinou isso.

Sierra vem se sentar ao meu lado, e Kian se senta do outro lado. Mesmo enquanto ele conta mais uma das minhas histórias embaraçosas, só consigo me concentrar em sua risada desenfreada. E no fato de que farei qualquer coisa para conseguir aquela vitória.

TRINTA E DOIS

SIERRA

TEMOS UMA semana até a nossa segunda competição. A Lidia nos permitiu um dia mais curto hoje, já que Dylan e eu arrasamos nos dois programas sem problemas. Como conseguimos fazer os levantamentos perfeitamente na competição, ela quer nos impulsionar. Se tivermos sorte, podemos chegar à final do Grand Prix com base nas nossas notas na competição Sênior B.

O Dylan tem alternado entre hóquei e treino comigo, e ele está exausto, embora nunca admita isso. Ele brinca menos, não deixa a mão "escorregar" da minha cintura para a minha bunda ou provoca a Lidia sobre com quem ela está trocando mensagens. Achei que ele pudesse estar passando mal depois que me levou para casa do rinque. As coisas mudaram desde o nosso chá de bebê. Eu esperava que ele me visse como frágil agora, mas Dylan me encara com firmeza, habilidade e certeza.

Então, quando ele me convidou para ir lá depois do treino hoje, insistindo que fazia o melhor sanduíche de queijo quente e que eu tinha que comê-lo fresquinho, direto da frigideira, não consegui recusar. Do meu lugar no balcão da cozinha, observei-o cortar o sanduíche na diagonal e, em seguida, recostar-se com aquele sorriso maroto enquanto eu o devorava inteiro.

"Pode admitir que estava bom. Não vou me gabar. Prometo", diz Dylan enquanto seca a louça.

"Já comi melhores", digo, torcendo o pescoço com um suspiro.

"Sempre tão teimoso." Dylan me olha de relance. "Dolorido?"

"Meus ombros estão me matando. E eu não esperava que meus tornozelos ainda estivessem doendo assim."

"Acho que isso nunca vai embora." Dylan joga o pano de prato no balcão. "Como você se sente se molhando?"

Um calor desconhecido se acumula em meu estômago. "Se você vai me molhar com a mangueira da pia, eu te bato com essa panela." Aponto para a panela de ferro fundido em cima do fogão. "E se isso foi uma piada suja, eu ainda te bato com a panela."

Ele balança a cabeça. "Eu quis dizer na banheira de hidromassagem."

Olho ao redor como se alguém pudesse entrar. "Você e eu?", pergunto quase num sussurro.

"Não tem mais ninguém aqui. Você está usando alguma coisa por baixo?" Seu tom é tão casual que faz meu pulso disparar.

Sigo seu olhar até meu suéter largo e curto e minha calça de ioga cinza. Seu olhar se demora, e eu odeio saber exatamente o que ele está pensando.

"É, vou sim, mãe", digo, ignorando o calor subindo pelo meu pescoço. "Eu não tenho o hábito de ficar sem roupa."

"Isso faz de nós dois."

Faço uma careta. "Eca. Eu não vou entrar na sua banheira de hidromassagem."

Ele ri. "Brincadeira. Vamos, vai aliviar a dor."

Ele já está indo embora, sem me dar margem para argumentar. Quando ele pega duas toalhas para nós e eu o sigo para fora pelas portas de correr, eu vejo. A banheira de hidromassagem está toda estampada com o rosto do Aiden Crawford, com o anúncio da bebida Slink que eu já vi em lojas de conveniência.

Meu sangue corre quente quando Dylan tira a camiseta, ficando com o short mais curto que já o vi usar. Deixo-me observá-lo, mas quando seus olhos encontram os meus, giro. Tiro a calça de ioga, feliz por ter usado calcinha combinando hoje. Instintivamente, tento cobrir minhas cicatrizes com o braço, mas Dylan não está olhando para mim, então subo rapidamente pela borda e quase gemo quando afundo na água, centímetro por centímetro.

"Está bem?", pergunta Dylan.

Jogo a cabeça para trás, com os braços apoiados na borda. "Tão bem."

Os únicos sons entre nós são as bolhas e meu suspiro ocasional de prazer quando os jatos atingem minhas panturrilhas ou meus glúteos no ponto certo.

"Por que você está aí? Está com medo de mim, Romanova?", ele me desafia.

Levanto uma sobrancelha. "Está?"

"Apavorada." Ele sorri, seu olhar penetrante deslizando para o meu peito.

Uma onda de confiança me invade. Aproximo-me com dificuldade, até meus joelhos tocarem os dele, e ele me observa com uma intensidade inabalável, os braços apoiados na beirada enquanto permanece sentado ali como um rei.

O ar frio arrepia minha pele, e estou hiperconsciente de seus olhos errantes, observando meu sutiã vermelho, a extensão nua da minha barriga e cada parte de mim que costumo tentar esconder. Seu olhar não vacila, mas não parece invasivo. É reverente. Como se ele estivesse me gravando na memória, centímetro por centímetro, agonizantemente.

Quero lamber as gotas do seu peito. O pensamento quase me faz recuar completamente, mas acho que o olhar dele é o culpado por qualquer hipnose que me faça montá-lo.

Dylan se imobiliza, depois ajusta os quadris antes de se inclinar ainda mais para trás comigo em seu colo. Seu olhar desce para o meu peito, depois volta para cima, com tanta indiferença que você não imaginaria que ele tem uma garota seminua sentada em seu pau.

"Bela roupa", diz ele.

Tento fingir que suas palavras não me afetam, mas o rubor subindo pelo meu pescoço me trai. Quando olho para ele novamente, ele ainda está me observando como se eu fosse a única coisa que importa. E isso não me assusta tanto quanto deveria.

"Não sabia que havia um código de vestimenta para o seu convite para a banheira de hidromassagem."

"Prefiro completamente nua, mas não quero dar um show de graça para os vizinhos."

Olho ao redor para as árvores que cercam o quintal. Não tem como alguém nos ver. Quando me viro para ele, seus olhos estão fixos em mim, firmes e intensos, como se ele pudesse ler meus pensamentos.

Ele engole em seco, com a voz rouca. "Você parece ser fã do meu colo."

Meus lábios pairam sobre os dele. "Algo assim."

O vapor da banheira de hidromassagem reveste nossa pele com uma camada de umidade. A condensação escorre pelo meu peito e pelo dele, e sinto um calor crescendo dentro de mim. Uma fome.

"O que você está fazendo, Sierra?"

Ele vai me fazer dizer, eu simplesmente sei. Mas ele não me conhece se acha que eu cederia tão facilmente. Teimosa. É assim que ele me chama, não é?

"Aproveitando um mergulho na sua banheira de hidromassagem", digo casualmente.

Seu olhar se move entre nós. "Aproveitando mais alguma coisa?"

"Não sei dizer. Parece que estou sentada em uma maldita estátua."

Dylan reprime o sorriso. "Depende de você dar vida a isso, baby."

Frustrada, jogo todo o meu peso em seu colo e mexo lentamente. O peito de Dylan arfa e um ronco baixo sai de sua garganta. Ele apenas observa, seu hálito quente batendo na minha pele. Não aguento mais essa tortura autoinfligida.

"Dylan?", sussurro.

Ele leva vários segundos para responder. "Hmm?"

"Não quero que seja só um beijo."

Ele geme tão alto que vibra contra minha pele. "Finalmente fodendo."

A mão de Dylan aperta minha garganta e ele puxa minha boca para a dele.

"Você me enganou." Ofego a acusação entre beijos famintos.

Ele demora um segundo para responder — se é que me ouve — porque suas mãos estão por toda parte. Quentes e firmes enquanto me acariciam, roçando meu sutiã e deslizando pelas minhas costas. Cada nervo que tenho se acende sob seu toque, e quando ele aperta minha bunda, ela se encaixa na palma de suas mãos como se eu tivesse sido feita para ele.

"Eu fiz?", ele murmura, embora seu foco esteja em outro lugar completamente diferente.

"É", consigo dizer, embora minhas palavras se transformem em gemidos quando ele lambe minha garganta, enviando uma onda de calor por mim. "Só vim pelo seu queijo grelhado."

"Ótimo. Você comeu, agora é a minha vez." Com isso, ele abre meu sutiã e o tira pelos meus ombros. Não comento como ele o tirou sem esforço, mas em algum lugar, de um lado muito mais mesquinho de mim, há uma pontada de ciúme. Uma inveja silenciosa pelas garotas que o tiveram assim antes de mim, que conheciam o peso de suas mãos, o jeito como ele toma, o jeito como ele possui.

"Você já fez isso antes?" As palavras fervilham em mim. Cala a boca, Sierra.

Seu olhar se ergue para o meu sob as sobrancelhas franzidas. "É, no meu carro. Você estava lá."

Reviro os olhos. "Quero dizer, aqui dentro. Com outras garotas."

Dylan diminui o ritmo, passando a mão suavemente pela minha bochecha. "Só foi você." Então ele pisca como se percebesse algo. "Estou limpo. Faço exames com frequência. Não houve ninguém desde vo-eu nunca te colocaria em uma posição vulnerável. Posso mostrar a vo-"

Eu o beijo então. Eu já sei que Dylan não faria isso comigo. Dói um pouco o meu coração que ele se veja dessa forma. "Eu sei", sussurro. "Eu só- você vai me tocar agora?"

Meu ciúme descabido se dissipa no vapor ao nosso redor.

Ele hesita por um segundo, mas então está apalpando meus seios. "Eu quero foder esses primeiro. Me fez esperar para vê-los, não é?"

"Então o que você está esperando?"

Ele ri sozinho, passando a mão na minha bochecha. "Você é tão bonita."

"Pare de me chamar de bonita."

"Não posso."

Afobada, enfio a mão entre nós, dentro do seu short, para sentir seu comprimento endurecido. Mas então o celular dele acende na beirada da banheira, e o som de portas de carro batendo chega até nós.

Ele resmunga um palavrão. "Os caras chegaram."

Meus olhos se arregalam e olho para o meu estado molhado e seminua. Dylan também, porque seus olhos escurecem com uma possessividade que o faz me puxar para fora da banheira. Ainda estou em seus braços quando ele me enrola em uma toalha e nos leva para a sala de estar, pingando, no momento em que ouvimos a maçaneta da porta da frente chacoalhar. No momento em que entramos em seu quarto e ele tranca a porta, Dylan me pressiona contra ela. Ele me beija até que eu não seja nada além de gemidos ofegantes e desejo pingando.

Tapei a boca com a mão, só a retirando quando Dylan me lança um olhar. "Seus amigos vão nos ouvir", digo.

"Contanto que eles não possam te ver, eu não dou a mínima para o que eles ouvem", diz ele. "E você não vai me esconder. Eu vou te fazer gritar, baby."

Dylan desliza minha calcinha para o lado e pressiona o polegar bem sobre meu clitóris inchado. "Encharcada pra caralho", ele murmura antes de se afastar e enfiar o dedo na boca.

Minha cabeça encosta suavemente na porta. "Faz isso de novo."

Mas, em vez disso, ele enfia o dedo na minha boca. Deslizo a língua sobre seu dedo grosso. Ele me levanta mais alto com apenas uma mão embaixo da minha bunda. Então, em um movimento fluido, enfia dois dedos dentro de mim. Ele me beija lentamente, como se não estivesse se movendo rápido entre as minhas pernas, tão fundo que seus nós dos dedos me pressionam. Gozo com tanta força que grito alto o suficiente para o quarteirão inteiro ouvir.

"Desculpa", digo instintivamente.

Ele me dá um tapa entre as pernas e eu grito. Tento encará-la, mas não consigo, porque meus olhos ainda estão caídos do orgasmo.

"Tudo bem. Não me desculpe."

"É? Então, ajoelhe-se e me mostre que não está arrependida. Ou, quando eu finalmente encher sua boceta, não vou deixar você gozar até estar satisfeita."

Reviro os olhos. "Quer apostar?"

"Revire os olhos de novo, Sierra, mas desta vez com meu pau na sua boca."

Ajoelho-me, encarando-o inocentemente antes de abaixar seu short. Ele é grosso, longo e curvilíneo. Um movimento provocador da minha língua, e Dylan dá um nó no meu cabelo, jogando minha cabeça para trás com um xingamento baixo. "Abra bem", ele sussurra, e quando o faço, ele cospe na minha boca. Deslizo minha língua por seu eixo até onde o pré-gozo se acumula na ponta. Mas, em vez de usar minha boca, o empurro para trás, de modo que ele fica sentado na cama. Pressiono meus seios um contra o outro e o deslizo bem entre eles. Dylan engasga, ou geme, não sei bem, mas a expressão em seu rosto traz um sorriso travesso ao meu. Mas antes que eu possa aproveitar plenamente, ele se levanta e bate a cabeça do seu pau contra minha língua antes de deslizar entre meus lábios. Giro minha língua sobre a ponta, depois desço até lamber a parte inferior de seu eixo, fazendo-o gemer meu nome.

"Quando eu gozar, vai ser dentro de você enquanto você olha nos meus olhos. Não antes."

Um calor percorre meu estômago quando ele me puxa para ficar de pé e me leva de costas para sua cama. Quando Dylan abaixa minha calcinha, seu olhar se fixa na minha tornozeleira. Nós dois ficamos imóveis. Talvez seja a luxúria ou a clareza, mas eu digo: "Tire-a."

Dylan hesita. Mas a tornozeleira não me pertence. A única sorte que preciso é do meu talento e do meu parceiro. Cutuco seu peito com o tornozelo. Ele a desabotoa e a joga descuidadamente na mesa de cabeceira. Como se estivesse esperando para fazer isso.

Ele não dá nenhum aviso antes de enterrar o rosto entre as minhas pernas. Ele me devora como se fosse minha recompensa. Minhas pernas tremem tão incontrolavelmente que ele as agarra para impedi-las de se fecharem. Gozo com tanta força que vejo estrelas.

Então, a gaveta se abrindo, o amassar de uma embalagem de alumínio e Dylan colocando a camisinha acontecem tão rápido que eu fico tensa. Faz tanto tempo que não sei como meu corpo vai reagir.

Minha primeira vez foi estranha, um pouco constrangedora e... um alívio quando acabou. Com Justin, foi mecânico. Sem toques ou provocações, apenas simples e desprovido de prazer. Achei que era assim que deveria ser, ou simplesmente fui péssima nisso. O que é uma possibilidade, já que só fiz sexo com duas pessoas. Dylan é muito experiente, e já senti mais com um beijo dele do que jamais senti durante o sexo com qualquer outra pessoa. Estou com medo de não ser tão boa quanto o que ele já teve. E preciso ser boa o suficiente para ele.

"Você está bem?", pergunta Dylan, me observando atentamente.

"Eu nunca fiz isso com as luzes acesas antes." É a única coisa que consigo pensar em dizer, e é a verdade. Ninguém nunca me viu tão completamente nua.

"Nunca?"

"Não achei que houvesse nada que valesse a pena olhar."

Dylan sorri. "Vale a pena emoldurar você, baby."

Eu coro e tenho certeza de que ele vê as manchas vermelhas no meu corpo. "É só que... vá devagar, ok?" Me sinto uma puritana, mas ele concorda docemente.

"Você decide."

"Eu já não faço isso?", provoco.

"Essa boca do caralho." Ele me beija com força e se afasta para pressionar a ponta do pau bem contra o meu centro escorregadio. Então,

lentamente, mais devagar do que eu tenho certeza de que ele teria feito de outra forma, Dylan desliza para dentro de mim. Com as mãos nos meus quadris, ele se acalma em cada estocada, e a ardência se transforma em um calor ardente e carente. Eu encontro suas estocadas, agarrando seu edredom e apertando minhas pernas ao redor dele.

"Bom?", ele pergunta com uma voz que faz meu cérebro entrar em curto-circuito.

Meu corpo implora por ele. "Mais rápido."

Ele hesita até eu perguntar novamente. Então, ele abaixa o rosto no meu pescoço e me fode com tanta força que não consigo recuperar o fôlego.

"Porra, você é tão bom nisso", eu digo rispidamente.

"Aposto que você está desejando que eu tivesse te fodido antes, né?"

"Aposto que você está desejando que eu tivesse deixado você me foder antes", eu retruco.

Dylan me penetra com ainda mais força, trazendo um gemido alto à tona. Eu o contenho com a mão sobre a boca, mas ele agarra meus pulsos e os prende acima da minha cabeça. "Mantenha-os aí."

Eu obedeço, observando-o passar as mãos por todo o meu corpo. Ele presta atenção redobrada às minhas cicatrizes, e eu não aguento. Minha mão desce para cobri-las, e ele franze a testa. Em um movimento rápido, Dylan me levanta e me puxa para perto, até que eu esteja sentada em seu colo, com minhas costas rentes à sua frente. Ele nos posiciona na beira da cama e, quando olho para cima, estamos em frente ao espelho do seu closet. Arfo, vendo meu rosto corado e seu corpo envolto no meu.

"Chupa", ele ordena quando seus dedos tocam meus lábios. Ele os desliza para dentro da minha boca, e eu faço o meu melhor, esperando que ele não perceba como estou tremendo. Ele os puxa lentamente e abaixa os punhos até o próprio pau. Então, sem aviso, ele me levanta um pouco e se enterra o máximo que pode. A fricção úmida faz meu núcleo se contrair. "Vamos lá, tudo isso, Sierra."

"Eu... porra, eu n-não consigo." Não tem como eu aguentar tudo dele nessa posição.

"Você consegue. Nós não somos desistentes." Ele morde meu queixo. "Se toque. Me mostre como você se masturba enquanto pulsa em volta do meu pau."

Claro que ele quer isso. Só eu passaria de uma garota inexperiente para foder Dylan Donovan na frente de um espelho. Hesito, sentindo o calor nas

minhas bochechas, até que ele guia minha mão entre as minhas pernas. "Olhe para você, baby. Você é a coisa mais linda que eu já vi, e está me aceitando por inteiro tão bem." Ele beija meu pescoço. "Minha doce menina."

Meu coração quase para. Ninguém nunca me chamou de doce. Isso me faz apertar ainda mais em volta dele, e Dylan solta um gemido gutural. Ele me move para cima e para baixo em sua ereção, enquanto faço círculos lentos sobre meu clitóris até minha cabeça cair em seu ombro.

Dylan envolve minha garganta com a mão, me forçando a olhar para frente novamente. "Eu disse para você se cuidar, Sierra. Quero que você veja o que eu vejo. Olha como você é linda."

"Dylan", gemo, incapaz de suportar a maneira como suas mãos apertam meus seios enquanto ele me penetra com mais força. Estou sensível demais, exausta demais, não consigo nem pensar, e isso nunca aconteceu antes.

"Diga. Diga que você é linda, gata."

As palavras grudam na minha garganta, recusando-se a sair por um momento. "Eu sou linda."

"Boa menina. De novo."

No espelho, minhas pernas estão presas pelas dele, a mão pesada de Dylan acaricia minhas cicatrizes e seus olhos castanhos me observam com um olhar que incendeia meu coração. É difícil negar quando ele me olha assim. "Eu sou linda", digo. "E sinto isso ainda mais quando estou com você."

Ele me penetra e, desta vez, deixa minha cabeça inclinar para trás para capturar cada um dos meus gritos suaves em sua boca.

"É isso. Agora me mostre que garota safada você pode ser."

Tento acompanhar seus movimentos, inclinando-me para a frente até que minhas mãos estejam em seus joelhos. Ele parece gostar dos sons dele me preenchendo tão completamente. Sussurro que estou gozando e, antes que eu possa respirar fundo, ele me vira para encará-lo. É forte, mas ele sabe que eu aguento. Ele sabe que não sou fraca nem frágil.

"A única vez que você pode gozar é quando seus olhos estiverem em mim. Você vai saber que sou eu quem faz você se sentir assim."

Minhas mãos apertam os músculos dos seus ombros. "Por favor. Eu preciso... eu não posso..."

"Você gosta de vencer, não é, Sierra?" Dylan diz com a voz rouca. "Monte-me como uma vencedora, baby."

Eu encaro isso como um desafio; ele sabia que eu encararia. Eu giro meus quadris, sentindo seu abdômen e sua pegada apertarem, e juro que ele geme. Dylan assume o controle então, e me inclina para cima, atingindo meu ponto G como se estivesse esperando por isso, e não é surpresa que eu goze com tanta força que meus ouvidos estejam zumbindo.

Eu desabo nele, e ele me abraça forte.

Ba-dum. Ba-dum. Ba-dum.

"Eu sonho com você", ele sussurra, e isso me atinge como uma lufada de ar frio.

Os segundos se estendem, intermináveis e pesados, antes que eu finalmente me afaste, ainda sem fôlego. Dylan parece não ter tido a intenção de dizer aquilo em voz alta, mas isso não o detém.

"São muitos dos sons bonitos que você acabou de fazer", diz ele. "Mas, principalmente, é isso. Quando eu puder te abraçar depois."

Meu coração tenta saltar do peito para os braços dele. "Dylan..."

"Não diga nada", ele diz rapidamente. "Eu sei quem eu sou, o que todos pensam de mim. E estou bem com isso, se isso significar que eu te pego assim. Então, tudo bem, porra."

"Mas..."

"Somos parceiros, eu sei. É tudo o que você quer, e é o que eu também quero. Sem compromisso. Nada vai atrapalhar a sua vitória. Eu prometo."

Parece tudo errado quando ele diz isso. Como se estivéssemos jogando pedaços de macarrão cozido contra a parede na esperança de que um grude. Mas mesmo enquanto digo isso a mim mesma, sei que ele está certo. Eu me entreguei a Justin apenas para perdê-lo e tudo o que eu amava naquela noite. Quero tanto que isso seja diferente que não posso repetir o passado. Dylan e eu somos descomplicados. Nossos objetivos giram em torno do que precisamos um do outro, e não vamos nos desviar disso.

Dylan se afasta de mim lentamente, deixando uma dor profunda em sua ausência, como se tivesse levado um pedaço de mim consigo. Meu corpo está exausto, cada centímetro de mim vibra com os tremores secundários, e a maneira como me sinto agora é tão estranha que me perturba.

Eu estive no controle a vida toda. Então, no segundo em que bati naquele gelo, perdi o controle. Até mesmo olhar no espelho — algo que mal consigo fazer — costumava parecer errado, porque eu não reconhecia a garota que me encarava. Todo esse tempo, estive tão desesperado para recuperar o

antigo eu que aceitar o novo parece uma traição. E então algo completamente mortificante acontece.

Começo a chorar.

Dylan parece em pânico enquanto descarta a camisinha às pressas e me deita na cama. "Me diga o que eu posso fazer", diz ele imediatamente.

"Estou bem. Eu... Deus, isso é constrangedor. Eu nem sei por que estou chorando." Soluço.

"Ei, está tudo bem. Eu te disse, você não precisa passar vergonha comigo, nunca." Ele beija meu nariz. "É normal. Sexo pode trazer à tona muitas emoções, e provavelmente te atingem todas de uma vez. Você vai ficar bem."

"Eu normalmente não reajo assim", murmuro em seu peito.

Dylan ri baixinho. "Você tem o direito de sentir, Sierra. Bom ou ruim, eu te entendo."

Quando ele apaga a única luz, entro em pânico por uma fração de segundo, e ele deve ter sentido meu estremecimento, porque acende a luminária novamente.

"Não consigo dormir no escuro desde..."

"Então vamos deixar aceso."

"Mas é irritante. Posso chamar um Uber, não é grande coisa", digo, já me virando para pegar meu celular. Parece muito mais pesado ficar.

"Shh." Dylan me puxa para perto como se a luz não o incomodasse.

Parece que foi por isso que os humanos receberam pele. Para ser consumida por esse toque dolorosamente desesperado e pela sensação que me percorre a espinha. O que mais me apavora é que isso me faz sentir como se eu pudesse ficar. Dormir envolta em seus braços e nada mais.

Mas eu nunca dormi com ninguém. Não sei se vou acordar com um ataque de pânico ou se meu cérebro vai encontrar outra coisa para me desencadear. Tornei-me tão imprevisível, até para mim mesma, que é assustador pra caralho. Me faz perceber o que Dylan e eu acabamos de compartilhar e o que está em jogo.

O sono nunca chega, mas não me mexo até ter certeza de que Dylan está dormindo.

TRINTA E TRÊS

DYLAN

ACORDO com um sorriso. Um sorriso de verdade. Fazia um tempão que isso não acontecia.

Os olhos verdes de Sierra queimavam como brasas, iluminados por algo que eu nunca tinha visto antes. Ela até tirou aquela tornozeleira idiota que Justin deu a ela. Eu odiava aquela coisa porque ela nunca precisou de um amuleto da sorte. É tudo dela, e fico feliz que ela tenha percebido isso.

Já fomos próximas antes, mais próximas do que a maioria das pessoas é no dia a dia, mas desta vez, tudo mudou. Memorizei seu calor, sua maciez, o jeito delicado como ela se encaixa em meus braços e no meu colo. Eu precisava dela de todas as maneiras que podia. E agora não consigo mais me livrar do buraco que se aprofundou em meu peito enquanto eu lhe dava o que ela precisava. O que eu precisava.

Mas, ao abrir os olhos, o sorriso desaparece do meu rosto. Há uma dor crua de vazio, como a parede de uma caverna que foi erodida pelo gotejamento constante de água. Cinza, oca, abandonada.

Minha cama está vazia, exceto pelo cheiro persistente de cereja no meu travesseiro. Os travesseiros novos. Aqueles que nem cheiram a mim, mas ainda assim seguram o cheiro dela como se fosse o trabalho deles.

Quase me arrasa pensar que ela se levantou antes de mim e a primeira coisa que quis fazer foi ir embora. Isso me faz pensar em todas as vezes em que fiquei aliviado por me ver sozinho depois de uma noite com uma garota, ou quando saí do dormitório delas porque era isso que elas queriam. Era o que elas sempre quiseram. Ninguém quer ficar por perto, e eu nunca pediria. Então, por que isso parece tão diferente?

Pego meu celular na cômoda e encontro um e-mail da Lidia sobre a competição de Lake Placid no próximo fim de semana, junto com mensagens sobre outra festa. Garotas da irmandade, minha fraternidade, Sampson — ignorei todas elas ontem porque nada disso importava. Eu costumava responder essas mensagens, estar onde todo mundo estava, ouvindo os cânticos de Double D! e desaparecendo naquilo que eles queriam que eu fosse, até o álcool perder o gosto.

Vou ao banheiro, mas a aspereza na minha garganta não diminui mesmo depois de escovar os dentes. A casa está vazia porque Aiden foi para Toronto esta manhã, e Summer está em Iona.

Kian tem aula o dia todo, então ele vai direto para o rinque treinar. É mais curto, mas isso não significa que estarei menos exausta dos saltos para patinar mais tarde. Mas isso não é problema. Vou fazer as duas coisas e não vou deixar nada me impedir. Nem mesmo o fato de estar suando antes mesmo de chegar ao rinque.

Cole dá um tapinha nas minhas costas. "Você está bem, Mini Cap?"

"Mini Cap?"

"Certo, você não sabe disso." Ele ri. “Nós te chamamos de Mini Cap desde toda aquela coisa de capitania, sabe, porque foi um período curto, então, mini.”

Eu o empurro para o lado com o ombro, e ele finge uma lesão na lateral do rinque. Mas suas palavras ficam comigo, mesmo quando todos os outros aparecem. Há uma dinâmica aqui que eu não percebi, como voltar para casa nas férias e descobrir que seu quarto foi transformado em uma academia.

"Qual é o primeiro nome do Kilner?", pergunta um dos caras, assinando um cartão de aniversário.

"Achei que fosse o Coach", diz Kian, coçando a cabeça.

"Donovan, tenho boas notícias para você." O Coach se aproxima de nós no gelo. "Vocês voltam para um jogo na semana que vem contra Yale. Precisamos dar o nosso melhor e controlar as emoções que temos por eles."

O que ele quer dizer é: Não percam a cabeça. Antes deste verão, eu nunca pisava em Yale sem usar um colar de alho. Todas as garotas que conheço de lá voltaram para nossa casa ou ficaram como ficantes no Myth. Depois que eles destruíram nosso campus no começo deste ano, nossa rivalidade piorou. Fui expulso por agressão e conduta antidesportiva. Mentira, se quer saber. Eu não me importo nem um pouco, porque naquele

dia eu estava esperando uma ligação da minha mãe. Para ouvi-la dizer que tinha ido embora e que não precisávamos mais lidar com o meu pai.

Nunca aconteceu.

"Pode deixar, treinador", eu digo, com a voz tensa me fazendo tossir. Todos olham para mim.

"Você está doente?", pergunta Kian, e todo o time recua. Nenhum de nós pode se dar ao luxo de ficar doente, não com os jogos da ECAC chegando. Estou exausto, mas nunca admitiria isso, ou que, pela primeira vez, não estou animado para um jogo de rivalidade.

"Estou bem", murmuro, lançando um olhar para Kian que o cala. O treinador não diz nada. Ele apita e saímos para os treinos.

"Tem certeza de que está bem?", pergunta Kian, estendendo a mão para tocar minha testa. Dou um tapa em sua mão.

"Só cansado. Tive uma noite longa."

Kian bufa. "É, eu ouvi. Você devia ter visto meu queixo no chão quando esbarrei na Sierra quando ela estava saindo. Eu não sabia que a garota podia ficar vermelha daquele jeito."

Eu também não. Só quando eu estava tão enterrado que ela escondeu o rosto no meu pescoço.

Já se passaram meia hora quando minha visão fica turva. Estou cambaleando, apoiando-me mais no taco do que nos patins. O apito soa novamente e acho que minha cabeça vai explodir.

Vejo os tênis de Kilner antes de ouvir sua voz. "Você está doente."

"Provavelmente é alergia. Estou bem." Piscar dói.

"Você não tem alergia. E mal consegue levantar a cabeça", ele grita.

Eu me forço a ficar de pé, mas o treinador observa com aquele olhar nada impressionado, percebendo minha atuação. O homem é um mago.

"Saia do meu gelo e descanse um pouco. Ou vou tirar você da primeira linha para o jogo de Yale."

"Não", digo rapidamente. "Eu vou. Só preciso avisar a Lidia antes que..."

"Eu aviso a ela. Só vá embora antes que meus novatos fiquem doentes. Eles não têm o físico de vocês, idiotas."

É verdade. O primeiro ano não foi para os fracos, principalmente por causa de mim e do Kian.

Kian se aproxima de mim. "Treinador, eu deveria ir com o Dylan cuidar dele. Então, não posso lavar roupa hoje."

Kilner o observa. "Tudo bem, vocês dois já terminaram por hoje. Vão para casa."

"Na verdade, treinador, você pode ficar com ele..." O resto da minha frase é abafado na palma da mão do Kian enquanto ele me empurra para fora do gelo.

POR QUE BOAS PESSOAS como eu SÃO punidas por nossas boas ações?

Embora, mesmo se eu tivesse uma resposta para a pergunta, eu ainda repetiria tudo o que aconteceu ontem. Mais do que algumas vezes.

Kian entra no meu quarto. "Fiz sopa para você. A Summer disse que estava nojenta, mas eu joguei um monte de molho apimentado nela, então você nem vai sentir o gosto de mais nada." Ele está carregando uma bandeja com um vaso e um girassol, como se fosse minha mãe.

"É verde brilhante", digo, olhando para a tigela de sopa de Kian.

"O brócolis e o espinafre realmente dominaram a cor. E o sabor. E o cheiro."

"Obrigado. Agora me faça um favor e jogue pela janela."

Kian zomba. "Eu me esforcei muito naquela cozinha por você, e é esse o agradecimento que recebo?"

"Se você gosta tanto, beba você mesmo."

Ele faz uma careta e coloca a bandeja no meu criado-mudo. "É, não, tem gosto de água de esgoto apimentada." Kian se senta na beira da minha cama. "Como está a Sierra?"

Tenho certeza de que ele sabe sobre ontem. Não é como se estivéssemos fazendo silêncio. Mas ele não está sendo invasivo, como sempre. Ele me observa com simpatia.

Minha cabeça está latejando e meus lençóis parecem o calor dela. "Por que você está me olhando assim?"

"Porque ela não está aqui."

Dou de ombros. "Eu não costumo convidar garotas para dormir. Você sabe disso." Até mesmo colocá-la nessa categoria parece errado.

"Está tudo bem, amigo, você ainda tem a mim", diz ele, afofando meu travesseiro.

Devo estar com um resfriado forte porque digo: "É, pelo menos eu tenho você."

Kian sorri. "Quer uma maratona de filmes? Tenho a versão do diretor", ele sugere. O ritual de Kian quando está doente, além de reclamar, é assistir Crepúsculo: Edição Estendida ou Shrek 2 na sala de estar, onde todos podem vê-lo agir como se estivesse morrendo.

"Eu deveria dormir", digo, e ele concorda com a cabeça antes de fechar a porta atrás de si.

Horas depois, meus olhos se abrem com um toque suave na testa. É quando a vejo, como um sonho. Sem maquiagem, cabelo preso em uma trança, usando um de seus cachecóis.

Meu coração para. "Ei."

Sierra passa a palma da mão na minha bochecha, quase culpada. "Eu te deixei doente?"

"Levei um susto para o time", digo, e ela apenas me encara, provavelmente pensando que nosso treino extra ou nosso banho na outra noite têm algo a ver com isso. Pode ter, mas eu nunca diria isso a ela. "Você não fez nada, Sierra."

"A Lídia disse que o treino foi cancelado. Achei que, depois de ontem à noite, você se arrependesse de..."

"Sierra", interrompi-a, sabendo que, se ela terminasse, eu não conseguiria lidar com a situação. "Não há nada de que eu me arrependa sobre ontem à noite. Você saberia disso se tivesse ficado."

Não quero que soe acusatório, mas soa, e faz seus olhos verdes se arregalarem.

"Eu deveria ter avisado que estava indo embora. Mas nós não..."

"Tudo bem. Já estou acostumada", digo, ignorando o assunto. "Mas me desculpe por ter estragado nossa agenda de treinos."

A mão de Sierra cai do meu rosto. "Você acha que é isso que me importa? Eu vi o quanto você se esforça. É ridículo o que você está passando. Você precisa descansar."

"Eu quero fazer isso." Pareço na defensiva. "O treinador me colocou na primeira linha para o jogo de Yale."

Ela sorri levemente. "Você merece."

"Você deveria vir. É um jogo em casa", digo. "Praticamente seu dever como minha parceira."

Sierra ergue uma sobrancelha. "É? Alguma regra não escrita para duplas de patinação artística e jogador de hóquei?"

"Exatamente", digo. "Acho que você tem que usar minha camisa ou algo assim também."

Ela concorda. "Acho que sim. Vou até te chamar de Capitã dos meus assentos na beira do rinque."

Eu falo sem expressão, jogando-a na minha cama. Sierra cai na gargalhada. Aperto suas laterais até que ela me implore para parar. Quando finalmente consigo, estamos ambos respirando com dificuldade, a centímetros de distância. Quero beijá-la.

Mas não vou deixá-la doente. E sei que, se a beijar, não vou conseguir parar. Então, em vez de sentir seus lábios contra os meus, dou um beijo em sua testa.

Sentamos novamente, e o ar fica estranho. Mas então, Sierra se endireita, como se tivesse acabado de decidir algo. "Bem, melhore. Lidia não vai ter piedade quando você voltar", diz ela. "Te vejo no gelo, parceiro."

Então ela se vai tão rápido que fico piscando em sua ausência.

Meu resfriado piora quando me arrasto para fora da cama para beber água. Estou na cozinha quando a campainha toca. Não atendo, mas todos na casa parecem ter a mesma intenção.

Enrolada no meu cobertor, caminhando até a porta com os chinelos freudianos do Kian, abro a porta para ninguém. É melhor não sermos aqueles malditos garotos brincando de Ding-Dong Ditch. Kian e eu vamos ter que assustá-los de novo.

Quando começo a fechá-la, um carro preto em alta velocidade me chama a atenção. Meu olhar recai sobre uma sacola branca no degrau. Levo-a para dentro e tiro um pote de canja de galinha com um bilhete colado com uma letra caprichada.

É de lata. Não se iluda.

Eu solto uma risada e, quando estou prestes a guardar a sacola marrom, noto algo mais dentro. É um cachecol.

Este é do zero. Fiz com os meus pés. ;)

Imediatamente, pego meu celular para mandar uma mensagem para ela.

Dylan: Nem um pouco lisonjeado. Obrigada pelo pacote de cuidados.

Sierra: Não faço ideia do que você está falando. Hora de fazer um

exame cerebral, vovô.

Então, dois minutos inteiros depois:

Sierra: De nada.

TRINTA E QUATRO

SIERRA

"OK, AGORA FAÇA", diz Scarlett.

Ela está sentada na minha mala enquanto tento fechar o zíper. Ela rola o celular e lê os nomes de todos os patinadores que vão participar da competição. Estamos indo para Lake Placid para a competição Sênior B.

Mesmo com toda a minha energia fechando o zíper da minha mala abarrotada, meus pensamentos se perdem. Ainda consigo sentir os movimentos fantasmagóricos da língua de Dylan no meu clitóris. O som do suspiro que me escapou quando ele deslizou para dentro de mim. Tudo parecia demais e insuficiente ao mesmo tempo. Então, quando a luz da manhã atravessou as cortinas, eu o observei dormir. Tão calmo e angelical — completamente oposto às coisas nada angelicais que ele fez comigo poucas horas antes.

Sinto-me renovada e, de alguma forma, mais parecida comigo mesma. É como se eu não soubesse que estava presa na torre de marfim que eu mesma criei. Foi quando Dylan apareceu e me libertou que percebi o quanto perdi por causa dos meus pensamentos. Por algum motivo, o jeito como ele me beijou me fez sentir como se eu tivesse quebrado uma algema.

"Esses skatistas devem ser modelos de meio período. Olha o time russo." Scarlett enfia o celular na minha cara. O casal estava à frente de Justin e de mim nas Olimpíadas e completou seu longo programa com perfeição. Eu não estava preocupada, mas no momento em que senti a perda da mão de Justin na minha, soube que a tínhamos perdido.

Eles ganharam o ouro. Eu ganhei uma vida inteira de dor.

Scarlett parece perceber isso um pouco tarde demais, mas ainda assim joga o celular na cama como se nada tivesse acontecido. "Então, o que você

trouxe aqui? Tijolos para jogar nos outros patinadores?"

Com um último puxão, a mala se fecha e eu me afundo ao lado dela, aliviada. Scarlett se levanta e tenta levantá-la, mas falha miseravelmente. Ela opta por fortalecer o músculo da mente em vez de qualquer um dos músculos dos braços. "Vamos passar duas noites fora. A Lídia disse para eu levar tudo o que preciso."

Suas sobrancelhas se arqueiam. "Você precisa de agulhas e lã de tricô?"

"Tricô me ajuda a relaxar."

"Você e minha avó seriam ótimas amigas." Scarlett faz uma pausa. "Se ela estivesse viva."

"Você não estava reclamando quando eu tricotei aquele cardigã para você."

Ela arrasta a mala para a posição vertical. "Isso foi para um show, e eu te amo por isso, mas você realmente terá tempo para tricotar?"

Dou de ombros. "O que mais eu vou fazer por horas no quarto de hotel?"

"Já planejei tudo para você. Tem um presente na sua mala. Você vai me agradecer depois." Estreito os olhos, mas ela me lança um olhar travesso, sabendo que não posso abrir a mala e verificar agora. "Ou você pode fazer o que o Dylan está fazendo. Aposto que ele nunca fica entediado."

"Seu interesse pela vida pessoal dele precisa ser estudado."

Ela bufa. "O cara é como uma bola de discoteca. É difícil desviar o olhar dele. Mas vocês dois juntos? Impossível."

"Mais gato que o seu time russo?"

"Muito." Ela sorri, me ajudando a levantar da minha posição caída no chão. "Além disso, duvido que algum desses skatistas tenha começado sua parceria com uma pegação gostosa nos colchonetes."

Carregamos minha mala e bolsa de ginástica com meus patins e fantasia até a porta da frente. Só quando entro no carro de Lidia é que ela me conta que Dylan tem treino de hóquei, então ele vai dirigir até a arena em Lake Placid mais tarde.

"CHEGUEI", diz Dylan assim que irrompe pelas portas da sala de espera, no momento em que eu contava trinta e dois minutos inteiros desde que cheguei aqui, amarrado e pronto para começar. Todos os patinadores se viram para olhá-lo, e ele nem se dá ao trabalho de sorrir para ninguém. Parece exausto.

Seu cabelo está desgrenhado quando ele o penteia para trás e coloca seu boné de beisebol virado para trás, e ele está de gola careca e suando. Ele deixa cair sua bolsa de skate com um baque e se joga no banco ao meu lado.

Antes da apresentação, temos a sexta-feira para nos familiarizar com a arena e praticar uma última vez antes do show. Aqui, fazemos o programa curto e o longo, e recebemos uma pontuação para cada um individualmente, antes de serem combinados para mostrar nossa classificação final. O programa livre — ou programa longo — é o que me preocupa. Se nos sairmos bem nele, é onde acumularemos os pontos mais importantes.

"Relaxe." Dylan bate no meu ombro com o dele.

"Estou", murmuro. Ele estava atrasado. Poderíamos ter ajustado bastante nossos programas.

"Seu tremor de nível quatro está fazendo todo mundo questionar se é um terremoto."

"E sua cara feia está tranquilizando eles? Acho que você assustou algumas crianças."

"Você está chateado comigo ou algo assim?"

"O quê? Não. Só estou... nervoso." Esta é a nossa última chance de ser considerado para uma competição maior, então estou um pouco irritado. Dylan coloca algo discretamente na minha coxa, e quando olho para baixo, é um pote de pasta de amendoim Reese's. O gesto me aperta profundamente.

"Eu não queria me atrasar, Sierra."

"Eu sei", digo. "Eu disse que não estou chateado com você."

"Você pisca duas vezes quando mente", diz ele simplesmente, terminando de amarrar os patins. "E seu nariz se contrai um pouco, como o do Pinóquio."

"Você..."

"Pare com isso", repreende Lídia. "Acabamos de chegar. Como vocês já estão discutindo?"

"Não estamos discutindo", eu digo.

Dylan se inclina para mim e coloca a mão no meu ombro tenso, como se fôssemos melhores amigos. Sua mão está quente na minha pele fria, e finjo que é por isso que me arrepio. Olho para cima e o vejo com um sorriso largo, e o imito para Lidia, que permanece impassível diante da nossa demonstração forçada de camaradagem.

"Vou registrar vocês dois. Vão encontrar um lugar para se aquecerem."

Ela atravessa as portas duplas até a mesa da administração, e eu a observo descer até sumir completamente de vista. Discretamente, pego meu frasco de comprimidos, aquele com a manga de tricô rosa.

"Ansiosa?", pergunta Dylan.

Tenho tomado comprimidos rapidamente antes de alguns treinos, embora não precise deles com tanta frequência. Ele só saberia disso se estivesse me observando. "É uma muleta, eu sei", admito. "Às vezes parece que estou trapaceando."

Ele franze a testa. "Trapaçando?"

"Como se eu estivesse pegando o caminho mais fácil. Eu costumava conseguir fazer isso sem remédio. Muitos atletas fazem isso todos os dias sem ajuda." Estou divagando.

"Isso não é trapaça, Sierra", diz Dylan. "Fazer o que você precisa fazer para funcionar. Para ter um bom desempenho. Você acha que cuidar de si mesma é um atalho?"

Engulo em seco. "Você sabe o que quero dizer. Não é a mesma coisa."

"Não sei", diz Dylan. "Pense nisso como hóquei. Eu não conseguiria jogar sem outros cinco caras no gelo. Não significa que eu não esteja me esforçando. Ou como patinar — não podemos fazer isso um sem o outro. Sua medicação não está funcionando para você. É apenas uma peça da equipe ajudando você a ter o seu melhor desempenho."

Eu o encaro. Dylan faz parecer tão simples que nem me deixa pensar nisso.

Dylan estende a mão para mim e vamos para o rinque. É quando percebo o que ele está vestindo.

"Onde você comprou isso?" Minha pergunta sai em tom acusatório, e meu rosto parece estar pegando fogo.

Meu parceiro segue meu olhar até a jaqueta que ele acabou de vestir. É a jaqueta corta-vento do Time EUA personalizada com meu sobrenome nas costas. Está um pouco apertada nele, mas é claro que ainda fica bem.

"Você deixou no meu carro", ele diz casualmente.

"E você guardou? Por que diabos você usaria minha jaqueta desse jeito?" Ele está usando aquele blusão como uma medalha. Quase como se usasse a própria camisa. Cheio de orgulho.

"O quê? Um cara não pode representar seu patinador artístico favorito?"

Eu respondo sem expressão: "Você não conhece nenhum outro patinador artístico."

"Não precisa. Você é o único que vale a pena prestar atenção." Dylan me puxa, e eu ainda estou presa em como meu nome fica nele quando ele aperta mais forte.

"Aí está o seu brinquedinho." Justin passa com um sorriso falso. "Desde quando ele participa dessas competições?", pergunta Dylan.

"Já que eles não foram convidados para o Grand Prix do ano passado."

Dylan bufa. "Provavelmente se arrepende de ter te deixado agora."

"Duvido. Ele não olhou para trás, simplesmente se levantou, foi embora e disse aos meus pais que se sentia péssimo, mas os pais dele o forçaram a decidir porque estavam financiando a patinação dele."

"Ele não tentou falar com você depois?"

"Tentou, mas eu não me importei em ouvir o que ele tinha a dizer. Mas tenho certeza de que ele vê o quanto estou lutando. Provavelmente feliz por ele ter me deixado. Às vezes, tenho vontade de dar uma bronca nele."

"Ele não merece uma palavra sua. Nem um suspiro. Da próxima vez que ele vier falar com você, quero que me diga."

Eu aceno com a cabeça. "Você acha que eu mereço isso?", pergunto sem pensar muito.

"Por que isso importa? Você quer?"

"Tanto."

"Então é seu", ele diz facilmente, como se fosse a verdade.

Assim que estamos no gelo, é como se todo o nervosismo que atormentava minha mente e meu corpo momentos antes desaparecesse. Mas estamos cercados por uma dúzia de outros patinadores que me encaram descaradamente. Eles me veem como uma atleta olímpica ou como a garota morta andando.

"Não olhe para eles. Olhe para mim", diz Dylan.

Eu tento, mas então ouço. De jeito nenhum ela vai voltar com o jogador de hóquei. Coitada. Eles a chamam de azarada. Ouvi dizer que Petrov foi forçado a arrumar um novo parceiro.

"O que te tira do sério?", pergunta Dylan de repente, me puxando de volta.

Não consigo pensar, só ouço os sussurros ao meu redor. "Costumava ser patinação. Mas não sei mais."

Ele acena baixinho. Então, estamos em movimento, e os limites que talvez existissem nos tatames não existem mais. No gelo, deixamos tudo nas mãos um do outro, com total confiança. Pelo menos, tentamos.

Desta vez, olho para ele e respiro fundo antes de Lidia nos chamar. As únicas palavras que saem de sua boca pela próxima hora são de novo e a variação russa frustrada, snova.

Sierra: Sério? Você colocou um vibrador na minha mala? Scarlett: De nada. Faça bom uso dele. Não há lugar melhor do que um quarto de hotel.

Suponho que ela esteja certa. Eu estava entediada, passando vapor nos meus vestidos de patinação sem parar. Tanto o da Rapunzel quanto o meu preto e carmesim favorito para o nosso programa curto. Agora, no banheiro, encaro meu reflexo e me permito olhar. Quando vejo minhas cicatrizes, lembro-me da sensação quente da boca de Dylan na minha pele. Mas, mais do que isso, eu as vejo como elas são. Um novo começo.

Mal li as instruções quando estou prestes a ligar o vibrador, quando uma batida na porta me assusta. Entro em pânico, visto minhas roupas rapidamente e enfio o brinquedo na mala. Meu coração dispara, a sensação de alívio imediata. Eu não teria conseguido fazer aquilo de qualquer maneira. Meu cérebro não me deixa.

Olho pelo olho mágico e vejo Dylan lá, passando a mão pelos cabelos, vestindo uma regata branca, moletom cinza e óculos.

Treinamos nossas rotinas inúmeras vezes antes que Lidia se satisfizesse e nos deixasse voltar para o hotel. Não conversamos durante todo o caminho, e eu apreciei o silêncio confortável. Mas agora, enquanto estou de camiseta comprida e shorts dos Ursinhos Carinhosos, com um vibrador escondido na mala, hesito.

"Se você já se cansou de mim pelo olho mágico, pode abrir a porta?"

Desvio o olhar bruscamente como se ele pudesse me ver. Abro a porta devagar e pisco para ele com os olhos sonolentos. Ele ergue as sobrancelhas, encostado no batente da porta.

"Belo pijama", diz ele.

"Bonito moletom", respondo.

Dylan não espera minha permissão e me empurra para se sentar na cama. A TV está passando o Canal do Tempo quando ele pega o controle remoto.

"Claro, sinta-se em casa", murmuro, me jogando do outro lado da cama.

"Acabei de ver os patinadores russos indo para a academia. Malditos esforçados."

Continuamos assistindo TV, mas o silêncio está me consumindo. "Por que você está de óculos?", pergunto abruptamente.

Ele me olha de relance. "Eu estava lendo um livro que a Summer me emprestou até o Kian ligar e estragar o final", diz ele, parecendo irritado.

Essa explicação não ajuda em nada a domar meu cérebro hiperativo ou meus ovários agitados. Lendo? Meu Deus.

O jogo de hóquei está no último período, mas Dylan mal está assistindo. Ele está no celular, mas geme e o joga na cama.

"O que houve?"

"Os caras estão planejando uma festa de Halloween."

"Não é o dia favorito do diabo?" Contenho uma risada.

Ele me lança um olhar vazio. "É meu aniversário."

"No Halloween? Meu Deus, isso faz tanto sentido. Eu devia ter imaginado." Mesmo brincando, ele não parece estar no clima, e isso me confunde. "Você não deveria estar animado?"

"Eu sempre odiei comemorar meu aniversário." Dylan se aconchega mais na cama. "Melhorou desde que cheguei em Dalton, porque a única coisa que fazíamos era ficar bêbados, mas desde o teste de drogas, parece diferente. Estou com medo, mas eu nunca contaria isso a eles."

"Mas foi um erro, não foi? Claro, você fumou maconha, mas isso não é algo que se faz com frequência."

Ele passa a mão pelo cabelo. "Não é. Eu nunca me importei em fumar, mas naquela noite eu precisava de algo para me ajudar a escapar. Eu não queria ver a cara da minha mãe nem ouvir a porra da voz do meu pai. Eu estava farto disso."

"Fazer o quê?" Ele mantém as palavras bem enroladas, mas quanto mais ele fica sentado ali, mais a voz parece puxar a ligação.

“Meu pai trai minha mãe há anos. Eu tinha cinco anos quando descobri, porque recebemos uma ligação do hospital perguntando pelo meu pai. Minha mãe e eu chegamos e encontramos a amante dele, que tinha acabado de dar à luz Ada.”

Meu Deus. “Ela não é...?”

Ele balança a cabeça. “Mas isso nunca importou para nós. Ela é minha irmã, e eu a amo desde o primeiro dia em que a vi. Tivemos sorte de ir até lá porque a mãe biológica dela estava em uma situação difícil. Aparentemente, quando ela engravidou, meu pai parou de atender as ligações dela. Ela não tinha dinheiro e nunca quis ter filhos, então adotamos

Ada. Meu pai ficou furioso, mas minha mãe também. Foi a primeira vez que desejei que ela o deixasse."

"Sinto muito, Dylan. Você era só uma criança."

"Só fico feliz que a Ada não tenha presenciado nenhuma dessas brigas. E ela foi para a faculdade quando eu vim para Dalton. O primeiro ano foi o pior. Eu não atendi nenhuma das ligações deles. Eu ficava bêbada noite sim, noite não e tentava esquecer tudo. Até minha mãe aparecer em casa. Ela fazia comida para nós, abastecia a geladeira. Ela me disse que queria deixá-lo, e eu senti como se um peso tivesse sido tirado de mim. Mas aí, todo ano, eu tinha a mesma conversa inútil com ela. Nada nunca mudava.

"E foi aí que eu estraguei tudo. Fiquei chapada porque as duas pessoas na minha vida que me mostraram que relacionamentos são complicados e complicados ligaram para dizer que as coisas eram diferentes agora, e que nossa família estaria inteira novamente, quando nunca esteve. Achei que estavam ligando porque iam se divorciar. Finalmente pensei que tinha acabado. Mas eles vão se casar. De novo."

Inconscientemente, nos aproximamos um do outro. Tão perto que ele parece se distrair brincando com a barra da minha camisa.

"Não é justo você se envolver nisso", digo, e antes que eu consiga me conter, o abraço. Com as mãos em volta do seu pescoço e ajoelhada na cama, eu o abraço forte.

Acho que ele sorri contra a minha bochecha. "Não achei que você gostasse de abraços, Romanova."

"Não estou. Mas você é irritantemente persuasivo."

Ele ri baixinho. "Não me lembro de ter pedido para você me abraçar."

"Você é a única pessoa que eu já quis abraçar", digo baixinho.

Dylan envolve meus braços em volta da minha cintura e me puxa para perto, me colocando em seu colo. "Eu agradeço."

Não sei por quanto tempo ficamos assim, porque estou hiperconsciente da mão dele na minha coxa, levantando a barra do meu shortinho e acariciando a pele nua. Então o celular dele apita novamente, e vejo a foto dele na tela de bloqueio.

"É você?" Eu me afasto, mas não muito. É uma foto de algum torneio, mas os cachos castanhos de Dylan sumiram; tudo o que resta é um corte raspado rosa-choque. "Quando foi isso?"

Ano passado. O chapéu das consequências não tem piedade. É a nossa versão de um castigo que começamos no primeiro ano. Os caras sabiam que

eu faria qualquer coisa sem reclamar, exceto raspar o cabelo. Foi doloroso. Provavelmente mais do que o piercing dele.

"De quem é o piercing?"

Ele me ignora e, em vez disso, me mostra mais fotos daquela época. Estou convencida de que ele é o único homem que ficaria tão bem com cabelo rosa. Ele me mostra uma foto do Halloween, quando eles se vestiram de Branca de Neve e seus anões.

Quando nossos olhares se encontram e nossos narizes se tocam, meu coração dá um salto mortal.

"Estou morrendo de fome", diz ele depois de um instante, mudando de canal. "Vou pegar alguma coisa para comer. Vou pegar alguma coisa para você." Dylan beija o topo da minha cabeça, onde fica a minha cicatriz, e então para por um breve momento, como se não tivesse feito aquilo de propósito. "Não assista muito ao The Weather Channel sem mim."

Reviro os olhos quando ele me dá uma piscadela por cima do ombro e sai. Meu coração palpita um pouco. Tá bom, tá bom, muito.

TRINTA E CINCO

DYLAN

A CARA DO JUSTIN PETROV é irritante pra caralho. Como a Sierra conseguiu patinar com ele por quatro anos me deixa perplexo, mas pelo menos agora ela consegue me olhar o dia todo. Eu disse isso a ela depois do nosso programa curto mais cedo, e ela simplesmente revirou os olhos e me mandou usar um saco na cabeça.

Justin não deve ter percebido o jeito como eu praticamente zombei dele mais cedo, porque quando me vê no banheiro, diz: "Boa sorte aí".

"Não preciso", respondo.

Seu rosto muda tão rápido que chega a ser engraçado. "Acho que ela te contou a história triste dela?"

Tem tanta coisa que eu prefiro fazer do que responder. Tipo, dar uma surra na cara dele.

"Você vai mesmo fingir que é o mocinho? Largue ela e corra, depois tente fingir que não é um merda. Você é um covarde, Petrov."

"Eu não corri. Fiz uma escolha. Uma escolha inteligente. Ao contrário de você, sei como proteger minha carreira. Ela caiu no chão; eu não ia segui-la."

Porra, o que eu faria para acertar um golpe? Esse meu lado anseia por se libertar, mas eu sei que não posso. Eu nunca arruinaria as chances da Sierra aqui.

Eu me aproximo dele, ficando alguns centímetros mais alto que ele. "Da próxima vez que você olhar para a minha garota, vai descobrir exatamente o quanto dói cair no chão."

Ele pisca, os olhos arregalados de medo. Ótimo.

Com isso, volto para a rua e vejo Sierra andando de um lado para o outro novamente. Sorrio.

Quando voltei com alguns salgadinhos da cozinha ontem à noite, ela perguntou se eu tinha assistido Enrolados. Quando eu disse que não, ela insistiu que era um crime dançarmos fantasiados sem que eu tivesse a mínima ideia do que o filme se tratava. Então, por uma hora e quarenta minutos inteiros, eu fiquei viciado. Só quando os créditos subiram e eu quase derramei uma lágrima é que olhei para baixo e vi Sierra dormindo profundamente com a cabeça no meu ombro. Não sei por quanto tempo fiquei olhando para ela, mas acabei dormindo também.

Esta manhã, ela já estava no chuveiro quando acordei, e tive que voltar escondido para o meu quarto antes que a Lidia me visse. Nenhum de nós tocou no assunto.

E agora Sierra repete nosso programa curto no celular de Lidia pela terceira vez. "I Wanna Be Your Slave", de Måneskin, toca sem parar. Sierra está com um vestido preto e carmesim com amarração nas costas, e eu com uma camisa preta de botões. É a parte técnica do nosso programa, os dois minutos e quarenta segundos em que temos que fazer todos os levantamentos, saltos e espirais necessários para acumular pontos com os jurados. Programas curtos são focados em definir o nível de dificuldade, enquanto a patinação livre nos permite ser criativas para contar uma história.

Irritada, arranco o celular da mão dela. Quando ela tenta pegá-lo, noto o rosto sorridente escurecido em sua mão. Ela o desfiou.

"Eu só estava verificando se estamos coordenadas", diz ela.

"Estamos. Você não precisa de um vídeo para saber disso."

"Tudo bem", diz ela, brincando com as pedras preciosas em seu vestido.

"Olhe para mim", insisto. "Sabe o que temos que essas pessoas não têm? Uma à outra. Elas podem ter anos de experiência, mas você e eu, Sierra, temos uma química natural. Ela transborda de nós — o suficiente para deixar Lidia desconfortável. Então, vamos mostrar exatamente isso a elas. Entenderam?"

Assim que ela assente, nossos nomes são chamados. Mas antes de irmos, Sierra me interrompe. Ela pega minha mão e a coloca sobre o coração, depois pega a dela e a coloca sobre o meu. "Pronta?", ela diz.

Eu sorrio. "Pronta."

São quatro minutos e trinta segundos de puro foco e força. Esta performance é intensa. Isso significa executar um Lutz triplo de arremesso, onde jogo Sierra no ar para girar três vezes, seguido por um axel lado a lado e uma espiral mortal, onde ela fica abaixada, quase plana no gelo, em uma posição de arco. Finalmente, um laço modificado, conforme as ordens de Lidia.

Ela ainda quer que a gente pratique a verdadeira, aquela em que a Sierra caiu, mais um milhão de vezes. A Sierra não gostou, mas eu concordei.

No último salto, nós dois estamos sorrindo largamente, entrando em um giro sentado, e encerramos nossa sequência um após o outro, e quando nos encaramos novamente, ela está quase explodindo. Há uma fração de segundo em que quase a beijo, mas a seguro com força contra mim para me conter.

Enquanto esperamos impacientemente pelas pontuações no beijo e choro, Sierra está radiante. É a primeira vez que ela faz isso sem nem ter as pontuações à sua frente.

ROMANOVA & DONOVAN percorre a lista rapidamente, com a maior pontuação acumulada.

"Puta merda", dizemos em uníssono.

"EU SINTO QUE ESTOU chapada", diz Sierra, e então olha para mim. "Desculpe."

Reviro os olhos.

Ela ri, e percebo que nunca vi essa versão dela antes. Ela está quase flutuando. Estamos voltando para nossos quartos. Como está escuro, vamos passar a noite aqui e sair de manhã porque tenho um treino de hóquei cedo. Sei que estarei exausto pra caramba e mal conseguirei fazer os exercícios do Kilner, mas não importa. Eu jamais perderia isso.

Saímos do elevador, mas Lidia fica para trás. "Tenho uma coisa para fazer. Vocês dois, descansem."

"Você acha que ela está transando?", pergunto quando as portas do elevador se fecham.

"Com certeza."

"Talvez ela pegue leve com a gente agora."

Sierra se vira para caminhar pelo corredor. "Dezesseis anos com ela e nenhuma vez ela pegou leve comigo. Mas ela fez Ponchiki — donuts russos

— para mim depois de uma competição uma vez."

O quarto da Sierra é o primeiro, então diminuímos o ritmo ao chegar à porta dela. A lembrança de nós dois dormindo juntos ecoa. Lembranças de quando ela se deitava de costas e me deixava sentir cada centímetro do seu corpo me atingindo como uma onda.

Pigarreio. "Fomos bem hoje, Romanova."

"Fomos mesmo." Sierra sorri quando chegamos à porta. "Quer entrar? Podemos assistir a algo como o de ontem", ela oferece. "Estou cheia de adrenalina e meio que odeio ficar sozinha em quartos de hotel."

Aceno com a cabeça e entro no quarto dela. Porque ela me pediu.

Fecho a porta e, quando me viro, Sierra está tão perto que dá um pulo de surpresa, esbarrando na mala. Ela vira, espalhando o conteúdo pelo chão. Ela ofega, e estou prestes a perguntar se ela está bem, mas então o vejo.

Há um vibrador no chão, vibrando suavemente. Contenho o riso ao me aproximar, minhas mãos pousando em seus ombros. Sierra está vermelha até a linha do cabelo.

"Sou a última pessoa na frente de quem você precisa passar vergonha", consigo dizer.

"Não é meu", ela desabafa.

"Você rouba vibradores de outras pessoas?"

Ela suspira. "Quer dizer, tecnicamente é meu, mas eu não usei ontem à noite. Scarlett comprou para mim, já que eu nunca..."

Ontem à noite? Sierra ia se foder do outro lado da parede se eu não tivesse batido na porta dela. Não sei se fico feliz com isso ou irritada. Então me dou conta de que ela me disse que não conseguia se masturbar, desde o acidente. Com quem ela ia usar?

"Eu posso ir", digo, virando-me para a porta.

"Não", diz ela, agarrando meu pulso. "Eu não vou fazer isso. É idiota. Eu não consigo chegar lá sozinha de qualquer maneira."

"Não é idiota. Você deveria ser capaz de amar seu corpo e expressar isso de todas as maneiras possíveis. Não há nada de vergonhoso nisso."

Estamos perto, perto demais. Falando sobre o vibrador dela. Isso é uma tortura.

"Quase me fiz gozar uma vez", ela sussurra. "Depois da primeira vez que patinamos juntas."

Ela se tocou pensando em mim? Na época em que ela estava muito mais ansiosa para me cortar com a lâmina do patins? Porra, isso é excitante. A

informação parece demais para lidar.

Engulo em seco. "É?"

Ela assente, sem fazer menção de recuar.

"Então me mostre."

"O quê?"

"Abra as pernas, deite-se de costas e se foda enquanto eu assisto."

A boca dela se abre e fecha antes de finalmente dizer: "V-você quer me assistir?"

Eu quero te provar. "Você disse que queria se sentir bem, não disse? Acha que não consegue?"

"Eu consigo", ela diz, quase como se estivesse me desafiando.

Eu a ando de costas até sua bunda encostar na cama. "Tire a roupa."

Seus olhos se arregalam e ela se senta na cama, tirando a roupa rapidamente. Ela se olha, e é aí que sua confiança habitual murcha.

Eu levanto seu queixo. "Me mostre." Entrego o vibrador a ela, mas em vez disso ela abaixa a cabeça entre as mãos.

"Eu não consigo." Sierra me olha, seus olhos verdes quase invisíveis. "Sou uma mulher adulta e você está me ensinando a me masturbar. É patético."

"Ei." Sento-me na cama. "Somos parceiros, lembra? E você se saiu tão bem na outra noite."

Ela fica rosa. "Por que você não pode simplesmente..." Ela acena para minhas mãos e virilha.

Puta merda. Se eu não estivesse pensando, tiraria a roupa e a teria debaixo de mim em segundos. Mas, embora eu tenha pensado naquela noite todas as noites nos últimos dias, esta é para ela.

"Porque isso é tudo para você." Eu seguro seu rosto. "Sai da sua cabeça, querida."

"Eu não sei mais como fazer isso."

Eu sorrio. "Nós vamos descobrir. Juntos."

Ela pega o vibrador, liga-o e ele vibra. Seus olhos se arregalam, então eu o vejo, o mesmo olhar que ela tem quando acerta um salto difícil. Como se estivesse emocionada por estar conquistando algo.

"Você pode tirar a camisa?", ela pergunta.

Eu a visto pela cabeça e espero por qualquer outra coisa que ela queira. "Moletom?", pergunto. Ela assente, e eu tiro meu moletom, jogando-o de lado. "Bom?"

Então, como se tivesse medo de perder o que a está impulsionando, ela se esforça para se deitar.

Mordo os nós dos dedos, permanecendo imóvel, quase me arrependendo de não tê-la deixado me usar em vez do maldito vibrador. Ela deixa uma mão subir pela blusa para tocar os mamilos, enquanto a outra move o dispositivo que gira alegremente para baixo, para baixo, para baixo, até que eu não consiga respirar.

"Meu Deus", ela suspira, arqueando as costas. É uma visão que gravo na minha mente. Grave-a ali para sempre. Quero ver isso antes de morrer.

Ela me olha novamente, segurando o vibrador sobre o clitóris. "Quero te ver", diz ela. "Mas só se você quiser", acrescenta rapidamente.

Suas palavras me atingiram com mais força do que eu esperava. Já me masturbei na frente de mulheres antes, mas nenhuma que estivesse tentando se dar prazer pela primeira vez. É íntimo, vulnerável, mas mesmo no calor do seu próprio orgasmo iminente, ela quer me ver — se eu quiser mostrar a ela. Isso intensifica a sensação no meu peito. Quero dar a ela tudo o que ela precisa de mim. Ela poderia tomar, tomar, tomar, e eu daria, daria, daria como um louco.

"Você quer que a gente goze junto, Sierra? Só de nos olharmos?"

Ela geme tão alto que, se Lidia estivesse no quarto ao lado, ouviria.

Tiro meu pau para fora da cueca, acariciando-o, me entregando a tudo, a tudo o que imaginei. Seus dedos dos pés se curvam e seus lábios se abrem, os olhos grudados na minha mão.

"Me diz no que você está pensando", eu digo.

"Como você se sente dentro de mim."

Porra, essa garota vai ser a minha morte. "Abra mais as coxas, Sierra. Me mostre o quanto você precisa disso."

Quando ela o faz, quase gozo ali mesmo. Mas agarro a base do meu pau para me acalmar. Preciso ver Sierra gozar primeiro, então tento pensar em qualquer coisa além da garota gemendo meu nome enquanto toca sua boceta molhada ao me ver. Quando seus joelhos se juntam novamente, não aguento mais.

Abro suas pernas enquanto me ajoelho entre elas, observando-a tremer incontrolavelmente. "Dylan. Eu não consigo", ela grita.

"Eu sei, baby", sussurro, bombeando meu pau. "Você está indo tão bem."

"Me toca", ela sussurra. "Por favor."

Eu não planejei isso, mas não sou idiota. Uma mulher te manda fazer algo com uma voz dessas, você faz. Deslizo minhas mãos pela parte interna de suas coxas até seus seios, segurando cada um deles com as mãos, passando os polegares pelos mamilos e observando a mancha vermelha em seu corpo. Essas são as únicas marcas em que quero que ela pense. Onde eu a toquei e provoquei, deixando lembretes que ela verá por dias. Até que eu possa dar a ela novos.

"Você não precisa pedir por favor, Sierra", eu digo, tomando seu mamilo na minha boca. "Não quando você estiver comigo."

"Estou gozando", ela suspira. Eu me afasto e me acaricio no momento em que seu rosto se contorce. Ela geme antes que eu veja seu prazer atingir o ápice e então implodir de repente, assim como o meu.

O zumbido para, e ela fica mole, olhando para o teto. "Que diabos é essa coisa?"

"É tão boa?" Pergunto, puxando minha boxer para cima.

Ela mal assente e me puxa para os lábios. Sua pele está quente, e cada respiração que ela dá faz seu peito roçar no meu. "Eu nunca fiz isso antes." Ela se move para se sentar. "Por que eu não fiz isso antes? Sinto como se estivesse flutuando."

"Você só precisava de mim o tempo todo", eu digo.

"Isso não teve nada a ver com você. Foi tudo eu." Ela parece tão arrogante, eu adoro isso.

Eu a beijo novamente, incapaz de resistir. "Você tem razão. Foi tudo você."

Vou ao banheiro para me limpar e levo uma toalha molhada para ela. Suas pernas ainda tremem enquanto limpo a parte interna de suas coxas. Descarto a toalha e, quando volto, ela já está de short. Levanto meu moletom e percebo que ela está evitando contato visual.

Aquele buraco escuro no meu peito fica maior. Ela quer que eu vá embora.

"Dylan", ela começa, mas não consigo ouvir. Acho que não sobreviveria. Concordei em fazer isso com ela, em ensiná-la a se sentir bem. Isso não significa que eu tiraria vantagem disso só para aliviar minhas próprias dores. Não vou me exceder. Isso é só sexo, e eu sou boa nisso.

"Te vejo amanhã", digo, aproximando-me para beijar sua testa. "Boa noite, Sierra."

TRINTA E SEIS

DYLAN

NUNCA PENSEI que sentiria falta do cheiro do vestiário, mas hoje à noite, enquanto o time se prepara para o jogo, isso acalma algo no meu peito.

Voltamos de Lake Placid há alguns dias, então Lidia nos deu alguns dias de descanso, já que estou jogando minha primeira partida da temporada. Seguimos para o rinque e os aplausos ficam mais altos quando faço minha ronda. Eu esperava que todos me odiassem depois que eu deixasse o time na mão. Apesar disso, dou um show para eles no aquecimento. Giro a lâmina interna da minha espada e acerto um Lutz triplo, sorrindo para a torcida quando eles explodem. O treinador não me encara dessa vez. Em vez disso, ele parece orgulhoso. Tenho a sensação de que é porque Sierra e eu ficamos em segundo lugar na competição. Mas nenhum desses aplausos me faz sentir merecido quando ela não está ao meu lado.

Aqui fora, eu esperava encontrar aquela peça que faltava no quebra-cabeça, mas ela não se encaixa. Quando passo pelo plexiglass, uma mão com um rosto sorridente na palma é pressionada contra ele. Patino até as tábuas e encontro Sierra sentada ao lado de Scarlett, que está vestindo a camisa setenta e seis de Ishida.

"É melhor você usar a minha camisa, Romanova", digo em voz alta, falando as palavras para ela enquanto bato no vidro.

"Quem quiser, Donovan." Mas então ela sorri, e quando descruza os braços, eu vejo. Número vinte. Meu número.

O jogo parece voar rápido. Sou mais rápido no gelo, fico por turnos mais longos, manobro entre os jogadores com facilidade. Mas mesmo com tudo isso, logo depois de deslizar o disco para a rede e voltarmos ao faceoff, não me movo rápido o suficiente para desviar do ponta esquerda de Yale.

O impacto do corpo dele derruba meu capacete e seu taco alto acerta meu queixo. Sinto o corte antes de ver o sangue escorrer na minha camisa. Minha respiração desacelera e a raiva aumenta. Quando empurro o ponta esquerda para fora do meu caminho, esperando que o sangue pare, o zagueiro deles vem para cima de mim.

Quando ele tira as luvas, eu também tiro as minhas. Ele acerta um bom golpe no meu queixo, mas eu sorrio quando o imobilizo em segundos. Dou um único soco, forte o suficiente para deixá-lo desorientado.

É quase como se ele esperasse por outro golpe, algo que ele espera. É fato conhecido que não caio fácil, e se alguém vem para cima de mim, é melhor que tenha resistência suficiente, porque nem os juízes conseguem me afastar. Mas hoje, não parece valer a pena. Esse não sou mais eu.

O juiz apita e anuncia a penalidade. O jogador de Yale recebe uma falta grave por jogar com o taco alto, o defensor recebe cinco minutos por agressão e eu sou expulso do jogo. É claro que sim.

MINHA CABEÇA ESTÁ NAS MÃOS quando Kilner e Hank, o médico do nosso time, saem do vestiário. Mesmo que o golpe tenha sido direcionado a mim, recebi a infração. O treinador me disse que a culpa não é minha, mas este é um resultado terrível para o meu primeiro jogo de estágio depois de voltar. Tenho quase certeza de que Reed e Dean Hutchins estão na área hoje à noite.

Os árbitros sempre me odiaram. No primeiro ano, eu estava em busca de sangue, e essa reputação pegou. Metade das minhas penalidades são bobagens, mas esperam que eu continue jogando e tente não ser provocado o suficiente para ser agressivo.

Sei que o time vai dizimar Yale, mas não me importo. Eu não estava mentalmente no jogo e agora acho que sei o porquê. Meu celular toca dentro do meu armário, mas quando me levanto para pegá-lo, noto o sangue manchando meu peito e abdômen.

BUNNY PATROL Aiden Crawford: Acabamos de ver isso na TV. Kilner deveria ter contestado. Eli Westbrook: Yale sempre se safa. Sunny: Nunca vi uma decisão pior. Que piada. Avise-nos se estiver bem. Todo mundo está preocupado.

Meu primeiro pensamento é que Sierra tenha que ver tudo aquilo. Estou preocupada que ela finalmente tenha chegado a um dos meus jogos só para ver o gelo ensanguentado e se lembrar do acidente. Assim que vou ligar para Sierra, a porta do vestiário se abre e entra uma garota morena e irritada. Ela está vestindo minha camisa e uma calça jeans clara que a veste tão perfeitamente que rouba minha atenção por muito mais tempo do que eu pretendia.

É quando finalmente percebo que ela está aqui, neste vestiário, caminhando em direção a uma versão ensanguentada de mim, que me viro. "Você não deveria estar aqui."

Ouço a resposta antes que ela fale. "Não me diga onde eu não deveria estar."

Causar qualquer tipo de dor ou mexer com a cabeça dela me deixa enjoada, e não posso deixar que ela me veja assim quando sei tudo o que ela passou. "Você não precisa me ver assim, Sierra."

"Eu não me importo", ela diz rapidamente. Sua mão repousa sobre meu ombro nu, me incitando a me virar.

"Tem muito sangue", aviso. "Deixe-me tomar um banho primeiro."

"Eu não me importo, Dylan", ela repete. Não tenho certeza se ela percebe o que está dizendo. "Quero te ver. Quero saber se você está bem. Pode fazer isso por mim? Por favor?"

Desta vez, sua atração é mais forte e, quando me viro, seu olhar se fixa no meu rosto, e vejo sua preocupação entre as sobrancelhas franzidas. Sua boca está franzida enquanto ela solta um suspiro estrangulado. A próxima coisa que ela faz é o que me tira o fôlego. Sierra envolve meus braços em volta do meu tronco e encosta o rosto no meu peito. Onde o sangue mancha minha pele. Ela viu o sangue e nem se mexeu.

"Me diga que você está bem."

"Estou bem", sussurro.

Sierra me segura com mais força como se pudesse me manter firme.

"Você está fora?", ela pergunta suavemente.

A indignação transparece em minhas palavras. "É, aqueles juízes me odeiam."

"Desculpe. Eu sei o quanto este jogo significa para você."

Não tanto quanto você. "Estou acostumada."

Ela se afasta, e o rastro de sangue que se transferiu para sua pele clara força minha mão a limpá-lo. Ela sorri antes de ficar na ponta dos pés para

me beijar. A pulsação surda do corte desaparece quando seus lábios encontram os meus. Estou me segurando, e ela sabe disso. Suas mãos percorrem cada centímetro da minha pele nua, me tentando a assumir o controle, como ela sabe que eu faria. O raspar áspero de suas unhas enquanto ela as arrasta pelo meu couro cabeludo e desce até a minha nuca envia uma faísca pela minha espinha. Não há uma parte do meu corpo que não esteja focada em cada movimento dela.

"Sierra", aviso.

Ela me ignora como eu esperava, se afastando, enquanto beija a lateral do corte, depois mais abaixo no meu pescoço, deslizando pelo meu corpo, pressionando seus quadris contra mim enquanto avança, descendo até cair de joelhos.

"O que você está fazendo?"

"Quero fazer você se sentir melhor. Você jogou bem, então merece uma recompensa", diz ela. "Posso te tocar, Dylan?"

Acho que ninguém nunca pediu permissão antes. "Você sempre pode me tocar", digo. "Sou toda sua."

Sierra balança a cabeça enquanto se aproxima. "Estou falando do agora. Você pode dizer não."

Porra. "Sim, você pode me tocar. Me toque como quiser."

"Eu acho", diz ela, "que quero te tocar como quiser."

Meu coração dispara. Ela está com a minha camisa, de joelhos no vestiário, pedindo para me fazer sentir melhor. Há tanta coisa que eu quero fazer agora, mas com o sangue na minha pele, me livro da adrenalina. Claro, meu pau não entende o recado, e Sierra percebe.

Ela sorri como eu esperava, então dá uma lambida hesitante acima do cós da minha cueca. Oh, merda. Sierra me empurra até que minhas costas fiquem encostadas em um dos armários e me esfrega por cima da cueca.

Estou prestes a impedi-la de novo, mas ela me lança um olhar que me manda calar a boca.

"Seu coração está batendo rápido", ela sussurra.

"É", eu respiro, olhando para ela. "Eu me pergunto por quê."

Há uma leve mancha vermelha em suas mãos enquanto ela as desliza pelo meu umbigo. É a coisa mais quente que já vi. Talvez isso seja foda, mas não consigo pensar direito quando se trata de Sierra Romanova.

Ela ri baixinho enquanto olha para mim. "Não pensei que você fosse tão passivo enquanto recebe um boquete."

Isso é algo fora das minhas fantasias, e tenho medo de que, se eu a vir me tocar, ela desapareça ou eu desmaie. Ela puxa o elástico da minha boxer e meu pau salta para fora, já ereto, curvando-se para cima. Seus olhos verdes se arregalam e eu contenho um gemido.

Quando ela envolve meu eixo com o punho firmemente, sinto a pressão aumentar, e cada gota de sangue jorra direto para o meu pau. Sierra não tira os olhos de mim enquanto lambe uma gota de pré-gozo. Como se eu não estivesse prestes a agarrar um punhado do cabelo dela e foder sua boca como eu quero. Sei que ela vai se arrepender daquele comentário passivo.

"É isso que você quer?", respondo com a voz rouca. "Quer que eu foda seu rostinho lindo?"

Ela segura minhas bolas e passa a língua da base até a ponta do meu pau, sem quebrar o contato visual uma única vez. "O que você acha?"

Puxo a cabeça dela para trás. "Tem certeza?"

"Por quê? Quer que eu implore?", ela zomba.

"Na verdade, sim."

Tenho certeza de que ela poderia me fazer implorar agora mesmo, e eu imploraria. Sem hesitar. Então, sem aviso, a sucção quente de sua boca me envolve, e me pego abrindo os olhos para encontrar os dela. O verde terroso dela se fixa em mim quando ela segura minhas bolas novamente.

"Olhe para mim enquanto chupa meu pau, Sierra." Um tremor toma conta de mim, e mal consigo me segurar quando ela me empurra para trás, até que ela engasga. Essa é a minha garota.

Minha cabeça bate na parede do armário. Isso é tudo. Sem prática, faminta, desesperada.

"Vou gozar", digo, puxando seu cabelo para chamar sua atenção. "Você quer na sua boca?"

Ela cantarola, e a vibração me faz ver estrelas. Meu abdômen se contrai e eu empurro mais fundo conforme cada gota preenche sua boca. Ela se afasta, sua língua circulando a cabeça para lambê-la, e quando ela beija docemente a ponta, eu juro que estou duro novamente.

Em um instante, minha boca está sobre ela. Ela tem o meu gosto, e eu sei que nada pode rivalizar com isso.

TRINTA E SETE

SIERRA

A FACULDADE É HORRÍVEL quando as aulas duram três horas e você as passa sonhando acordada com um jogador de hóquei de 1,93m. Porque o pau do Dylan Donovan é o mais bonito que eu já vi. Não que eu tenha visto muitos, mas meu Deus, o homem é lindo. Entre Lake Placid e o vestiário, meus pensamentos têm sido indecentes durante toda esta semana de aulas e treinos. Acho que ele está me contagiando.

Apesar de tudo isso, é o olhar que ele me lançou na noite em que saiu do meu quarto de hotel que mais me atinge. Sei que sexo é diferente na faculdade, e Dylan já teve muito sexo. Pelo que descobri com a investigação da Scarlett, ele nunca dormiu com a mesma garota duas vezes. Por algum motivo, ele está me deixando transar mais, mas me recuso a fazê-lo se arrepender deixando minha cabeça levar a melhor. Sou inexperiente, não burra. Então, prometi a mim mesma que não repetiria o que aconteceu com o Justin. Eu poderia me divertir, e não preciso arriscar tudo para isso.

Meu celular vibra e o nome dele pisca na tela como se ele soubesse que estou pensando nele.

Dylan: Dale Thunderman está aqui. Sierra: O quê?! Como? Ele acabou de postar que está caçando tempestades em Oklahoma. Dylan: Meu Deus. Eu só disse isso para você vir. Você realmente o segue? Sierra: Só pelas imagens cênicas. Dylan: ...ele só posta a si mesmo. Sierra: Exatamente. Dylan: Fique quieta, Romanova. O cara é casado. E se quiser fotos, venha aqui e tire quantas quiser. Sierra: Você já me manda

uma foto sem camisa toda manhã. Eu dispenso. Dylan: Eu preparo comida para você. Sierra: Ótimo.

Dylan já tinha sanduíches prontos quando cheguei em casa. Tínhamos treino mais cedo, então a exaustão é palpável entre nós. Piorou quando Kian nos fez percorrer centenas de gatinhos para ajudá-lo a escolher o que vai adotar. Acho que ele está sozinho.

Mas assim que chegamos ao quarto de Dylan, ele me puxou para o banheiro. Depois do meu acidente, mal me olhei no espelho. Agora, ele gosta de me ver desmanchar na frente dele. No chuveiro, minhas costas batem no azulejo, e ele se ajoelha, beija minhas cicatrizes e sussurra palavras doces contra minha pele. Arrepios percorrem seus lábios, e parece que meu corpo está se alegrando com o amor que nunca lhe dedico. Eu não sabia que poderia melhorar, mas com ele meu corpo canta, e eu quero ficar lá muito depois que a água esfriar.

Saímos do banheiro e não consigo deixar de observá-lo. As costas de Dylan Donovan são minha ruína. As gotas de água deslizam sobre sua pele bronzeada, traçando um caminho lento pelas costas até desaparecerem na toalha enrolada em sua cintura.

Mas minha atenção se desvia quando ele tira um short. Um envelope lilás desliza por baixo do tecido, caindo no chão aos seus pés. Deslizo para fora da cama, sua camiseta enorme roçando em minhas coxas enquanto me agacho para pegá-la. Quando me endireito, Dylan se afasta, seu olhar seguindo a carta agora suspensa entre meus dedos.

"Você deixou cair isso", digo.

A expressão relaxada em seu rosto, que se instalou depois do banho, desaparece completamente. Quero me recolher ao chuveiro novamente para colocar o sorriso de volta em seu rosto.

"O que houve?"

Ele segura meu rosto e beija o topo da minha cabeça. "Nada com que você precise se preocupar."

"Dylan."

"Não é nada, Sierra."

"Então por que você parece tão chateada?"

Seu polegar se move para frente e para trás contra meu queixo. "É uma carta da minha mãe. Meu pai me deu no dia em que veio me visitar. Eu não a abri."

Isso parte meu coração. Consigo sentir a culpa dele quando ele fala dela. Dói vê-la ser tratada daquele jeito.

"Você não se importa em saber o que ela escreveu? Tenho certeza de que é tudo o que ela quer que você saiba antes da cerimônia."

"Eu não vou. Não adianta ler." Ele se move para se sentar na cama, ainda segurando a carta. "Se eu abrir isso, sei que vou me sentir culpado o suficiente para me fazer ir àquela farsa que estão armando."

"Se você ler esta carta e achar que precisa estar lá para apoiá-la, então é isso que você fará. Porque, apesar de tudo o que dizem, você é um bom filho e uma boa pessoa. Mesmo que isso signifique se colocar em primeiro lugar e não ir. De qualquer forma, você me tem aqui com você."

Sento-me ao lado dele, observando os contornos rígidos de seu rosto se transformarem em algo mais suave. "Quer que eu leia?", pergunto.

Sua garganta se contrai e ele me entrega a carta.

Puxo o papel do envelope e o desdobro, revelando a letra cursiva impecável da mãe dele. Um leve aroma de rosas emana do papel, e é nesse momento que Dylan pega minha mão vazia e entrelaça nossos dedos em seu colo.

Então leio em voz alta.

> Kuzum, eu sei que provavelmente você precisou de muita força para abrir esta carta, e quero agradecer por me dar uma chance, algo que sei que não mereço depois de tudo o que te fiz passar. Seu pai e eu estamos juntos desde os quinze anos, e quando você passa mais tempo da sua vida com outra pessoa do que sozinho, as linhas começam a se confundir. Ele fez coisas ruins, Dylan, mas isso ainda não faz dele uma pessoa ruim. Eu o amo. Eu te amo. Vocês dois são parte da minha alma, e eu não posso simplesmente arrancar um pedaço dela e continuar vivendo. Posso ser ingênua por isso, mas ele é tudo o que eu conheço, esta vida é tudo o que eu conheço. Ainda me lembro dele como o homem com quem me casei e a quem jurei estar ao lado. Você pode não entender isso ainda, mas amar alguém às vezes significa amar todos eles. Cada parte quebrada, frustrante e sombria deles. Saiba que, por mais que eu queira que você esteja presente, eu entendo se você não puder estar. Com amor, mamãe

Dylan pisca repetidamente, seus olhos brilhando enquanto ele luta para conter as lágrimas. A visão de sua vulnerabilidade mexe com algo profundo dentro de mim, e deixo a carta escorregar dos meus dedos para a cama. Sem hesitar, ele estende os braços, envolvendo minha cintura para me puxar para o espaço entre suas pernas. Sua cabeça repousa na minha barriga, e eu o abraço com força, como se isso pudesse, de alguma forma, impedi-lo de desmoronar.

"Eu o odeio", ele diz com a voz rouca, as palavras ásperas e desgastadas.

Passo meus dedos pelos seus cabelos, oferecendo o único conforto que posso. "Eu sei", sussurro.

"Eu não vou." Sua voz está abafada contra minha camiseta.

De alguma forma, meu aperto nele fica mais forte, como se, se eu pressionar com força suficiente, eu pudesse espremer toda a dor em sua voz. "Você não precisa", asseguro. "Mas estarei lá com você se precisar."

Ele levanta a cabeça. "Você iria comigo?"

“Eu iria a qualquer lugar com você.”

Os olhos de Dylan estão sem a luz que estou tão acostumada a ver. Este não é o Dylan que todos pensam que conhecem. É aquele que ele mantém escondido atrás de portas fechadas e sob o jato de água em seu chuveiro isolado.

"Você vai ficar aqui esta noite?", ele pergunta.

Passo as pontas dos meus polegares sobre as linhas de cansaço sob seus olhos. "Eu não estava planejando ir embora."

TRINTA E OITO

DYLAN

Como todo ano, estamos há apenas algumas horas na nossa festa de Halloween e todos estão bêbados. E, ao contrário de todos os anos, estou completamente sóbrio no meu próprio aniversário.

Estou parado em um sinal vermelho enquanto uma família vestida de abóboras atravessa a rua. Mais cedo, Kian começou a reclamar de ter que dirigir até West Hartford para pegar o bolo da Summer e o meu. Peguei minhas chaves e interrompi sua choradeira. Na verdade, minha ânsia tinha pouco a ver com ajudar e tudo a ver com escapar do caos lotado. Eu precisava de espaço, só um tempinho para respirar, antes de me entregar ao cara que não sou há meses. Não desde que comecei a namorar com ela.

Fazia dias que Sierra não passava a noite comigo. Eu esperava acordar em uma cama vazia de novo, mas dessa vez ela estava sentada na beira do meu colchão, cutucando minha bochecha. Ela usava uma das minhas blusas de gola redonda, o cabelo emaranhado por onde passei os dedos a noite toda, e um sorriso delicado nos lábios.

Ela estava indo embora, mas me acordou para me contar. Foi a primeira vez. Assim como o beijo rápido e desajeitado que ela deixou na ponta do meu nariz antes de sair pela porta. Pura felicidade. Passamos os dias seguintes alternando nossos lugares, mas sem dormir a noite toda. Eu soube então que, da próxima vez que a tivesse, queria acordar com ela. Eu não ficaria satisfeito até poder ter isso.

Dirijo pela Main Street, com o bolo preso com o cinto de segurança. Ninguém na confeitaria sequer se importou com a minha fantasia, mas não me esforcei muito este ano. Kian tentou me fazer de Darth Vader porque ele é Anakin Skywalker. Optei por uma máscara básica de Ghostface e calça

jeans preta. O rádio toca algumas músicas country, um resquício de quando Summer foi buscar Aiden, Eli e Sage no aeroporto esta manhã. Todos vieram para o meu aniversário, e eu estava animada para vê-los, mas isso não preencheu o vazio no meu peito.

Quando passo por outro sinal vermelho, aperto a palma da mão em volta do volante. A irritação que me atormenta não tem nada a ver com o bolo de sorvete derretido e sim com uma garota.

Tivemos treino ontem, mas estávamos tão cansados da sessão brutal que não conversamos. Sierra, claro, decidiu que era o momento perfeito para tentar um levantamento de laço. Lidia cedeu, então começamos a nos mover, sua mão na minha, e eu a levantei acima da cabeça enquanto ela se esticava em um espacate sem esforço. Lidia, no entanto, não ficou satisfeita. Ela nos fez fazer o programa inteiro com o elevador, dezenove vezes. Dezenove. Sierra se recusou a reclamar, então continuamos.

Finalmente, estacionado na garagem, pego o bolo do banco de trás e subo os degraus. A festa está apenas começando a se transformar de uma reunião casual em algo barulhento. Anos frequentando festas da faculdade aprimoraram minha capacidade de prever a trajetória delas. Esta vai me deixar com dor de cabeça, posso garantir.

Respiro fundo antes de entrar em casa, imediatamente ouvindo meu nome sendo gritado. Abro caminho pelo mar de universitários embriagados que me desejam feliz aniversário enquanto entro na cozinha. Lá, coloco o bolo no congelador. Meu olhar se volta para as garrafas de bebida alcoólica enfeitadas no balcão. Não pego nenhuma.

"Droga", diz Amara Evans, a melhor amiga de Summer. Somos amigas desde o começo deste ano e, algumas semanas atrás, ela usou suas habilidades com computadores para me ajudar a remover todos os vídeos do acidente de Sierra que ainda estavam online.

Ela morde uma cenoura com um estalo alto, o que me faz olhar em sua direção. Vestida com uma fantasia de látex preta com orelhas de gato no topo da cabeça, ela está vestida de Mulher-Gato.

"Ela é ainda mais gostosa pessoalmente", diz Amara, com o olhar fixo na porta da frente.

Sigo seu olhar enquanto Eli e Sage, vestidos de bombeiro e de fogo, finalmente entram. Aparentemente, todos tinham alguns recados de última hora para fazer. "Sage?", pergunto, com a curiosidade aguçada.

Amara assente, me oferecendo aipo, mas eu recuso. "Por quê? Você tem uma queda pelo Eli?"

"Aparentemente, tenho uma queda pelos dois agora", ela murmura.

"Justo", eu digo. "Mas você e Sampson não são..."

O resto da minha frase é abafado pela mão dela. "Nós não falamos sobre isso. Nunca."

Eu afasto sua mão coberta de látex preto. "Ainda não contou para a Summer?"

"Não precisa, porque não significa nada", responde Amara com um encolher de ombros desdenhoso, embora sua indiferença não mascare completamente o desconforto em seus olhos.

"Eu não sei, Amara, pareceu bem significativo quando vocês dois estavam no armário de armazenamento da Porter's."

Ela franze os lábios. "E você? Ainda sofrendo pela sua parceira de patinação?"

Antes que eu possa responder, ela murmura um palavrão, me lança um apressado "Feliz aniversário", rouba a bandeja de legumes e desaparece no caos do corredor. Tyler Sampson entra vestindo uma fantasia de gladiador, acenando com uma garrafa de tequila Clase Azul. Porque é claro que ele levaria tequila de primeira para uma festa da faculdade.

"Aquela era a Amara?", ele pergunta, observando o rastro dela saindo.

"Não tenho certeza."

"Bom, parabéns, cara", ele diz, dando um tapinha nas minhas costas. Ele toma um gole direto da garrafa e bate na lata de água com gás que estou segurando. O tilintar abafado das nossas bebidas o ofende. "É assim que você vai comemorar seu aniversário e voltar para o time?"

Embora esteja bêbado, Sampson consegue se controlar. É por isso que eu gostei de tê-lo por perto neste verão; nós dois somos pesos pesados e nenhum de nós teve que arrastar o outro para casa. Aqueles dias de bebedeira amadora ficaram para trás, embora às vezes eu ainda acabe cuidando de um Kian bêbado.

"Não é mais a minha praia", eu digo.

"É por causa daquela patinadora artística gostosa com quem você está sempre?"

De repente, tenho vontade de dar um soco na cara dele. "O nome dela é Sierra."

Sampson sorri. "Ponto sensível?"

Sua atenção se desvia, e ele já está indo embora antes que eu possa responder. Pela expressão dele, sei que ele viu Amara fantasiada de Mulher-Gato.

Ainda não vi Kian, e não sei se isso é bom. Percebo Aiden encostado na parede, bebendo o que provavelmente é água. Sua namorada está na pista de dança, e ele a observa com atenção.

Aiden está com uma armadura de gladiador e uma capa vermelha, enquanto Summer está com um vestido lilás de tecido roxo. Eles são Hércules e Mégara. Claro que são.

"Você não odeia se fantasiar?", pergunto a ele.

"Você me fez ir de Branca de Neve ano passado. Acho que nós dois sabemos que não me importo", diz ele no momento em que Summer se choca contra ele. "Além disso, é o aniversário da minha garota. Ela consegue o que quer."

Summer gira nos calcanhares e me envolve em um abraço. "Feliz aniversário!"

Eu a aperto de volta. "Feliz aniversário, Sunny."

"Você gostou?", ela sorri, orgulhosa. A festa está extravagante, nada que já fizemos antes. Ela trouxe um palco inteiro, caixas de som, mesas, tudo. É muita coisa, e ela merece; eu só não tenho tanta certeza se eu mereço.

"É, eu adorei", digo mesmo assim.

Ela me observa atentamente, mas sorri como se tivesse algum segredo. "A propósito, provavelmente tem mais água com gás do que álcool de verdade. Eu queria que este fosse um evento sóbrio, mas seus colegas de fraternidade claramente tinham outras ideias." Ela gesticula para os barris enfileirados na parede.

Eu rio. "Agradeço o esforço."

Ela inclina a cabeça enquanto olha para minha fantasia. "Você é... Magic Mike?"

"Ghostface." Mostro a máscara que deixei na mesa.

Ela avalia minha fantasia novamente. "Tenho quase certeza de que ele usava uma camisa nos filmes."

"Acho que seria uma pena esconder tudo isso." Passo a mão pelo abdômen. "Minha faca..."

"Não ouse fazer uma piada de pinto", ela avisa. "Estou surpresa que você não tenha se esforçado ao máximo este ano."

Dou de ombros. Ao longo dos anos, fui eu quem insistiu para que todos nos vestíssemos bem. É sempre divertido, mas este ano eu não consegui me importar. Só quero que este dia acabe logo.

"Bem, tenho a sensação de que este será o seu melhor aniversário até agora." Ela sorri como se soubesse de algo que eu não sei. Quando ouve sua música favorita, corre para a pista de dança novamente, e o olhar de Aiden a segue, com um sorriso preguiçoso nos lábios.

Cara, ele está loucamente apaixonado por ela. É doce.

Doce? Tomo um gole da minha água com gás. Nunca pensei que ver meus amigos em relacionamentos felizes me faria ansiar por isso. Ter alguém com quem fazer tudo isso. Tenho estado tão envolvida em fazer tudo isso que não percebi o quão profundamente Sierra se acomodou no meu peito. E não quero que ela vá embora. Na verdade, quero que ela esteja mais perto. Mais permanente.

Estou tão ferrada.

Volto-me para Aiden, sacudindo o pensamento. "É meu aniversário também. O que eu ganho?"

"Você usou seu desejo na fantasia de Branca de Neve."

"Isso foi ano passado. Você provavelmente comprou alguma coisa para a Summer."

Aiden levanta uma sobrancelha. "Por quê? Você está competindo pelo presente que vou dar a ela?"

"Não, acho que seu pau não seria um presente memorável."

Ele revira os olhos. "O que você quer?"

"Você anda muito irritado ultimamente. Acho que sua namorada está te influenciando." Ele me mostra o dedo do meio.

Estou rindo quando minha pele se ilumina com uma consciência inata quando a porta da frente se abre e mais pessoas entram. Meu olhar se fixa em uma garota na mesa de bebidas, de costas para mim, mas eu conheço aquele corpo. Mapeei cada centímetro dele, experimentei ainda mais, sonhei com ela em menos. Ela está com um top preto de espartilho, a saia combinando mais curta do que qualquer coisa que eu já a vi usar, e meias. Coloco minha máscara e gravito em sua direção como um ímã.

Minhas mãos encontram a curva de sua cintura, e ela enrijece até que eu a puxo para mim, suas costas rentes à minha frente. "Não pensei que você fosse aparecer", sussurro, pressionando meus lábios em seu ouvido.

Observo o volume de seus seios se elevar com uma inspiração profunda. Ela tem um cheiro enlouquecedor, e odeio não estarmos sozinhos.

"Por que não?", pergunta Sierra, com a voz abafada sob a máscara, quase inaudível por causa da música que abafava a casa.

"Não consigo te segurar. Talvez eu precise usar uma corda da próxima vez."

Ela gira em meus braços, tirando a máscara de Ghostface e fazendo o mesmo com a minha. Sierra ergue uma sobrancelha como se estivesse irritada. "E se eu fosse outra garota?"

Finalmente, finalmente, olhos verdes me fitam. "Você não é."

"Você não tinha como saber disso."

"Eu te reconheceria em qualquer lugar, Sierra", eu digo. "Cada. Porra. Centímetro. de você."

A coluna delicada de sua garganta se contrai. Algo próximo a um sorriso surge em seus lábios antes que ela franzisse a testa, seu olhar percorrendo minha fantasia malfeita.

"Você planejou isso?", ela pergunta, segurando sua máscara de Ghostface.

"Estou tão surpresa quanto você."

Scarlett me vê e me deseja feliz aniversário. Sierra olha para sua melhor amiga, usando uma fantasia de Padmé. "Você estava envolvida nisso?"

"Kian perguntou se eu poderia fazer um favor a ele. Ele é bem persuasivo", ela admite.

"Claro que é."

O sorriso de Scarlett se ilumina quando Kian se aproxima, passando o braço em volta de mim enquanto seu sabre de luz me penetra na lateral do corpo. "Nossa. Que coincidência!"

Ficamos impassíveis. Exceto Scarlett, que apenas sorri para ele.

"Você mostrou a ele?", Kian pergunta a Sierra, e seus olhos se arregalam, suas bochechas um pouco rosadas.

"Mostrar o quê?", pergunto.

"Nada", todos dizem. Kian rapidamente pega a mão de Scarlett e a puxa.

Então estamos sozinhos novamente. Bem, tirando as mil e quinhentas — possivelmente mais — pessoas nesta festa. Sierra relaxa enquanto está comigo, mas quanto mais tempo ficamos ali, mais tensão se infiltra em sua postura. Ela se move para desviar das pessoas que esbarram nela. Resolvo o problema dela pressionando-a contra a parede, presa entre meus braços.

Nós dois nos olhamos como se estivéssemos nos lembrando daquela noite. Quando seus gemidos e lamúrias suaves atingiram minha pele, e como meus gemidos pareciam bem contra sua boceta. Meu olhar pousa em seus lábios, vermelhos, claro, e eu sei que eles também têm esse gosto. Quentes e irresistíveis.

"Você não tem uma festa para dar?", ela pergunta.

Há outra onda de "Parabéns a Você" e tapinhas nas costas quando Kian diz algo pelo viva-voz. Meu foco não vacila porque meu coração acelerado puxa toda a minha atenção para a pessoa que ele está tentando arrancar do meu peito. "Não é minha prioridade agora."

"Tem certeza? Tem muita gente aqui", diz ela.

"Só me importo com uma."

Observo os arrepios subindo por sua pele e como sua garganta se move quando ela engole em seco.

Então meu nome é chamado em um tom de voz embriagado pelo alto-falante novamente, e mesmo quando o som agudo do microfone força um gemido audível da multidão, não me viro. Se Kian está me encontrando, ele vai ter que me arrastar para longe disso, para longe dela.

"Você está sendo convocada", diz Sierra.

"Então vamos para algum lugar tranquilo."

"Quer abandonar sua própria festa?" Seu olhar passa por mim.

Quando meu peito roça no dela, abrindo um caminho direto para baixo, sua mão se levanta rapidamente. Ela espalma a palma da mão contra meu peitoral, e eu a deixo me empurrar só um centímetro.

"Você não está pensando direito", ela desabafa, como uma espécie de último recurso.

"Tudo poderia ser um borrão, e eu ainda te veria claramente", digo.

Seu peito arfa, e não consigo evitar olhar para sua roupa. Curta pra caramba, toda preta, toda minha. Não consigo me conter e pego sua mão e a coloco sobre meu coração. Seus olhos escurecem e sua língua se lança para lamber os lábios vermelhos. Porra, ela é perfeita.

Então, um cara bêbado vestido de Patrick Bateman esbarra na gente. Ele se desculpa profusamente antes de se levantar do chão e tropeçar na multidão.

"Você escolhe, Romanova", digo, encostando minha testa na dela. "Quer ser minha fuga?"

Sierra assente, pega minha mão e me leva pelo corredor em direção ao meu quarto.

TRINTA E NOVE

SIERRA

ESTOU NERVOSA. Tipo mãos suadas, coração disparado, pernas fracas, meio nervosa.

Não tem nada a ver com o jeito como seu olhar derrete cada pedacinho da minha compostura como cera quente. É porque tenho uma surpresa para ele. Uma parte de mim estava enrolando porque não sei se estou cruzando a linha de parceiros casuais que fazem sexo, mas Dylan é meu amigo e eu me importo com ele.

Enquanto seguimos pelo corredor, os convidados da festa explodem em aplausos e batem palmas em suas costas. Mas quando olho por cima do ombro, sua postura é rígida, seu rosto indecifrável. Ele não reconhece ninguém.

Assim que entramos em seu quarto e ele fecha a porta atrás de nós, Dylan congela diante da visão à sua frente.

Espero por algum sinal de que ele goste ou odeie. Mas sua expressão é indecifrável. O tipo de tela em branco que me dá um nó no estômago. Seu olhar percorre o quarto, parando nas fotos penduradas no teto, cada uma com um bilhete no verso. Há pelo menos cinquenta delas. Há fotos dele e de Kilner, algumas com os rapazes no Halloween do ano passado, onde se vestiram de Branca de Neve e os sete anões, algumas com Summer e Kian caminhando ou no parque de diversões.

E então tem a nossa foto. Ele olha para ela por mais tempo.

Eu nem sabia que a Lídia tinha tirado aquela foto. Um balão está aos seus pés enquanto ele se aproxima da sala, e ele olha para ele como se estivesse tentando descobrir se é real. Seus dedos pairam sobre a borda do papel,

roçando-o suavemente enquanto o vira para ler o bilhete que rabisquei no verso.

É uma foto minha sentada no banco do rinque enquanto ele amarra meus patins. Pelas minhas sobrancelhas franzidas e pelo seu sorriso, percebi que provavelmente estávamos discutindo. Provavelmente porque ele disse que eu fiz algo errado e eu discordei. Tudo isso enquanto eu estendia as luvas dele para ele e ele amarrava meus patins. A Lídia disse que era a sua foto favorita de nós dois porque, não importa o quanto briguemos, ainda inconscientemente cuidamos um do outro.

Dylan olha para mim agora. Assim que abro a boca para explicar ou sair correndo do quarto dele, a confusão em sua expressão se suaviza, transformando-se em algo que parece compreensão.

"Você fez isso?", ele pergunta.

Ainda não consigo dizer se ele está feliz ou não. Estou tão acostumada a ler o rosto dele, a avaliar cada movimento do seu corpo para poder refletir sobre ele, mas nenhuma dessas dicas aprendidas ajuda agora.

Engulo em seco. "Seus amigos ajudaram."

"Mas foi ideia sua?"

Concordo com a cabeça, tentando dar de ombros casualmente. Kian tinha estudado com Scarlett na semana passada, e contei a ele, me arrependendo assim que ele começou a cantar rimas de beijos de recreio. Ele e Scarlett devem ser mais próximos do que eu imaginava, porque ela apenas olhou para ele e ele concordou em ajudar. Foi por isso que Kian mandou Dylan buscar o bolo mais cedo. Toda essa situação foi um esforço de equipe, mas a ideia foi minha. Porque eu queria que Dylan visse o quanto todos se importam com ele, não apenas quando ele está bebendo ou sendo a alma da festa, mas também pela pessoa que ele é no meio do caminho.

"Você disse que odeia comemorar seu aniversário. Achei que poderíamos criar uma nova lembrança. Uma melhor."

"Por quê?" Sua voz cai, baixa e áspera de um jeito que eu nunca tinha ouvido antes, como se estivesse envolta em algo frágil. Ele parece um garotinho de novo. Todo um olhar suave de esperança e admiração em seu rosto. Há algo tão cru e desprotegido no jeito como ele me olha que quase me parte o coração.

"Porque você merece ter um bom aniversário. É um dia especial, não importa o que você tenha se forçado a pensar."

"Mas eu estou comemorando. Tem uma festa logo ali." Ele aponta para a porta onde o baixo de "The Spins", do Mac Miller, bate contra a porta do quarto. Mas tudo em que consigo me concentrar é em como ele está tentando se convencer de que não merece isso.

"E é ótimo. Seus amigos realmente te amam e se importam com você, mas eu posso dizer que esse não é você, pelo menos, não mais. Eles sabem disso também, então queriam que você tivesse isso. Eles queriam algo só para você."

"Eles?" Ele se aproxima, e um balão preto encosta na minha perna.

"Nós", corrijo suavemente.

"E as fotos. De quem foi a ideia?"

"Minha", admito, encontrando seu olhar. "Todo mundo me mandou suas fotos favoritas que tinham com você", explico. "A Lídia me deu a nossa quando soube."

Desta vez, quando ele dá um passo à frente, as pontas dos seus sapatos roçam nos meus. O ar entre nós fica tenso, carregado com algo que parece grande demais para este quarto.

"Você torna isso tão difícil", diz ele, com a voz baixa e áspera de derrota.

Meu coração tropeça e depois se contorce.

"Como eu vou te mostrar que você é diferente para mim", continua ele, com os olhos ardendo nos meus, "quando você faz coisas que me fazem querer revelar esse meu lado? Aquele que não ficaria satisfeito até que te tivesse em todas as posições com que sempre sonhou."

Uma pulsação começa no meu estômago. "Você está tentando ser diferente para mim?"

"Olhe ao redor, Sierra. Tudo neste quarto é novo. Não há um único lugar aqui onde eu possa te levar que tenha sido ocupado por outra pessoa. Eu até pintei as malditas paredes. Meu chuveiro? Você é a primeira pessoa que já esteve lá comigo." Ele ri, mas não há humor nisso. "E hoje? Eu sei que poderia ter bebido, mas não bebi, porque esperava que você estivesse aqui. E não quero perder nada quando se trata de você."

Ninguém jamais comparou minha presença a algo tão vital. Ele evita meu olhar. É como se estivesse se preparando, sem saber se falou demais.

"Olhe para mim." Seguro seu rosto entre as mãos, mas ele ainda não me olha nos olhos. Em vez disso, ele encosta a testa na minha, e eu reprimo o som engasgado que sobe pela minha garganta. "Por favor?"

Ele obedece. Seus olhos castanho-âmbar se erguem lentamente, os cílios longos se abrindo como cortinas delicadas.

"Você não é o seu passado. E mesmo que fosse, não é algo para se envergonhar."

"É..."

"Não é", digo com firmeza. "Você é muito mais do que isso. Gentil, gentil e tão generoso que me dá um pouco de inveja. Você não é apenas alguém para se desejar ou se contentar. Você é uma pessoa completa que merece todo o respeito."

Seus lábios se curvam em um pequeno sorriso. "Você pode ser o único que pensa assim."

"Sabe o que eu penso?", digo, com a voz firme. "Acho que as pessoas pensam que você só se importa consigo mesmo e com o seu prazer, porque essa é a versão que você escolheu mostrar a elas. Mas, no fundo, você é a pessoa mais altruísta que já conheci. E acho que as pessoas que realmente te conhecem e te amam sabem que essa é a verdade."

Ele solta uma risadinha suave. "Isso é bem piegas da sua parte, Romanova."

"Pode brincar o quanto quiser, mas eu te vejo, Dylan." Estendo a mão para ele, entrelaçando nossos dedos. "Eu não conseguia antes, ou nunca me permiti. Mas agora que consegui, não posso ficar parada e deixar você pensar em si mesma desse jeito."

Seus olhos castanhos brilham. "Eu também te vejo, Sierra."

Meu corpo se move sozinho, envolvendo meus braços em volta do seu torso nu e pressionando meus lábios em seu peito quente. "Não preciso que você seja diferente para mim. Gosto de você como você é. O antigo você, o novo você, eu só quero você."

Três segundos de silêncio se estendem entre nós, densos e pesados.

Ele segura meu rosto, terno e possessivo. "Então, se eu te despisse, lambesse cada centímetro do seu corpo e te enchesse com o meu pau, você não pensaria em mim de forma diferente?"

Ah. "D-diferente, sim. Mas mal, não."

Ele sorri, inclinando-se, seus lábios roçando minha orelha enquanto pergunta: "E se eu te beijasse assim?"

Dylan inclina minha cabeça, capturando meus lábios enquanto sua língua se move quente e lentamente em minha boca, explorando e em completo

controle. Eu me levanto na ponta dos pés, à sua mercê, sentindo meu estômago revirar antes que ele se afaste.

"Você não me veria de forma diferente?"

Agarro seus ombros, puxando-o para mais perto até nossos narizes se tocarem. "Me beija assim de novo, e eu não vou parar até você me ver diferente."

"Deita na cama." Não hesito. Não quando ele está me olhando daquele jeito. "Essa porra de saia. Você achou que poderia vir na minha festa vestida assim e eu duraria um segundo lá fora?"

"Ouvi dizer que você leva fantasias a sério. E eu queria satisfazer o aniversariante."

Sua risada vibrando contra minha pele. "Então, existe um mundo onde Sierra Romanova quer me satisfazer?"

"Devemos estar em um universo alternativo", eu digo.

"Tudo bem, querida", ele sussurra contra minha barriga. "Eu vou te satisfazer em todos os universos." Dylan abre o zíper da minha saia e tira minhas botas antes que eu me jogue de volta no colchão. Ele me segue, vindo para cima de mim como um ímã. Ele agarra minhas coxas, batendo nelas com força antes de pressionar seus quadris para baixo.

Dylan me beija como se estivesse faminto. Cada deslizar da sua língua parece gasolina despejada sobre uma fogueira. Anseio por mais. Estou desesperada para que ele me penetre, para que machuque minhas coxas com seu aperto, qualquer coisa.

Quando prendo meus dedos em seu cinto, Dylan puxa um punhado do meu cabelo, me puxando para trás. Sua expressão é terna enquanto ele passa a ponta do polegar sob meus olhos, tão delicadamente que tenho certeza de que minha pele é de porcelana. Então ele pressiona um sussurro de beijo em meus olhos.

"Isso é diferente, Sierra", diz ele, com a voz áspera, quase suplicante.

"Eu sei", respiro.

"Você sabe?" Seus olhos escurecem como carvão. "Estou falando sério. Não há mais ninguém. Ninguém mais que eu queira provar, ninguém mais que eu queira foder. Ninguém mais que eu queira como meu parceiro. É com você que eu quero acertar as coisas."

Mal consigo me conter para não balançar os quadris, mas as mãos de Dylan estão firmes na minha cintura. A música ainda está batendo contra as paredes lá fora. Tenho quase certeza de que ouço Kian e Summer cantando

um dueto. Mas me concentro em como o coração de Dylan bate rápido contra o meu.

"Tão guloso", provoco.

"Só quando se trata de você", ele sussurra. "Seja minha namorada."

Meu coração para. "Acho que isso deveria ser uma pergunta."

Seu polegar pousa no ponto de pulsação irregular no meu pescoço. "Não há dúvidas sobre como me sinto com você. Esta noite, quando eu te foder, Sierra, será como minha namorada. Quero te segurar em meus braços e saber que você é minha para sempre."

Algo explode em meu peito, me ilumina como o sol. "Você quer ficar comigo?", pergunto.

"Eu não vou deixar você ir."

"Ok", sussurro. "Eu serei sua namorada."

Um gemido alto e estrondoso de satisfação o deixa, e ele o enterra na curva do meu pescoço. Quando ele se afasta, ele aproxima minhas coxas da minha barriga, me esticando tanto que o ar toca as partes mais sensíveis do meu corpo. Mas seu olhar ardente me aquece a um nível insuportável.

"Você vai ficar olhando a noite toda?", provoco.

"Talvez."

Eu solto uma risada, sentindo-me completamente exposta. Ele tira a calça, ficando de cueca boxer. Minha mão desliza em seus cabelos, agarrando os cachos castanhos. Coloco a mão sobre a boca, torcendo para que ninguém me ouça.

Dylan balança a cabeça, pressionando a língua contra meu clitóris em um aviso. "Deixa eu te ouvir, Sierra. Você sabe que eu quero te ouvir. A gente não se segura quando está junto, né?"

Quando não retiro as mãos, Dylan enfia a mão na gaveta e eu quase gemo com a perda do seu toque. Mas ele logo percebe que o que quer que esteja procurando não está mais lá. Em vez disso, pega minha calcinha descartada do chão, levanta meus braços e a amarra acima da minha cabeça, na cabeceira da cama. Com a minha calcinha. Meu Deus.

"Não. Se mexa", ele ordena.

"T-tá." Eu gemo enquanto ele fala até que ele volta a fazer aquele negócio com a língua que me faz ver espinhas e me dá uma sequência de "sim" enquanto gozo quando ele pede. Quando ele pega uma camisinha, eu o paro. Com um olhar — ele sabe. Suas mãos tremem, quase imperceptivelmente.

"Eu nunca..." Ele para de falar.

"Eu também não. Talvez seja a nossa primeira vez. Juntos. Tudo bem?"

Os olhos castanho-âmbar suavizam-se. "É, eu adoraria. A nossa primeira vez."

"Posso te tocar agora? Por favor?" Ele também deve preferir assim, porque com um puxão, meus braços se soltam.

Ele não me avisa antes de deslizar para dentro de mim. Até o fundo.

"Porra, senti sua falta", diz ele, deslizando para fora e para dentro novamente.

Quando agarro seu pulso, ele diminui o ritmo para que eu me ajuste ao seu tamanho. "Não tenha pressa. Eu vou te dar com calma e devagar."

E ele faz. Ele me penetra em um ângulo dolorosamente lento e perfeito, e o som de nós dois juntos chega aos meus ouvidos; meus olhos se fecham de puro prazer. Ele me beija com um empurrãozinho.

"Olhos em mim", ordena. "Quero que você continue me olhando."

Ele mantém meu olhar cativo, movendo-se mais rápido e observando cada uma das minhas reações ao tê-lo dentro de mim. Estou tão desesperada por seu toque que começo a desfazer os ganchos da frente do meu espartilho. Dylan para minhas mãos desajeitadas e o faz com facilidade. Não estou usando sutiã, então, no segundo em que o tiro, Dylan emite um som baixo de aprovação e sela a boca sobre meu mamilo. Tê-lo assim, sem um centímetro de espaço, é tão certo que mal consigo respirar.

Quando imploro para ele ir mais rápido, ele coloca a palma da mão entre o topo da minha cabeça e a estrutura da cama, me fodendo com tanta força que não consigo recuperar o fôlego. "Você gosta disso, Sierra? Você gosta quando eu sou tudo o que você consegue sentir?" Ele me penetra mais fundo, rolando os quadris. "Tudo o que você pode saborear. Tudo o que você pode tocar."

"Sim."

"Eu gosto de você assim. Dizendo sim para mim." Ele se inclina para trás, me observando tomá-lo, as pernas em suas mãos enquanto ele se move rápido. "Você deveria fazer isso com mais frequência. Talvez eu te recompense por ser tão legal."

Eu ainda consigo encará-lo, mesmo que meus olhos tentem revirar. "Eu não sou legal."

"Você consegue ser uma boa menina quando quer." Então ele pressiona meu abdômen, e tudo se contrai. "Você quer ser uma boa menina e gozar

enquanto eu estou dentro de você, Sierra?"

"Por favor", eu choramingo. "Por favor, Dylan."

"Você não achou que eu não ia te fazer se esforçar para isso, achou, princesa?"

Eu gemo. "Vá mais rápido."

"Peça com jeitinho."

"Eu te odeio."

"Eu não acredito em você." Dylan olha entre nós. "E isso não é legal. Garotas más não podem gozar, baby."

Eu agarro seus cabelos e o puxo direto para minha boca. "Mas você gosta quando eu sou má."

Ele está sorrindo abertamente. "Gosto sim. Gosto de você exatamente como você é. Às vezes, até demais."

Então algo em seu rosto muda, e ele me observa como se eu fosse desaparecer.

"Quando eu terminar de estragar essa boceta linda, o que você vai fazer?", ele pergunta.

Meus olhos se fecham com força e minha boca se abre de prazer. Mal consigo processar o que ele está dizendo, só preciso que ele alivie a pressão. "Meu Deus, continue fazendo isso."

Ele agarra meu queixo e me obriga a olhar para ele. "O que você vai fazer, Sierra?"

"O quê?", pergunto sem fôlego.

"Quando eu terminar de te foder, o que você vai fazer?"

Meu cérebro parou de funcionar quando ele começou a fazer aquela coisa com a língua há um tempo, então levo alguns segundos para entender o que ele está dizendo. Mas aquele olhar em seus olhos está lá de novo, e eu quero que ele desapareça. Eu acreditei nele quando ele disse que isso era diferente. Quero que ele saiba disso.

Ele está preocupado que eu vá embora. O pensamento me perfura o peito porque Dylan nunca pede nada.

Engulo em seco. "E-eu vou ficar."

Se humanos pudessem brilhar, é assim que eu descreveria a expressão em seu rosto. Brilhando.

"Ótimo", diz ele. "Você vai me deixar te limpar, depois vai dormir nos meus braços sem pensar duas vezes. É?"

"Sim, Dylan", ofego. "Eu quero ficar."

QUARENTA

DYLAN

SOU UM cara CONFIANTE. Alguns podem dizer que sou convencido. Mas conseguir que Sierra Romanova seja minha namorada é pura sorte. Conseguir que ela ficasse a noite toda e acordasse dormindo profundamente foi como ganhar na loteria.

Agora, minha namorada está montada em mim, completamente nua. Ela encontra minha mão e pressiona a palma dela contra a minha, medindo a diferença. Seu lábio inferior está preso entre os dentes, a cabeça inclinada enquanto ela vê o quanto o meu é maior. Então ela olha para mim, percebe meu olhar, e eu juro que ela fica rosa pálido. Ela tinha acabado de me foder como uma atriz pornô, mas um olhar meu e a garota ficou tímida.

"Você tem uma caneta?", ela pergunta.

Eu me aproximo da minha mesa de cabeceira e pego uma caneta. Minhas mãos repousam em sua cintura, meu polegar roçando sua cicatriz. Ela não se encolhe nem se enrijece mais quando faço isso.

"Palm", ordena Sierra, clicando na caneta para abri-la.

Concentrada como sempre, como em tudo o que faz, Sierra desenha um círculo, dois pontos e desliza o dedo.

"O que você acha?"

Encontro o que espero. Um rosto sorridente na palma da minha mão. Isso faz algo derreter no meu peito. Com a mesma mão na parte de trás da cabeça dela, puxo-a para os meus lábios. "Eu adoro, querida."

Sua risada é leve e mais bonita do que qualquer outra coisa que eu já ouvi.

Sierra passa o dedo pelo meu queixo. "De onde é isso?", pergunta ela, tocando a cicatriz desbotada.

"No terceiro ano. Eliminatórias contra o Boston College. Eu me formei."

Ela desce até tocar meu umbigo, olhando para mim como se eu fosse algo novo e não acostumado. "Sou paciente, mas não tão paciente assim, Sierra."

"O quê? Eu só queria saber sobre suas cicatrizes."

Eu a viro para baixo de mim, e ela suspira. "Tenho certeza. É por isso que eu conseguia sentir o quão molhada você está bem na minha barriga."

Suas bochechas ficam vermelhas, mas não deixo que ela fique tímida comigo. Deslizo pela sua barriga e pressiono beijos leves como plumas em seu núcleo. Mas assim que ela começa a gemer meu nome, seu telefone toca.

"Não atenda", digo com a voz rouca. E quando afasto suas coxas e pressiono meu rosto ali, ela não protesta. "Me dá outra."

Ela treme incontrolavelmente. "Eu não posso..."

Meu telefone apita com uma mensagem, mas aperto as coxas de Sierra para manter sua atenção em mim. "Dylan", ela diz, mas mal ouço por causa do gosto dela. "Seu telefone."

"Ignore."

Ela afunda os dedos no meu cabelo e puxa minha cabeça para cima. Ela arrasta meu nome pela língua com uma voz severa.

Suspiro, pegando meu telefone. "É Lidia."

Estávamos esperando notícias sobre se fomos escolhidos para a apresentação do Grand Prix. Com nossas pontuações e a atenção da mídia, temos uma chance. Sierra salta da cama e pega seu telefone. Ela pega a blusa de gola redonda que deixei descartada na estrutura da cama e a veste.

Ela chama Lídia de volta, e cada toque que corta o ar nos faz sentir como se estivéssemos mais perto da beira de um penhasco.

"Devushka." A voz de Lídia se filtra pelo alto-falante. Sierra se desfaz e se joga em mim, como se percebesse só pelo som da voz do treinador. "Vocês duas foram incríveis. Tudo estava quase perfeito, e vocês deveriam se orgulhar disso."

"Você não conseguiu desta vez, mas ainda temos o ano inteiro. Você tem uma longa carreira pela frente, Sierra."

Sierra fica ali sentada, sem palavras. Pego o celular dela.

"Obrigada por nos avisar, Lidia", digo, com a voz calma, mesmo que meu peito pareça estar sendo picado.

"Quem pegou?", pergunta Sierra com a voz trêmula.

A linha fica em silêncio por tanto tempo que já sabemos a resposta antes que Lidia diga: "Justin e Julia".

Um som engasgado escapa de Sierra.

Quando garanto a Lidia que ficaremos bem e desligo, viro-me para minha parceira. Gentilmente, a puxo para que se deite comigo. Meus dedos traçam o pequeno calombo em seu crânio.

"Achei que ia doer mais. Quer dizer, dói, queima, mas nada como antes", ela sussurra, com a voz quase um murmúrio. "Acho que é porque você está aqui."

Deslizo a mão pelas suas costas. "Eu sempre estarei aqui, querida."

A risada dela é suave, quase imperceptível, mas me envolve. "Pelo menos agora você pode finalmente se concentrar no hóquei e no recrutamento. Você merece cada detalhe que o Kilner fez por você, Dylan."

"Não estou pensando nisso agora", digo.

"Mas eu quero que você pense. Porque, pela primeira vez em anos, me apaixonei pela patinação novamente. Parece que era como antes, como se estivesse em casa. Você me ajudou a chegar lá. Eu costumava me sentir tão culpada por não ser boa o suficiente para que meu parceiro ficasse, mas você nunca me fez sentir um fardo. Pela primeira vez, não vinculei meu valor às minhas pontuações. Então, falo sério quando digo que você deve fazer aquilo em que se dedicou a vida inteira. Se alguém entende, sou eu."

Quando olho para baixo, ela já está me olhando, o rosto pintado com algo cru e não dito.

"Você confia em mim?" Murmuro, levantando seu queixo e segurando-a ali, tão perto que consigo sentir as palavras em seus lábios.

"Tanto."

A necessidade de mantê-la, de segurá-la em meus braços, se transforma em uma espécie de possessão corrosiva e obsessiva. Quero que ela precise de mim. Não só por isso, mas por tudo.

Eu ficaria com essa garota para sempre se ela deixasse.

VOU DESISTIR DO HÓQUEI.

Nunca pensei nisso antes, mas algo mudou ontem à noite e hoje de manhã. Quero fazer isso agora, quando a Sierra sabe que não é impulsivo. Perder o Grand Prix significa que posso treinar mais para o campeonato

nacional. Eu a colocaria naquele pódio do primeiro lugar, não importa o que aconteça.

"Você tem certeza disso?", Kilner me pergunta depois do treino pela terceira vez. Quando eu disse que jogaria uma última partida, ele me encarou por tanto tempo que notei as manchas castanhas em seus olhos azuis.

Eu amo esse esporte, mas nem chega perto da sensação que tenho quando patino com a Sierra. Tive essa vontade de estar no gelo a vida toda, e sempre pensei que fosse para jogar hóquei, mas no momento em que minha mão encontra o calor da dela, é tudo o que me importa. Vencer parece inútil se eu não estiver fazendo isso com ela.

"Tenho."

Kian funga ao meu lado. "Tipo, realmente, realmente certo?" Contei a ele no caminho para o treino, o que me arrependi, porque ele não sai do meu lado. Na sala do treinador, ele me abraçou por sete minutos inteiros e não parou até Kilner dizer que estaria de patins de saco.

"Sim, Kian, tenho certeza. Pensei bem nisso e adoro hóquei, mas este é o meu futuro. É onde eu deveria estar."

Kilner sorri, e isso não nos assusta dessa vez. "Estou orgulhoso de você, filho." Então ele se levanta e eu também, porque ele me abraça. O homem está ficando sentimental. É estranho.

Kian não pede para se juntar ao abraço, ele simplesmente se abraça. Quando saímos da arena, ele já está no celular, contando tudo para todo mundo. Meu celular toca, mas eu só verifico a mensagem da Sierra. Ela me diz que estudou o dia todo e que vai dormir cedo. Não me preocupo em verificar o resto das mensagens do time. Kian e eu vamos para casa, onde todos estão assistindo ao jogo.

Aiden está no sofá colocando gelo na panturrilha quando me vê. Como ele não foi liberado para jogar, ficou por aqui depois do meu aniversário. "Ouvi dizer que você tomou uma decisão."

Aceno com a cabeça, me jogando na almofada ao lado dele. "Se você vai me convencer a desistir..."

"Não estou. Acho que é a coisa certa a fazer. Estou orgulhosa de você, D."

Um peso sai dos meus ombros, e percebo, pelo jeito como ele diz, que esperou anos para dizer essas palavras. Estou feliz por finalmente me sentir orgulhosa de mim mesma também.

"Obrigada", digo. "Parece que sim, porra. Como se as coisas finalmente estivessem certas, tirando toda essa treta com os meus pais." Os caras ficam estranhamente imóveis. Como se fosse um choque me ouvir falar de mim mesma. Então acontece; eu conto tudo. Conto a eles que meu pai ainda está me traindo, sobre o telefonema deles renovando os votos alguns meses atrás, a maconha e o teste de drogas que não passou.

Meus amigos piscam para mim como se nunca tivessem me visto antes. "A renovação dos votos deles? Era esse o convite?", pergunta Kian. "Por que vocês não nos contaram?"

"Não quero ser o amigo que te sobrecarrega com as minhas merdas. Todos nós temos nossas próprias vidas, e amigos deveriam facilitar a vida, não dificultar."

Aiden franze a testa. "Você acha que não pode ter problemas porque você é... você? Todos nós confiamos uns nos outros, foi assim que superamos as nossas merdas."

"Eu deveria ser aquele que não leva nada a sério. Não aquele que descarrega o drama familiar. Ninguém quer esse tipo de pessoa por perto."

"Mas nós queremos", diz Aiden. "Escondendo não significa que não sabíamos que você estava com dificuldades. Espero que saiba que ouviríamos, seja você despreocupado ou aquele que está com dificuldades para falar sobre seus pais."

Cole e Sebastian desviam o olhar da TV. "Nós também, Double D."

Kian assente. "Você esteve lá por nós, mais vezes do que consigo contar. É justo que façamos o mesmo. É assim que essa amizade funciona."

A vulnerabilidade parece crua, como uma ferida aberta que não mostrei a ninguém além de Sierra. Pela primeira vez, não parece que estou deixando algo para trás, parece que ganhei muito mais.

QUARENTA E UM

SIERRA

Dormir nos braços do Dylan foi a primeira vez em mais de um ano que acordei me sentindo completamente segura. Tirando a vez no hospital em que minha mãe dormiu comigo, foi isso. Bem ali, com o Dylan.

"Por respeito ao relacionamento de vocês, não vou perguntar detalhes, mas me dê uma migalha", diz Scarlett enquanto estamos na cozinha esquentando o almoço que trouxemos do refeitório. A Scarlett de ressaca de ontem me disse que precisava saber de tudo, mas só depois que sua cabeça parou de parecer que uma banda marcial estava desfilando por ela. Então, como ela voltou dos mortos hoje, contei a ela como Dylan reagiu à surpresa que todos ajudaram a preparar e como me tornei namorada dele. Nunca fui namorada de ninguém, mas estou feliz por poder ser dele.

"Ele usa gelo às vezes."

Scarlett engasga com o croissant. "Eu disse uma migalha, e você me deu o pão inteiro. Nossa, agora vou ficar pensando nisso toda vez que você e o Dylan estiverem juntos."

"Pensando no quê quando estamos juntos?" Nós dois nos viramos para encontrar o Dylan. Todo mundo no primeiro andar deixa a porta aberta durante as provas, provavelmente para apoio moral. O Dylan vem até mim, sussurra: "Oi, querida", e eu começo a corar. Estou me apaixonando por ele e não questiono se ele vai me pegar.

Ele está de terno azul-marinho e gravata, com o cabelo longo e ondulado. Nem percebo quando ele rouba bacon do meu prato e me beija enquanto eu ainda estou mastigando.

"Gelo", diz Scarlett. Eu a encaro, mas ela ri, e o Dylan também. "Estarei no meu quarto, então vocês dois fiquem à vontade para fazer o que

quiserem. Tem uma máquina de gelo no fim do corredor."

Eu gemo. "Minha melhor amiga está à venda. Você a quer?"

"Não, tenho muitos." Dylan me segue até o meu quarto. "Só passei para ver se você precisa de uma carona."

Hoje é o segundo jogo do Dylan. O treinador conseguiu que o reitor concordasse que a penalidade foi injustificada e que a expulsão não deveria ser levada em conta na sua reintegração. Ele nunca diria isso, mas está exausto. E embora saiba que deveria abrir mão de algo, não o fará. E eu sou egoísta demais para pedir isso a ele.

"A Summer vem me buscar. Mas isso é uma vantagem de ser sua namorada? Passeios ilimitados?"

"Você pode me pegar quando quiser, Romanova." Ele me olha como se seus olhos estivessem segurando a imagem do meu corpo nu atrás deles.

Eu balanço a cabeça enquanto vasculho meu armário em busca de algo decente para usar no jogo. Olho no espelho, tentando decidir sobre a calça. Dylan vem por trás de mim, envolvendo meus braços em volta da minha cintura.

"Você está dificultando minha vontade de ir embora. Você é problema."

Eu rio. "Mas você gosta disso em mim."

"Eu gosto", ele diz. "Eu amo isso em você."

Se eu não estivesse enredada em seu abraço, meus joelhos cederiam. Como você acha que é digna do amor de alguém se não consegue nem amar a si mesma?

"Não use isso", ele diz, interrompendo meus pensamentos.

Ele suspira e encosta a cabeça no meu ombro. Eu sorrio para ele pelo espelho. "Por que não?"

"Porque estou tentando me manter concentrada enquanto jogo, e não vou conseguir se eu souber que isso" — ele puxa a minissaia das minhas mãos — "é o que você está vestindo."

"Que tal isso?" Mostro a ele uma calça de ioga.

"Você está tentando me matar, mulher?"

Eu o empurro. Ele se joga na cama e coloca as mãos atrás da cabeça enquanto me observa me trocar.

Eu me viro para mostrar minha calça jeans. "Estou usando isso, é pegar ou largar."

"Usando. Sempre usando", ele diz. "Mas gire. Não sei se essa é a lavagem certa para você."

"É?" Eu giro, diminuindo o ritmo enquanto ele assobia.

"Chegue um pouco mais perto para que eu possa inspecionar mais detalhadamente."

"Você vai se atrasar para o seu jogo." Eu vou até ele mesmo assim. Ele está com um calorão de terno para eu ignorá-lo.

Ele me puxa para cima dele, agarrando minha bunda. "É para dar sorte."

"Boa sorte, puxando a bunda?"

Ele cantarola e nos vira para que eu fique embaixo dele. "Beijo de boa sorte também."

"Ah!" Eu me afasto dele para alcançar a gaveta da minha mesa. "Você pode colocar isso em mim?"

Dylan se mexe, pegando a caixa de lavanda da minha mão. Ele a abre, seus dedos roçando na pulseira banhada a ouro. O delicado rosto sorridente reflete a luz e, quando ele a vira, vê nossas iniciais gravadas no verso. Seus lábios se abrem e se curvam no sorriso mais doce. Ele a segura no meu pulso, roçando os lábios na pele. "Eu teria comprado para você, querida."

"Eu sei, mas eu queria algo para mim. Como um lembrete de quão longe eu cheguei. Com a sua ajuda, mas também sozinha." Nunca pensei que chegaria a um ponto em que eu não apenas sobreviveria, mas escolheria viver. "Eu comprei uma para você também."

Eu dou a ele a pulseira idêntica. "Eu não preciso de um amuleto da sorte, Sierra. Eu já tenho você."

Meus olhos ardem quando o seguro em seu pulso. "Não é para dar sorte. É para nós dois. Sempre parceiros, mesmo que não estejamos patinando juntos."

Ele hesita, mas pressiona seus lábios nos meus enquanto sussurra: "Não importa o que aconteça."

Vejo estrelas com a intensidade com que ele me beija. Isso me faz contorcer-me sob ele. Mesmo com os quadris afastados de mim, quero senti-lo.

"Nem pense nisso, Sierra", ele me repreende quando minha mão alcança seu cinto. "Meu autocontrole é limitado, e ele é praticamente inexistente quando se trata de você."

"Desde quando você se tornou um chato?"

Ele morde meu lábio. "Leve essa bunda linda para o meu jogo para que eu possa ouvir você gritar meu nome."

"Eu já faço isso", eu digo. "Farei ainda mais alto quando você ganhar."

Dylan pula rapidamente da cama. "Não vai dar certo, querida."

"Já deu." Lanço-lhe um olhar penetrante no momento em que ele abre a porta do meu quarto. "Aproveite o seu banho frio de vestiário."

Ele geme e então ouço a porta da frente se fechar. Meu sorriso faz meu rosto doer.

Uma hora depois, Summer estacionou na frente, e Scarlett e eu entramos para ir à arena. Amara decidiu se juntar a nós de última hora, então o carro está lotado e a energia está a mil.

Eles tocaram música alta na primeira metade do passeio, e agora a segunda metade consiste em tópicos aleatórios de conversa. Embora o atual esteja deixando minhas mãos um pouco suadas.

"Preciso dizer, Sierra, nunca vi o Dylan assim", diz Summer. "Ele está sorrindo muito, e não aquele sorrisinho bobo que ele sempre usa. É real. O cara nunca teve um relacionamento, mas com você ele é um especialista."

"Tive sorte, eu acho. Ou, pelo menos uma vez, me envergonhar resolveu." Coço a nuca. "Isso é ruim? Quem espanca o parceiro de patinação no primeiro dia de treino?" Por algum motivo, me abrir com eles não parece assustador.

"De jeito nenhum. Eu transei com meu parceiro de pesquisa", diz Summer. Ela deve estar se referindo ao Aiden, claro. "E nossa amiga Cassie transou com o melhor amigo do meu parceiro de pesquisa."

Levo um minuto para entender. Kian, presumo.

"E eu transei com o melhor amigo do meu melhor amigo", diz Amara, e estou oficialmente perdida.

O carro para abruptamente e nós sobressaltamos. "O quê?!" pergunta Summer.

Todas as cabeças se voltam para Amara, que tapa a boca com a palma da mão. Ela murmura um palavrão.

"Você... você transou com o Sampson?", pergunta Summer. "E você não me contou? Que diabos, Amara! Vocês se odeiam."

"Ainda odeiam", responde Amara. "Mas, meu Deus, ele faz essa coisa com a língua..." Ela tapa a boca com a palma da mão novamente. "Nunca. E quero dizer, nunca diga a ele que eu disse isso."

Summer ainda está piscando. "É, precisamos conversar sobre isso."

"Tem certeza de que precisa saber mais?" Scarlett interrompe. "Porque essa cara dela diz muito."

O carro fica em silêncio depois disso. Principalmente porque Amara se recusa a falar.

O jogo começa logo depois que chegamos, e quando Dylan bate no vidro onde estamos sentados, ele pisca para mim, e então todas as garotas da nossa seção gritam. Reviro os olhos, e é aí que ele sorri.

No terceiro período, Dalton vence com facilidade, e Dylan está em uma fuga para o desempate. Com o capacete, não consigo ver o rosto dele, mas o jeito como ele se move como um raio no gelo é inesquecível. Prendo a respiração, abrindo os punhos, quando me lembro do rostinho sorridente na palma da minha mão. Em vez disso, mexo na minha nova pulseira. Então ele manda o disco pelos ares, e a campainha ecoa pela arena. Ele passa voando por nós em comemoração, levando a mão ao ouvido enquanto a torcida vai à loucura. Estou bem perto do vidro, gritando o nome dele como uma fã de hóquei enlouquecida. Droga, eu até gosto desse esporte.

"Meio triste que seja o último jogo dele", diz Amara enquanto me passa o saco de pipoca.

Ela deve ter visto minha sobrancelha arqueada, porque aponta para a frente, onde Dylan passa zunindo por nós.

"Dylan", ela esclarece. "É o último jogo dele, certo?"

Minha mente está uma bagunça. Estou me preparando para a nossa última patinação, então não faria ou diria nada estúpido. Como pedir para ele ficar.

"Sampson disse que o técnico Kilner disse a ele que ele finalmente seria reintegrado e ainda jogaria pelo New York no ano que vem, mas Dylan disse não", explica Amara.

Meu coração aperta. "Ele disse não?"

"De cara. Simplesmente desista", diz ela. "Foi o que Sampson me disse. Mas eu pensei que você soubesse."

Quero pressioná-la com mais perguntas para acalmar a confusão no meu peito, mas as palavras não vêm. Summer me estende um churro e, na minha confusão nebulosa, nem me lembro de ter comido tudo e esmagado a embalagem branca coberta de açúcar na minha mão.

Embora eles definitivamente percebam. "Você está bem?", pergunta Summer.

Eu apenas aceno com a cabeça. Então, os últimos segundos do período final se passam e Dalton vence. Sinto um nó na garganta que não consigo engolir. Preciso sair daqui.

"Eu vou só..." Aponto o polegar para a saída e, antes que eles possam perguntar mais alguma coisa, estou fora da arena. A campainha sinalizando o fim do jogo envolve o prédio, e eu consigo ouvi-la nos meus ouvidos mesmo estando na metade do estacionamento, correndo em direção ao nada.

EU TENHO O Canal do Tempo bem alto no meu dormitório. Mas desta vez, Dale Thunderman não me acalma. Meu telefone vibra ao meu lado. É Scarlett. Esqueceu minhas chaves. Abrir a porta para mim?

Quando abro a porta, Dylan está parado lá. Seu rosto causa um dano devastador ao meu coração. Scarlett e Kian estão atrás dele, mas eles correm pelo corredor, e ela grita algo sobre ele ser muito persuasivo.

"Juro que te vi no jogo mais cedo, mas devo ter me enganado", diz ele. Fecho a porta atrás dele quando ele passa por mim sem ser convidado.

"Você desiste." As palavras soam quase acusatórias. "Você ama hóquei."

"Eu sei o que amo, Sierra", ele diz, com a voz rouca. Todo o ar é sugado para fora da sala e dos meus pulmões. Um olhar para ele e seu rosto irritantemente bonito, e não consigo respirar direito.

"Você me viu. Tenho conciliado esses dois esportes e aulas e me comportado muito bem. Finalmente encontrei algo de que gosto, com alguém de quem gosto. Isso é tão errado?"

"Mas você se esforçou tanto pelo hóquei. Ainda consegue jogar pelo New York."

"Por pouco", ele murmura. "Eles vão me colocar em um time de desenvolvimento. Posso ser o melhor jogador que existe, mas já me meti em muitas brigas. Sou muito imprudente, muito físico, muito tudo."

"Então, você está escolhendo patinação artística?"

"Estou escolhendo patinação artística com você."

Minha garganta seca como se eu tivesse engolido terra.

Quanto mais perto eu chegava da reintegração, menos eu a queria. A vida toda eu interpretei esse papel, para ser alguém, para provar que meu pai estava errado, para simplesmente chegar ao dia seguinte. Mas quando estou naquele gelo com você, não quero que acabe. Acordo feliz todas as manhãs porque sei que podemos fazer tudo de novo juntos.

Balanço a cabeça. "Mas essa parceria era para ser temporária."

Ele passa a mão pelos cabelos, fechando o pequeno espaço entre nós. "Se você acha que tudo o que aconteceu entre nós é temporário, Sierra, então sou eu te mostrando que não é. Nem uma única coisa que eu fiz com você foi temporária."

Meu coração bate forte. Tudo parece demais. Rápido demais. Familiar demais.

"E se você se arrepender? Este esporte não é divertido quando você perde, Dylan, e eu já estive nesse lado antes. Não posso fazer isso de novo. Não com você."

"Eu pareço estar arrependido?", ele pergunta. "Estou fazendo isso com você há meses. Não me importo se tivermos que tentar de novo e de novo, contanto que seja com você."

"Você vai", eu digo. "Confie em mim, é isso que Justin—"

"Não me compare a ele."

Engulo em seco. "Mas eu—"

"Pare." Ele segura meu rosto delicadamente. Quando se comunica, mesmo em seus momentos mais frustrados, nunca grita. Percebo que ele está com raiva, mas ele só se aproxima de mim com paciência porque sabe que é a isso que eu reajo.

"Me diga por que você tem tanto medo disso. Por que você não consegue simplesmente confiar que eu tomei essa decisão por livre e espontânea vontade? Por que você não acredita que eu gostaria de ficar com você?"

"Porque não funciona assim." Pelo menos não para mim. Eu sei que Dylan não é Justin, e nossa parceria não é nada parecida com a que tínhamos com ele, mas ele também dizia essas coisas. Ele as dizia repetidamente até eu acreditar nele. Até eu decidir que era isso, mas aí eu não era o suficiente. De novo.

"Você acha mesmo que eu poderia simplesmente ir embora? Como se isso já tivesse sido uma opção para mim."

"Não tenho expectativas para ninguém..."

"Não dou a mínima para o que você espera dos outros. Mas me importo com o que você espera de mim, porque farei tudo o que estiver ao meu alcance para te dar isso e dez vezes mais."

"Ninguém quer se esforçar tanto."

"Estou aqui, dizendo que sim."

Balanço a cabeça. "Só não quero que você se jogue em algo que não conhece. Não posso te dar uma versão feliz e despreocupada com a qual

você está acostumado com garotas. Tenho inseguranças e já me machuquei antes. E não é sua responsabilidade provar que nenhuma delas está errada."

"Você não precisa me pedir para provar. Eu quero", diz ele. "Estou aqui por todos vocês. Todas as partes que você acha que estão quebradas são apenas mais para eu amar."

Você vai arruiná-lo. Tirar todos os seus bons anos e não deixar nada para ele. Assim como fez com Justin. "Você tem esse esporte inteiro e pessoas que te amam. Você não precisa de mim."

"Não passo um dia sem pensar onde você está ou o que está fazendo. Eu te quero, eu preciso... Deus, eu não sou nada sem você. Você não vê isso?"

Engulo o nó na garganta, incapaz de processar suas palavras. Ou não me permitindo.

"Eu te amo, Sierra. Nos seus dias mais sombrios, nos dias bons e em todos os outros. Mostre-me os seus piores, querida, e eu te mostrarei até onde meu coração pode ir por você."

Eu te amo, rainha do gelo. Meu cérebro parece não funcionar, como se tivesse voltado à última vez que ouvi essas palavras. Meu coração dá um aperto quase fatal.

Como eu o enganei, fazendo-o pensar que mereço ser amada?

Os olhos de Dylan imploram para os meus. "Não estou pedindo para você dizer o mesmo. Mas preciso que saiba que eu te amo e amo patinar com você. Esses são fatos, mas nenhum deles influenciou minha decisão. Estou patinando porque quero. Parei de patinar porque quero. Porque, para ser sincera, nunca me realizou como patinar nos últimos meses. Não vou subestimar isso."

Meus olhos começam a arder, e Dylan deve ter percebido, porque me puxa para os braços como se eu devesse estar ali. Como se eu não estivesse fugindo daquele exato lugar. Ele me segura como se todas aquelas partes feias de mim se encaixassem perfeitamente no espaço que ele cria. As partes que nunca parecem comigo quando aparecem, pelas quais tantas pessoas me odeiam. Dylan não faz isso. Dylan não me odeia por nada.

Eu me afasto, mas já sinto falta dele. Isso me assusta pra caramba. Um pânico se instala. Eu só preciso de um segundo — apenas algo para clarear minha mente confusa. "Você abriu mão de tanta coisa por mim. Sinto como se não tivesse feito nada por você."

"Não é isso que esse relacionamento é", ele diz bruscamente. "Só me diga o que você precisa, e eu serei isso para você."

"Você é perfeito, Dylan." Eu só não sei se sou. Ele se tornou exatamente o parceiro que eu precisava. Quanto mais eu posso aguentar dele? "Devíamos ir mais devagar", digo finalmente.

Ele tenta disfarçar, mas vejo a rejeição se instalando dentro dele. Me odeio por isso. "Você quer terminar?"

"Não!" Estendo a mão para ele. "Eu nunca iria querer isso. Só acho que estivemos juntos por cada segundo deste semestre, e parece que não consigo pensar direito quando estou com você."

"Me diga o que está pensando e eu resolvo tudo para você."

Há um fogo no meu peito. "Não se trata só de mim. Quero que você seja só o Dylan. Nos envolvemos tanto um no outro que eu odiaria que qualquer um de nós perdesse qualquer parte de si mesmo." Como hóquei. É uma saída; vou deixá-lo cortar as perdas logo. Ele merece isso.

Dylan engole em seco, a voz rouca de emoção. “Por você, eu vou no ritmo que você precisar. Vou te acompanhar passo a passo, baby. Você pode ir no seu ritmo, mas quando terminar, eu ainda estarei aqui, esperando você cair de volta nos meus braços. Porque não há nenhuma parte de mim que eu queira recuperar, se estou perdendo a mais importante.”

Ele beija minha testa e me solta relutantemente. Ainda há algo mais duro persistindo em seus olhos, mas ele não fica tempo suficiente para eu perceber. Quando a porta se fecha atrás dele, pego meu propranolol, só por precaução, e volto para a cama. Só quando Scarlett chega em casa, minutos depois, e se deita comigo, é que percebo que estou chorando. Ela não pergunta o que aconteceu, e eu sei que Dylan pediu para ela ficar comigo. Embora eu tenha certeza de que ela já estava planejando isso, porque me entrega um pacote família de potes de manteiga de amendoim Reese's.

QUARENTA E DOIS

SIERRA

Dylan: Sinto sua falta, querida. Dylan: Posso dizer isso?

Faz três dias desde a minha conversa com Dylan, quando Scarlett me conta que ele passou no dormitório enquanto eu estava fora. Meu namorado claramente não sabe o que significa ir com calma. Mas, por mais que eu adorasse esquecer tudo e voltar para os braços dele, sei que este espaço é bom para nós. Ele provavelmente pensa que estou sendo teimosa — que ir devagar depois de tudo o que passamos é inútil —, mas é a única maneira que conheço de fazê-lo realmente pensar no que está fazendo. No que está perdendo.

"Sra. Romanova?" A recepcionista me chama.

Marquei uma consulta com a Dra. Toor depois que Scarlett me disse que finalmente era a hora. Sacudindo as mãos, luto contra a vontade de cerrá-las e sigo a recepcionista pelo corredor até a sala com o sofá lilás. Já estive aqui inúmeras vezes, mas hoje é diferente.

Ela vai perguntar sobre patinação. Ela sempre pergunta. Mas não é por isso que estou aqui hoje.

"Sierra." A Dra. Toor me cumprimenta com um sorriso caloroso. "É muito bom vê-la depois da nossa última sessão. Soube que você andou patinando de novo?"

Ela sempre foi assim, entrando no cerne da questão antes mesmo que eu pensasse em reprimir. "É. Estou competindo há alguns meses."

"Que bom ouvir isso. Lembro o quanto você queria voltar ao gelo. Mas imagino que voltar a competir esteja trazendo à tona sentimentos fortes, e desde que estive fora, você não visitou o terapeuta que indiquei."

A Dra. Toor me acompanhou nos piores momentos da minha vida. Meus pais queriam que eu tivesse alguém com quem conversar, então começaram a me trazer aqui quando eu era criança. Eu aparecia a cada poucas semanas, desabafando minhas frustrações com saltos perdidos e rotações fracassadas. Tenho quase certeza de que ela testemunhou todos os meus colapsos por causa desse esporte. Então, depois que ela saiu de licença-maternidade, eu não queria voltar à estaca zero com um novo terapeuta.

"Acho que estou lidando com isso da melhor maneira possível", digo. "Com propranolol, técnicas de respiração e meu parceiro de patinação — meu namorado —, isso me ajudou muito a lidar com isso."

Eu sei sobre o que preciso conversar. E, pela primeira vez, não é patinação.

"Fico feliz em ouvir isso", diz ela, cruzando as pernas. "É a primeira vez que ouço falar de um relacionamento seu. É algo que você quer abordar? Equilibrar um relacionamento profissional e pessoal com a mesma pessoa?"

Quero desistir. Fingir que estou bem, como fiz nas últimas sessões depois do acidente. "Muito bem", murmuro.

"Por que muito bem? Por que não ótimo? Ou apenas razoável?", ela provoca.

Expiro. "Porque estou com medo." As palavras saem baixinhas. "Dylan está dando um passo gigantesco ao decidir deixar o hóquei para patinar comigo, e temo que ele se arrependa."

"E Dylan já expressou arrependimento? Ele já fez você sentir como se estivesse questionando a escolha dele?"

"Não", respondo imediatamente. Mas só estamos fazendo isso há alguns meses. Eu sei como é ficar preso no ciclo de vitórias e derrotas. As pessoas ficam ressentidas. Eu odiaria que ele acordasse um dia e percebesse que eu o fiz desistir do hóquei.

Ela inclina a cabeça. "Como jogadora de hóquei, tenho certeza de que ele sabe uma coisa ou duas sobre ganhar e perder. Mas essa é uma qualidade que você acha que ele possui? Para te culpar?"

Eu balanço a cabeça. "Nunca. Ele está sempre me tranquilizando, me apoiando, nunca me deixando duvidar dele. Ele diz que não se importa com os resultados. Ele só quer patinar comigo."

Seus lábios se curvam. "E, no entanto, antes, você disse que ele decidiu deixar o hóquei. Mas agora você está dizendo que ele vai se ressentir de

você por tê-lo obrigado. Por que se pressionar tanto? Se ele tomou essa decisão sozinho, não seria ele o responsável por isso?"

Eu odeio quando ela faz sentido. "Dylan está tomando essa decisão importante de patinar comigo, e acho que ele só está fazendo isso porque acha que eu preciso dele. Mas estou preocupada que, se ele se dedicar totalmente a isso — a mim — eu não serei o suficiente." Hesito antes de acrescentar: "Como se ele fosse água despejando no meu copo, só para descobrir que está rachado em uma dúzia de lugares."

"Eu entendo que seu passado possa te deixar instável. Mas o que te faz sentir que não é o suficiente? Que você tem todas essas rachaduras?"

Engulo o nó na garganta. "Eu não sei. Toda vez que penso nisso, sinto que sou demais e de menos ao mesmo tempo. O acidente me mudou. Dylan vai ter que lidar com muito mais do que ele esperava. Se meu ex-parceiro mal conseguia lidar com o antigo eu, o novo é dez vezes mais difícil. Ninguém quer ficar constantemente alimentando a ansiedade e o TEPT de alguém — especialmente quando estou cercada pelos meus gatilhos todos os dias."

Dr. Toor anota algo. “Certo. Vamos destrinchar isso. Mas primeiro, seus medos não são irracionais, Sierra. Depois de tudo que você passou, é louvável o quanto você superou. Mas os humanos são complexos. Nossos cérebros são complexos. Passamos a vida inteira tentando nos entender. Então, por que você acha que alguém não se daria ao trabalho de te conhecer?”

“Porque as pessoas não querem fazer isso.”

“Que pessoas?”

"Pessoal", digo com um suspiro. "Justin. Eu não fui o suficiente para ele ficar, e desde que ele foi embora, ele está ótimo. Ele e o novo parceiro chegaram ao Grand Prix. Dylan e eu, não."

"Então, você acha que o Justin te tirar da vida dele o ajudou a alcançar seus objetivos? Vocês dois não chegaram ao Grand Prix juntos alguns anos atrás?"

"Nós vencemos duas vezes. Mas isso foi antes..." Dou uma batidinha na têmpora.

"Antes do acidente", ela termina gentilmente. "E por causa do acidente — por tudo o que você passou — você se acha menos digno? Que se tornou... um fardo?"

A palavra dói. "Meu corpo me traiu. Meu cérebro me traiu. E agora tenho que me esforçar o dobro para ser metade tão boa. Enquanto isso, Justin seguiu em frente. Talvez ele estivesse certo em ir embora. Talvez eu tenha sido demais."

Ela inclina a cabeça. “Você diz que seu corpo te traiu. Que seu cérebro te traiu. Mas pense nisso por um segundo. Você sofreu uma lesão traumática e, no entanto, aqui está você. Você está patinando de novo. Competindo de novo. Em um relacionamento amoroso. Vivendo sua vida.”

“Por pouco”, murmuro.

“Não”, ela diz, agora mais firme. “Por pouco, não. Você tomou a decisão de treinar de novo. De superar o medo. Na verdade, seu corpo e cérebro têm trabalhado a seu favor, não contra você.”

Franzo a testa. “Não parece. Meu corpo trava quando eu não quero. Meu cérebro me faz entrar em espirais que não consigo parar.”

“Mas você diria que ficou mais fácil? Reconhecer os gatilhos?”

Hesito. “É. Mal noto alguns dos que costumavam me causar ataques de pânico.”

"No entanto, você fala do seu cérebro e do seu corpo como se fossem separados de você — como se estivessem contra você. Eles não estão tentando te machucar. Eles só nem sempre sabem o que é seguro até que você se permita acreditar nisso."

Algo pesado se instala no meu peito.

"Você não precisa lutar contra si mesma", ela continua. "Você precisa dizer ao seu cérebro e ao seu corpo que está segura agora. Que pisar no gelo não é o mesmo que cair. Que deixar Dylan entrar não é o mesmo que ser abandonada. Que confiar em si mesma nem sempre leva à dor."

Eu expiro, lenta e trêmula. O resto da sessão me faz confrontar tudo o que eu reprimi por meses. Ela me diz para reiniciar meu antigo diário, só para ver o contraste no que eu possa escrever agora. Quando Scarlett me pega depois, sei que não estou magicamente curada. Mas, pela primeira vez em muito tempo, acho que talvez eu não precise estar. Talvez eu só precise confiar que posso ficar bem.

Sierra: Eu também sinto sua falta, Dylan.

QUARENTA E TRÊS

DYLAN

Eu NUNCA TIVE uma namorada antes, mas já faz três dias sem ela, e sinto que não consigo respirar. Ela disse que não é um término, mas quase parece. Agora entendo por que as pessoas se reconectam com a natureza depois de serem abandonadas. Fiz duas trilhas com a Summer, que pegou leve comigo dessa vez porque se sentiu mal.

Mas mesmo que a Sierra quisesse terminar, eu nunca a deixaria fazer isso tão facilmente. Principalmente por algo assim. Ela se esconde atrás do muro do passado como se isso a mantivesse segura, mas não sabe se eu superaria qualquer coisa para chegar até ela. É a gente ou nada, e eu não dou a mínima se isso soa possessivo. Ela é minha, cada centímetro dela.

Se ela quiser.

No espírito de ir com calma, deixei cair uma caixa inteira de potes de manteiga de amendoim Reese's; uma flor de Lego Enrolados; e uma foto minha emoldurada e autografada com Dale Thunderman. É, eu fui atrás do homem.

Kian e eu fomos à emissora de notícias ontem e esperamos seis horas para vê-lo. Prometi a Kian que visitaríamos o abrigo de animais depois para encontrar um gato para ele. Quando finalmente chegamos, Dale Thunderman estava todo penteado, dentes brancos e brilhantes e uma voz que tenho certeza que narraria um dos romances da Summer. É por isso que Sierra o observa? Estou com ciúmes de um meteorologista de meia-idade? Para minha consternação, o homem era encantador como o diabo. Quando contei a ele que minha namorada é fã, ele disse que ouve isso o tempo todo e tirou uma foto alegremente. Tenho quase certeza de que Kian está a fim

dele agora. Foi por isso que ele tirou uma foto e pediu para gravar um vídeo.

Não sei se Sierra já viu, porque ela mandou uma mensagem dizendo que ia para a casa dos pais. Precisei de todas as minhas forças para não dirigir direto para lá, mas a mãe dela mandou uma mensagem dizendo que ela estava bem.

Além de tudo isso, hoje à noite é a renovação dos votos. O smoking que meu pai entregou durante a visita está na minha cama, aguardando pacientemente minha decisão.

Meu cabelo ainda está úmido do banho, então passo uma toalha nele. Está comprido agora, com cachos nas pontas mesmo quando tento prendê-lo. O comprimento me lembra o do meu pai. Minha mãe brincava dizendo que era a guia perfeita e ele abaixava a cabeça na altura dela, deixando-a guiar o caminho para qualquer canto da casa em que ela quisesse que ele consertasse alguma coisa. Se eu não fosse tão ciumenta, provavelmente ainda acreditaria que ele construiu nossa primeira casa para minha mãe com as próprias mãos. A mesma casa em que cresci, aquela com as alturas do Kian e as minhas pregadas no batente da porta do quarto.

Um lembrete toca no meu celular, que fica no criado-mudo, interrompendo meus pensamentos. Ainda não respondi à mensagem de Ada perguntando se mudei de ideia sobre esta noite. Fico ali, presa na indecisão, olhando para o meu reflexo no espelho de corpo inteiro. As palavras da minha mãe ecoam na minha mente, dando-me o empurrão final de que preciso. Assim que abotoo a camisa branca impecável, alguém bate à minha porta.

"É?"

Kian espreita primeiro, seus olhos percorrendo o quarto antes de abrir a porta. Aiden e Summer seguem atrás, vestidos com suas melhores roupas para o evento, mas com um ar de incerteza. Meus amigos não dizem uma palavra enquanto entram. Os três se acomodam na beira da minha cama, seus corpos refletidos no espelho.

"Não é um funeral", eu digo.

"Não é justo que vocês tenham que ir depois de tudo que ele fez vocês passarem", responde Kian, afrouxando a gravata com a mão inquieta, seus olhos se voltando para o celular pela terceira vez.

"Tudo bem. Vou pela minha mãe." Minha voz vacila, traindo minha incerteza. Estar lá pode pesar ainda mais no coração já frágil da minha mãe,

porque sei que não serei capaz de esconder o que estou pensando.

Quando meus pais enviaram os convites, não demorou muito para que meus amigos descobrissem por que eu estava com um humor tão sombrio. Eu tinha dito ao meu pai para não fazer disso um grande alarde, mas é claro que Darragh Donovan não faz nada pequeno. Principalmente quando o que ele está tentando esconder é muito maior.

"Você ainda pode cair fora. Vamos fazer outra coisa", diz Aiden, com a voz cautelosa. Ele está me dando uma saída que não vou me permitir.

"Preciso fazer isso", digo, embora não tenha certeza se é por mim ou pela minha mãe. Aquela carta ainda está me incomodando, e quase consigo ouvir a voz dela na minha cabeça. Está me deixando louca, e preciso que acabe. Quero que tudo isso pare.

"Podemos comer fast food e fazer um karaokê", sugere Summer.

Kian ri enquanto guarda o celular com uma atitude mais otimista. "Eu ia sugerir que ficássemos bêbados, mas a ideia da Sunny também é ótima."

Summer o acerta com a bolsa, e Aiden lhe lança um olhar de desaprovação. A menção ao álcool parece deixá-los nervosos, mas sei que não tem nada a ver com a substância e muito a ver com a forma como eu costumava usá-la para evitar exatamente isso.

"Obrigada, mas quanto mais cedo acabar, mais cedo eu posso esquecer", digo. "E ainda podemos beber todo o champanhe no open bar."

"Claro que podemos", afirma Kian, entusiasmado.

Enquanto visto o paletó do meu smoking, cada um deles me dá um tapinha reconfortante nas costas antes de sair do quarto. A última coisa na minha cama é a minha gravata borboleta, e eu a atrapalho enquanto tento prendê-la no pescoço e por baixo da gola da minha camisa. Depois de duas tentativas frustradas, enfio-a no bolso, pego as chaves do carro e vou para a porta.

Meus amigos ainda estão lá dentro quando saio pela porta da frente, ocupados verificando o fogão e qualquer outra coisa deixada sem supervisão enquanto desço os degraus da varanda. Estou prestes a destrancar as portas do meu Range Rover quando a visão vermelha na entrada da garagem me chama a atenção.

Sierra está lá, seu cabelo preto impecavelmente penteado em um coque baixo, com duas mechas emoldurando seu rosto. O calor de sua pele contrasta com o vermelho intenso de seus lábios carnudos. Seu vestido vermelho combinando, com alças finas que destacam suas clavículas,

abraça seu corpo em todos os lugares certos e termina logo abaixo dos tornozelos. Saltos pretos a elevam alguns centímetros, deixando-a quase tão alta quanto seus patins costumam ficar.

"Você chegou", eu digo.

"Ouvi dizer que você precisava de um encontro", ela responde suavemente.

Nesse momento, minhas amigas descem ruidosamente os degraus. O olhar de Sierra as segue com um toque de apreensão e, embora sutil, noto sua ligeira retirada enquanto elas se reúnem atrás de mim.

Kian murmura "finalmente" baixinho antes de guardar o celular de volta no bolso.

"Vamos na minha caminhonete", diz Aiden, pegando delicadamente o braço que Summer estava usando para empurrá-lo e a conduz até sua caminhonete.

Em quatro passos lentos, diminuo a distância entre Sierra e eu até que as pontas dos meus sapatos tocam as dela. Seu aroma de cereja me envolve. "Você parece...", minha voz se perde, sem conseguir encontrar as palavras.

"Fácil?", brinca Sierra, com a incerteza diminuindo um pouco.

Um peso sai dos meus ombros. "Eu ia dizer gostosa."

Ela levanta uma sobrancelha.

"E linda." Meus olhos percorrem seu vestido e depois voltam para seu rosto. "E perfeita."

Seu sorriso faz as maçãs do seu rosto se elevarem, e engulo em seco para não dizer algo que pode ser muito inapropriado para a nossa fase de "ir com calma".

"Sem gravata borboleta?", ela pergunta.

Dou de ombros, mas ela deve ter lido algo em meu rosto, porque sua mão mergulha no meu bolso. As pontas sedosas da gravata borboleta preta escorregam entre seus dedos enquanto ela desliza as mãos pelo meu peito para levantar a gola da minha camisa. Nossos olhares se encontram, e eu consigo ouvir minha pulsação nos ouvidos. Sinto sua falta. Me livre do meu sofrimento. Deixe-me ser tudo para você, quero dizer enquanto ela a coloca em volta do meu pescoço, alinhando as pontas.

"Quando eu tinha doze anos", ela começa, "fiz um show beneficente, e meu programa curto foi para 'Circus', da Britney Spears. Eu me recusei a usar gravata borboleta de clipe, então fiquei muito boa em amarrar essas coisas."

"Eu pagaria um bom dinheiro para ver isso."

Sierra enrola a gravata com maestria. "Fique por aqui e talvez eu te mostre de graça."

Eu acaricio sua bochecha. "Eu pretendo."

Seu olhar esmeralda encontra o meu, e eu sei que ela está interpretando as palavras como elas são. Uma promessa. Então, quando não aguento mais a adrenalina de estar tão perto dela, me inclino para saborear seus lábios vermelhos, mas a buzina irritante de um carro me impede no meio do caminho.

"O que há de errado com você?" Ouço Summer sibilar irritada assim que as janelas da caminhonete se abrem. Aiden aperta a ponta do nariz, claramente tentando conter uma dor de cabeça, enquanto Kian se inclina para a janela do motorista, a suave música country ecoando.

"Desculpe interromper, mas precisamos de informações. Estou morrendo de fome", diz Kian.

Se olhares matassem, o que estou enviando a ele agora resolveria, embora Kian não se importe nem um pouco. Mas quando Sierra ri, um riso verdadeiro e descontrolado, nada mais importa. Seus dentes brancos contrastam com seus lábios vermelhos enquanto ela sorri tão brilhantemente que não consigo deixar de imitar sua expressão.

"Deveríamos ir antes que o Kian coma seus amigos", diz ela com um leve tremor.

Tiro meu casaco, envolvendo-a antes que ela possa protestar. Ajudo-a a entrar no carro antes de correr para o lado do motorista. Ao sair, a caminhonete do Aiden me segue de perto. Entrego meu celular para Sierra, e ela se acomoda na playlist que fiz para ela semanas atrás.

QUARENTA E QUATRO

SIERRA

UMA OLHADA para aqueles olhos castanho-âmbar e o sorriso que ele reserva só para mim, e estou perdida. Toda a ansiedade valeu a pena. Eu preferiria me afogar a fazer deste dia algo sobre isso e não sobre o Dylan. Porque quando conheci o Dylan, ele não invadiu minha mente e tentou estrangular minha ansiedade. Ele a acalmou com o toque mais gentil e a tratou como qualquer outra emoção em minha mente, com pura gentileza.

Então, quando Kian ligou para me lembrar da renovação dos votos e de que eu tinha que comparecer ou perderia a honra de ser a terceira madrinha da sua nova gata, não discuti. Embora nenhuma parte de mim tenha esquecido a expressão no rosto de Dylan depois de ler a carta da mãe dele. Eu queria estar lá para ele como namorada, mesmo que eu ainda estivesse irritada pra caramba com ele por ter desistido do hóquei sem me avisar.

Quando chegamos ao local ao ar livre em Manhattan, montado com tendas transparentes e luzes de fada, dou um último aperto na mão de Dylan na minha coxa. Ele sai do carro, mas antes mesmo de conseguir fechá-lo, Kian já está abrindo minha porta.

"Obrigada por vir", ele diz enquanto eu seguro sua mão e ele me ajuda a sair do carro.

"Obrigada pela culpa", eu digo.

Kian fica tenso. Provavelmente se lembrando de como ele disse que, se eu não fosse, eu seria uma péssima parceira de patinação. Ele estava certo. "Desculpe se te fiz sentir..."

"Não, você tinha razão. Eu precisava de um choque de realidade. Só estou surpreso que você tenha tido essa capacidade."

"Disseram-me que sou especialista em persuasão."

Dylan contorna o carro e lança um olhar irritado para o melhor amigo. Kian me puxa para um abraço apertado e depois se afasta, com o cascalho estalando sob seus sapatos. Faço menção de devolver o paletó do smoking a Dylan, mas ele balança a cabeça. Suspiro, revirando os olhos sem muita convicção.

"Sinto muito por ele", diz Dylan, fechando a porta do meu carro e trancando-a.

"Não se preocupe. Eu devo a ele. Ele faria qualquer coisa por você, sabia? Pessoas assim não aparecem com frequência."

"Eu sei." Por um momento, sua mão se levanta, como se fosse me tocar, mas vacila. Seus dedos recuam, e a hesitação paira no ar. Como se ele estivesse se lembrando de como paramos da última vez que o vi. Mas seus olhos o traem. Porque ele me olha do mesmo jeito que olha no gelo — boquiaberto.

Lá dentro, os aperitivos flutuam pelo salão, e ficamos em pé perto de uma mesa distante. Cumprimentamos a irmã de Dylan, Ada. Ela sorri radiante ao me ver e dá uma cotovelada em Dylan, que apenas lhe dá um sorriso forçado. Os pais dele estão alguns assentos adiante, com homens que presumo serem seus tios e amigos dos pais. Não consigo deixar de notar que não há ninguém ali que pareça conhecer a mãe dele. Ela fica parada em silêncio ao lado do pai, como se fosse um cúmplice.

"Você está bem?", pergunto a Dylan, que está tomando a mesma taça de champanhe.

"Olha só para ela, está péssima", ele cospe, com o olhar fixo na mãe. Ela se aproxima do marido, apenas para ser empurrada para longe. A expressão em seu rosto me corta o peito e tem um efeito ainda pior em Dylan.

Ada toca seu ombro, mas ele se afasta. "Foi uma péssima ideia." Seu movimento apressado faz as taças de champanhe vazias caírem na mesa.

"Vamos embora", diz Aiden no momento em que todos concordam. Dylan balança a cabeça, a raiva irradiando de um jeito que eu só vi de relance em seu jogo de hóquei. Eu me aproximo, meu coração martelando contra as costelas. Quando estendo a mão para ele, espero que ele saiba que eu o apoiaria assim como ele me apoia.

Dou o último passo, minha mão deslizando suavemente sobre seu punho, e seus dedos firmemente curvados se soltam. Seu olhar é questionador, culpado e, de certa forma, preocupado. Mas então ele abre a mão e entrelaça os dedos com os meus. O alívio alivia a tensão em meu corpo. A

expiração que sai dos meus lábios não é intencional, mas ele a vê exatamente como é: um momento de vulnerabilidade.

Mas então ele olha para onde sua mãe o observa e se afasta. Ada cruza meu olhar, e eu lhe dou um sorriso tranquilizador, mas ela não acredita.

Dylan se levanta abruptamente. Ele deve ter visto a expressão no meu rosto, porque beija minha testa. "Eu só preciso de um segundo a sós, querida."

E por mais que eu não queira, eu o deixo ir. Quanto mais ele anda, mais ele puxa a corda no meu peito que parece conectada ao dele, e um peso ansioso desaba no meu estômago. Observo suas costas até que ele desapareça, e não percebo quanto tempo o encaro até que uma mão quente toca a minha.

Leyla Donovan me observa com um calor maternal.

Seu vestido branco envolve seu corpo como uma silhueta, e suas mangas de renda se abrem. Ela é deslumbrante. Um pouco frágil agora, mas sei que, se voltássemos no tempo, seria difícil desviar o olhar dela.

"Com o jeito que meu filho estava olhando para você, eu sabia que tinha que vir dizer oi." Ela segura minha mão, com a palma para cima, seu olhar a percorrendo, e levo um momento até que eu veja o que ela está olhando.

"Não é uma tatuagem", deixo escapar. "Só algo que Dylan desenhou na minha mão. É bobo."

"Não, não é bobo." Ela sorri, tocando o pequeno rosto sorridente desenhado na minha palma. "Ele costumava desenhar a mesma coisa na minha mão."

Eu pisco. "Ele fez?"

“Eu tinha o hábito de cerrar os punhos quando ficava chateado. Às vezes, com um pouco de força demais, minhas unhas deixavam marcas de sangue nas palmas das mãos. Dylan era jovem e devia ter ficado magoado ao ver alguém que amava se machucar, então, um dia, ele veio até mim com uma caneta e eu o vi traçar uma carinha sorridente no centro da minha palma. Ele dizia: ‘É para a próxima vez que você esquecer que está se machucando ao cravar as unhas nas palmas. Você vai machucá-lo também.’”

Meu coração parece ter sido perfurado por uma das minhas costelas. Minha palma de repente parece mais pesada do que nunca, e sinto vontade de tatuar aquela maldita coisa na palma da minha mão.

Olho para ela, atordoado. “Eu não fazia ideia.”

“Você é a patinadora artística, né? Sierra. Eu vi vocês duas na TV.”

“Você assistiu à nossa apresentação?”

Ela assente novamente e me encara como se estivesse lendo minha alma. Não ouso me mexer. "Cuide dele, Sierra. Ele será bom para você. Eu prometo."

Leyla se afasta, com o vestido esvoaçando atrás dela. Ela fica ao lado do pai de Dylan, mas ele não se dá ao trabalho de cumprimentá-la enquanto conversa com seus convidados.

Quando o tempo se aproxima das oito, todos se dirigem para a área de estar perto do altar. Já se passaram dezoito minutos desde que Dylan foi embora, e estou ficando mais ansiosa a cada segundo. Mas quando estou prestes a ligar para o telefone dele novamente, ele vem se sentar ao meu lado.

A perna de Dylan está tremendo. Quando pressiono minha palma na dele, ele a aperta com tanta força que chega a doer, mas não tenho coragem de dizer. Aiden, Summer e Kian estão logo atrás de nós e, de vez em quando, dão tapinhas em seu ombro em uma silenciosa demonstração de apoio.

Ada está sentada do outro lado de Dylan, e ela parece tão desconfortável quanto ele. Ela ficou brincando com a bainha do vestido de seda o tempo todo. Então, quando o piano toca, nós enrijecemos. É então que vejo Darragh completamente e noto que seu cabelo loiro e olhos azuis contrastam fortemente com os de Dylan, mas são quase idênticos em todos os outros aspectos. O homem tem os mesmos ombros largos, queixo forte e nariz aquilino. Acho que o pai dele é apenas alguns centímetros mais baixo. Olhos azuis frios e penetrantes nos encontram, e ele olha para Dylan, que o ignora, depois para mim, e eu meio que quero me encolher até virar um grão de poeira, mas também mostrar o dedo do meio para ele.

"Você está bem?", sussurro quando o aperto de Dylan aumenta. "Porque eu posso ou não ter uma mão que funcione depois disso."

Como se minha voz fosse a única coisa que penetrasse seus pensamentos, ele afrouxa o aperto imediatamente. "Desculpe, querida. Eu não percebi." Ele beija minha mão, acalmando a vermelhidão. As palavras da mãe dele voltam à minha mente.

"Eu provavelmente mereço, considerando quantas vezes quase quebrei sua mão no beijo e no choro."

Dylan exala um suspiro divertido, como se estivesse tentando estar presente comigo, mas não conseguisse esquecer onde estamos agora. Ele

acalma a mão sobre a minha, tão gentilmente que sinto mais do que quando ele a apertou. "Você jamais mereceria qualquer tipo de dor, Sierra."

"Nem você." Nos observamos por tanto tempo que quase não ouço o piano tocando novamente. Mas Dylan ouve, porque sua perna começa a tremer e, quando ele se vira para olhar para a mãe, congela.

O olhar dela não procura o marido. Ela encontra Dylan primeiro. Seus lábios se erguem em um sorriso quase exultante, mas então Dylan abaixa o olhar novamente, e é como se algo a atingisse.

Quando Leyla chega ao fim do corredor, seu pai sorri suavemente, segurando suas mãos. Ela nem olha para ele. Seus olhos estão fixos em Dylan, mas ele não a encara. Os segundos se arrastam enquanto a voz do pastor continua monótona.

E então, sem aviso, Dylan solta minha mão. Antes que eu possa reagir, ele está andando — direto na direção do pai. Os caras xingam atrás de mim.

"Você está feliz agora?", pergunta Dylan ao pai, interrompendo o pastor.

O lugar inteiro fica em um silêncio ensurdecedor, e os convidados assistem à cena como se fosse uma novela. Me irrita que eles fiquem ali assistindo a alguém que está claramente sofrendo, como se ele fosse o problema. Ada se levanta do seu assento para ficar ao lado do irmão.

"Dylan", repreende a mãe dele.

"Vocês são iguais a ele. Vocês dois fazem de tudo para manter essa farsa de casal perfeito, mas vocês estão morando naquele apartamento trancados enquanto ele vai e transa com quem quiser."

"Chega!", grita o pai dele.

"Foda-se. Você", cospe Dylan. É quando seus amigos começam a se aproximar dele, e mesmo quando ele os empurra, eles não desistem. O pai dele começa a falar coisas sobre a bebida dele, sobre a impulsividade dele, mas Dylan se solta dos amigos.

"Você se acha melhor do que eu?" O pai continua com uma risada irônica. "Olha só para você. Olha para o rosto da sua mãe, dos seus amigos, da sua namorada — o medo nos olhos deles. Você é tão ruim quanto eu..."

É quando Dylan acerta um soco bem no queixo do pai.

Há um suspiro coletivo que ressoa na barraca, o mais alto vindo da mãe dele, que cai de joelhos ao lado do marido, que cospe sangue do lábio machucado.

Mas desta vez, quando os caras puxam Dylan para longe, ele deixa. Ver a mãe o tira da raiva, como se só agora ele tivesse percebido o que está

fazendo.

Ele percebe meu olhar arregalado e desvia o olhar tão rápido quanto parece, como se não aguentasse mais.

Sigo os amigos dele em direção ao estacionamento. Ada está ao seu lado, e ele diz que a levará para casa, mas ela se recusa, dizendo que precisa ficar com a mãe. Dylan engole em seco e, relutante, se afasta do abraço para deixá-la voltar para dentro.

"Eu dirijo o carro dele", diz Aiden.

A viagem de volta para casa é marcada por uma mistura pesada de compaixão e tensão. Quando estendo a mão para Dylan no banco do passageiro, ele não retribui o toque. Ele simplesmente se move, fazendo com que minha mão escorregue do seu ombro. Summer imediatamente coloca a palma da mão sobre a minha, e mesmo enquanto lhe dou um sorriso tranquilizador, algo se estilhaça em meu peito.

Quando entramos na garagem, saímos rapidamente para o ar frio da noite, mas assim que Kian estaciona atrás de nós, há algo áspero que se instala no ar. Quando estendo a mão para pegar a de Dylan, ele se afasta.

Meu coração afunda no cimento.

"Você deveria ir para casa, Sierra."

Uma dor abre meu peito. Achei que estava em casa.

"Não era isso que você queria. Você queria as coisas devagar, certo?", ele diz, com o maxilar tenso. “Jurei que nunca seria como ele. Estou tentando ser diferente, alguém melhor para você. Mas o cara violento e agressivo que você viu hoje à noite e que todo mundo viu no gelo? É quem eu sou. É o seu namorado.”

“Não, não é”, argumento. “Você não é nada disso. Você não é nada como o seu pai. Seja lá o que você ache que eu deva fazer, eu digo não. Não vou te deixar.” Ele achou que eu tinha medo dele? Mesmo agora, com o cabelo todo despenteado e os olhos vermelhos, ele parece devastadoramente jovem. Meu coração dispara, e percebo que não vou aguentar se ele não me quiser aqui.

“Eu não deveria ter te pedido para vir”, ele diz, arrependido.

“Você não pediu. Eu vim porque vou aonde você for. Eu conheço o seu verdadeiro eu e vou ficar por ele.” Quero que ele saiba que estou aqui por essa versão dele também. Estou aqui para todas as versões.

"Você quer ficar?", ele pergunta. "Depois de ver toda aquela merda? Minha família fodida?"

"Da última vez que verifiquei, você não me diz o que fazer, Donovan. Apenas me deixe cuidar de você como você cuida de mim, pelo menos uma vez."

Algo se quebra dentro dele com minhas palavras. Seus ombros caem para dentro em uma rendição silenciosa. No escuro, seus olhos não demonstram a raiva de antes, apenas algo dolorosamente vulnerável.

"Eu nunca quis que você me visse assim", ele admite.

"Escute", eu digo, segurando seu rosto entre as mãos. "Você é o homem mais doce que eu conheço, e qualquer um que pense o contrário que vá se foder. E acredite, se você não tivesse colocado seu pai no lugar dele, eu teria."

Dylan dá uma risadinha cansada, acariciando meu rosto com tanta delicadeza que um arrepio me percorre. "Posso te beijar agora ou ainda estamos indo devagar?"

Suspiro. "Nada nunca foi devagar com você, Donovan. Você praticamente garantiu que isso seria impossível. Mas isso não significa que você esteja livre. Mesmo que tenha me conseguido aquele autógrafo do Dale Thunderman."

"Vou me humilhar pelo tempo que você quiser." Dylan me beija como se estivesse experimentando os sabores de um arco-íris. Tenho quase certeza de que meus pés deixam o chão. E percebo que é verdade quando ele me carrega para dentro de casa.

Lá dentro, seus amigos estão sentados em silêncio na sala de estar, casacos jogados nos sofás e gravatas desfeitas. Summer é a primeira a abraçar Dylan, e então os rapazes o cercam. Observo como ele tem mais família aqui do que naquela festa.

Ele parece exausto quando se afasta e, com a mão estendida em minha direção, eu a pego e o sigo até o quarto. Ajudo Dylan a desabotoar a camisa e ele me ajuda a tirar o vestido.

"Você é a melhor coisa da minha vida", ele sussurra contra minha têmpora quando estamos na cama. E se você ainda está em dúvida, quero que saiba que seus sonhos são tanto para mim quanto para você. Quero ver você vencer, em cada pódio, provando que é tudo o que imaginou. Sou sua maior fã e sua maior apoiadora. Você está destinada à grandeza e quero que conquiste tudo isso comigo ao seu lado. É você ou nada para mim. Eu te amo mais do que você jamais saberá.

Todo o peso no meu cérebro e no meu corpo me forçou a afastar o amor quando era a única coisa que eu desejava. É como se o caos na minha cabeça fosse onde eu queria ficar, mesmo quando fica insuportável. Mas acho que sempre pensei que era mais fácil ficar presa do que deixar alguém ver todas as rachaduras.

Mas desta vez, não vou deixar isso acontecer. Não deixo esse instinto tomar conta. Porque o jeito que Dylan me ama me faz querer me amar pela primeira vez.

QUARENTA E CINCO

DYLAN

A NOITE PASSADA PARECIA pesada e insuportável, mas com Sierra ali, não me abalou. Eu nunca a quis perto de nada disso ou que visse esse meu lado. Mas ela estava parada na minha garagem, teimosa pra caramba, recusando-se a ir embora. Eu conheço essa garota de dentro para fora, mas ela ainda tem o poder de me quebrar tão facilmente.

Sierra acorda e eu sou recebido com minha kriptonita pessoal. Segundos se passam antes que ela se pressione contra o colchão e diga meu nome, do jeito que eu gosto. Ela me observa enquanto beijo sua barriga e sua cicatriz. Uma ideia me vem à cabeça — algo que eu esperava, rezava pra caralho, para tentar com ela se a tivesse debaixo de mim novamente.

"Quero que você diga sim para mim", eu digo.

Sierra inclina a cabeça. "Para quê?"

"Quero que você tente uma coisa. Você confia em mim?" De repente, estou desesperado para ouvir a resposta.

"Sempre", ela diz com naturalidade. Então, como se sentisse que eu precisava, sua mão pressiona meu queixo. "Meu corpo não parece doer quando estou com você. É quase como se seus beijos fizessem minhas cicatrizes desaparecerem."

É aí que penso que poderia amar essa garota para sempre se ela deixasse.

Antes que eu possa me questionar, vou até a gaveta mais distante e, antes que ela perceba, coloco uma venda em seus olhos. Sua respiração fica ofegante e eu juro que meu coração dispara. "Se não estiver certo, me diga, e pronto. Sem perguntas."

Espero um instante e estou prestes a tirá-lo, mas então ela sorri. "Eu gosto."

As palavras comprimem minhas malditas vias aéreas. Já fiz isso antes com palavras de segurança estabelecidas, mas com Sierra eu não arriscaria que ela não as usasse só para me dar prazer. Quando estou com ela, tudo o que quero é desvendar seu prazer, sentir cada gemido e arrepio sob meu toque. É isso que me excita. "Se for demais, diga Dale."

Ela ri. "Eu sei que estou segura com você, Dylan."

"Mas você vai usar se precisar?"

"Sim. Agora, por favor, me toque?"

"Sempre tão educada quando precisa de mim, né?" Eu a beijo e me ajoelho, acariciando suas pernas fortes ao longo do caminho.

"O-o que você está fazendo?", ela pergunta, voltando para o colchão.

"Eu fui má." Minha voz ressoa contra sua pele macia. "E eu quero provar a você que posso ser boa."

"Dylan", ela praticamente geme, com o peito arfando, mas eu já estou levantando sua camiseta. Sua calcinha preta é quase um pedaço, e eu tenho vontade de rasgá-la com os dentes. Mas estou sendo boazinha agora.

"Você me deixa ser boazinha para você, gata? Por favor?"

Sierra faz um som ofegante. "Sim."

Eu puxo para baixo o pedaço molhado de calcinha. "Me diga o que fazer."

Ela apenas respira no começo, e quando aperto suas pernas com mais força, ela ofega. "Eu quero que você me faça gozar."

Eu beijo a parte interna de sua coxa. "Mais alguma coisa?"

"Eu..." Ela ofega quando pressiono meus lábios sobre seu clitóris.

"O que foi isso?", pergunto.

"Dylan, por favor."

"Eu sei, gata." Coloco uma de suas pernas no meu ombro. "Mas eu quero que você peça." Minha respiração arrepia sua pele, e ela estremece. Faço de novo.

"Quero que você me foda", diz ela, ofegante, claramente excitada pela mais leve sensação.

"Foi tão difícil assim?", pergunto, e mesmo com os olhos vendados, sei que ela está revirando os olhos.

Os peitos dela estão tão perto que me sinto desesperado para prová-los. Provavelmente fodê-los também.

"Você vai só olhar ou vai fazer alguma coisa?", ela diz com toda aquela atitude de merda.

Mal posso esperar para fazê-la implorar. Mas então ela desliza os dedos pela barriga até os seios, apertando e gemendo, e acho que desmaio.

Meu toque é lento, deliberado, minucioso. O centro quente entre suas pernas se contrai quando meus dedos roçam a umidade. O pequeno grito de surpresa que ela solta só faz uma faísca percorrer minha espinha. Levanto a outra perna dela por cima do meu ombro, puxando-a para frente para que ela esteja exatamente onde preciso. Nem comecei, e suas pernas já estão tremendo.

"Relaxa, querida", sussurro contra sua coxa, observando-a tremer. Ver cada reação dela a mim é minha coisa favorita. Acho que nunca amei nada mais.

Com as duas pernas dela em meus ombros e minhas mãos em sua cintura, eu a levanto. Sierra agarra meu cabelo com tanta força que arde. Ela já foi levantada por mim tantas vezes, mas agora, ela está tremendo. Quando suas costas batem na parede, ela ofega. Agarro suas coxas e sinto seu gosto, bem ali, contra a parede. Ela joga a cabeça para trás e esfrega a boceta contra meu rosto, cavalgando, buscando o prazer.

Estou no paraíso, tenho certeza.

Seu calcanhar crava nas minhas costas e, quando suas pernas começam a tremer, sei que ela está perto. É quando enfio dois dedos dentro dela e sinto seu orgasmo na minha boca.

É doce como cerejas.

De volta à cama, abaixo minha cueca. Coloco um travesseiro sob suas costas e pressiono a mão em seu umbigo antes de deslizar para dentro dela, lenta e controladamente. Observo-me transando com ela, ouvindo seus gritos de prazer e a maneira como sua mão aperta meu pulso.

"Preciso te ver", ela suspira.

Inclino-me para frente, penetrando com força, tirando a venda e vendo suas pupilas dilatadas, quase completamente pretas. Ela agarra meu rosto antes mesmo de se orientar e me beija. Sierra não se contém. Os sons que ela emite são pornográficos pra caralho, e eu mal consigo me conter para não gozar naquele momento. Tento ao máximo mantê-la gemendo por mim o máximo possível e, no final, quando gozo, estou beijando "eu te amo" na pele dela.

"Você ainda fala sério?", ela pergunta de repente. "Que você me ama?"

"Sempre."

"Tem certeza?"

Quase rio. "Deixa eu te ajudar a entender, Sierra." Seu lábio inferior treme como se o jeito que eu a olhava fosse demais.

"A primeira vez que te vi de verdade foi quando você estava fazendo algo que ama. Ver você naquele gelo, como uma nuvem de fumaça, tão rápida e confiante, foi tudo. Quando olho para você, é isso que vejo. A garota talentosa e determinada que lutou para voltar ao seu lugar e garantiu que todos soubessem disso. Você é gentil, carinhosa e gentil, mesmo que não pense que é. Eu te amo pela maneira como você guarda seu coração. Eu te amo por todas as vezes que você me retrucou. Eu te amo por nunca recuar. Eu te amo em todas as vezes em que você parece não conseguir recuperar o fôlego e em cada contratempo no gelo."

"E você quer patinar comigo?"

Eu sorrio. "Quero fazer muito mais do que apenas patinar com você, Sierra."

"Você está falando sério? Porque eu não sou legal. Penso demais. Às vezes mal consigo respirar sozinha. E se não estou patinando, passo muito tempo assistindo Dale Thunderman e tricotando itens essenciais de inverno."

"Bem, você está patinando comigo. Deixe-me pensar, para que você possa respirar. E eu me apeguei bastante ao Dale e às luvas. É só isso?"

"Provavelmente não", ela murmura.

"Me dê tudo o que você tem, Sierra, e eu te mostro o quanto eu carregaria por você."

Desta vez, quando uma lágrima cai no rosto de Sierra, ela não a enxuga. "Eu sei que pode parecer que eu não me importo tanto quanto você", diz ela com uma voz suave. Uma voz que eu quase nunca a ouço falar. Prefiro quando Sierra fala alto e sem se desculpar. Eu gosto dela exatamente do jeito que ela é. Sem emendas. "Mas eu me importo se você estiver machucada. Eu me importo se você sentir que estou te afastando. Eu me importo muito."

"Eu sei, querida."

"Você se importa? Porque eu sei que você diz que gosta que eu possa ser meio má, mas não vou me sentir bem se isso te machucar."

Meu Deus, eu amo essa garota. "Só você, Sierra. É tudo o que eu quero."

"Eu sei que não respondi. Acredite, eu sei que isso me torna uma péssima namorada, mas eu prometo..."

"Não." Seguro seu rosto entre as mãos. "Eu gosto de você exatamente como você é. Coração reservado e palavras reservadas. Não há limite de tempo entre nós."

"Mas eu odiaria que você pensasse que eu não estou nisso tanto quanto você. Eu estou."

"Eu sei disso. Você nunca precisa me provar nada, Sierra. Deixe que eu seja a única a baixar a sua guarda." Pego a mão dela e a pressiono sobre meu coração pulsante. Aquele que a acompanha desde o primeiro momento em que a vi.

Para mim, o amor não é algo que se encaixa em uma caixa. Eu não a amo do mesmo jeito que amo meus pais. Esse amor é complicado, quebrado e emaranhado em velhas feridas, preso por condições não ditas. O amor que compartilho com meus amigos é fácil, incondicional e cheio de carinho. Mas o amor que sinto por Sierra é diferente. É o ritmo do meu coração, o ar que respiro — é o amor que tenho mais perto. É simples, nunca fragmentado, e vem com apenas uma condição: eu a amarei enquanto ela me deixar, e provavelmente para sempre depois disso — mesmo que ela não sinta o mesmo. Esse amor não se resume a beijos, mãos dadas ou mesmo sexo. É algo mais profundo, algo que vive em meus ossos, conquistado pelo que faço, não apenas pelo que digo.

Sierra se aconchega em mim como se eu fosse algo seguro. "Tenho medo de que tudo isso seja um sonho, que em breve eu abra os olhos e você não esteja mais aqui."

Eu afasto um fio macio de sua bochecha. "Se você quiser que eu fique aqui todos os dias e diga repetidamente que me importo, que tenho orgulho de você, que jamais poderia te ver sofrer e que seus sonhos se tornaram meus sonhos porque você os sente tão puramente, eu direi. Direi tão alto ou tão suavemente quanto você quiser." Meus nós dos dedos roçam seu queixo. "Com quantos beijos você quiser." Inclino-me para pressionar suavemente meus lábios nos dela. "Com quantos abraços você precisar." Eu a envolvo em meus braços. "Com cada palavra que eu puder pensar. É tudo para você, Sierra."

PATRULHA COELHINHA Aiden Crawford: É melhor vocês irem para o carnaval da Summer. Kian Ishida: É hoje? Dylan Donovan: Ah, merda, estou ocupado. Cole Carter: Quando você não está ocupado é a verdadeira questão. Sebastian Hayes: Já que estamos no assunto, eu

gostaria de ficar com o antigo quarto do Eli. Kian Ishida: Não estamos no assunto. Dylan Donovan: Pare de reclamar, Seb. Nossa parede compartilhada não é tão fina. Sebastian Hayes: Confie em mim, é. Eli Westbrook: Fique com o meu quarto. Kian Ishida: De jeito nenhum! Não ouse tocar nele. Retire isso, Eli! Sebastian Hayes: Seu babaca sentimental. 🖕 Kian Ishida: 🫶 Aiden Crawford: Alô? O carnaval da Summer. Não perca, porra. Kian Ishida: Sim, sim, Capitão. Dylan Donovan: Sabemos. Ela já nos ameaçou de agressão física se esquecêssemos.

"Você nunca teve um encontro antes?", pergunta Sierra.

Eu a ajudo a sair do carro. "Nunca."

"Eu também não", ela diz, e eu a encaro. "Quer dizer, um daqueles encontros clássicos. Um parque de diversões é o perfeito. Eu até ganho um dos bichos de pelúcia para você."

"Acho que eu deveria ganhar por você", eu digo.

"Não se eu ganhar de você." Então Sierra aponta para a roda-gigante. "Temos que ir lá."

"Eu apoio isso", diz Summer, caminhando até nós. "A roda-gigante dá sorte."

Kian passa o braço pelos ombros de Summer. "Cara, eu adoro esses parques de diversões. A barraca do beijo do semestre passado foi ótima", diz ele.

"Não tínhamos barraca do beijo ano passado. Nunca tivemos uma", ressalta Summer.

"Sério?" Ele coça a cabeça. "Hã."

Quando entramos, a primeira coisa que vemos é Tyler Sampson sentado no tanque de imersão. Solto uma risada. "Como você conseguiu isso?", pergunto a Summer. É meados de novembro, então ninguém se voluntaria para o tanque.

"Ele mereceu, mas, estranhamente, se voluntariou." Imagino que ela tenha descoberto sobre Amara e Sampson. Ele parece estar arrependido de ter ficado com a melhor amiga dela.

Seu olhar está tão intensamente fixo em algum lugar distante que ele mal se incomoda com o frio. Então Amara aparece com uma dúzia de bolas de beisebol em um balde, e tudo faz sentido.

Ela acerta. Oito strikes. "Essa merda é armada!", ela grita.

Summer ri e aproveita a sua vez, mas também erra. Amara geme de frustração.

"Parece que você vai ter que me ver molhada outra hora, querida", provoca Sampson.

"Você não está seguindo em frente, Amara", eu digo. "Levante o cotovelo e contraia o abdômen."

Sampson me mostra o dedo do meio. E assim que eu devolvo, Amara acerta o alvo em cheio, e ele está afundado. Ela comemora, e quando um Sampson encharcado se puxa para fora da água, ele está fervendo. Amara ofega antes de sair correndo. Sampson a persegue com o sorriso mais largo que eu já o vi dar a alguém.

"Acho que eles vão se matar", diz Sierra.

"É por isso que vale a pena", digo, olhando para ela enquanto ela segura meu braço. Caminhamos até uma partida de cesta de basquete. Jogamos três rodadas e empatamos todas as vezes. Em outra barraca, brincamos de caça ao pato, onde usamos rifles de pressão para atirar no alvo em movimento. Ficamos tão competitivos que o calouro que trabalha na barraca implora para que peguemos um bicho de pelúcia e vamos embora para que a longa fila de pessoas possa tentar.

Sierra ri durante todo o caminho até a roda-gigante, dividindo seu churro comigo. Então, quando entramos no carro e subimos até o topo, ela brinca com as tiras do cachecol, evitando contato visual.

"Não me diga que você tem medo de brinquedos de parque de diversões."

Ela ri, seus lindos olhos verdes brilhando. "Não. Bem, tecnicamente, eu tinha medo de altura até você aparecer."

"Então por que você está tão quieta? Você sabe que eu gosto de ouvir a sua voz."

Ela segura meu braço com força, dando o suspiro mais profundo e satisfeito. "Estou feliz. Não quero que isso acabe nunca."

Passo a palma da mão no rosto dela. "Eu posso fazer isso acontecer. Dou uma gorjeta ao motorista do transporte e podemos ficar aqui o tempo que você quiser, querida."

Sierra balança a cabeça com um sorriso divertido. "Quero dizer, com você."

"Vou ficar com você para sempre, Sierra. Não precisa se preocupar com isso." Entrelaço nossos dedos e beijo seus nós dos dedos. Então seus olhos lacrimejam. "Não chore, querida."

Ela funga: "Desculpe... quero dizer, eu nunca senti isso. É como se meu peito fosse explodir."

"Parece uma emergência médica, Romanova", observo.

Sierra dá um tapa forte no meu braço. "Estou tentando dizer que te amo, sua idiota."

Não sei o que pensei que aconteceria quando ouvi essas palavras, mas definitivamente não é perder minhas funções motoras. Não consigo falar, não consigo me mover, mal consigo me lembrar de piscar.

Ela me ama.

Engulo em seco. "É?"

“Tanto que estou meio irritada com você por me fazer de boba emocional. Tudo o que preciso fazer é pensar em você e em quanto esforço você dedica às pessoas sem esperar nada em troca. Você me fez me amar porque faz parecer tão fácil. Eu quero te amar da mesma forma. Quero que você saiba que não precisa ser complicado e bagunçado, nem o que seus pais te fizeram pensar que é. Pode ser assim, só você e eu, aparecendo um para o outro todos os dias. Não importa o que aconteça.”

Minha garganta está apertada quando finalmente falo. “Sei que não tenho muitas primeiras vezes para te dar, mas quero que você seja a minha última. Não importa o que aconteça. Eu também te amo, Sierra.” Ela se vira para me beijar, e eu me afundo no beijo.

Eu a beijo o tempo todo, tempo suficiente para que o operador não diga uma palavra sobre continuarmos. Não sei quantas rodadas levamos, mas quando saímos, Sierra para de repente. Quase a derrubo. Ela atende o telefone e, com um "ok", desliga e fica olhando para ele. Passam-se três minutos inteiros até que suas mãos tremam e ela coloque o camaleão de pelúcia debaixo do braço.

"O que houve?", pergunto, tentando ver quem ligou para ela.

"Foi a Lídia." Ela se vira para mim lentamente. "Justin e Julia estão desclassificados", diz ela. "Acabamos de garantir uma vaga como wild card para o Grande Prêmio da ISU."

Talvez Summer esteja certa, a roda-gigante dá sorte.

QUARENTA E SEIS

SIERRA

É MEIA-NOITE QUANDO cutuco meu namorado para acordá-lo com uma tesoura na mão.

Dylan se mexe, dá um tapinha no espaço vazio ao lado dele e vira a cabeça na minha direção. Ele pisca.

Passamos a última semana treinando para nos preparar para o Grand Prix. Mal consegui dormir desde que descobrimos que somos a nova escolha do anfitrião. Acontece que Julia e Justin estavam se aventurando com um intensificador de desempenho chamado trimetazidina. De alguma forma, eles conseguiram se safar durante toda a temporada, mas quanto mais se aproximavam, mais desesperados ficavam. Justin estava em seu melhor momento desde que me juntei a Dylan depois que ele falhou no teste de drogas, mas agora ele arruinou a carreira dele. Eles estão escondidos desde que a notícia foi divulgada. Mas nada disso importa porque agora somos eu e Dylan no lugar deles, e não vamos estragar tudo.

Durante nosso encontro com Lidia, ficamos surpresos ao vê-la tão animada enquanto delineávamos nosso plano para o Grand Prix. Estamos atuando como Rapunzel e Flynn, mas ajustando nosso último movimento para aumentar as pontuações. Fiz Dylan praticar o novo movimento comigo em um colchão em casa. Isso não durou muito, porque ele rapidamente me prendeu ao chão.

"Eu adoro quando você aponta coisas afiadas para mim", Dylan fala lentamente, com a voz rouca de sono. "Mas eu pensei que você só queria ficar abraçadinho hoje à noite?" A luz do banheiro ilumina o sorriso preguiçoso dele, o calor de suas pálpebras pesadas e o jeito como ele me observa como se eu fosse a única coisa que vale a pena olhar.

Como tive tanta sorte de ser ele quem me encontrou?

Reviro os olhos. "Você pensa em mais alguma coisa?"

"Não quando você está me olhando desse jeito." O olhar de Dylan me percorre, lento e descarado, enquanto ele cruza os braços atrás da cabeça. "Se importa em explicar por que está me ameaçando com uma tesoura? Ou devo estender uma toalha e deixar você fazer o que quiser comigo?"

"Quero que você corte meu cabelo", digo.

Dylan se senta, o edredom se acumulando em sua cintura enquanto ele me puxa para frente. Eu me preparo para hesitar, para uma piada, para um "Tem certeza disso?". Talvez até mesmo um protesto de que ele gosta dele comprido, ou que eu deveria dormir sobre ele.

Em vez disso, ele responde: "Ok".

Sem hesitação. Sem perguntas. Apenas ok. Dylan pega a tesoura e me leva até o banheiro. Meu olhar percorre as linhas largas de suas costas nuas, a forma como sua boxer pende em seus quadris e os músculos de suas coxas.

O banheiro ainda está com vapor do nosso banho. Dylan limpa o espelho e me puxa para frente dele. Já ficamos ali inúmeras vezes antes, mas agora uma sensação de ansiedade me invade o estômago. Suas mãos repousam em cada lado do meu corpo, sobre a bancada de mármore. Sua respiração roça meu pescoço, então ele trilha três beijos lentos pelo meu queixo.

"Quão curto?", ele pergunta, seu peito quente pressionando suavemente minhas costas.

A tesoura de metal no balcão reflete a luz, seu brilho frio fazendo meus dedos tremerem ao lado do corpo, a dúvida se enroscando nas bordas da minha determinação. Uma parte de mim esperava que ele me convencesse a desistir como todo mundo. Da última vez que quis isso, meu parceiro disse que não ficaria apresentável para os jurados.

Lá em cima, o último vinil do Kian canta uma canção de amor melancólica. Encaro meu reflexo, o comprimento do meu cabelo. Parece um peso morto agora. Forço a respiração, me preparando. "Você já cortou cabelo antes?"

Dylan apoia o queixo no meu ombro. "Eu costumava aparar o cabelo da Ada porque ela odiava ir ao salão. Ela dizia que eu era péssima. Mas para você? Vou garantir que fique perfeito. Prometo."

"Só alguns centímetros", decido.

Dylan assente. "Como quiser, querida."

"Você não acha que é demais?" A insegurança transparece na minha voz quando encontro seu olhar no espelho.

"Eu gosto do que você gosta", diz ele, com a voz baixa e rouca. "Além disso, não importa o quão curto você fique, contanto que eu ainda consiga puxá-lo." Ele agarra meu cabelo e dá um leve puxão. Eu o encaro. Ele sorri.

Quando ele desliza o elástico para baixo, percebo que faria isso sem hesitar. Simplesmente porque eu pedi.

Eu me viro para segurar seu pulso antes que ele possa dar o primeiro corte. "Você realmente não vai me impedir?", pergunto, pegando a tesoura. "Isso pode facilmente ser... sei lá, um sinal de psicose ou algo assim."

Dylan se inclina para frente, totalmente imperturbável. "Ainda bem que eu gosto da minha mulher um pouco louca."

Eu empurro seu peito. Ele mal se move, apenas segurando meu pulso para me puxar para mais perto.

Seu olhar se suaviza, derretendo como gelo em um dia quente de verão. "Você não toma decisões impulsivas. Se está pedindo isso, sei que é algo que você queria há algum tempo. E mesmo que seja impulsivo, sou a prova de que essas decisões não são de todo ruins. Você me beijou e veja como isso acabou." Seu sorriso se alarga. "Confie em si mesma, Sierra."

Dylan coloca a mão sobre meu coração, sobre o ritmo selvagem. Como se já soubesse. Pressiono a minha contra seu peito, sincronizando com sua firmeza, me ancorando nele.

Uma inspiração profunda. Um último olhar para ele. Olho para o espelho.

"Curto", decido. "Aqui." Toco logo acima dos ombros antes que eu possa duvidar.

Dylan penteia os fios, os separa com cuidado, ligeiramente descentralizados, e então corta exatamente onde eu apontei. Quando ele me entrega o comprimento cortado do meu cabelo, meus olhos ardem e sinto um pouco de orgulho tomar conta do meu peito. Sou eu, e é novo. Adoro ainda mais quando Dylan levanta meu queixo, com seus olhos suaves e brilhantes, e sussurra "Lindo" contra meus lábios.

JÁ ME ACONCHEGUEI na cama do Dylan com o novo gatinho do Kian — o pobre vira-lata que ele encontrou do lado de fora do Lola's Diner graças aos poderes do sistema de distribuição de gatos — no meu peito quando o Dylan voltou de uma palestra noturna.

Voltei ao dormitório para ver como estava a Scarlett, mas ela não estava lá. Quando mandei uma mensagem, ela prometeu voltar para um jantar tardio.

Agora estou estudando no quarto de Dylan, o brilho suave do abajur iluminando meu livro. Aconchego-me em Whiskers, mas no segundo em que meu namorado entra, a atrevida corre para a beira da cama. Dylan o pega no colo, aconchegando-o contra o peito. Whiskers ronrona e lambe seu rosto. Não posso culpá-lo. Mas desde que Kian descobriu essa novidade, ele vem tentando reconquistar o afeto do gatinho.

"Tentando roubar minha namorada, Whiskers?"

O gato mia em resposta, e Dylan sai do quarto, e eu ouço um alto "Meu bebê! Ele te machucou?" Antes de Dylan retornar, trancando a porta atrás de si.

Ele vem até mim, tirando cuidadosamente meu livro da cama antes de envolver todo o meu corpo com o dele e cantarolar em meu pescoço. Ele não está tão exausto fisicamente quanto estava algumas semanas atrás, mas posso dizer que está mentalmente esgotado. Ele tem se preocupado muito com a mãe nos últimos dias. Quando finalmente desistiu e decidiu ligar para ela, ela não atendeu. Ele está nervoso desde então.

"Um momento de silêncio?", sussurro.

"Um momento de silêncio", diz ele.

Ficamos assim por um tempo. Estou pressionada sob seu peso confortável e ele se mexe para não me esmagar. Quando nos vira, estou em cima dele. Ele coloca uma mecha do meu cabelo recém-cortado atrás da minha orelha. "Oi, querida."

Sorrio como uma idiota.

"Quanto me custaria garantir que você estivesse aqui, na minha cama, toda vez que eu chegasse em casa?", pergunta ele.

"É um preço alto."

"Estou disposto a pagar."

"Não sou um bom negociador", digo. "E é você quem está se formando em administração."

O olhar que ele me lança — o mesmo que vi momentos depois de ele me beijar — me faz abrir um buraco no peito. "Parece que perco a cabeça perto de você."

"Compreensível. Vou pedir para meus advogados entrarem em contato com você, então."

Dylan brinca com as pontas do meu cabelo. "Você notou alguma coisa diferente?"

"Em você?" Eu o observo por um momento. "Seus bíceps estão maiores, e você me levanta com ainda mais facilidade do que antes."

Um sorriso irônico repuxa os cantos de seus lábios; ele está claramente satisfeito. "Fico lisonjeado que você esteja prestando tanta atenção às mudanças no meu corpo, Romanova", diz ele. "Mas, afinal, você notou alguma coisa neste quarto?"

Levanto a cabeça para olhar ao redor. Sua mesa ainda tem o mesmo livro aberto, embora agora virado para uma página diferente. A foto dele e da irmã está no lugar de sempre, enquanto outra foto, nossa, está emoldurada e pendurada na parede.

"Nada?", pergunta ele.

Balanço a cabeça enquanto Dylan se inclina, seu braço passando por mim para apagar o abajur, mergulhando o quarto na escuridão. Embora haja uma pequena centelha de medo que arde sob minhas costelas, tê-lo tão perto faz com que ela se dissipe quase instantaneamente.

Então, um brilho fraco surge na escuridão, ficando mais forte. Olho ao redor. As persianas estão fechadas e nossos celulares não estão à vista.

"O que é isso?" Eu sussurro, quebrando o silêncio.

Dylan se deita, o colchão afundando sob seu peso, e projeta o queixo em direção ao teto. Sigo seu olhar e prendo a respiração.

Acima de nós, o teto está coberto de rostos sorridentes. Muitos deles, provavelmente centenas, brilhando suavemente em um tom verde-amarelado quente. Eles brilham suavemente, criando um mundo tranquilo só para nós.

"Por que você fez isso?", pergunto.

"Por que você acha, Sierra?"

Engulo em seco. Estar nesta cama, em seus braços, com a lembrança de seus pensamentos quando não estou aqui bem acima de mim, parece o peso do sol. Porque o que percebi sobre cicatrizes é que elas estão sempre lá, mas isso não significa que não estejam curadas.

Dylan se senta, tirando o moletom e a camisa por baixo em um movimento fluido. Levanto o edredom e ele se mexe embaixo dele. Sua perna pesada se enrola sobre a minha, me prendendo em seu abraço. "Obrigada", sussurro, olhando para os adesivos que brilham no escuro no teto.

Ele me segura um pouco mais forte do que o normal. Como se soubesse que eu não vou escapar agora, mas ainda assim me quisesse por perto. A mão calejada de Dylan desliza pela minha espinha e sob a bainha da minha camiseta.

"Essas boxers são minhas?", ele pergunta quando seu dedo se engancha sob o cós elástico, puxando-o de volta.

"Por quê? Quer de volta?"

Ele ri baixinho perto do meu ouvido. "Você é problema."

Ouço o ritmo da respiração dele conforme ela desacelera, cada expiração ficando mais suave. Mas quando olho para cima, ele ainda está perdido em pensamentos. Pego sua mão. "Você está bem?"

Ele cantarola, olhando para o teto. "Só pensando."

"Sobre?"

"Ação de Graças", ele diz.

Inclino a cabeça. "Feriado favorito?"

"Pelo menos."

Concordo com a cabeça. "Eu mesma sou mais fã de Halloween."

Dylan finalmente olha para mim, com seus olhos cor de licor, calorosos enquanto me observa.

Ele não sorri, e eu me endireito. "O Dia de Ação de Graças é algo importante na sua família?"

"Não, é a primeira vez desde que me mudei que minha mãe fica tanto tempo sem me ligar ou mandar mensagem. Ela adora o Dia de Ação de Graças e não me mandou um convite."

Brinco com a corrente em volta do pescoço dele. "Por que você não liga de novo para ela?"

"É, talvez eu ligue", diz ele.

Pelo visto, ele não fará isso, mas não comento sua resposta evasiva. "Você poderia ligar para sua irmã. Tenho certeza de que ela vai para casa nas férias de outono."

Ele não responde.

"Ou..." Faço uma pausa, dando um beijo em seu queixo. "Você poderia vir para casa comigo."

Isso chama sua atenção. "Quer que eu conheça os pais logo?"

Reviro os olhos. "Você já conheceu minha mãe quando se convidou para vir à minha casa", eu digo. "Mas, desta vez, eu estou convidando você."

"Isso é muito gentil da sua parte. Caridoso, até."

"Qualquer coisa por uma boa causa, e meus pais estavam me perguntando se você viria", eu digo, vendo seu sorriso florescer. "Então, você vem?"

"Sim, querida, eu vou."

Quando ele me chama assim, parece que tudo está certo no mundo.

QUARENTA E SETE

DYLAN

O DIA DE AÇÃO DE GRAÇAS É MUITO mais agradável quando você não o passa com sua família.

Costumava haver um culto na igreja local que meu pai fazia questão de que todos comparecessemos. Isso significava que ele esperava que estivéssemos vestidos com nossas roupas formais pontualmente às sete da manhã de uma quinta-feira. Era exaustivo naquela época, mas nunca esquecerei como toda a nossa família passava o dia inteiro junta. Não havia um momento sequer, da manhã à noite, em que estivéssemos separados. Olhando para trás, percebo que foi um dos únicos momentos em que estivemos juntos e felizes.

Hoje, não estou com meus pais, mas me sinto mais feliz do que nunca com eles.

Em vez de um peru de Ação de Graças, o pai de Sierra fez pato assado. Ele disse que era uma tradição russa, mas acho que ele foi ao supermercado tarde demais. Sierra me disse que eles nunca fazem um Dia de Ação de Graças tradicional, mas, como descobriram que eu viria, queriam me impressionar.

Eu não achava que eles gostassem tanto de mim, muito menos que quisessem causar uma boa impressão.

"Sabe, você é o primeiro namorado que a Sierra convidou", diz a mãe dela depois de nos reunirmos na sala para assistir aos melhores momentos do Grande Prêmio da ISU. Aquele em que competiremos em breve.

Sierra geme. "Mãe, por favor, não."

"E o primeiro garoto que consegue fazê-la corar", acrescenta o pai.

"É mesmo?" Olho para Sierra, que está com o rosto vermelho. Ela revira os olhos e, em vez disso, agarra meus braços para me puxar com ela.

"Vamos lá em cima", diz ela. Lanço um olhar de desculpas para os pais dela, mas eles não parecem se importar.

"Querida, acho que não deveríamos estar aqui em cima quando eles fizeram um jantar completo para nós", digo.

"Eles não vão se importar." Ela acena com a mão. "Agora me diga por que você está sendo tão estranha."

Lançando um olhar para ela. "Achei que você me trouxe aqui para ficarmos."

"Pare de tentar me distrair. Você está quieta; dá para ver que está pensando em alguma coisa. É a sua mãe?"

Às vezes me assusta quando ela faz isso. Ninguém nunca conseguiu me ler tão facilmente.

"Ela não atendeu? Tenta de novo", diz ela, séria. "Eu posso ficar aqui com você."

Estou prestes a recusar, negar que estou pensando nela, mas não consigo. Sierra tem razão. "Acho que devo fazer isso sozinha." Vou ligar para o meu pai e não quero que ela ouça nenhuma das merdas que ele possa dizer.

Ela assente e sai do quarto antes de fechar a porta com cuidado.

Meu pai atende ao primeiro toque, e sou pega de surpresa por um segundo.

"Desculpe pela minha reação naquela noite", digo rapidamente, antes de ter certeza de que não vou conseguir falar e que vou cair em si. A última coisa que ele merece é um pedido de desculpas, mas isso não é por ele. É pela minha mãe. Simplesmente não aguento mais essa animosidade. Estou tão cansada disso. "Tenho meus sentimentos sobre o relacionamento de vocês, mas isso não resolveu nada. Não sou mais eu."

A linha está em silêncio absoluto e preciso verificar se a ligação ainda está completa.

"Eu agradeço", diz meu pai após um longo minuto. "Mas..." Ele faz uma pausa como se as palavras saíssem com grande dificuldade. "Você estava certa."

"O quê?"

"Eu estraguei tudo. Tínhamos uma família linda e eu estraguei tudo." Se eu não soubesse, diria que ele estava chorando. Por uma fração de segundo,

me pergunto se ele realmente mudou, se minha mãe estava certa, mas suas próximas palavras destroem tudo isso.

"Sua mãe foi embora, Dylan. Ela me deu os papéis do divórcio e disse que, se eu não pudesse respeitá-la, ela precisava se respeitar. Pelos filhos. Ela foi embora na noite da renovação dos votos."

Eu me levanto da cama, agarrando o telefone com força. "O que você quer dizer com foi embora?", pergunto. "Para onde ela foi?"

"Não tenho certeza, tudo o que sei é que ela se foi. Não há mais vestígios dela nesta casa."

"Você está me dizendo isso agora?", grito. "Onde diabos ela está?"

"Um hotel? Não sei, filho, eu só... me desculpe. Eu..."

Desligo e ligo para minha mãe. Não me importo nem um pouco com o que ele tem a me dizer. Se o que ele está dizendo é verdade, então ele não é problema meu; ele não é problema de nenhum dos nossos.

"Onde você está?", pergunto assim que a ligação é completada.

"Dyl." É minha irmã. "Que bom que você ligou."

"Ada, por que você está atendendo o telefone da mamãe? Onde ela está?"

"Ela está comigo. Estamos em um hotel em West Hartford. Eu ia te ligar, mas ela não quis. Disse que você finalmente tinha ido embora e que odiaria te arrastar de volta."

Foi por isso que ela não ligou. Ela achou que eu tinha terminado com ela. "Vou te buscar", digo quando Sierra volta na ponta dos pés com um olhar curioso. Ela deve ter ouvido o quão alto eu estava falando.

Há um arrastar de pés, e consigo ouvir Ada falando em turco antes que a voz da minha mãe chegue ao outro lado da linha. "Dylan, estou bem. Não estrague seu Dia de Ação de Graças por minha causa."

"Não vai ser estragado, mãe. Quero te ver. Eu vou te buscar."

Sierra me cutuca. "Eles podem vir aqui. Meus pais não vão se importar", ela sussurra. Antes que eu possa sequer pensar em recusar, Sierra me lança seu olhar mais sério. Aquele que me diz para não desafiá-la.

"Sierra disse que você é bem-vinda para ir à casa dos pais dela."

Minha mãe está falando em turco, recusando novamente, dizendo algo sobre não querer estragar meu dia com minha namorada. Ada pega o telefone novamente. "Estaremos lá. Mas não venha. Vamos pegar um Uber."

"Eu mando um para você", digo, e desligo antes que eles possam recusar. Ada me manda uma mensagem com o endereço e em minutos eu os coloco em um carro.

"Ela foi embora", digo a Sierra. "Ela realmente o deixou, e não me contou."

"Acho que ela sabia o quanto isso te magoou", diz Sierra. "Ela te ama, Dylan. Mas você precisa se lembrar que ela fez isso por si mesma, no seu próprio tempo. Às vezes, leva um tempo para finalmente se amar o suficiente. Talvez seja isso que ela esteja tentando fazer esse tempo todo."

Deixo as palavras dela penetrarem. Quando meu celular vibra com uma notificação, descemos para contar aos pais da Sierra. Eles estão mais do que felizes em conhecer minha mãe. Eles brincam com a Sierra dizendo que ela é seu futuro svekrov.

Quando eles chegam, a visão da minha mãe me dá um nó na garganta. Abraço as duas, e minha mãe tenta não chorar. Ela acabou de deixar a vida que tentou consertar por tanto tempo. Sierra e seus pais levam Ada com eles, deixando eu e minha mãe sozinhas.

"Por que agora?", pergunto a ela.

Minha mãe olha para mim e, pela primeira vez em anos, não vejo o cansaço pesando sobre ela. Apesar das lágrimas em seus olhos, há algo mais, algo como determinação.

"Eu estava com medo, kuzum", diz ela suavemente. "Sempre me ensinaram a manter a família unida, a enfrentar qualquer tempestade, e eu me esforcei muito, esperando que um dia isso mudasse. Que ele se arrependesse de ter se deixado levar e voltasse para mim", diz ela. "Mas então eu vi seu rosto na renovação dos votos e fiquei com muita raiva quando você bateu nele."

"Eu estou m—"

"Com raiva por ele ter te levado a isso. Por você se sentir tão impotente a ponto de ter que recorrer à violência física. Eu vi seus jogos, Dylan. Sei que você brigava no gelo, e eu ignorava. Você nunca mereceu isso, aşkim." Sua voz falha, e ela desvia o olhar, tentando se controlar. "Você e sua irmã são minha força, mas eu precisava encontrar a minha. Desculpe a demora."

Eu expiro, e sinto como se estivesse prendendo a respiração desde criança. "Mesmo assim, você não precisava fazer isso sozinho."

"Eu sei", ela sussurra. "Mas acho que você passou a vida inteira tentando consertar as coisas. Foi bom ver você deixando alguém te segurar." Por um momento, ficamos ali, os anos de tensão e silêncio entre nós se rompendo.

"Estou orgulhosa de você", digo finalmente.

Seus lábios tremem, e percebo o quanto ela realmente teve que deixar ir. Ela ainda o ama, eu percebo, mas basta um olhar para ela e ela parece mais forte. Minha mãe me puxa para um abraço, pressionando o rosto contra meu ombro como costumava fazer depois do meu estirão. "Eu também."

Quando ela me solta, olho para a cozinha, onde as risadas de Sierra e Ada ecoam. Minha mãe segue meu olhar, sua expressão se suavizando.

"Ela é boa para você", diz ela, com a voz mais firme agora.

Eu sorrio. "Ela é."

Pela primeira vez em anos, sinto que as sombras não persistem. Talvez seja assim que se sente um recomeço.

QUARENTA E OITO

DYLAN

Perguntar à minha namorada se posso sair com meus amigos não é algo que eu jamais imaginei fazer. Nem tenho certeza se preciso, mas acho que é a coisa certa a fazer. O motivo de minha hesitação, no entanto, é que prefiro ficar em casa com ela.

Depois do Dia de Ação de Graças, minha mãe insistiu para que eu não perdesse nenhuma aula. Ela tem dinheiro suficiente para alugar um lugar em Hartford, no nosso antigo bairro, e Ada e eu a visitamos no início desta semana. Ontem, Sierra já estava lá quando passei por lá depois da aula, e vê-la fez meu coração dar aquele aperto quase fatal.

Agora, Sierra está de bruços, trabalhando em seu laptop enquanto eu me encosto na cabeceira da cama, massageando seus pés no meu colo, apreciando os pequenos suspiros de prazer que ela solta. Sua prova final para a aula de ciência forense é amanhã de manhã, poucas horas antes da nossa apresentação. Ela está estressada, e eu percebo, porque ela não ligou o canal do tempo hoje.

Depois da nossa sessão de skate da tarde, voltamos para casa e dormimos. Agora, os caras mandaram mensagem dizendo que querem jogar hóquei no lago congelado nos arredores de Hartford.

Mando mensagem para o grupo novamente.

> PATRULHA COELHINHA Dylan Donovan: E se eu cair fora? Kian Ishida: Não falo com você se fizer isso. Dylan Donovan: Tratamento do silêncio? Aposto. Vou ficar em casa. Divirta-se. Aiden Crawford: Já saí do dormitório da Summer. Você vai, porra. Sebastian Hayes: Cole e eu temos uma prova amanhã de manhã. Acho que este é um daqueles

momentos em que você relembra as decisões que deveria ter tomado.

Cole Carter: Somos ótimos nisso. Enfim, vejo vocês em breve.

Com um aperto no pé de Sierra, eu o solto e fico pairando sobre ela. Ela desconfia imediatamente, e quando beijo sua nuca, ela me vira tão rápido que mal tenho tempo de reagir. Ela monta em mim, segurando meus braços acima da cabeça com aquele olhar ardente em seus olhos verdes. Aquele que ela tem quando tenta ler minha mente.

Meu olhar recai sobre seu short de spandex que sobe alto em suas coxas grossas. Sonho em estar nessa posição o tempo todo. Inclusive agora, quando deveria estar indo embora.

Levanto meus quadris por instinto, e ela revira os olhos.

"O que você quer?", ela pergunta.

Sua voz suave não ajuda a dissipar a névoa em minha mente. Só há uma coisa que eu quero agora, e não é sair com meus amigos.

"Não consigo me lembrar. Mas sinta-se à vontade para tentar qualquer coisa para refrescar minha memória."

"Qualquer coisa?"

Desta vez, quando encontro seus olhos, não há como confundir o que vejo. Desejo ardente, pingando como orvalho da manhã. Ela se inclina até que sua respiração roça meus lábios, suas mãos em meus pulsos. Estou prestes a diminuir a distância quando ela me dá um tapinha na testa.

Eu me afasto bruscamente. Ela faz de novo. Ela me deu um tapinha, porra.

Sierra pisca inocentemente. "Ajudou?"

"Sierra", digo, em voz baixa, fazendo-a apertar as pernas com mais força em volta de mim.

"O quê? Você disse para tentar qualquer coisa."

"É, para me beijar, não para dar um tapinha na minha cabeça."

"Por mais bonita que você seja, você não é a Bela Adormecida." Ela dá um tapinha no meu peito e se afasta para voltar ao seu laptop.

Deslizo minhas mãos por seu corpo, mergulhando-as sob seu suéter largo. Ela finge não notar, mas posso sentir como seu abdômen se contrai e arrepios percorrem sua pele conforme subo. Dou um beijo no meio das costas dela. "Sabe como você queria ficar em casa assistindo a um filme hoje à noite?"

"Na verdade, você queria ficar em casa assistindo a um filme", ela brinca.

Certo, eu sugeri. A garota me fez querer assistir filmes românticos. Eu me aproximo e enterro meu rosto em seu pescoço. "Bem, os caras mandaram mensagem", digo, arrastando meus lábios em sua orelha. "Eles querem jogar hóquei por algumas horas."

Seus olhos continuam fixos na tela. "Ok?"

"E eles querem que eu vá", esclareço.

Ela finalmente olha para mim, com a sobrancelha arqueada. "Que legal, querida. Que bom que te convidaram?"

Eu franzo as sobrancelhas. "Por que você disse isso como uma pergunta?"

"Porque não tenho certeza do que você quer que eu diga."

"Sierra, os caras querem jogar hóquei agora, então não posso ficar para assistir a um filme."

"Ah", ela chia, se aproximando e se recostando na cabeceira da cama. "Você está me perguntando se pode brincar lá fora com seus amigos?" Ela tenta conter um sorriso, mas depois cai na gargalhada. Sierra aperta a barriga e enxuga lágrimas inexistentes dos olhos.

"Para jogar hóquei com os caras", corrijo.

"É, foi o que eu disse." Ela reprime um sorriso. "Volte antes do jantar. E vista um suéter, senão vai pegar um resfriado, querida."

Pressiono meus dedos em suas laterais, e ela grita de rir. "Ok, ok", diz ela, ainda rindo. "Desculpe. Eu só acho fofo. Mas vou parar."

Paro de fazer cócegas nela, e ela finalmente se acalma. Então, antes de rir de novo, ela me puxa pela blusa para me beijar. Seu sorriso é largo contra meus lábios, e eu sei que ela só está me beijando para escondê-lo. "Eu consigo sentir você rindo", digo entre beijos.

"Não..." Beijo. Risada. "Rindo."

É quando deslizo minha língua entre seus lábios e deixo minhas mãos deslizarem por baixo de sua camiseta. Sierra fica sem fôlego e relaxa sob meu toque. "Você vai se atrasar."

"Eu não me importo", murmuro.

"Dylan."

"Você quer que eu vá?", pergunto novamente, só para ter certeza. Eu odiaria que ela ficasse sozinha se me quisesse aqui. Eu faria isso com ela para sempre se ela quisesse.

Ela passa a ponta dos polegares sob meus olhos. "Não sabia que eu tinha você em uma coleira tão apertada."

"É assim que eu gosto." Então a beijo novamente, mordendo seu lábio até ela me empurrar.

"Vai! Preciso estudar. E estou falando sério, veste aquele suéter que eu tricotei para você."

Quando chego, estaciono e abro o porta-malas para calçar os patins. Os caras entram no estacionamento logo depois. Os holofotes são quase ofuscantes enquanto refletem no gelo intocado. É quando vejo Kian, vestido e armando redes, cada uma adornada com pequenas luzes de fada. Aiden vem para perto do meu porta-malas aberto, no momento em que Sebastian e Cole chegam.

"O que você está vestindo?", Sebastian me pergunta.

O suéter que Sierra tricotou para mim é de Natal, com estampas aleatórias e nossos nomes bordados na manga. Eu adoro. "Um suéter", respondo.

"Sua avó tricotou?" Sebastian ri sozinho, mas Cole dá um tapa na cabeça.

Aiden então olha para mim, sabendo claramente que Sierra fez isso e que eu provavelmente gostaria de ser enterrado com isso. "A namorada dele fez isso", ele diz.

Sebastian desanima. "Sorte."

Estamos todos observando Kian montar o rinque improvisado. Ele verifica a solidez enquanto anda, então joga um disco no centro do gelo e olha para cima, levantando os dois braços.

"Bem-vindos ao rinque das maravilhas do Kian!"

Todos pegamos nossos tacos e o encontramos no meio.

"O que houve com a decoração?", pergunto.

Ele sorri e dá de ombros. "Esta pode ser a última vez que todos nós vamos jogar hóquei juntos. Eu queria que fosse especial."

Seb e Cole patinam até Kian e trocam um abraço constrangedor. Lentamente, eles se aproximam, e Aiden e eu somos puxados para um estranho abraço a cinco.

Finalmente, quando Kian bate no gelo com seu taco, começamos. Jogamos duro. Roubo o disco do Cole e atravesso o gelo mais rápido do que nunca, provavelmente devido à resistência que adquiri na patinação artística.

É quando recuo e lanço o disco bem na direção da rede, onde Sebastian está como goleiro, que eu estrago tudo. Não percebo Kian pela visão periférica, e ele não para rápido o suficiente antes de seu ombro bater no

meu. O contato é firme, nada que eu já não tenha sentido antes, mas meu patins prende em uma borda áspera e meu tornozelo torce. Caio desajeitadamente no gelo. Uma onda de calor se acende no meu tornozelo, subindo pela perna. Cerro os dentes, contendo um palavrão.

"O que houve?", pergunta Aiden enquanto patina para mais perto.

Morro a bola com tanta força que minha resposta sai fraca. "Nada."

"Não aguenta o calor?", pergunta Kian, me circulando. "Você está perdendo o jeito, Dill Pickle." Ele ainda está rindo quando me oferece a mão.

A dor é tão intensa que não consigo pensar. Não consigo dar um tiro certeiro, não consigo levantar a mão para pegar a dele e não consigo me mexer. Olho para eles de novo, mas o que quer que vejam no meu rosto faz com que os deles desabem de preocupação.

"Você está pálido", dizem.

Ah, merda.

O cheiro de antisséptico paira no ar, e as lâmpadas fluorescentes fortes iluminam o tabuleiro de xadrez de azulejos azul-claros e brancos. Tudo o que ouço é o rangido, rangido, rangido das solas de borracha contra o piso de vinil.

"Você pode parar de andar de um lado para o outro?", pergunto entre dentes.

Kian para abruptamente, com as mãos enfiadas nos bolsos do paletó, antes de expirar e continuar a andar de um lado para o outro no pronto-socorro apertado. Como se eu fosse o chato.

Os rapazes estão na sala de espera, mas Kian insistiu que precisava vir comigo. Foi ele quem me levou para a triagem. Depois de verificar meus sinais vitais e fazer um raio-X, estamos em uma pequena sala, cercada por cortinas azuis desbotadas que pendem frouxas de trilhos de metal acima.

Estou sentada na beirada da maca de exames, o papel embaixo de mim amassando a cada movimento enquanto meu tornozelo lateja.

Os passos de Kian continuam a marcar um ritmo nervoso, o som amplificado no espaço silencioso demais. Seus olhos se voltam para mim e depois desviam.

"Não é sua culpa", lembro a ele. Eu disse a mesma coisa no carro, a caminho do pronto-socorro do hospital DU. Ele não respondeu na hora e

não responde agora.

Kian olha para o relógio. "Por que está demorando tanto?"

É quando a médica entra. "Sabe, para um jogador de hóquei, este raio-X não é nada de ruim", diz ela. "Prendi a respiração quando soube que era um dos garotos Dalton."

"Não é?", pergunta Kian.

Ela assente. "Você tem uma torção de tornozelo grau dois, nada cirúrgico. Mas o ligamento parcialmente rompido torna as coisas complicadas. Não é uma ruptura limpa, mas é o suficiente para você precisar de repouso. Muito repouso. Assim, evitamos qualquer dano a longo prazo."

"Por quanto tempo?", Kian interrompe.

"Nada de hóquei", esclarece ela. "Nem qualquer tipo de atividade. Por pelo menos seis semanas."

Suas palavras soam abafadas por um zumbido agudo em meus ouvidos. A final do Grand Prix é amanhã e, se não nos apresentarmos, não teremos chance de nos classificar para o Mundial em março. Tudo estará acabado. Eu teria estragado tudo. Sierra perderia sua última chance de retorno. Ela quer muito isso, e eu prometi que a ajudaria a conseguir.

"Posso conseguir algo para a dor?", pergunto ao médico.

"Você vai tomar analgésicos, um pouco de paracetamol resolve, mas se piorar, podemos prescrever Toradol."

"Está ruim agora", digo. "Vou precisar de Toradol."

Sinto o olhar questionador de Kian. Já tivemos lesões piores e nenhum de nós jamais precisou de algo forte para a dor. Mas, neste momento, não estou fazendo isso por mim.

Ela hesita, olhando para a tala no meu tornozelo. "Não é necessário se você descansar. Siga o RICE. Tenho certeza de que já fez isso antes."

Balanço a cabeça, inflexível agora. "Isso é muito pior do que qualquer outra lesão. Prefiro não sentir dor durante minhas provas finais."

"Você não pode patinar." O médico se vira para Kian. "Ele não pode patinar."

"Não vou", eu digo.

"É, ele não vai", Kian interrompe, hesitante. "Nosso treinador não vai deixar."

Seu olhar pousa no meu tornozelo inchado e depois se volta para mim. Lanço a ela meu olhar mais inocente, e ela suspira antes de dizer que volta.

"O que foi aquilo?", pergunta Kian assim que ela se afasta. "Eu conheço sua tolerância à dor; você seria a última pessoa a tomar analgésicos fortes para uma torção."

Dou de ombros. "Eu preciso disso."

Kian começa a andar de um lado para o outro novamente. "A Sierra vai me matar", murmura, e então se joga em uma cadeira.

"A Sierra não vai descobrir", digo.

Ele se vira para mim. "Do que diabos você está falando? Ela vai saber no segundo em que te ver." Ele aponta para a tala no meu pé.

"Ela não está", digo, séria. "Ainda vou competir amanhã. Com ou sem os remédios."

"Você está louca?", sibila ele. "Você não consegue patinar com uma torção de grau dois."

"Vou ficar bem com analgésicos", digo. "Agora, você vai me ajudar a enfaixar meu tornozelo o mais forte possível e depois vai ficar de boca fechada."

"Mas..."

"Prometa."

"Dylan..."

"Prometa que não vai contar a ninguém, Kian. Nem mesmo à Summer."

Sua boca abre e fecha até a resignação se instalar. "Eu prometo."

Relaxo um pouco. As coisas que eu faria só para ver o sorriso da Sierra são patéticas. Eu não esperava ser o tipo de namorado que seguiria cegamente a namorada até um penhasco, mas, caramba, como é bom. Não há nada que eu não faria para garantir que ela esteja vencendo, comigo sempre ao seu lado.

QUARENTA E NOVE

SIERRA

Quando acordei com uma mensagem de bom dia do meu namorado, fiquei preocupada. Dylan costuma mandar uma foto — na cama, no chuveiro ou abraçando o gatinho do Kian. Mas hoje ele me mandou uma mensagem desejando boa sorte na prova e mandou entregar um buquê de lírios amarelos no meu dormitório. O bilhete dizia simplesmente: Eu te amo. O que me surpreendeu foi que ele mandou entregar os buquês, por uma caloura que parecia ter sido forçada a isso. Eu conheço o Dylan, e ele nunca perderia a chance de colher imediatamente os benefícios do seu gesto romântico.

Então, depois do meu exame forense, subo a escada da frente da casa deles com duas das minhas refeições favoritas, carregadas de carboidratos, na mão. Mas, enquanto uso a chave para entrar, a porta se abre com um puxão, levando a chave junto. É quando vejo Summer. Ela sorri, me dá um abraço rápido e um "muito orgulho de você" antes de descer os degraus e correr até a caminhonete.

Aiden irrompe pela porta da frente segundos depois. "Summer!", grita ele atrás dela. Ele ainda está de cueca boxer e não parece se importar com o frio intenso ou com a geada em que está descalço. A caminhonete ganha vida com um rugido, e meu olhar oscila entre o olhar furioso de Summer e seu sorriso.

"Ela acabou de roubar sua caminhonete?", pergunto, observando-a sair da garagem.

"A caminhonete é basicamente dela agora." Essa parece ser a única reação que ele tem. "Você está aqui para ver o Dylan?"

"Sim. Hoje é o grande dia."

"Parabéns por tudo. E boa sorte esta noite, vamos torcer por vocês dois na arquibancada", diz Aiden com um sorriso estranhamente tenso.

Entro no quarto de Dylan e é aí que piso no homem adulto no chão.

"Ai! Você está usando chuteiras?", Kian sibila, então se levanta com Whiskers nos braços, espreguiçando-se com um bocejo alto.

"Estou de meias." Coloco a comida na mesa de Dylan. "Por que você está dormindo aqui?"

"Só preocupado com D-" Kian para abruptamente. Ele olha para a cama vazia de Dylan, depois ao redor do quarto até ouvir o chuveiro. Ele suspira interiormente. "P-preocupado em... ter pesadelos", ele completa.

"Você tem pesadelos?"

Ele concorda. "Assistimos a O Chamado ontem à noite. Pesadelo garantido."

Quando noto um par de muletas encostado na parede ao lado do banheiro, meu coração dispara. Só de vê-las, me remete a depois da cirurgia, quando usei muletas por uma semana. Vê-las me traz de volta o ar fresco na minha pele em carne viva enquanto a camisola do hospital esvoaçava ao meu redor.

"De quem são essas muletas?", pergunto, com a voz trêmula.

O colchão range quando Kian se joga nele. "Minhas!"

"Suas?"

"É, você pode me passar? Meu tornozelo está doendo de tanto ficar em pé."

Entrego a ele, sentindo o metal frio como uma lembrança distante sob meus dedos.

"Machuquei meu tornozelo depois do nosso jogo ontem à noite. Mas vou ficar bem." Kian pisca tão rápido que me assusta um pouco. "É só uma torção. O médico disse que ele... eu... vou ficar bem com um pouco de descanso. Mas ele... uh, eu... não posso jogar", gagueja, tropeçando nas palavras.

A porta do banheiro se abre e Kian solta um suspiro audível. Dylan já está vestido com uma camisa de manga comprida e moletom, meias e tudo. É a primeira vez que o vejo completamente vestido antes de sair do banheiro; ele geralmente vasculha o armário de toalha ou completamente nu.

"Oi, querida." Dylan se aproxima e me dá beijos na testa.

"Você não me contou que o Kian se machucou ontem à noite", digo.

Dylan lança um olhar sério para o melhor amigo. "É, desculpe, já era tarde quando voltamos do pronto-socorro. Não queria te preocupar."

Olho para Kian. "Você acha que ainda vai poder vir à nossa apresentação hoje à noite?"

"Não perderia." Ele sorri. "Mesmo que me mate, aparentemente." Ele lança um olhar furioso para Dylan. Os dois parecem comunicar algo, mas não tento decifrar. Às vezes, é melhor sorrir e acenar com a cabeça quando estão juntos.

Então, enquanto Whiskers tenta escapar do abraço de Kian para ir até Dylan, lembro-me da bolsinha que enfiei na minha bolsa. Pego-a e entrego a Kian. "Fiz chapéus combinando para você e Whiskers. Achei que você gostaria deles."

Kian pisca e pega o pequeno chapéu verde primeiro. "Você fez orelhas do Shrek para nós?" Há um tremor em sua voz. Ele olha para Dylan como se estivesse implorando, mas Dylan o encara sem expressão. Kian engole em seco. "Obrigado, Sierra. Me desculpe."

Franzo a testa. "Desculpe pelo quê?"

"A gente devia comer", interrompe Dylan. "A Lidia mandou mensagem para nos encontrarmos mais cedo."

Fico olhando para eles por mais um segundo, mas me afasto para pegar nossa comida. "Comprei mais. Vou pegar uns pratos para nós."

E quando estou saindo pela porta, ouço um estalo e Kian resmunga.

Dirigimos por duas horas até o local. Meus pais já estavam na plateia, e a irmã e a mãe de Dylan também vieram, porque eu as convidei. Não pude deixar de notar como Dylan não estava agindo como sempre. Ele parecia distraído.

"Não importa o que aconteça lá fora, eu sei que é aqui que eu deveria estar e com quem eu deveria estar", digo, mais como um lembrete. Não sei bem o que o está incomodando, mas quero que ele saiba qual é a minha posição.

Dylan ergue as sobrancelhas. "Isso é muito importante vindo de você."

"Porque eu falo sério. Não importa o que aconteça."

"Ganhe ou perca, Romanova, você ainda me conquistou."

Estamos assistindo aos patinadores terminarem sua coreografia ao som de uma música do Coldplay quando noto um homem falando em frente à

luz de uma câmera. "Dylan", digo. "Diga que não é quem eu acho que é."

Ele segue meu olhar enquanto eu encaro o homem de terno e microfone. Aquele que eu assisto na TV há meses.

Dylan ri, parecendo um pouco rouco. "Ah, é. Surpresa."

"Surpresa?", dou um tapa no braço dele. "Você contratou o meteorologista para apresentar a competição?"

Dale Thunderman está falando no microfone com uma equipe de filmagem à sua frente. Ele gesticula para um grupo de fãs e, em seguida, puxa uma criança da multidão para entrevistar. Há mulheres no canto se abanando como se não estivéssemos perto de uma enorme placa de gelo. Mas eu entendo, porque eu também posso virar fã.

"Sinceramente, não precisei de muita persuasão", diz Dylan. "Meteorologista não é uma coisa muito popular, querida."

"Pfft. Aposto que ele conseguiria atrair mais garotas do que você", digo.

Um canto do lábio de Dylan se curva. "É? Essa lista de garotas inclui você?"

Eu dou de ombros. "Depende."

Ele estreita os olhos. "Será que?"

"Se essa garota já tem compromisso."

Agora ele está sorrindo abertamente, e eu relaxo ao vê-lo de volta ao que deveria ser. "Querida, só tem uma garota que eu quero conquistar, e depois que ela passar os próximos quatro minutos em todos os ângulos imagináveis, vamos fazer tudo de novo no meu quarto."

A boca deste homem. "Nu?"

"Tão nu."

Levanto uma sobrancelha. "Você parece tão seguro."

"Porque eu estou. Você está comigo e só comigo, Sierra. Não há mais ninguém com quem eu estaria dentro ou fora do gelo. Somos parceiros. Para sempre."

"Parece assustador."

Ele entrelaça nossos dedos. "Parece que somos nós."

Eu sorrio. "Lembra quando você me perguntou o que me tira do sério?"

"Sim."

"É você." Quando meus lábios encontram os dele e minhas mãos seguram seu rosto, eu sinto — sua pele está fria e úmida, quase como se ele estivesse nervoso. Ele está se comportando como eu antes de uma apresentação, nervoso e inseguro. Mas desde a nossa última competição,

meu nervosismo diminuiu. Com ele, patinar parece mais uma emoção do que uma fonte de ansiedade.

"Você está bem?" Pergunto baixinho, sentando-me ao lado dele no banco, esperando a nossa vez.

Ele levanta nossas mãos entrelaçadas e me dá um beijo gentil nas costas. "Estou perfeita."

"Tudo bem", diz Lidia, agachando-se à nossa frente. "Treinamos, brigamos, me demos enxaquecas que ficam mais fortes a cada dia, mas estamos aqui. Vocês dois foram a dupla mais difícil que já treinei, mas valeu a pena. Aconteça o que acontecer, estou orgulhosa da equipe fenomenal que vocês se tornaram em tão pouco tempo. Agora, mostrem a eles pelo que vocês se esforçaram."

Dylan e eu nos entreolhamos. Este pode ser o discurso mais doce que ela já fez.

"Se a gente te abraçar, você vai nos matar?", pergunto.

"Claro que não, Sierra", responde Dylan. "Ela vai nos obrigar a patinar livremente dezenove vezes."

Lidia revira os olhos e nos puxa para um abraço apertado. Então, quando nossos nomes são chamados, ela se afasta, e eu juro que a ouço fungar.

Deslizamos até o centro do gelo, eu como Rapunzel, Dylan como Flynn, com aquela mecha de cabelo caindo sobre a testa e meu cabelo curto. Ele pousa a mão sobre meu coração firme, e eu coloco a minha sobre o dele. Para minha surpresa, sinto seu pulso acelerado. Antes de começarmos, ele murmura um "eu te amo".

A música começa, e cada levantamento é forte. Mas quando fazemos um giro sincronizado, meu sorriso vacila porque Dylan estremece. Tento ver o que está errado, mas ele esconde bem sob seu sorriso perfeito. Cada levantamento é impecável por fora, mas noto um tremor minúsculo em sua mão. Pelos próximos três minutos, afasto os pensamentos questionadores, mas uma parte de mim quer parar, para ter certeza de que ele está bem. Sei que ele nem piscaria se perdêssemos. Mas me pergunto se ele sabe que eu faria o mesmo. Cada parte de mim está nisso porque ele está comigo, mas patinar nunca viria antes dele. Nunca.

Seu sorriso vacila quando ele encontra meus olhos, e meu coração afunda. Apesar disso, ele volta a se concentrar, e quando me levanta na posição exata em que caí há tanto tempo, não sinto um pingo de medo em mim. A multidão parece prender a respiração, e Dylan me iça com um laço

reverso de um braço só, e executamos com perfeição. De volta aos meus patins, iniciamos nossa rotina de encerramento e, quando estamos lado a lado em nossa posição final, ambos respiramos com dificuldade.

Deslizamos para fora do gelo e, enquanto nos movemos para o beijo e choro por nossas pontuações, nem me importo em olhar, mas quando ficamos em primeiro lugar, uma onda de alívio me atinge porque Dylan sorri. Ele me abraça forte e, por um momento, quero ficar assim. Então, ele se afasta e me diz que volta logo.

Sento-me ali, incapaz de ficar parada. Então, desisto e simplesmente sigo por onde Dylan passou, passando pelas portas. É quando vejo Kian correndo até ele, segurando suas muletas. Que diabos?

"Você precisa disso?", ele pergunta freneticamente. "Porra, cara, você está pálido. Eu estremecia toda vez que você pulava."

Dylan murmura algo baixo para ele e ele concorda. Mas então Kian me vê. Pelo jeito como ele está, é quase como se estivesse prestes a correr.

"Não ouse", aviso.

Os dois ficam completamente imóveis.

"Por que você não está usando suas muletas? Você disse que se machucou ontem à noite", pergunto.

Os olhos de Kian se arregalam, então ele ri sem jeito. "É um milagre! O Senhor abençoou..."

"Pare", Dylan o interrompe, e finalmente ele se vira para mim. E Kian tem razão. Dylan está pálido e o suor cobre sua testa. Ele nunca ficou assim depois de uma apresentação.

"O que houve?", pergunto baixinho, segurando suas mãos. "Você está me assustando."

"Estou machucado", ele finalmente diz. "Ontem à noite, não foi o Kian que torceu. Fui eu."

Meu coração para.

Ele está machucado. Dylan está machucado e ainda assim patinou um programa completo. Por minha causa. Um turbilhão de emoções me atinge, e meus olhos ardem tanto que preciso piscar.

"Estou bem", diz ele imediatamente.

"Você está bem?" Eu me afasto, puxando minhas mãos das dele. "Parece que você vai cair!"

Ele segura meu rosto. "Sierra, escuta..."

"Não", eu digo. "Por que você não me contou? Você deveria estar descansando agora." Então me viro lentamente para estreitar os olhos para Kian. "Você também não me contou. Que diabos, Kian?"

"Desculpa!" ele grita. "Eu queria! Perguntar a ele. Eu não queria mentir. Ele me fez prometer..."

Dylan me vira para ele. "Sierra, eu poderia ter quebrado a porra da minha perna, e ainda assim iria lá e me apresentaria com você. Você merece isso."

"Isso não é justo. Eu não me importo com a apresentação! Eu me importo com você." Minhas palavras tremem, presas à beira de um soluço.

"Isso parece um momento pessoal", Kian interrompe.

Nós dois o encaramos.

Kian levanta as mãos em sinal de rendição. "Vou embora!" Ele desaparece pelo corredor.

Dylan se concentra em mim. "Eu nunca deixaria você perder isso. Você trabalhou duro demais."

"Você também! É a gente ou nada, lembra? Não deixei isso claro?" Nem percebo que estou chorando até que ele enxuga uma lágrima antes que ela atinja meu rosto.

"Isso é importante para você, e você é importante para mim", diz ele. "Eu sempre pensei que nada de bom dura para sempre, mas não acredito mais nisso, Sierra. Você é o bem, e eu faria tudo o que pudesse para garantir que todos vissem o quão incrível você é."

Eu balanço a cabeça. "Você não deveria ter feito isso. Poderia causar danos sérios."

"A cara de vocês depois que tiramos essas notas? Eu faria qualquer coisa para ver isso."

"O que vocês dois estão fazendo?" A voz de Lidia ecoa no corredor vazio. "Eles estão chamando seu nome. Você é o primeiro!"

Pisco em choque, e Dylan apenas sorri como se já soubesse. É tão brilhante e genuíno que quase esqueço que ele está pisando em um ferimento.

"Nós não vamos", digo a ela.

"O quê?!", grita Lidia.

Dylan balança a cabeça. "Chegamos em um segundo."

Lidia ainda está perplexa, mas recua lentamente, incerta.

"Estamos indo embora. Vamos para casa", digo, tentando puxá-lo.

Ele não se move. "Eu te amo, Sierra, e você sabe que eu faria de bom grado tudo o que você me disser, mas isso não é uma dessas coisas. Você chegou até aqui por causa do seu talento, e vou garantir que todos saibam disso quando te virem naquele pódio."

Meus olhos ficam turvos. "Eu não preciso ir lá."

Ele sorri. O sorriso que ele reserva só para mim. "Eu sei. Mas eu quero que a gente vá. Você pode gritar comigo o quanto quiser depois."

Eu desisto, só porque conheço Dylan. Se eu não for lá, toda a dor que ele passou terá sido em vão. A menos que ele me veja com aquela medalha no pescoço e aquelas flores, ele não vai embora.

Então nós vamos, e todos assistem enquanto ele me levanta para o pódio do primeiro lugar. Meu delineador está borrado, e ele está ficando mais pálido a cada segundo, mas no momento em que nossos nomes são anunciados juntos, Dylan se inclina e me beija com tanta força que eu quase explodo.

"Estou tão brava com você, mas eu te amo", sussurro. "Acho que não digo isso o suficiente."

"Quarenta e sete", ele sussurra de volta.

"O quê?"

"Você já disse que me ama quarenta e sete vezes hoje."

Eu me viro para encará-lo. "Sim?"

"De todas as maneiras diferentes." Ele sorri, como se fosse um segredo que guardasse, contando meus "eu te amo". "Como quando você me beija e se demora um minuto para beijar a cicatriz perto do meu lábio. Ou quando você refaz os rostos sorridentes nas nossas palmas. Ou quando você pega seus polegares" — ele pega minhas mãos e os move sob seus olhos; eu passo meus dedos por instinto e ele suspira feliz — "e faz isso. Ou quando você me diz que me ama e me mostra exatamente o quanto."

Minhas bochechas estão quentes e eu olho para ele como se fosse explodir.

"E quando você me olha assim", ele acrescenta. "Eu também te amo, Sierra. E espero te dizer o suficiente."

Então ele dá um beijo suave no meu cabelo e, de repente, tudo parece certo no mundo. Sinto como se tivesse encontrado um lugar onde posso pousar em segurança. Para sempre.

CINQUENTA

DYLAN

SIERRA NÃO ME DEIXA me mexer há quatro dias. Hoje, ela me algemou à cama. Em qualquer outro dia, esta seria a minha situação ideal, mas agora minha namorada está se trocando na minha frente e eu tenho que ficar sentado aqui.

Puxo as algemas rosa felpudas novamente. Ela me pegou fazendo um sanduíche de queijo quente para ela na cozinha depois que ela voltou da banheira de hidromassagem com Summer e Scarlett — e Kian, porque ele não tem nada melhor para fazer do que zombar de mim se juntando a elas. Ela me atraiu de volta para a cama com falsas promessas de que eu definitivamente a faria cumprir mais tarde.

"Não me olhe assim, você fez isso consigo mesma", diz Sierra logo antes de puxar o cordão do biquíni. Não consigo deixar de me sentir orgulhosa de como ela está confiante em seu corpo. Ela não esconde mais suas cicatrizes. Depois do Grand Prix, ela sentou comigo enquanto eu elevava minha perna e fazia compras online. Ela perguntava se eu gostava de vestido ou saia, mas depois ficava quieta, e eu percebia que ela estava de olho nos tops curtos. Comprei todos os que ela gostou.

"O que você disse? Não consigo ouvir nada de lá. Chega mais perto", eu digo.

Ela cruza os braços, e isso não ajuda em nada a situação difícil que estou enfrentando. "Você acha mesmo que eu cairia nessa de novo?"

"Sim." Eu sorrio, e ela me lança um daqueles olhares que adoro beijar para tirar do rosto. "Desculpe", digo pela oitava vez hoje. Me deram uma bota para usar para garantir que meu tornozelo fique imobilizado. Ao patinar com a torção, adicionei algumas semanas à minha recuperação,

então não estou muito feliz com isso, porque Sierra leva sua tarefa como minha enfermeira muito a sério. O que seria incrível se ela concordasse em se arrumar. Em vez disso, ela apenas me repreende.

"Vou me ajoelhar. Você gostou disso antes."

"Você fez isso no meio do consultório médico. Eles provavelmente acham que eu te torturo."

Minha cabeça encosta na cabeceira da cama. "Isso é tortura."

"Ótimo", diz ela. "Se você esconder algo assim de mim de novo, eu te corto com meus patins. É uma promessa."

"Isso é para me deter? Você poderia arrancar meu coração e eu ainda voltaria rastejando." Seus olhos se estreitam em fendas. "Eu prometo, nunca vou esconder nada de você. Você sabe disso."

Ela assente, voltando para vestir o short mais minúsculo que eu já vi.

"Você vai mesmo me trancar aqui e ficar por aí com esse short?"

Ela encara sua roupa. "O que há de errado com elas?"

"Abra essas algemas e eu te mostro exatamente o que há de errado com elas."

"Boa tentativa", ela diz. "Encare isso como seu castigo—"

Eu puxo minha mão, e as algemas arranham a estrutura da minha cama até a corrente se quebrar. O sorriso no meu rosto se torna malicioso, e o queixo de Sierra cai. Eu pulo da cama e vou em sua direção. Ela ainda está piscando para mim, encarando a algema quebrada pendurada no meu pulso.

"O que você estava dizendo sobre aquele castigo?"

"Como você...? A Summer vai me matar por quebrar as algemas dela."

Eu rio, "Vamos jogar a culpa no Kian." Beijo seu peito, do jeito que ela gosta.

Quando a levanto, ela ofega. "Seu tornozelo! Me põe no chão agora mesmo, Dylan!"

"Certo." Eu a jogo no meu colchão, e ela me encara.

"Você deveria estar descansando", ela reclama. "A Lídia não aprovaria isso."

"A Lídia não aprovaria nada que façamos no meu quarto."

Ela ri e meu coração parece estar separado, flutuando em algum lugar mais alto. Quando desço por seu torso e seguro o cós do seu short entre os dentes, alguém bate na porta.

Por que eu tenho colegas de quarto? Imediatamente pego um travesseiro e cubro a Sierra, esperando que elas simplesmente entrem. Mas esperamos,

e nada acontece.

"Kuzum? Você está aí?"

Sierra ofega, me empurrando para fora do caminho e vestindo um dos meus moletons. Ela ajeita o cabelo e vai abrir a porta. "Leyla. Ada. Oi!" Minha mãe e minha irmã dão um abraço apertado na Sierra.

"Eu não sabia que você viria."

"Só estamos passando aqui. Fiz uma bandeja de börek, um pouco de pide com sucuk e köfte. O Kian já está comendo, mas tem o suficiente para todos."

Todos os meus favoritos. "Mãe, você não precisava fazer isso."

"Vimos sua geladeira. Tenho quase certeza de que aquele pãozinho agora tem seu próprio ecossistema", acrescenta Ada. "Além disso, você decidiu torcer o tornozelo, então é só nisso que a mamãe pensa."

"Quanto tempo vai durar a recuperação? Quero ir a todas as suas competições quando você estiver melhor", pergunta minha mãe para a Sierra. Em vez de receber atualizações minhas, minha mãe decidiu mandar uma mensagem para a Sierra, e a mãe dela me manda uma mensagem. Mamãe e Ada não ficam muito tempo — a mamãe tem móveis novos para entregar. Me ofereci para ajudar, mas as três me dispensaram com um olhar sincronizado.

"Voltem para a cama", ordena Sierra, batendo palmas. Nós duas estremecemos. As palmas de Lidia provocam uma reação traumática neste momento.

"Gente, a banheira de hidromassagem está pegando fogo!" Kian grita do quintal.

Reviro os olhos. Dei uma tarefa a ele.

Sierra ofega e me puxa delicadamente para a varanda dos fundos. O ar frio está mais cortante esta noite, mas o brilho do quintal o torna aconchegante. Cobertores e travesseiros estão espalhados pelo deck em frente a um lençol branco, com o projetor apontado para ele. Aiden está ao lado de Summer, Cole e Seb estão abraçados com travesseiros, e Scarlett segura Whiskers enquanto joga pipoca na boca de Kian.

O olhar de Sierra se fixa no meu. "O que é isso?"

"Nós nunca assistimos a esse filme." Eu a guio em direção à confusão de travesseiros e afundo neles. Sem hesitar, Sierra pega um travesseiro para apoiar sob minha perna, mas ela não se senta.

"Vem cá, Sierra", eu digo, puxando seu pulso.

"Mas sua perna..."

"Vai ficar bem. Agora sente-se." Eu a puxo para baixo, e ela pousa bem no meu colo. Quando o projetor acende, Kian manda todo mundo ficar quieto. A tela acende com Shrek: A Edição Definitiva.

"Ah, qual é!", grita Sebastian.

"Quem deixou ele escolher?", pergunta Cole. "Ele foi banido por nos fazer assistir isso doze vezes."

"Desculpe-me por dizer isso, mas alguns de nós temos padrões elevados", diz Kian.

"Você acabou de comer pipoca do chão. Que padrões?", interrompe Summer.

"Isso foi do chão?" Kian encara Scarlett.

Scarlett dá um sorriso tímido. "Desculpe, eu não queria desperdiçar comida."

Kian começa a gaguejar. Aiden pega o controle remoto e liga o filme. Observamos nossos amigos discutindo, e cada vez que Sierra ri, isso acalma meu coração.

Ela se aconchega mais em mim, inspirando profundamente antes de encontrar meu olhar. "Isso não significa que eu não esteja brava com você."

"Claro que não, querida." Eu sorrio, deixando seu corpo encontrar seu lugar em meus braços.

"É sério. Mas obrigada." Ela diz isso com o nariz torcido.

"Qualquer coisa por você." Eu coloco o cobertor sobre nós duas, envolvendo meus braços em volta dela. Quando enterro minha cabeça na curva do seu pescoço, me deixo respirar seu aroma de cereja.

E isso, bem aqui, é meu lar.

EPÍLOGO

SIERRA

Sete Anos Depois

"FECHEM AS PERSIANAS!", sibilo quando a luz brilhante da manhã atinge meus olhos cansados.

Dylan não dá ouvidos às minhas palavras. Em vez disso, ele arranca o edredom que estou usando para me proteger. O ar frio da manhã atinge minha pele, me fazendo ofegar, pouco antes de ele me cobrir com todo o seu corpo quente de 1,93 m.

"Acorde e brilhe, princesa", ele murmura em meu cabelo com aquela voz profunda e rouca.

A única razão pela qual ele reviveu esse apelido depois de anos é porque a TV enorme na parede do nosso quarto está pausada no meio do filme, presa naquela tela de VOCÊ AINDA ESTÁ ASSISTINDO?. Chegamos em casa de um longo voo ontem, e o plano genial de Dylan para combater o jet lag era ficar acordado até a nossa hora de dormir. Isso significava assistir a quatro filmes seguidos — um deles sendo Enrolados.

Quando ele se afasta, não consigo deixar de notar que ele não mudou nada desde a faculdade. Ele ainda tem aquele cabelo ondulado de jogador de hóquei; aquele brilho juvenil nos olhos; e o corpo enorme e musculoso que eu só vi crescer com o tempo. Às vezes, quando estamos na academia, eu só fico olhando enquanto ele treina com aquele shortinho minúsculo e esqueço de fazer minhas próprias repetições. Embora o monitor cardíaco do meu relógio fitness discorde.

Agora, com o cabelo despenteado e os óculos, ele está sem camisa, vestindo apenas uma cueca boxer e, claro, nossas duas medalhas de ouro penduradas no pescoço.

Eu achava que vencer o Grand Prix alguns meses atrás era o nosso auge. Mas aí vieram as Olimpíadas. Nos tornamos medalhistas de ouro olímpicos juntos. Quando subimos ao topo do pódio, recebendo nossas medalhas e flores, ele se virou para mim e me deu um beijo carinhoso no cabelo. Depois, tirou a medalha e a colocou em volta do meu pescoço.

"As duas são suas", sussurrou ele. As câmeras clicaram, e aquela foto causou um frenesi.

Dylan já era um favorito dos fãs, especialmente depois que alguém postou uma filmagem dele jogando uma partida da liga de cerveja em Toronto, no fim de semana de Ação de Graças. Os fãs desenterraram seus antigos clipes de hóquei universitário e os compararam com nossos vídeos de patinação. De repente, tínhamos uma plateia totalmente nova nos assistindo.

Eu estava pronta para ameaçar alguns deles com uma lâmina de patins enferrujada se olhassem para o meu namorado por muito tempo. Ele era meu, eu sabia disso. Mas eu precisava que todos soubessem também. O que realmente me deixou louca, no entanto, foi uma garota no nosso USFS Open do Desert Ice em Las Vegas segurando uma placa que dizia: CASE COMIGO.

Dylan colheu os benefícios da minha irritação — ciúme, como ele chamava — porque, quando voltamos para o nosso quarto de hotel, eu disse: "Sabe, se você realmente me amasse, eu estaria com uma aliança no dedo agora mesmo."

Uma hora depois, nos casamos com um pastor do Elvis em uma capela perto da Strip, com tatuagens de carinhas sorridentes combinando em nossos dedos anelares. Dylan também tatuou meu nome sobre o coração dele, o mesmo lugar onde descanso a mão antes de cada apresentação. Ele não hesitou. Era como se estivesse esperando pacientemente que eu o alcançasse. Como sempre faz.

"Como está sua cabeça?", ele pergunta, pressionando a mão na minha testa.

Por mais que seja uma pena ficar doente depois de uma competição, não me importo de deixar meu marido cuidar de mim até eu me recuperar. Ele não diz isso, mas adora. É a única vez que o deixo cuidar de tudo sem reclamar.

"Batendo."

"Vem cá, querida", ele sussurra, me puxando para seus braços grandes. Ele deixa beijos leves no meu cabelo, dizendo que vou ficar bem e que ele me pegou. Sinto o leve roçar de lã na minha bochecha — seu anel improvisado. Ele me comprou um de verdade para usar no gelo, delicado e dourado, mas eu tricotava o dele de brincadeira até poder comprar um para ele. Apenas um laço de lã preta, espiralado, perfeito e pequeno. Ele olhou para ele como se fosse feito de diamantes. Ele ainda olha.

Passo as pontas dos meus polegares abaixo dos seus olhos. "Onde você foi mais cedo? Você não estava na cama."

"Para verificar uma coisa", ele diz vagamente. Dylan anda escondendo alguma coisa desde que chegamos em casa. Todo mundo virá hoje para ver nossa casa reformada, e eu estava planejando encurralar Kian, então ele me contaria.

Três anos atrás, depois de meses viajando para competições, queríamos uma base. O apartamento minúsculo que alugamos depois que me formei na faculdade não era suficiente. Mas nós dois sabíamos que não queríamos sair de Connecticut. Nossas famílias estão aqui. Nossos amigos. As memórias.

Então, quando a mãe dele mencionou casualmente que havia uma placa de À VENDA na antiga casa deles, enviamos uma oferta no dia seguinte. A família que morava lá não tinha pintado nada por cima. As alturas de Dylan, Kian e Ada ainda estão marcadas no batente da porta do banheiro. Enquanto eu estava ali admirando as doces memórias que um pequeno Dylan deve ter criado nesta casa, ele me jogou por cima do ombro e me carregou até o quarto de infância dele para batizá-lo. Tenho certeza de que batizamos todos os cômodos antes mesmo de termos móveis.

"Você está sendo muito reservado. Juro, se você comprou aquele carro esportivo para combinar com o Aiden e o Kian..."

"Não comprei. Mas podemos discutir isso outro dia", diz ele, e eu estreito os olhos. "Quero te mostrar uma coisa, mas você vai ter que se vestir."

"Para onde vamos?"

"Deixe que eu cuido disso."

Ele passa os minutos seguintes me agasalhando — meias grossas, o gorro que tricotei, um casaco — antes de vestir um. A empolgação de Dylan é a única razão pela qual subo em suas costas, com as coxas doendo enquanto o enrolo com as pernas. Ele me puxa mais para cima e descemos as escadas.

Pego as medalhas penduradas em seu pescoço, passando os dedos pela fita que diz 2030 Alpes Franceses com os cinco degraus. Levo uma até sua

boca e ele morde o ouro. Sorrio.

Meu corpo estremece a cada passo que ele dá escada abaixo. "Como você não está dolorida?"

"Porque eu corri ontem à noite. Se você não tivesse me pedido para te carregar depois de cinco minutos, você também estaria menos dolorido."

"Você poderia ter dito não", murmuro.

Ele me olha de relance. "Sou incapaz de dizer não para você."

Passamos pela cozinha, os lírios amarelos que ele havia entregado antes de chegarmos se espalhando pela ilha enquanto ele continua andando, até as portas de correr de vidro, onde a neve cobre nosso quintal de branco. Dylan calça minhas botas e me levanta novamente antes de sairmos para o frio. Minha boca se abre em um suspiro.

"Você sempre disse que sentia que faltava alguma coisa", diz ele. "Acho que era isso."

É uma pista de gelo. Completamente sólida, com placas brancas, linhas de hóquei e marcações. Nossas iniciais estão pintadas sob o gelo no centro. Meu coração dispara quando Dylan abre o portão e me coloca no chão. Minhas botas tocam o gelo fresco. Eu disse a ele o quanto sentia falta daquela que meus pais costumavam ter. Faz anos desde aquela conversa.

Meus olhos ardem. "Quando você fez isso?"

"Mandei construir enquanto estávamos na França. Eu queria te surpreender."

Pisco para meus olhos castanho-âmbar favoritos. "É para nós?"

"É para você. Sempre para você", ele sussurra, pressionando seus lábios nos meus. Digo que não me sinto mais enjoada e peço que me leve para cima. Ou podemos começar aqui mesmo no gelo. Eu não dou a mínima.

Antes que eu consiga dizer sim, baby, o alarme toca.

"Papai chegou!", uma voz alta ecoa pela casa.

Ficamos paralisados sob os holofotes do rinque, nossas testas encostadas uma na outra.

"Vou matá-lo", murmura Dylan.

Contenho uma risada. "Foi você quem deu a chave para ele."

"Perdi a chave em uma aposta. Nunca mais."

Kian chama nossos nomes quando tenho certeza de que ele nos viu pela porta de correr. O resto dos nossos amigos nos segue logo depois, com as crianças a tiracolo, deslizando para o rinque. Nosso rinque.

Risadas ecoam, crianças deitam no gelo, alguém bate nas tábuas e grita de alegria. A mão de Dylan encontra a minha. E é aí que me dou conta. O calor que sentíamos falta entra como a luz do sol por uma janela aberta. De repente, tudo parece completo. Como se não estivéssemos apenas em uma casa.

Finalmente estamos em casa.

AGRADECIMENTOS

No episódio de hoje sobre ser autora: a garota que não teria conseguido sem o apoio emocional de suas melhores amigas. Dylan (e [redigido] — mas essa é uma história para outro dia) é o personagem sobre o qual mais me perguntam. Isso tornou ainda mais importante para mim escrever a história dele e da Sierra da melhor maneira possível. Há algo neles que tocou as partes mais profundas de quem eu sou, tornando esta experiência de escrita inesperadamente terapêutica. Nunca escrevi tanto quanto com esses dois — tenho certeza de que tenho cenas deletadas suficientes para preencher um segundo livro.

Para meus leitores, pensar em vocês me enche de uma alegria avassaladora. Nunca sinto que um simples obrigado seja suficiente, mas terá que servir até que eu encontre maneiras melhores de mostrar o quanto o apoio de vocês significa para mim.

Minha irmã, por compartilhar seu conhecimento inestimável sobre psicoterapia e farmacologia, e por tratar esses personagens como pacientes de verdade.

Nina, minha primeira leitora para sempre. Não sei quantas vezes direi isso, mas sei que não teria chegado ao fim deste livro sem você. Às vezes, um simples "você consegue" seu é tudo de que preciso. Obrigada por me fazer desistir constantemente, especialmente depois que meu MacBook dinossauro apagou milhares de palavras. Ou quando derramei chá quente no teclado. Seu desejo foi atendido.

Peyton, minha especialista em angústia de plantão e fã número um de Dylan e Sierra (leia-se: Peyton). Obrigada por me dar motivação sempre que pedi e por me dar os melhores conselhos quando pensei que tinha me metido em uma enrascada. Eu realmente não teria sobrevivido à Grande Quebra da Mesa da Ikea sem você. Tenho muita sorte de poder chamá-la de amiga.

Shayla, pelo seu apoio inabalável nos últimos quinze anos.

Carlyn, feliz? Já sei quais partes você vai reler e me enviar suas reações. Divirta-se! É isso que Dylan gostaria.

Leigh, Erica e meus leitores beta, obrigada pela leitura dinâmica quando eu estava encurralada pelo prazo. Joelle, por ser literalmente uma dádiva de Deus e ajudar a refinar esta história. Os adoráveis patinadores artísticos que conduziram este livro exatamente para onde eu precisava. Leni, pela capa deslumbrante! Agradeço infinitamente a todos vocês.

Kristine, Mary e toda a equipe da Berkley, por me deixarem mudar um milhão de coisas e ainda assim terminar tudo no prazo. Darcy e a equipe da Bloomsbury, que nunca deixam de me lembrar o quanto estão animados com estes livros. E a todos que trabalham duro nos bastidores para levar esses personagens a tantos leitores. Obrigada.

Por fim, para a versão de mim que lerá isto algum dia: estou orgulhosa de vocês.

Continue lendo para uma prévia da história de Sage e Elias em

SPIRAL

disponível agora!

Um

ELIAS

O MENINO DE OURO DO TORONTO THUNDER MANTÉM O GELO FRIO E AS MULHERES QUENTES!

Ser um novato na NHL é tão ruim quanto você imagina. Mas ser um novato na NHL que está constantemente na mídia e ainda não marcou o primeiro gol da carreira é ainda pior.

O saguão do hotel tem uma seleção de revistas para escolher, mas a que está na mesa de centro tem meu nome na capa. É uma foto borrada de uma mulher saindo da boate, comigo logo atrás dela. O raro momento em que consigo ser persuadido a comemorar uma vitória é quando me pegam com uma mulher. Se se dessem ao trabalho de pesquisar, saberiam que a mulher é Brandy, a fotógrafa do nosso time. Eu tinha oferecido uma carona para ela e não esperava que alguém tirasse fotos.

Evitar festas e passeios não é algo que eu faça intencionalmente, mas é difícil comemorar algo do qual você não participou. Prefiro rever os jogos e analisar meus erros para descobrir o que está me impedindo de marcar aquele primeiro gol. Então é exatamente isso que planejei para esta noite.

Só que estamos em Dallas, e eu ainda estou esperando no saguão do hotel que meu quarto fique pronto. Mesmo sabendo que não devo, dou uma olhada mais de perto na revista e leio as manchetes menores.

WESTBROOK ESTÁ SE PERDENDO PARA A FAMA? OUTRA MÁ JOGADA DE TORONTO?

"Sr. Westbrook?"

Deixo a revista cair como se tivesse sido pega lendo algo ilícito e vou para a recepção. Quando agradeço ao concierge pela chave, ele me dá uma piscadela nada discreta que me deixa confusa. Ignorando a interação

estranha, subo de elevador para o meu quarto. Enfiando meu cartão-chave na porta, não perco tempo e vou direto para o chuveiro.

A água quente relaxa os músculos tensos das minhas costas e os pensamentos sobre a revista idiota. Vapor sai do chuveiro atrás de mim enquanto enrolo uma toalha na cintura e passo outra no cabelo. Estou morrendo de vontade de ir para a cama e assistir aos destaques dos jogos, mas paro de repente quando vejo o que está na minha cama. Ou melhor, quem está na minha cama.

Que porra é essa?

Agarrando minha toalha, dou vários passos para trás. "Desculpe, peguei a chave errada do quarto?"

Não. Tenho certeza disso, já que minha bagagem está a apenas meio metro de mim. De repente, a piscadela da concierge faz sentido. Os longos cabelos loiros da mulher caem em ondas ao redor do rosto, lábios vermelhos e dentes perfeitos formando um sorriso. Ela está deitada na cama king-size em um dos roupões fornecidos pelo hotel, com embalagens de salgadinhos meio comidas do frigobar espalhadas sobre as cobertas.

"A chave me parece perfeita." Seu sorriso travesso enquanto ela se senta me deixa desconfortável.

"Não sei quem você está procurando, mas definitivamente não sou eu."

"Confie em mim" — seus olhos mapeiam cada centímetro do meu torso, demorando-se nas gotas molhadas que escorrem pelo meu abdômen — "com certeza é você, Eli."

Se isso for uma pegadinha, vou matar meus companheiros de equipe.

"Achei que você ia querer comemorar a vitória de hoje à noite", ela ronrona, dando um passo em minha direção.

O único motivo para eu comemorar seria se eu marcasse um gol, e isso ainda não aconteceu. Dou vários passos para trás e em direção à porta. "Tenho certeza de que você pode encontrar outra pessoa interessada."

Suas sobrancelhas se erguem tanto que percebo que ela nunca foi rejeitada.

Minha recusa não a faz vestir as roupas novamente e ir embora, como eu esperava. Então, me viro e saio. No corredor, nua, exceto por uma toalha, vou direto para um quarto ao lado. Aiden e eu estamos a apenas alguns quartos de distância, já que os calouros estão juntos, e espero que ele ainda esteja acordado.

Aiden Crawford, meu melhor amigo e companheiro de equipe, não é como eu. Ele marcou seu primeiro gol na carreira assim que pisou no gelo, no nosso primeiro jogo. Seu segundo gol veio na noite seguinte, com uma assistência minha. Desde que ele se juntou ao Toronto Thunder, ele tem sido simplesmente espetacular, e eu não poderia estar mais orgulhosa. Mas Aiden não é de dar festa para cada gol. Suas ambições vão além de um único jogo, um impulso que ele tem desde que nos liderou como capitão na Universidade Dalton.

Então, agora, espero que ele também tenha desistido da comemoração, porque os hóspedes do hotel estão andando pelo corredor, e um deles se interessou particularmente pela minha seminudez. Se me reconhecerem, tenho certeza de que as câmeras vão começar a clicar.

"Aiden!" Bato com mais força do que deveria, atraindo ainda mais olhares quando o elevador se abre para um novo grupo de hóspedes do hotel. Fantástico.

No meio da batida, a porta se abre e Aiden me olha com curiosidade. "O que houve?"

Antes que eu possa explicar, o motivo da minha fuga sai do quarto, procurando por mim no corredor. "É isso." Gesticulo para a garota e entro em seu quarto de hotel.

"De novo?" Aiden ri, fechando a porta. Vejo o telefone em sua mão, com sua namorada, Summer, em uma chamada de vídeo.

"Ei, Brooksy." Ela acena para mim pela tela, e eu aceno de volta, apertando minha toalha com mais força. Embora Summer provavelmente esteja imune, já que ela viu muito mais do que esperava quando ela e Aiden começaram a namorar no início deste ano. Nos tornamos grandes amigas, e não há nada que eu não faria por ela.

"Você precisa de segurança, cara", diz Aiden. "Tenho quase certeza de que aquelas pessoas no corredor tiraram uma foto sua."

Sento-me na cama dele e encosto a cabeça na cabeceira, derrotada. Tudo o que eu sempre quis foi jogar hóquei profissionalmente, mas agora parece que o sonho está escapando por entre os meus dedos. A atenção e as opiniões extras não me incomodariam se eu conseguisse me livrar da pressão de ter um bom desempenho. É um peso que convenientemente me rouba a capacidade de fazer a única coisa em que sempre fui boa.

"O Eli praticamente nos bloqueou?", pergunta Summer.

Aiden dá de ombros e sorri para o celular. "Ainda estou dentro, se você estiver."

Resmungo. Seria de se esperar que o fato de eles estarem em um relacionamento à distância me desse um alívio da demonstração pública de afeto.

"Acho que passo", ri Summer. "Divirta-se na sua festa do pijama!"

Abaixei a cabeça entre as mãos. "Como vou me concentrar em jogar quando sei que isso é o assunto que vai virar manchete amanhã?"

Aiden joga o celular no criado-mudo e me lança um olhar de pena. Um olhar que ele faz toda vez que algo estúpido como esse acontece. "Que azar, cara. Não acredito que as pessoas estão acreditando nessa história de 'menino de ouro que virou playboy'."

Em uma reviravolta inesperada, um vídeo postado pela nossa equipe viralizou. Eu tinha concordado, hesitante, em filmar um dia na vida de um novato da NHL, e os fãs adoraram. Não sei se foram os erros que eles acharam cativantes, ou se talvez minha rotina de exercícios fosse simplesmente inspiradora. Mas assim que a mídia soube o que os fãs queriam, eles ficaram com fome de mais. E quando eu estava em dois jogos sem nada nas minhas estatísticas, as críticas começaram a chover. Eles creditaram meu recrutamento aos contatos dos meus pais e desconsideraram meu talento, tudo em poucos dias. Passei de novato cativante para playboy rico cujo único objetivo é transar.

"A culpa é minha. Eu deveria ter recusado a cobertura extra quando tive a chance." Quando nossa equipe de mídias sociais me abordou com ideias para mais conteúdo, eu poderia ter dito não. Pensando que isso beneficiaria minha imagem em vez de prejudicá-la, concordei estupidamente.

"Eles teriam te convencido de qualquer jeito. Eles precisam de atenção no jogo, especialmente com a queda na audiência do ano passado."

Suspiro. "'Jogador de hóquei bonitão que não sabe fazer gol de jeito nenhum.' Essa vai ser a próxima manchete."

"Você deu muitas assistências. Acredite, você também vai marcar", ele garante. "Só encontre algo que te deixe respirar. Algo que alivie a pressão que você está sentindo."

"Mais fácil falar do que fazer. Nem todos podemos ter uma Summer", murmuro.

Ele sorri. "Verdade, mas a mídia só me deixa em paz por causa do pai dela. Ele acabaria com essa merda antes que tentassem qualquer coisa."

O pai da Summer está no Hall da Fama da NHL, e todos nós ficamos impressionados quando o conhecemos no nosso último Frozen Four. "Talvez eu devesse sair com ele", sugiro.

Aiden ri e me joga um par extra de moletom. "Boa sorte com isso."

Quando estou trocando de roupa, meu celular vibra com uma mensagem do treinador. É o sexto lembrete dele sobre o evento de amanhã. Temos que estar prontos para os lances, já que o time está leiloando datas com os jogadores.

"Você vai ao evento beneficente amanhã?", pergunto a Aiden.

"É obrigatório. Toda a organização do Thunder estará lá", diz ele.

Ótimo.

Nosso voo de volta para Toronto esta manhã foi mais tranquilo do que o previsto. Sem novas manchetes e sem mais visitas surpresas de fãs. O hotel até se desculpou por deixar a mulher subir, mas eles não tinham como saber, já que ela se apresentou como minha noiva. Aparentemente, ela comparece a todos os jogos, sejam em casa ou fora. Sua dedicação à causa seria louvável se não fosse tão assustadora.

A gola da minha camisa me sufoca quando entramos no local.

"Relaxa, cara." Aiden me cutuca para parar de puxar a gola. "São só algumas horas, depois podemos ir."

"Você só está dizendo isso porque não é você quem está sendo leiloado."

O leilão acontece todo ano e, como as mulheres mais velhas na plateia são as que dão lances, nossa equipe de relações públicas achou que seria ótimo me incluir na disputa. Ou isso, ou é um trote para um novato. O Aiden teve que se retirar usando a namorada como desculpa.

"Eu te protejo, mas saiba que você vai fazer a avó de alguém muito feliz." Ele sorri.

Reviro os olhos no momento em que o Coach se aproxima, só a presença dele já me causa pânico.

"Westbrook. Um minuto." Ele gesticula em direção ao bar.

Não é preciso ser um gênio para entender do que se trata.

Quando me junto a ele em uma mesa, ele coloca o celular sobre ela, revelando um artigo e uma foto da garota da noite passada saindo do nosso hotel de robe, e meu rosto sob mais uma manchete.

O NOVATO DO TORONTO THUNDER ESTÁ A fim de ganhar o COOKIE.

Sério? Estão contratando um estagiário para escrever isso?

"Não tenho o hábito de ler essa merda, mas quando o gerente geral pergunta por que meu calouro é visto cobrindo mais revistas do que o gelo, não tenho escolha."

Droga. O gerente geral, Marcus Smith-Beaumont, é o cara durão dos durões. Se ele ouviu falar disso, tenho certeza de que sou o assunto do conselho — aqueles que decidem se eu valho o adiantamento que me pagaram.

Quando fui recrutado, ouvi um boato de que ele era contra minha convocação para o Thunder. Não é normal recrutar dois jogadores da mesma faculdade no mesmo ano, mas também não é exatamente inovador.

"Há alguns artigos só deste mês, se você quiser dar uma lida leve." Suas palavras soam menos raivosas do que deveriam. Estou manchando sozinho a imagem de calouro, e a organização não pode estar feliz com isso. "Mais um escândalo e mais um jogo sem gols. Não sei quantas coletivas de imprensa conseguiremos controlar se coisas assim continuarem a surgir."

O barman oferece uma bebida, mas eu recuso. "É tudo inventado. Não faço ideia de por que estão dando essa interpretação."

"Porque você é popular. Aquele vídeo seu nas redes sociais viralizou e as pessoas querem mais. É ótima publicidade, mas não é bom para a sua carreira se você se tornar o próximo playboy."

"Eu não sou assim."

"Tenho certeza, mas a única percepção com a qual a liga se importa é a dos fãs. Você precisa melhorar seu jogo e manter seus quartos de hotel vazios."

Passo a mão pelos cabelos, sentindo uma dor de cabeça se formando. "Eu entendo."

"Tire essa primeira foto do caminho e eu posso minimizar a cobertura que estamos recebendo sobre você. Não faça a organização questionar se eles deveriam ter contratado você. Você é um jogador forte, Eli, posso garantir isso, mas não posso fazer isso a menos que você comprove com alguma prova."

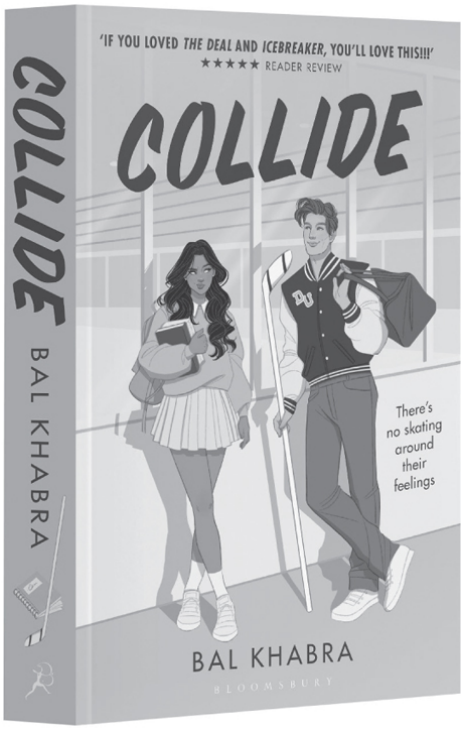
Ele pega a bebida que eu havia recusado, vira de uma vez e vai embora. O eco do seu conselho e o tilintar de copos vazios circulam pela minha mente. A pressão é avassaladora.

Se eu ficar aqui mais um segundo, minha cabeça pode explodir. Não fico por perto para descobrir e corro para as portas duplas, sinalizando para Aiden que preciso de um descanso.

E talvez uma solução para todos os meus problemas.

Você já leu o primeiro livro da série Off the Ice?

COLLIDE



Disponível agora.

SOBRE O AUTOR

Bal é uma escritora canadense e amante de livros. Antes de decidir se aventurar no mundo dos romances, ela passava o tempo falando sobre livros nas redes sociais. Quando a inspiração bate, ela enche seu aplicativo Notas com ideias para romances. Ela adora ler sobre amor, assistir a filmes sobre amor e agora escrever sobre isso ela mesma. Não há muito mais que faça seu coração bater mais rápido do que os finalistas. Ela se apaixonou pela escrita e espera continuar realizando seus sonhos de autora de romances.

VISITE O AUTOR ONLINE

AuthorBalKhabra.com
AuthorBalKhabra



TO STAY UP TO DATE ON BAL KHABRA'S NEXT BOOKS AND EVERYTHING ELSE FROM BLOOMSBURY, FOLLOW US ON...

@bloomsburybooks

TikTok @bloomsburybooks

@bloomsburypublishing

Bloomsbury Publishing UK

BLOOMSBURY PUBLISHING
Bloomsbury Publishing Plc
50 Bedford Square, Londres, WC1B 3DP, Reino Unido
Bloomsbury Publishing Ireland Limited,
29 Earlsfort Terrace, Dublin 2, D02 AY28, Irlanda

BLOOMSBURY, BLOOMSBURY PUBLISHING e o logotipo Diana são marcas registradas da Bloomsbury Publishing Plc.

Publicado pela primeira vez em 2025 nos EUA pela Berkley Romance, uma marca da Penguin Random House.
Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha em 2025.

Esta edição eletrônica foi publicada em 2025 pela Bloomsbury Publishing Plc.

Copyright © Bal Khabra, 2025.
Trecho de Spiral © Bal Khabra, 2025.

Bal Khabra é identificado como o autor desta obra de acordo com a Lei de Direitos Autorais, Desenhos e Patentes de 1988.

Esta é uma obra de ficção. Nomes e personagens são produto da imaginação do autor e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser: i) reproduzida ou transmitida em qualquer formato, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por meio de qualquer sistema de armazenamento ou recuperação de informações, sem a permissão prévia por escrito dos editores; ou ii) utilizada ou reproduzida de qualquer forma para o treinamento, desenvolvimento ou operação de tecnologias de inteligência artificial (IA), incluindo tecnologias de IA generativa. Os detentores dos direitos reservam expressamente esta publicação da exceção de mineração de texto e dados, conforme o Artigo 4(3) da Diretiva do Mercado Único Digital (UE) 2019/790.

Uma ficha de catálogo deste livro está disponível na Biblioteca Britânica.

ISBN: PB: 978-1-5266-7792-1; e-book: 978-1-5266-7795-2;
Edição especial com bordas pintadas: 978-1-5266-9835-3

Para saber mais sobre nossos autores e livros, visite www.bloomsbury.com e inscreva-se em nossas newsletters.
Para dúvidas relacionadas à segurança do produto, entre em contato com productsafety@bloomsbury.com